

DE GLÓRIA EM GLÓRIA

por David W. Dyer

Tradução: **MARIA REGINA ELIASQUEVICI**

PUBLICAÇÃO:

MINISTÉRIO GRÃO DE TRIGO

DE GLÓRIA EM GLÓRIA

Tradução: Maria Regina Eliasquevici

Revisão: Silvana Pinheiro Taets

Capa: John D. Dyer

(Foto da capa por Richard X. Thripp, rxthripp.com)

www.graodetrigo.com

email: davidwdyer@yahoo.com

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Tradução em Português de João Ferreria de Almeida, versão Revista e Atualizada no Brasil. As citações que fogem a essa regra são seguidas de indicações.

VITÓRIA, julho/2009

2ª edição

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| 1. O AMOR DE DEUS..... | 6 |
| 2. A OFERTA DA VIDA..... | 20 |
| 3. AS DUAS ÁRVORES | 33 |
| 4. AS DUAS NATUREZAS | 46 |
| 5. A SENTENÇA DA MORTE | 59 |
| 6. A SALVAÇÃO DA ALMA | 73 |
| 7. O TRIBUNAL DE CRISTO | 87 |
| 8. MONTANHAS E VALES | 101 |
| 9. O SANGUE DA ALIANÇA | 118 |
| 10. DIVIDINDO ALMA E ESPÍRITO (1) | 132 |
| 11. DIVIDINDO ALMA E ESPÍRITO (2) | 147 |
| 12. PELA GRAÇA, ATRAVÉS DA FÉ | 161 |
| 13. A IMAGEM DO INVISÍVEL | 175 |
| 14. A ESPERANÇA DA GLÓRIA | 188 |

PREFÁCIO

Deus é invisível. Ele é um Deus que Se esconde (Is 45:15). Portanto, só há uma maneira de conhecê-Lo: quando Ele revela-Se de alguma forma a nós. Conseqüentemente, nosso relacionamento com Ele depende completamente de Sua revelação. Quanto mais Ele nos mostra quem e o quê Ele é, mais podemos conhecê-Lo e apreciá-Lo.

Sem este entendimento espiritual, podemos somente especular a respeito do que Ele pode ser e formar um tipo de figura mental de Sua pessoa. Para se ter intimidade com Deus e caminhar em Sua presença é necessário obter uma revelação sobrenatural.

Se desejamos caminhar e cooperar com Deus em Seu trabalho dentro de nós, precisamos ter essa revelação espiritual. Moisés, antes de construir o tabernáculo, a “habitação” de Deus, passou quarenta dias e quarenta noites em Sua presença. Lá, ele recebeu muita revelação sobre quem Deus é e o que Ele deseja.

Do mesmo modo, se queremos ser cooperadores com Jesus, em Seu propósito de transformar nossas almas até Sua própria imagem, devemos dispor mais tempo em Sua presença, a fim de receber revelação Divina.

A intenção deste autor é transmitir, tão claro quanto possível, uma pequena parte dessa maravilhosa revelação. Sua sincera oração é que este livro seja usado pelo Senhor para revelar-Se a Si mesmo, de maneira mais clara e plena a todo e qualquer leitor.

D.W.D.

“Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”.

II Cor 3:18 VRC

O AMOR DE DEUS

Por que Deus criou o homem? Esta é uma pergunta importante que precisa ser respondida por aqueles que procuram compreender seu Criador e o relacionamento com Ele. As respostas mais comumente dadas hoje em dia incluem pensamentos tais como: “o homem foi criado para a glória de Deus” ou “o homem foi feito para louvá-Lo e glorificá-Lo”.

Embora estas explicações contenham a verdade, elas mostram muito pouco do exato desígnio de Deus. Elas falham em penetrar nas profundezas das revelações bíblicas e em providenciar uma concepção que seja significativa para nós, individualmente. Tais respostas tendem a transmitir uma impressão geral, impessoal, referente às intenções de Deus para com o homem. Mas creio que o Deus que as Escrituras revelam tem, em Seu coração, um plano mais íntimo, de relevância pessoal, mais do que a maioria de nós poderia jamais imaginar. Ele é um Deus de amor.

A mensagem contida aqui tem sido muito difícil de escrever. De fato, tentei muitas vezes, durante anos, colocá-la no papel, mas sempre acabava achando-a inadequada. É um assunto sobre o qual tenho pregado mais do que qualquer outro. Mas, ao final de cada mensagem, inevitavelmente sinto que não fiz justiça a esse tremendo tema. Ele é tão imenso e tão profundo que a simples expressão humana não é suficiente. Talvez a verdade seja a de que o amor de Deus é verdadeiramente incomensurável. É algo que nenhum ser humano pode expressar completamente.

Entretanto, a importância da revelação do amor de Deus por cada um e para todos os cristãos é tão grande, tão fundamental para nossa experiência de cristianismo, quanto Ele quis que fosse, sinto que devo, pelo menos, tentar escrever sobre parte de minha pequena revelação sobre este vasto assunto. Possa Deus, em Sua misericórdia, dar a este trabalho Sua unção e espírito de conhecimento a fim de que ele possa ser um veículo para transportar até você a plenitude do amor de Deus.

A Bíblia é um livro incomparável. Nunca houve nem nunca haverá um outro livro

como este. Na verdade, seria impossível para qualquer ser humano, ou mesmo para um grupo de seres humanos, escrever tal livro. Somente Deus poderia tê-lo feito. A complexidade da Bíblia, o entrelaçamento dos assuntos e a linha da estória, combinados com uma exatidão surpreendente de detalhes contidos nela, colocam-na muito acima de qualquer outro trabalho escrito.

Quando acrescenta-se a estas considerações o fato de que esse livro não foi manuscrito por um só homem num só tempo, mas por muitos diferentes homens em um período de mais de mil e quatrocentos anos, seu caráter extraordinário é ainda mais evidente. Qualquer leitor honesto da Bíblia eventualmente será levado a ajoelhar-se em reverente louvor ao Deus poderoso.

Como em muitas obras de literatura, no início desse livro maravilhoso encontramos umas poucas “sementes” – as primeiras pequenas introduções a tudo o que estará acontecendo no resto de suas páginas. O livro de Gênesis não é apenas uma estória interessante ou uma fábula sobre os primórdios da história do homem.

Em vez disso, nos primeiros capítulos nós encontramos, de uma forma muito concentrada, a essência do que Deus estará nos falando em todo o livro. Nas primeiras páginas bíblicas, o início de todas as intenções de Deus é manifestado. Dessa forma, parece importante, à medida que iniciamos nossa investigação dos propósitos de Deus, olhar muito cuidadosamente para os primeiros capítulos da Bíblia.

UMA DECISÃO IMPORTANTE

Logo após a criação deste mundo, o Deus da glória manteve um solene conselho consigo mesmo. Após esta respeitosa conferência, Ele fez o seguinte pronunciamento: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança” (Gn 1:26). Isto é algo de grande significado. O criador de todo o Universo decidiu moldar um ser que se assemelhasse a Ele próprio.

Ora, por que Deus faria algo assim? Por que Ele faria uma criatura que pode ser descrita como uma representação miniaturizada Dele mesmo? Certamente devemos concluir

que é mais do que uma fantasia passageira. Nosso Deus tinha em Sua mente um propósito glorioso.

O homem não era um experimento, uma reflexão tardia ou simplesmente um novo tipo de criatura com a qual Ele povoaria o planeta. Pelo contrário, quando formou o homem, Deus estava colocando em movimento um insondável plano que emanou das profundezas de Seu coração. Conseqüentemente, o homem é uma criatura única nos desígnios do Todopoderoso. Ele é o único ser criado com o grande privilégio de ser à imagem e semelhança do Deus Altíssimo. Verdadeiramente nós fomos feitos de maneira “assombrosamente maravilhosa” (Sl 139:14).

Deus iniciou a criação da raça humana com um único indivíduo: Adão. Entretanto, à medida que contemplava Sua criação, Ele notou que algo estava faltando. Sua atenção se centralizou na falta de um elemento que Ele, evidentemente, considerou ser uma importante deficiência – Adão não tinha esposa. Foi neste contexto que Deus proferiu algumas palavras que são especialmente importantes e que, creio eu, revelam-nos algo sobre Seu próprio coração. Ele disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18).

Por que Deus faria tal coisa? Ele criou todos os animais como casais, mas Adão, sozinho. Por que Ele faria tanto esforço para criar Adão e, então, assim que o trabalho terminasse, declará-lo-ia inacabado? Um incidente como este deve ser mais do que simples coincidência. Parece possível que, enquanto Ele pronunciava essa sentença sobre o primeiro homem, Ele estava externando um ardente desejo bem profundo em Seu próprio coração.

Poderia ser que nosso Deus não gostasse de estar sozinho? Poderia ser que Ele desejasse uma união íntima com um ser como Ele mesmo? Podemos nós compreender dessa eloquente pintura que talvez nosso Deus pretendesse Se casar?

A resposta a esta questão é, indubitavelmente, sim. Fora de dúvidas, Deus está nos falando através dessa passagem, sobre algo que está no fundo de Seu coração. Mantendo este pensamento em mente, vamos examinar juntos mais um pouco das Escrituras e ver como elas na verdade dão suporte a tal hipótese.

À PROCURA DE UMA NOIVA

Um pouco depois de ter feito o primeiro homem, Deus declara Seu trabalho incompleto e, então, decide edificar uma noiva para Adão. Entretanto, em vez de começar imediatamente o trabalho, Ele fez uma coisa incomum. Primeiro, Ele trouxe todos os animais diante dos olhos de Adão, e Adão deu nome a eles. Mas, nós lemos que, "...para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea" (Gn 2:20).

Que interessante é esta afirmação! Parece que Deus não estava simplesmente solicitando a Adão que nomeasse os animais como uma pequena tarefa antes de seu casamento, mas, mais importante, Ele estava procurando por uma ajudadora adequada para o homem. Ele e Adão estavam juntos examinando todos os pássaros e feras à procura de uma companheira adequada. Entretanto, nenhuma pôde ser encontrada.

Claro que estou certo de que muitas dessas criaturas eram muito agradáveis. Imagino que algumas pareciam bem atraentes, graciosas e fofinhas. Mas, de algum modo, algo não estava certo. Nenhuma delas poderia provocar uma resposta dentro do homem. Então, conforme já discutimos, Deus pôs-Se a trabalhar para remediar a situação.

Posteriormente, quando Adão acordou, ele foi apresentado com uma bela visão. A mulher que Deus havia feito estava diante dele. À medida que ele a olhava encantado, algo se agitou nos mais profundos recantos de seu coração. Algo dentro de seu peito respondeu a essa nova criatura.

Então este sentimento poderoso, que ele nunca sentira antes, foi expresso por estas palavras: "Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne de minha carne..." (Gn 2:23). Ela era como ele mesmo. Ela era tudo o que as outras criaturas não poderiam ser para ele. Agora ele havia encontrado uma semelhante com a qual iria se unir em uma união íntima.

Tudo isso tem uma importante aplicação em nossa discussão sobre Deus e Suas intenções. Veja você, embora Ele seja circundado por miríades de anjos, embora a Sua criação completa permaneça diante Dele, nenhuma destas criaturas é adequada para proporcionar a intimidade e o companheirismo que Ele deseja. Nenhuma delas poderia ocupar tal posição porque elas não são semelhantes a Ele mesmo.

Assim como Adão não pôde encontrar uma companheira entre os animais, mas

teve que esperar até que Deus preparasse uma esposa para ele, assim também nosso Senhor está procurando por “alguém”, Sua futura noiva. Essa seria a “esposa” de quem Ele poderia afirmar: “Ela é como eu, osso dos meus ossos e carne de minha carne”.

Queridos amigos, isto é muito mais do que apenas uma aula sobre história antiga. Aqui mesmo encontramos uma ilustração eloqüente, profética, de um importante princípio espiritual. O desígnio de Deus para o Universo é: apenas criaturas similares podem ser companheiras e se casar. Somente seres que são semelhantes têm permissão para ter este tipo de união íntima. Pássaros se acasalam com pássaros, gado com gado, peixe com peixe e assim por diante – cada um segundo a sua própria espécie (Gn 1:21,24).

Esta verdade é claramente vista na ilustração que acabamos de rever, assim como é ordenada pelas Escrituras (Lv 20:15,16).

Portanto, de acordo com Sua própria lei, Deus só pode ter uma união íntima com um ser como Ele mesmo. Para que Ele possa Se casar, precisa encontrar um ser que seja Seu semelhante.

Muitos dos detalhes contidos nas primeiras páginas do Gênesis confirmam esta suposição de que Deus tem, e, na verdade tem tido desde o princípio, um desejo ardente por uma companheira íntima. O leitor casual pode facilmente olhar para estes itens como sendo insignificantes. Entretanto, aqui nos primeiros capítulos do Gênesis, são reveladas algumas indicações claras e substanciais de todas as intenções futuras de Deus no que diz respeito ao homem.

DOIS CASAMENTOS “PARALELOS”

No início da Bíblia encontramos o casamento original. O primeiro homem, Adão, encontra e se casa com uma linda mulher edificada por Deus para ele. E, se nós lermos a estória até o final, descobriremos que a Bíblia também acaba com um casamento. Jesus Cristo, “o último Adão”, recebe uma noiva que foi especialmente preparada para Ele.

Agora, nos registros bíblicos há muitos paralelos entre estes dois casamentos. De fato, estes paralelos são tão impressionantes que sou forçada a concluir que os relatos de Gênesis devem ser considerados fortemente proféticos. Deus, na introdução de Seu livro,

colocou nas primeiras páginas uma profecia completa que ainda hoje está sendo cumprida pelo Seu povo.

Parte desta profecia concernente a Adão e à criação de Eva, nós já examinamos. Mas, à medida que olhamos mais adiante, descobrimos ainda mais indicações maravilhosas dos desígnios de Deus. Devemos notar que Deus provocou um “profundo sono” em Adão – um estado semelhante à morte – durante o qual Deus trabalhou nele (Gn 2:21). Enquanto ele estava nesta condição, uma incisão foi feita em seu lado e Deus removeu algo (nossas traduções dizem que foi uma costela). Então, desta parte de Adão, Deus “construiu” (no hebraico) uma mulher para ele.

De maneira semelhante, nosso Senhor Jesus entrou na morte por nós, na cruz. Lá, Seu lado também foi trespassado e algo saiu daquele lado – “sangue e água” (Jo 19:34). É com estas substâncias eternas, que fluíram do lado de nosso Salvador, que Deus está “construindo” (Mt 16:18) a noiva de Cristo, a mulher eterna que irá morar com Ele para sempre.

À medida de que lemos as primeiras páginas do livro, encontramos um jardim magnífico. Este jardim foi o cenário do primeiro casamento. Saindo deste jardim, fluía um rio e, no meio do jardim, crescia uma árvore chamada “a árvore da vida” (Gn 2:9). Somando a isto, o texto menciona que nesta terra há um abundante suprimento de ouro, de algo chamado “bdélio” e de ônix, uma pedra preciosa (Gn 2:11,12).

No final do Livro, nos relatos do Apocalipse, algo de grande esplendor e glória é descrito: a cidade que é o cenário do último e mais glorioso casamento do universo. Mas nós observamos que aquela cidade contém muitos dos mesmos elementos contidos no jardim. Por exemplo: onde uma vez nós lemos sobre ouro enterrado no chão do paraíso, agora vemos uma cidade inteira irradiando o esplendor dourado e tendo sua única rua pavimentada com a mesma substância.

As pedras de ônix descritas no jardim podem agora ser vistas juntas com muitas outras pedras preciosas, polidas, perfeitas e incrustadas num muro glorioso circundando a estrutura inteira. Este muro, adornado com “toda espécie de pedras preciosas” (Ap 21:19,20) é o símbolo de todos os verdadeiros crentes em seu estado transformado, glorificado.

Na Nova Jerusalém, também há um rio. Este é um rio de uma cristalina “água da vida” que jorra de debaixo do trono de Deus e do Cordeiro. Este rio, talvez espiritualmente

relacionado àquele que vimos no princípio, é agora disponível para todo aquele que quiser “vir e beber”. É aqui uma representação da vida do próprio Deus, para o qual nós podemos vir e nos satisfazer.

Não apenas isto, mas a árvore da vida que apareceu no princípio, agora está crescendo abundantemente em ambos os lados do rio, com seus doze frutos (um fruto para cada mês) livremente disponíveis para todos. Mesmo as folhas dessa árvore são importantes: elas providenciam cura para as nações.

Agora, não vamos esquecer o “bdélio”. Esta palavra é encontrada em Gênesis, capítulo 2, versículo 12. Frequentemente lemos sobre ela neste verso, mas o que é bdélio? Se você não sabe, então está em boa companhia. Mesmo os eruditos conhecedores da Bíblia e os tradutores realmente não sabem. De fato, o significado é tão obscuro que eles mantiveram a palavra do latim “bdélio” em vez de traduzir para uma palavra de língua portuguesa.

Um dos melhores jeitos para determinar o significado bíblico de uma palavra é descobrir como ela é usada em outros lugares na Bíblia. Então podemos usar este método para a nossa pesquisa e averiguação. O outro único lugar em que aparece essa palavra é em conexão com o “pão celestial”, o maná que é descrito como sendo pequeno, branco e redondo (Êx 16:14,31) e da cor do “bdélio” (Nm 11:7).

Portanto, gostaria de sugerir que esta palavra “bdélio” pode se referir ao que hoje nós conhecemos como “pérola” – algo pequeno, branco e redondo. De fato, dois antigos manuscritos das escrituras traduzem esta palavra por “pérola”. Então, já que os eruditos bíblicos realmente não sabem o que essa substância é e já que, como você vai ver logo, essa tradução se harmoniza tão bem com outras partes da palavra de Deus, creio que pode ser aceitável adotar esse significado.

AS PORTAS DE PÉROLA

Olhando novamente para a Nova Jerusalém, vemos que cada uma de suas portas é formada por uma única pérola grande. Você sabe de que maneira uma pérola é formada? Ela começa quando um grão de areia ou algum outro pequeno objeto irritante entra na

concha de uma ostra. À medida que aumenta a irritação, a ostra começa a produzir uma secreção que envolve o objeto ofensor com uma camada de substância suave, preciosa e perolada. De um ferimento surge algo de grande valor. Certamente tal ilustração aponta para o Salvador. Quando Seu lado foi perfurado, a substância que saiu providenciou uma “porta” para nós – nossa entrada naquela cidade eterna. Ele é a pérola de grande valor (Mt 13:46).

Então você vê que toda matéria-prima sobre a qual lemos no cenário do primeiro casamento tem, no final do livro, sido preparada e transformada em um cenário glorioso para um casamento eterno – o casamento do próprio Filho de Deus. Enquanto o princípio nos mostra um homem recebendo uma mulher no meio do jardim, no final é o povo de Deus que é participante daquele indescritível evento: o casamento do Cordeiro. Na verdade, a própria cidade é descrita como uma noiva adornada para seu marido (Ap 21:2).

O princípio e o fim da Bíblia, apesar de terem sido escritos com intervalos de mais de mil anos, são assim vistos em uma insuperável harmonia, que só poderia vir do próprio Deus.

Agora, considerando tudo isso, você também não crê que Deus desejou isso desde o princípio? Você não vê lindamente retratada aqui uma ilustração do desejo do coração de Deus? Todo esse paralelismo do princípio e do final das Escrituras não pode ser um acidente. Certamente Ele deve estar nos falando de algo de eterna importância e consequência. Deus está revelando a nós o desejo de Seu coração.

Na criação do homem, podemos encontrar também apoio adicional para essa compreensão. Já que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26), não é irracional supor que nossos sentimentos interiores reflitam, até certo ponto, aqueles do nosso construtor? E um dos mais poderosos desejos íntimos de um homem ou de uma mulher é casar-se com alguém que eles amem profundamente.

Portanto, amor e desejo de uma íntima comunhão não podem estar muito longe do coração de Deus. Quando lemos, em João 3:15, “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que...”, como você acha que é este amor? É apenas algum tipo de compaixão paternal? Será simplesmente devido ao fato de que Deus sente pena de nós, pobres pecadores, pequenos seres humanos que Ele fez, que resultaram num error, e, por isso, Ele decidiu nos resgatar? Talvez o amor de Deus incluía elementos como esse, mas creio que o amor de Deus envolve algo muito mais profundo. Porque Deus **assim** amou o mundo! A

intensidade de Seu amor é além da descrição. É tão fortemente uma parte de Sua natureza que as Escrituras afirmam que “Deus é amor” (I Jo 4:16). Creio que veremos, à medida que prosseguirmos neste livro, que isso fala do amor que Ele tem por Sua noiva. Não é nada menos que o desejo do Pai Celestial por eterna e íntima comunhão com alguém como Ele mesmo.

Quando Jesus estava comendo com Seus discípulos durante a chamada “última ceia,” Ele disse: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa...” (Lc 22:15). Por que havia em Seu peito um desejo tão intenso de comer aquele simples alimento com os Seus amigos? A resposta, sem dúvida, está no pensamento de que Ele estava vislumbrando uma festa futura – uma festa de casamento que estava se aproximando. Jesus estava antecipadamente olhando para aquele dia de Seu casamento, e havia um desejo ardente, um anseio dentro Dele, por Sua noiva. Este é o motivo por que Ele tinha um desejo tão intenso de cear com Seus doze discípulos em preparação para tudo o que estava por vir.

A ALEGRIA COLOCADA DIANTE DELE

Lemos em outro lugar que foi “...em troca da alegria que lhe estava proposta” que Ele suportou a cruz (Hb 12:2). O que era tal alegria proposta a Ele? Era simplesmente a alegria de entrar na glória de Seu Pai? Esta não parece ser uma explicação adequada, já que Ele havia compartilhado a glória do Pai antes que o mundo fosse criado (Jo 17:5). Não, era algo muito maior, algo muito mais próximo de Seu coração.

A alegria proposta a Ele era a alegria de um homem que está esperando receber sua noiva. É a alegria de um homem no dia de seu casamento, quando está desposando a mulher que ama. Jesus estava olhando para o futuro e observando aquela com a qual Ele Se ligaria em união íntima. Era esta visão, este pensamento tão cheio de alegria, que O estimulou a sacrificar-Se por nós. Em Isaías 62:5 nós lemos: “...como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus.”

Que dia maravilhoso será aquele quando o povo escolhido de Deus for transformado em uma santa “mulher” e preparado para o glorioso dia das bodas. Esta é a alegria que foi colocada diante Dele e, queridos irmãos e irmãs, é também a alegria que é colocada diante nós. Ó, esse Deus nos dá uma visão e revelação daquele maravilhoso dia

de casamento e de tudo o que ele requer – Deus e o homem unindo-se na mais santa união – para que possamos correr a corrida com alegria. Aleluia!

Tal visão certamente nos faz permanecer à distância de tudo – todo o peso e pecado que tão facilmente nos envolve (Hb 12:1) – e persegui-Lo e a Seus propósitos, de todo o nosso coração. Ó, esse Deus nos ilumina para vermos Sua vontade através de Sua perspectiva! Então, somos impelidos em direção às Suas metas, que são também a nossa plena satisfação.

Paulo, o apóstolo, refere-se a essa futura intimidade com o nosso Criador quando diz: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (I Co 2:9). Então, Paulo continua a qualificar isso, afirmando que Deus, na verdade, revela “as profundezas” (vs 10) para aqueles que são íntimos Dele.

Nosso Senhor está nos chamando para um relacionamento de amor com Ele. Este é um relacionamento que irá culminar em uma união com o Altíssimo, que só pode ser descrita em termos de casamento. Estes termos não são meus, mas são a linguagem da Bíblia – palavras que o próprio Deus escolheu para descrever tais coisas de uma maneira que possamos compreender.

O casamento humano, com toda a intimidade a ele vinculada, é algo que foi criado e santificado por Deus. Dentro dos laços contratuais do matrimônio, quase nada é vetado pelo nosso Criador. Temos apenas que ler Cânticos de Salomão para imaginar como Deus vê esse tipo de relacionamento. Esse livro é tão pessoal e contém tantas vívidas alusões à intimidade conjugal que muitas pessoas – mesmo crentes – não podem lê-lo sem sentirem-se desconfortáveis. Evidentemente, a carne deles é forte demais e, portanto, são estimulados erradamente.

Entretanto, ali nos Cânticos dos Cânticos, Deus ilustra para nós as futuras alegrias espirituais. Ele está usando termos humanos e descrevendo a intensa alegria de duas pessoas casadas. Mas não há dúvida em minha mente de que Ele está falando realmente sobre Si mesmo e sobre a Sua noiva. Claro que esse livro tem suas aplicações aos casamentos terrestres, desta época, mas muitos santos de Deus que viveram antes de nós, incluindo Hudson Taylor e Watchmann Nee viram ali uma palavra profética. O Salmo 16:11 diz: “...na tua presença há plenitude de alegria: na tua destra, delícias perpetuamente.”

Uma outra passagem diz: “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser” (I Jo 3:2). Este versículo me perturbava, porque eu não podia pressentir um relacionamento maior com Deus do que o de ser um de Seus filhos.

Mas as Escrituras falam de tal posição. Hoje nós somos filhos de Deus e nos relacionamos com Ele desta forma, mas algum dia, ó que dia glorioso, entraremos em um outro tipo de relacionamento com Ele! Algum dia nós seremos Sua esposa. Embora um filho possa ter uma grande porção de intimidade com seu pai, a esposa desfruta de um relacionamento muito mais profundo.

UMA UNIÃO SANTA COM DEUS

Estas palavras, “noiva” e “esposa,” transmitem pensamentos de gozo e de intimidade que podem ser mal compreendidos pela mente carnal. Mas oro para que, enquanto você lê estas palavras e medita nas Escrituras que se referem a estas coisas, Deus revele aos seus olhos esta verdade gloriosa. De acordo com a inconfundível clareza das palavras da Bíblia, Deus está chamando Seu povo para uma união santa com Ele que só pode ser descrita como um casamento. Certamente que este não será um relacionamento físico como o que temos aqui na terra, mas algo espiritual. Até mesmo a intimidade física que temos aqui é simplesmente uma sombra das futuras delícias espirituais.

Talvez alguns leitores tenham dificuldade em pensar em Deus como um futuro parceiro conjugal. Em vez disso, é muito mais fácil conhecê-Lo como nosso Salvador ou Pai. Embora estes sejam verdadeiramente papéis que Deus desempenha em nossas vidas, a posição de ser nosso futuro marido é certamente a mais íntima.

Nosso Deus é um Deus de amor apaixonado, e este amor está focalizado em nós, simples seres humanos. As Escrituras nos revelam o coração de Deus e no Seu coração há um tipo de romance divino, um amor ardente por Sua futura noiva.

Não se limite à maneira pela qual você O conheceu no passado. Não tenha medo de se abrir para uma revelação maior da Sua pessoa e do Seus objetivos. O Deus que a Bíblia revela é o nosso próprio Senhor e Rei. Você pode confiantemente acreditar que o que Sua palavra revela sobre Ele mesmo é verdade.

Deus não apenas nos ama com um amor apaixonado, como também está procurando por aqueles que O amam da mesma maneira. Você se lembra do primeiro mandamento? “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mt 22:37). Isto soa como algo distante e impessoal? Certamente que não! Usualmente, quando alguém ama um outro alguém com tal fervor, dizemos que eles estão “apaixonados.”

Você tem este tipo de relacionamento com Deus? É Ele o seu primeiro amor? Ou você O está mantendo à distância, tentando se satisfazer com um tipo de Deus impessoal, distante e “seguro”, que tem muito pouco a ver com sua vida íntima e secreta?

Acho bom citar agora Efésios, capítulo 3 versículos 16-19. Ali, Paulo está orando pelos irmãos para que eles fossem “arraigados e alicerçados em amor.” E desta posição, podemos ser capazes de compreender, “...qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para ser tomados de toda a plenitude de Deus”. Você vê: conhecer o amor de Deus é importante. Na realidade, é essencial para nós, se vamos entrar em um relacionamento profundo, completo e satisfatório com Ele.

Quando você sabe que alguém lhe ama completa e integralmente, então é fácil abrir-lhe seu coração, acreditando que essa pessoa vai lidar com aquilo que encontrar lá dentro, com amor. Assim é com o nosso relacionamento com Deus.

Todos os crentes precisam de um relacionamento íntimo com Jesus, de coração aberto e sem segredos. Precisamos permitir a Ele o acesso aos esconderijos mais íntimos de nosso ser. Não pode haver nada escondido. Nada do passado, nada que tenha acontecido a nós, nada pode ser mantido fora de Sua inspeção e toque amoroso.

CONFIANÇA TOTAL

Esse tipo de relacionamento somente é possível quando nós temos absoluta confiança no amor da pessoa para a qual nós estamos nos entregando. É essencial que venhamos a conhecer a profundidade do amor de Deus. Se não a conhecemos, só teremos

com Ele um relacionamento superficial e insatisfatório. Ele nunca será capaz de penetrar no âmago de nosso ser e transformar esta parte de nosso interior.

Quando nós temos medos, muralhas interiores e fortalezas, isto nos mostra que ainda não conhecemos verdadeiramente o amor de Deus. “Aquele que teme não é aperfeiçoado no amor” (1 Jo 4:18).

Você pode perceber quando lê o livro de Apocalipse, que a noiva de Cristo é “clara como cristal” (Ap 21:11-NVI). Esta noiva não tem nada escondido, escuro ou reservado. Não há segredos para o seu bem-amado. Sua confiança Nele a capacita a ser completamente transparente, permitindo a Ele ter acesso a qualquer parte dela.

Este é o relacionamento com o nosso Senhor que precisamos encontrar. É um relacionamento de amor mais profundo. É uma intimidade do tipo maior, mais puro, que nos leva á plenitude de Deus. Sem conhecer este amor, seremos impedidos de nos abrir suficientemente e experimentar tudo o que Ele é. A maior necessidade de nossas vidas cristãs é esta: uma apaixonada relação de amor com Deus, que leve a uma intimidade com Ele e resulte em uma transformação segundo a imagem de Deus.

Eu gostaria de repetir que a interrelação entre a primeira e a última parte da Bíblia não é uma coincidência. Não é apenas uma história bonita. Ao contrário, nessas páginas, Deus revela coisas tremendas sobre Si e sobre os Seus desejos, que Ele quer que compreendamos.

Que retrato maravilhoso nos dá o livro do Apocalipse! Todas as sementes, todas as profecias que nos são descritas no livro de Gênesis, agora atingem a realização e a plenitude. As matérias primas foram transformadas. Tudo o que Deus Pai decidiu fazer no princípio, se cumpriu. Então, o homem Cristo Jesus é visto recebendo Sua noiva, a cidade santa, a Nova Jerusalém. Ela está descendo do céu preparada como uma noiva adornada para seu marido.

O livro santo de Deus se inicia e se finaliza com um casamento. Que inacreditável história de amor é esta! Você alguma vez ouviu coisa igual? Que tremendo amor Deus tem pela humanidade, para motivá-Lo a fazer todas essas coisas e a vencer tão tremendos obstáculos para que elas se cumpram!

Como nós precisamos ver e sentir dentro de nós o anseio do coração de Deus pela humanidade, o desejo que Ele expressa tão claramente em Jeremias, onde diz ao Seu

povo: “Com amor eterno te amei” (Jr 31:3). Desde o princípio, o amor de Deus estava motivando a criação Dele. Acredito que este tipo de revelação implantará em nosso peito um anseio similar pelo nosso futuro marido, que nos faça estar prontos. Em Isaías 54:5 lemos: “Porque o teu Criador é o teu marido”. Que pela Sua misericórdia, nós estejamos nos preparando até que Ele venha!

2.

A OFERTA DA VIDA

Ao surgir este presente mundo, nosso Deus moldou um ser semelhante a Ele mesmo para Seus próprios e santos propósitos. Entre os principais destes propósitos, conforme discutimos no capítulo um, há o fato de que Ele está procurando uma noiva. Deus está no processo de criar para Si mesmo uma eterna companheira íntima. O homem, o objeto da atenção e afeição de Deus, é aquele que foi moldado para cumprir este maravilhoso desígnio.

Vamos lembrar aqui, entretanto, que no universo de Deus, somente criaturas semelhantes podem se casar. Tal intimidade só é permitida entre seres da mesma espécie. Portanto, para que os desejos de Deus sejam realizados, o homem deve ficar qualificado para participar desta união.

Ao olharmos firmemente para nosso primeiro ancestral com estes pensamentos em mente, algumas sérias deficiências se tornam aparentes. Adão, mesmo antes da queda, não estava qualificado para corresponder às intenções de Deus. Embora Ele se assemelhasse a Deus em muitas coisas, está claro que ele não era exatamente o mesmo tipo de ser que Deus é. À medida que meditamos nisso, um problema surge: Deus e o homem não têm o mesmo tipo de vida. Portanto, eles não podem ser considerados o mesmo tipo de ser.

Embora a vida que Adão e Eva possuíam fosse inicialmente boa e nunca terminasse, ela era uma variedade humana, criada. Em contraste com ela, a vida do seu Criador era a do tipo sobrenatural, sem princípio. Deus e o homem eram, obviamente, espécies diferentes. Suas vidas estavam em um plano completamente diferente. Uma era meramente humana e a outra era Divina. Uma era uma forma de vida inferior, ligada à terra por um corpo físico, enquanto a outra é Espírito e enche o Universo.

Não apenas a vida do homem não é igual à de Deus, mas ele nem mesmo é o segundo na fila. As Escrituras nos ensinam que o homem foi feito um pouco menor do que os

anjos (Hb 2:9). Estas considerações nos apresentam evidência suficiente para imaginar que esse casamento entre Deus e o homem não seria possível.

Por esta análise, chegamos à conclusão de que o homem, da maneira como foi criado, não era adequado para ocupar a posição programada para ele. Portanto, é lógico supor que, já que nosso Criador tinha em mente esse plano glorioso, Ele também tinha algum modo de cumpri-lo. Ele deve ter feito alguma provisão para o homem mudar. Em algum lugar nos desígnios de Deus, deve ter havido um jeito preparado para o homem tornar-se algo diferente do que ele era, para preencher essas santas intenções.

E certamente havia. Deus, em Sua infinita sabedoria, tinha providenciado tudo o que era necessário. Não é surpreendente que a primeira sugestão da existência de tal plano seja também manifesta no Jardim do Éden.

Quando nós lemos o relato de Gênesis, entre as muitas descrições do jardim, duas árvores especiais são mencionadas – a “árvore da vida” e a “árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2:9). Não temos que ler muito para descobrir que estas duas são muito mais do que simples árvores. O efeito devastador que comer da árvore errada teve sobre a humanidade parece ser evidência mais do que suficiente deste fato.

Todas as outras árvores do jardim tinham sido oferecidas livremente a Adão e Eva, como alimento, mas aquela específica árvore tinha sido proibida. Seu fruto era tão mortal, tão devastador, que prová-lo alterou para sempre o curso da história humana. Agora, em vista disto tudo, parece razoável supor que a outra árvore, a árvore da vida, também continha fruto de grande conseqüência. Se a “árvore da morte” tinha um efeito tão poderoso, o que teria acontecido se Adão e Eva tivessem provado da árvore da vida? Será que uma prova deste outro fruto teria mudado os dois de maneira igualmente dramática? Acredito que, à medida que prosseguimos, você verá que este é o caso.

Qual é, então, o significado da árvore da vida? O que Adão e Eva perderam pela desobediência ao Seu Criador? Talvez o melhor meio de descobrir isto seja olhar para o resto das Escrituras e ver se podemos encontrar lá qualquer indício. Conforme lemos em Gênesis capítulo 3, entendemos que essa árvore teria lhes concedido uma variedade de vida que eles ainda não possuíam.

Esta verdade é mostrada claramente pela afirmação que Deus fez, quando foram expulsos do jardim. Ele fez isso para que não tomassem também da árvore da vida, e a

comessem e vivessem eternamente (Gn 3:22). Aqui, nós percebemos que Adão e Eva nunca tinham comido dessa árvore. Embora ela estivesse disponível a eles, nunca aproveitaram a oportunidade de saboreá-la. Se o tivessem feito, eles já possuiriam esse novo tipo de vida. De fato, é possível que, se eles tivessem primeiro provado desse fruto eles teriam tido a força e a sabedoria para sempre evitar o outro.

Conforme vimos, a árvore contendo vida estava “no meio do jardim” (Gn 2:9). Observe que não era a selva do Éden, mas um jardim, significando que fôra projetado por Alguém. Na selva, as plantas e árvores crescem aleatoriamente. Mas um jardim é projetado. E este Projetista colocou a árvore da vida no centro, como a peça central de Seu projeto. Seguramente isto nos indica que a dádiva dessa vida está no centro de todas as intenções de Deus concernentes ao homem. É, na verdade, o verdadeiro veículo através do qual Ele pretende transformar o homem, daquilo que ele era quando foi criado, para aquilo que Deus deseja que ele se torne.

Já que essa vida é tão importante para nós e para Deus, capacitando-nos a preencher Seu plano original, parece crucial que nós aprendamos o máximo que pudermos sobre isto. Cada cristão deveria entender completamente a ambos: a meta para a qual Deus está trabalhando e também os meios que Ele está empregando para chegar lá. Vamos, portanto, gastar um pouco de tempo para investigar o que exatamente esta “vida” significa.

DE ETERNIDADE A ETERNIDADE

A Escritura diz, no Salmo 90, versículo 2: “...de eternidade a eternidade, tu és Deus.” Isto é um pensamento muito profundo. Então, vamos parar aqui, e meditar sobre isso. Se pudermos voltar no tempo, o mais longe que nossa imaginação permitir, antes que tudo fosse criado – Deus está lá. E, de novo, se projetarmos nossos pensamentos para o futuro, o mais distante que possamos imaginar – para um tempo em que este mundo já tenha sido dissolvido e novas coisas tenham sido criadas – Deus ainda está lá, também. Nosso Pai celestial, não fica preso dentro do que chamamos “tempo.” O tempo faz parte da criação Dele. Ele existe além e muito acima do tempo.

Deus sempre existe e existe para sempre. Ele é um ser que nunca teve um princípio e nunca terá fim. O tipo de vida que Deus possui é “vida não criada.” Ele não

começou em algum ponto particular no tempo. Portanto, a vida de Deus é descrita como sendo “eterna”. É “AIONION” na língua grega original, que significa “ATRAVESSANDO AS ÉPOCAS”.

Sua vida é tão cheia de vitalidade, tão duradoura, que mesmo a passagem do tempo não a diminui. É uma vida sem origem ou fim, sem tempo de nascimento ou hora de morte, imutável, incorruptível e imortal.

Esta pequena meditação nos leva ao verdadeiro significado da palavra “eterno.” Simplesmente, significa sem princípio e sem fim e descreve a verdadeira vida de Deus. Neste livro, daqui em diante, vamos usar a letra “V” em maiúsculo, na palavra “vida”, em referência a esta Vida especial, não criada.

Com tudo isso em mente podemos entender uma coisa muito profunda. Nosso Deus decidiu oferecer Sua própria Vida, essa Vida eterna, aos homens. Nas Escrituras, nós lemos sobre essa maravilhosa verdade: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna [AIONION ZOÊ]” (Jo 3:16). Louvado seja o Senhor! Aqueles que crêem em Jesus recebem essa Vida sobrenatural. Eles recebem, dentro de si, uma Vida não criada. Agora, não estão mais afastados da Vida de Deus (Ef 4:18), mas foram trazidos para um relacionamento de filho com Pai.

Este relacionamento começou através da procriação de Deus. Não somos simplesmente filhos “adotados” de Deus. Nós, seres humanos, somos realmente nascidos da própria Vida de Deus. Nós fomos gerados em uma esperança viva (1 Pe 1:3)! Nós somos “...regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível...” (1 Pe 1:23. Veja também Jo 1:13, 3:3-8, 1 Jo 2:29, 3:9, 4:7, 5:1, 4 e 18).

Que coisa indescritível Deus fez por nós, pequenos e insignificantes seres humanos! Como pais e mães, nós geramos filhos e filhas transmitindo nossa vida a eles. Quando concebemos e parimos crianças, nós lhes transmitimos a vida humana. Da mesma forma, Deus, em Sua gloriosa e imensurável misericórdia e bondade, escolheu dar aos homens mortais Sua própria Vida incorruptível, sem princípio e sem fim, eterna. Este é verdadeiramente um grande amor que Deus tem pelo mundo. Nada no universo é mais precioso, mais valioso do que a Vida de Deus.

Antigamente, Deus era o único ser que podia ser chamado “imortal”. 1 Timóteo

6:16 diz que Ele é: "...o único que possui imortalidade". Isso porque só Ele nunca teve início nem fim. Mas, agora Ele está gerando mais filhos, e estes filhos são também seres imortais, porque compartilham a mesma Vida não criada Dele. 2 Timóteo 1:10 revela que Ele: "...trouxe à luz a vida [ZOË] e a imortalidade, mediante o evangelho".

Nenhum presente poderia ser maior. Nós temos a oportunidade de nos tornarmos participantes de tudo o que Deus é. Ele concedeu Sua Vida aos homens e os está chamando a crescerem em direção a tudo o que Ele é por meio desta Vida. Que notícia maravilhosa!

TRÊS PALAVRAS GREGAS

Infelizmente, a grande verdade, de que Deus concede Sua própria Vida aos homens, tem sido um tanto obscurecida, pela tradução das palavras gregas à nossa própria língua. Os gregos eram evidentemente muito filosóficos quanto à idéia de "vida" e tinham diferentes palavras para distingui-las, enquanto que em português nós temos apenas uma palavra. Isto então confunde o verdadeiro significado das palavras do Novo Testamento.

Para nossos propósitos aqui, estaremos focalizando três palavras gregas do Novo Testamento, que são traduzidas em português por uma única palavra: "vida". Muito embora estas três palavras sejam traduzidas como uma única palavra portuguesa, elas têm significados distintos. Se não distinguirmos entre elas, podemos estar ignorando uma revelação indescritivelmente essencial.

A primeira palavra que é traduzido por "vida", em nossas versões, é "BIOS," que se refere à nossa vida neste mundo físico. Esta é a palavra que dá origem ao termo "biologia" e inclui conceitos como nosso sustento, a duração de nossa vida física e nossa conduta moral.

A segunda palavra que é traduzida por "vida", em português, é "PSUCHÊ". Esta palavra tem sido traduzida como "alma" e como "vida" e, talvez, devesse aparecer em alguns lugares traduzida por "VIDA DA ALMA" para dar um significado mais preciso. Através do Novo Testamento, esta palavra representa a "constituição" psicológico ou a "vida da alma" que o homem possui. É esta vida que compreende nosso pensamento, nosso sentimento e nosso processo de tomada de decisões. E é nesta vida que os homens, que não nasceram

de novo, vivem neste presente mundo.

AIONION ZOÊ

Entretanto, há uma terceira palavra grega, uma palavra mais importante, que quer dizer “vida.” Esta palavra é “ZOÊ.” Ela significa, de acordo com o *Dicionário Expositório de Palavras do Novo Testamento* W.E. VINE, “vida **como Deus a tem**”. No que se refere à “vida”, Deus realmente a tem! No Novo Testamento, esta palavra “ZOÊ” é usada predominantemente para se referir à própria Vida de Deus. Esta única e especial palavra foi usada pelos escritores do Novo Testamento, inspirados por Deus, para se referir à Sua própria Vida incorruptível, sem princípio e sem fim.

Portanto, quando a Bíblia fala sobre a nova Vida que Deus nos dá através de Jesus, é esta palavra “ZOÊ” que é usada e não “BIOS” ou “PSUCHÊ”. A frase “vida eterna” é expressa em grego como “AIONION ZOÊ” e significa uma vida que “ATRAVESSA AS ÉPOCAS”. Esta “AIONION ZOÊ” – atravessando o tempo, nunca iniciada, nunca interrompida, nunca cessante Vida de Deus – isto é o que Jesus veio trazer para nós.

Irmãos e irmãs, nós recebemos um Dom indescritível. Deus nos deu muito mais do que poderíamos pedir ou mesmo imaginar. Nós, frágeis seres humanos, existindo em corpos decadentes, vivendo em um mundo que está sucumbindo e desmoronando em muitos sentidos diferentes, chegamos à mais maravilhosa constatação. O Deus do Universo nos tomou em Seu coração e decidiu nos conceder Sua própria Vida – uma substância de Vida incorruptível, imutável, que é impossível destruir.

Jesus Cristo levantou-Se dos mortos porque não era possível que a Vida que Ele possuía pudesse ser retida pela morte (At 2:24). Assim, nós também, tendo sido feitos filhos de Deus através do novo nascimento, nos tornamos participantes de uma Vida sobre a qual a morte não tem poder. Jesus disse que todo aquele que Nele crê, não perece, mas já “...passou da morte para a vida [ZOÊ]” (Jo 5:24).

Esta é uma verdade essencial. A dificuldade que muitos crentes têm em viver uma Vida verdadeiramente espiritual pode ser localizada precisamente neste ponto. Todos nós sabemos que Jesus Cristo veio para nos trazer Vida. Mas que tipo de vida? Se a distinção

entre as três palavras gregas não é feita, é possível para alguns, pensar que a “vida abundante” (Jo 10:10) significa ter muito dinheiro, muita luxúria ou preencher sua vida com prazeres e materiais físicos (BIOS).

Outros podem imaginar que a “vida abundante” significa estar feliz ou satisfeito em nossa existência terrena (PSUCHÊ). Muitos dos que estão corrompidos deste modo acabam caindo num sério erro ou pecado. Compreendendo mal os propósitos de Deus e falhando em discernir o tipo de vida que Jesus veio nos dar, eles têm se desviado para perseguir uma “outra vida” – uma vida sensual ou uma vida mundana – uma vida que logo descobriremos que Jesus veio para condenar.

DURANDO PARA SEMPRE OU ETERNA?

Uma outra concepção errada na Igreja hoje, é que a vida “eterna” é simplesmente uma extensão ou um prolongamento da vida com a qual nós nascemos. Esta compreensão errônea tem sido encorajada em parte pelo uso da palavra “perpétua” no texto. Em muitas traduções para o português, as palavras perpétua e eterna são usadas alternadamente. Entretanto, “perpétua” é uma tradução incorreta da palavra “AIONION”.

Isto tem sido a causa de alguma confusão, já que existe um significado diferente no seu sentido na língua portuguesa. Enquanto que “eterno” significa “sem princípio ou fim”, a palavra “perpétua” poderia ser aplicada a uma criatura que nasceu em um determinado momento no tempo e, então, durou para sempre. Conseqüentemente, é fácil para alguém que lê sobre a vida “perpétua” supor que se refere à continuação infinita de sua própria vida.

Conforme vimos, este não é o caso. Para anular este engano, vamos apenas nos lembrar que, no texto bíblico, ambas as palavras “eterna” e “perpétua” se referem à mesma coisa: a Vida de Deus. Elas não se referem a uma extensão de nossa própria vida. Realmente, não recebemos uma vida perpétua, mas Vida eterna.

Todo aquele que crê em Jesus recebe a própria Vida de Deus. E esta Vida é o meio que Deus vai usar para nos mudar daquilo que somos, para aquilo que Ele planejou que fôssemos. É esta Vida que tornará a nossa natureza semelhante à Dele. Assim, como no princípio, quando nosso Pai Celeste colocou diante do homem a oferta de Sua própria Vida

na forma de uma árvore, assim também hoje, Ele a faz disponível a todos através de Seu próprio Filho.

As Escrituras ensinam claramente que “Aquele que tem o Filho tem a vida [ZOÊ]” (1 Jo 5:12). Aqueles que são sábios tomarão posse desta Vida, se encherão dela e assim obterão todos os benefícios dela. Aqueles que são tolos a negligenciarão, como fizeram nossos ancestrais, e eventualmente, sofrerão as conseqüências. A Vida de Deus, que Ele nos concedeu, é absolutamente crucial para o nosso caminhar espiritual. É esta Vida que é a fonte de tudo o que Deus está operando dentro de nós.

Espero que esteja absolutamente claro que Jesus morreu, não para nos dar um novo lugar para viver o resto de nossas vidas, por exemplo, o “céu”. Ele também não nos trouxe uma extensão da vida com a qual nascemos. Ele veio para nos dar uma Vida que é inteiramente diferente de qualquer outra que tenhamos conhecido previamente.

Jesus Cristo veio para conceder aos homens a Vida não criada, eterna, do próprio Deus. Ele veio com a intenção de nos dar a verdadeira Vida, essência e natureza de tudo aquilo que Deus, o Pai, é. O que Jesus trouxe à terra para os homens é a mais preciosa substância! Não há mais nada no Universo semelhante a ela. A Vida que Ele veio para nos dar nunca começou e, por definição, não pode nunca acabar. Nós nos tornamos participantes da Vida de Deus. Aleluia! Estas são realmente boas novas!

EXPULSOS!

Como já discutimos, desde o início, Deus desejava oferecer a Vida Dele ao homem. Lá no Jardim do Éden, Ele colocou a árvore da Vida, assim disponibilizando a Vida Dele a Adão e Eva. Mas, depois que eles pecaram, foram expulsos do jardim, e o caminho para o Jardim do Éden – a avenida que ia para a árvore da Vida – foi bloqueado por um querubim, junto com uma espada flamejante. O caminho original, o caminho que Deus pretendeu que o homem seguisse, estava agora inviável.

Qualquer um que procurasse entrar naquele lugar seria morto. O julgamento de Deus, simbolizado pelo querubim com a espada flamejante, agora permanecia entre o homem e a Vida sobrenatural. O que anteriormente havia sido oferecido gratuitamente, agora

era cuidadosamente guardado, e o homem pecador era, por causa disso, proibido de ter acesso. Agora, o homem, ao invés de ter o favor de Deus, estava debaixo de Seu julgamento.

O êxtase que o primeiro casal uma vez gozou e a comunhão com Deus, que era tão familiar a eles, repentinamente desapareceram. A escolha que os dois fizeram tinha conseqüências. Aparentemente o diabo tinha obtido a vitória e os propósitos eternos de Deus tinham sido contrariados. O homem, a quem Deus criou à Sua própria imagem e semelhança, pretendendo que ele se tornasse Sua noiva santa, tinha, ao contrário, se tornado contaminado pelo pecado e desqualificado para compartilhar de Sua própria Vida.

Mas, talvez, o diabo não tenha compreendido a profundidade do amor de Deus por Sua noiva. Talvez ele tenha falhado em sondar a extensão dos caminhos pelos quais Ele atingiria os Seus propósitos. A intenção original de Deus permaneceu imutável. Seu desejo profundo de compartilhar Sua Vida com os seres humanos continuava persistente.

Aquelas criaturas especiais, as únicas em todo o Universo a possuir a imagem e semelhança do Deus eterno, tinham caído.

Ainda assim, Deus ansiava que eles fossem trazidos de volta à comunhão consigo mesmo e estivessem novamente em uma posição de participar de tudo o que Ele planejava para eles. Seu incompreensível amor pela humanidade não diminuiria. Seu plano inicial de criar o homem e oferecer-lhe Sua própria Vida ainda queimava em Seu coração. Deus, em Sua infinita sabedoria e de acordo com Seu propósito eterno, tinha preparado um outro caminho, um “novo e vivo caminho” de volta para Ele mesmo (Hb 10:20).

O PLANO DA REDENÇÃO

Porque a rebelião do homem exigia a pena de morte e barrava o caminho para a Vida, Deus, para realizar Seu plano, tinha que encontrar um substituto. Através de Seu imponderável conhecimento, Ele encontrou uma Pessoa que desejava provar a morte em nosso lugar – Seu próprio Filho. Em Sua carne, Jesus Cristo fez expiação para a rebelião do homem e pelo seu pecado. Em Si mesmo Ele carregou nossos pecados na cruz, tirando-os do caminho. Jesus nos reconciliou com Deus.

Por meio de Cristo, nós fomos trazidos de volta para um relacionamento com o Pai. Pelo trabalho do Filho, o derramar de Seu sangue, agora nós temos acesso a Deus. Mais uma vez, o caminho para a Sua Própria Vida foi aberto. Que coisa infinitamente preciosa Jesus fez por nós, indignos pecadores, trazendo-nos de volta a Deus e abrindo o caminho novamente para compartilharmos de Sua Vida não criada, eterna.

Veja, Deus não poderia dar Sua Vida a seres injustos. Ele não iria colocar Sua Vida santa, sem pecado, em vasos poluídos. O pecado havia impedido os propósitos de Deus. Era impossível para Ele permitir que Sua Vida fosse misturada com a injustiça do homem.

Assim, antes da concessão de tal pura substância, o receptáculo tinha que ser purificado. O sangue de Cristo derramado no Calvário providenciou tal limpeza. A inocência e a pureza da Vida que foi tomada ali, às vistas de Deus, purificou a nossa imundície. Então, de um modo sobrenatural, que é difícil para entendermos, Deus apagou o nosso pecado e removeu os obstáculos que estavam no caminho.

Quando chegou o tempo certo, Deus mandou Seu próprio Filho para nos resgatar. Ele O sacrificou, permitindo que fosse torturado, ridicularizado e morto. O julgamento que estava reservado para nós caiu sobre o Cordeiro. Com Sua morte na cruz, a exigência de justiça de Deus estava satisfeita e o querubim do julgamento, com a espada flamejante, foi tirado do caminho. Novamente, o caminho para a árvore da Vida foi aberto e o convite oferecido.

Jesus não apenas providenciou para nós o caminho para a Vida, mas Ele era também a manifestação desta Vida. Quando Jesus veio a esta terra, veio como um vaso contendo a Vida de Deus. Nós lemos nas Escrituras: “A vida [ZOÊ] estava nele e a vida era a luz dos homens” (Jo 1:4). E, de novo, nós lemos: “...a vida [ZOÊ] se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, *a vida eterna, a qual estava com o Pai* e nos foi manifestada...” (1 Jo 1:2).

Parte da missão de Jesus foi contar à humanidade tudo o que o Pai estava oferecendo. Ele era a completa declaração dos pensamentos e das intenções de Deus. A Vida de Deus, que de uma maneira obscurecida foi manifestada no Jardim na forma de uma árvore, foi agora completamente demonstrada em Jesus Cristo.

O próprio Jesus proclamou isto. Ele convidou as pessoas a virem até Ele e

comerem, e a virem até Ele e beberem (Jo 6:54). Explicou que ele era “o pão da vida [ZOÊ]” (Jo 6:48) e “o caminho, a verdade e a vida [ZOÊ]” (Jo 14:6). Ele até mesmo instruiu Seus seguidores a comerem Sua carne para obter Vida, causando ofensa a muitos deles (Jo 6:53). Mas isto não deveria nos preocupar. Ele estava ali simplesmente proclamando que tudo aquilo que havia estado à disposição no Jardim, em forma de árvore, era agora oferecido através Dele. Por meio de Seu Filho, Deus estava novamente ofertando a Vida. Hoje, assim como nos dias dos nossos primeiros ancestrais, há uma escolha para cada ser humano fazer. Como estamos respondendo a ela?

O CRESCIMENTO ESPIRITUAL É ESSENCIAL

Uma vez que somos nascidos do alto, este é apenas o começo de uma vida cristã. Embora seja maravilhoso receber a Vida de Deus, este é apenas o primeiro passo para um longo e duradouro processo de crescimento no Senhor. É apenas a introdução à realidade de aperfeiçoar nossa santidade no temor de Deus (2 Co 7:1).

Não apenas necessitamos receber essa nova Vida, mas também precisamos fazê-la crescer em nós, até a completa maturidade. A Bíblia ensina que, depois de ter nascido em uma manjedoura, “Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça...” (Lc 2:52). Da mesma forma, nós também precisamos crescer espiritualmente até que a expressão de Deus através do nós seja completa.

Nós, como cristãos, precisamos nos livrar da noção de que, uma vez que recebemos Jesus, isto é a consumação da experiência espiritual. Receber a Vida de Deus por meio do Espírito é apenas o começo. Assim como o nascimento de um bebê é apenas o primeiro evento de uma vida inteira, assim também, quando somos nascidos do Espírito, este é apenas o passo inicial de uma vida cheia de crescimento no conhecimento de Deus.

A intenção do Pai é que nós estejamos comendo e bebendo diariamente, e desse modo, crescendo naquilo tudo que Cristo veio trazer – tudo que é derramado em nós pelo Espírito Santo. A Vida de Deus, o mais precioso e valioso elemento de todo o Universo, é abundantemente disponível a cada crente hoje, agora. Através do Seu Espírito, nós podemos continuamente compartilhar da AIONION ZOÊ.

Por toda a parte, as Escrituras falam de tal crescimento. Efésios 4:15 nos estimula para que “...cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo...” recomendando que não sejamos mais bebês que são facilmente enganados. 1 João, capítulo 2, fala de diferentes estágios de crescimento espiritual, isto é, crianças, jovens e pais. Certamente é fácil ver, então, que a maturidade não é instantânea, mas toma tempo e atenção. Isto também é uma parte essencial da nossa experiência cristã.

Permanecer um bebê não é suficientemente bom. O crescimento espiritual é o único rumo para aqueles que são sábios. Precisamos continuamente buscar o Senhor e nutrir esta Vida que nos foi concedida para que ela possa crescer até a maturidade.

Em toda a parte, na natureza, notamos que todos os tipos de vida devem crescer. Muito embora, por exemplo, um completo carvalho esteja contido em uma semente, leva tempo e nutrição para que aquela árvore atinja sua própria estatura. Do mesmo modo, muito embora a Vida que recebemos de Deus esteja completa, leva tempo e atenção que ela chegue à maturidade.

Se é para sermos filhos úteis de Deus, manifestando Sua Vida e natureza ao mundo de uma forma poderosa, nós também precisamos crescer em Sua plenitude (Ef 4:14,15). Bebês são maravilhosos, mas eles não são muito úteis. Em vez de serem capazes de ajudar e de contribuir para o bem estar e manutenção da casa, eles próprios requerem nosso tempo e atenção. Creio que Deus ama grandemente todos os Seus bebês, mas também estou firmemente convencido de que Ele está procurando filhos que tenham crescido à maturidade para cumprir Seus propósitos na terra.

Muitos cristãos supõem que nascer de novo é o ponto máximo a ser atingido. Eles imaginam que, após a regeneração, a única coisa que resta é acumular “recompensas” no céu. Como isto está longe da verdade! Crescer até uma completa maturidade espiritual é o único jeito de sermos realmente úteis ao reino de Deus.

É importante perceber que tal crescimento não acontece automaticamente. Deus não está impondo Seu caminho a nós. Ele graciosamente nos permite toda a escolha. Assim como tivemos que fazer uma escolha para receber Sua Vida, a fim de sermos nascidos de novo, assim também precisamos diariamente fazer uma escolha, para sermos preenchidos com Sua Vida. Ninguém mais pode fazer você crescer. Quando nós não aplicarmos nossos corações para buscar a presença do Senhor, a cada dia, e negligenciarmos gastar tempo em

uma comunhão íntima com Ele, cresceremos muito pouco. Se nossa escolha é aplicar nosso tempo perseguindo nossos próprios interesses, a dormência espiritual é uma certeza.

O crescimento na Vida de Deus está disponível a todos, mas só é conseguido por aqueles que fazem uma escolha consciente de persegui-Lo. Aquelles que fazem esta escolha serão beneficiados grandemente, não apenas neste mundo, mas também naquele que está por vir.

Mais uma vez, conforme foi com nosso antepassado Adão, a escolha é nossa para ser feita a cada dia. Estamos, então, escolhendo de acordo com o desejo de Deus e participando daquilo que Ele está gratuitamente oferecendo? Ou nós, como o primeiro homem, prestamos pouca atenção àquilo que foi tão generosamente providenciado e seguimos nosso próprio caminho? Essa não é uma consideração pequena ou insignificante.

É fácil demais ficarmos preocupados com as coisas em volta de nós e as aparentes bênçãos que Deus nos deu e, assim, negligenciar a coisa mais importante de todas. Estas escolhas diárias têm conseqüências eternas. A misericórdia e o favor imerecido de Deus não deveriam ser levemente desconsiderados. Nosso Deus nos concede misericórdia para que possamos participar de Sua Vida continuamente!

Nos próximos capítulos deste estudo, estaremos meditando sobre muitos diferentes aspectos do que Deus está fazendo em Seu povo e por meio dele. Entretanto, para fazer isto adequadamente, primeiro precisamos estar firmemente enraizados a nesta compreensão básica: Vida eterna não é a nossa própria vida durando para sempre, nem é simplesmente um seguro contra incêndio, que nos garante que não passaremos a eternidade no lago de fogo. Receber a Vida eterna é nada menos que receber a própria Vida de Deus!

É por meio desta Vida, que Deus está trazendo muitos filhos para a glória. Sem dúvidas, Deus tem intenções sérias concernentes à dádiva de Sua Vida. Ele não fez esse trabalho indiscriminadamente. Então, se queremos preencher Seus requisitos, precisamos guardar cuidadosamente o bom depósito que Ele nos confiou (1 Tm 1:14).

3.

AS DUAS ÁRVORES

Por razões que estivemos discutindo nos capítulos anteriores deste livro, Deus desejou compartilhar Sua própria Vida com o homem, desde o princípio. Isto é evidenciado pela árvore da Vida plantada no meio de jardim do Éden. Mas havia também uma outra árvore crescendo lá – uma árvore muito sinistra – a “árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2:9). Nós concluímos que a primeira árvore era o símbolo da Vida de Deus, mas o que dizer dessa outra? O que ela representa? Por que Deus permitiu que uma árvore com tais poderes devastadores crescesse lá, livremente disponível à Sua nova raça?

Naturalmente que Ele deu aviso sobre ela. Sua Palavra solene foi falada claramente, de maneira que não houvesse chance de um erro. Entretanto, é igualmente óbvio que Deus lhes estava permitindo tomar suas próprias decisões no que se refere ao seu destino final. Em Sua infinita sabedoria, Ele permitiu que Adão e Eva tivessem o livre-arbítrio. Se eles entrassem no plano maravilhoso que Deus tinha para eles, deveria ser por terem voluntariamente escolhido fazer isso, não porque tivessem sido forçados a fazê-lo.

Então, desde o começo Adão e Eva foram colocados diante de uma escolha. Eles se encontraram diante de duas opostas possibilidades. Por um lado, havia a árvore da qual eles podiam comer livremente e, pelo outro, havia aquela da qual eles foram proibidos de comer. Enquanto lhes foi permitido não escolher, nem uma nem outra, estas duas árvores, com tudo que elas representam, estavam sempre diante deles.

Sua localização, “no centro do jardim,” deve ter feito delas o foco da atenção. Conseqüentemente, a decisão de comer ou abster-se de comer, nunca estava muito distante do pensamento deles. De uma maneira interessante, estas mesmas duas alternativas estão à disposição dos homens hoje. Tanto cristãos, como não cristãos, estão diariamente expostos a estas duas opções e a tudo o que elas envolvem. Embora não haja duas árvores físicas, em frente a nós, o que elas representam está abundantemente à disposição.

Já que nós, assim como o primeiro casal, somos realmente confrontados

diariamente com esta escolha, é essencial que compreendamos o que ela significa. Embora Adão e Eva possam ter sido inocentes e não completamente cientes de tudo o que aquela decisão envolvia, nós não podemos alegar a mesma desculpa. O próprio exemplo deles, combinado com toda a revelação de Deus, desde aquele tempo, nos fornece ampla evidência de qual é o caminho de Deus e, também, o que essas árvores produzem. Infelizmente, muitos dos filhos de Deus ignoram essas coisas.

Muitos crentes são completamente alheios ao significado destas realidades espirituais. Desta forma, eles facilmente se tornam vítimas dos enganos do inimigo, do mesmo modo que Eva foi seduzida (2 Co 11:3). Verdadeiramente, a Escritura diz: “Onde não há revelação divina, o povo se desvia” (Pv 29:18 NVI).

Tenho medo que o caminho para tudo o que Deus tem para nós esteja alargado, com os crentes machucados, feridos e “escravos”, tropeçando em escuridão. De algum modo, eles falharam em ver, na luz de Deus, como permanecer em Seu caminho estreito, e foram feitos cativos pelo inimigo de nossas almas.

Nós já discutimos o que era representado pela árvore da Vida mas, para alguns leitores, algumas de suas conseqüências podem não estar perfeitamente esclarecidas. Como já vimos, é possível receber em nosso ser a Vida de um Outro ser, podemos receber a própria Vida de Deus. Já que este Outro é extremamente superior a nós mesmos, em tudo, o que isto implica? Como tal coisa nos afetará?

Para começar, parece lógico supor que esta outra Vida, sendo tão maior que a nossa própria, tende a predominar. Na verdade, ela vai querer tomar posse. Isto é, naturalmente, o que Deus deseja fazer. Uma vez que Sua Vida está dentro de nós, Ele pretende tornar-Se o chefe (“Senhor” é o termo das Escrituras).

Seu desejo é que, cada vez mais, submetamos cada aspecto de nosso viver à Sua autoridade. Lemos na Escritura que “em tudo Ele tem a primazia” (Cl 1:18). Subitamente, descobrimos que independência e “fazer nossa própria vontade” não são mais aceitáveis. Abrindo nossos corações a Ele, nós somos levados a uma situação em que não somos mais nossos próprios donos.

Infelizmente muitas pessoas são “trazidas a Cristo” sem esta compreensão mais fundamental. São informados a respeito de um Salvador, mas não sobre um Senhor que terá domínio sobre elas. São encorajados a aceitar os benefícios que Deus dá, sem qualquer

aviso sobre o compromisso que isto envolve. Muitos homens e mulheres são impelidos a “vir para Jesus” sem mesmo um entendimento do que isto significa: uma mudança radical na soberania sobre suas vidas.

Entretanto, como estaremos vendo no restante deste livro, esta mudança não está apenas disponível, mas é essencial. Esta Vida para a qual fomos chamados não é apenas uma história de escola dominical. Nós nos relacionamos com o Deus do Universo, e as implicações deste fato são realmente grandes.

Então, se a completa submissão a esta nova Vida é a premissa central da árvore da Vida, quais são as consequências da outra árvore? Para compreender mais propriamente esta questão, primeiro precisamos olhar para um outro ser que foi criado antes da queda do homem. Lúcifer, a princípio, talvez, o maior e o mais santo dos anjos, é aquele de quem estamos falando. Tudo o que está simbolizado na árvore que traz a morte, pode ser delineado neste ser. Conseqüentemente, para compreender totalmente esta árvore e seus efeitos desastrosos, devemos também dar uma boa olhada em quem o diabo é e em como ele chegou ao que é, hoje.

No livro de Isaías, descobrimos que este anjo agora caído é mencionado como o “filho da alva” (Is 14:12). Tal título provavelmente indica que ele foi formado durante os primeiros estágios do trabalho criativo de Deus. Possivelmente ele foi o primeiro ser criado. Ainda uma outra passagem ensina que ele era “...o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza” (Ez 28:12 NVI).

É provável que este anjo fosse a mais poderosa, extremamente atraente criatura moldada por Deus, e que, sendo assim, ele era o segundo, abaixo de Deus, na cadeia de comando do Universo. Muitos de nós achamos que esta era uma posição extremamente boa para se manter, mas para ele havia uma pequena irritação. Este lugar sublime na presença do Altíssimo, trouxe consigo uma exigência. Ele tinha que ser completamente submisso a Deus em cada detalhe.

O PECADO DE LÚCIFER

Um dia, Lúcifer começou a notar sua própria beleza. Não há dúvida de que os

demais anjos também o admiravam. Ele claramente imaginava que seu poder e inteligência não tinham paralelo entre eles. Ele não conhecia outro que tivesse tantas habilidades a não ser o próprio Deus. Seu desejo de realmente magnificar-se a si mesmo e de exibir totalmente a sua grandeza, pouco a pouco, começou a crescer.

À medida que o tempo passava, o constrangimento de ser completamente obediente ao Pai e de usar toda a sua energia para servir somente a Ele, começou a lhe dar nos nervos. Ali, não havia lugar para auto-expressão. Todos os seus muitos talentos e tremenda criatividade estavam sendo desperdiçados por ser ele apenas um servo. Debaixo desta terrível escravidão, como ele poderia realmente conseguir a completa apreciação que ele julgava merecer? Então, como todos nós sabemos, com tais pensamentos fluindo em sua mente, a criatura a quem hoje nos referimos como Satanás, caiu em pecado.

Creio que deveria ser muito esclarecedor para nós compreender como isto ocorreu. Lúcifer não começou cometendo adultério com a sua secretária. Ele não matou alguém inicialmente, nem roubou uma velha senhora andando na rua. Não, nenhuma destas coisas, que parecem “tão más” para nós, iniciou sua decadência.

Pelo contrário, seu primeiro ato pecaminoso foi algo que, para muitas pessoas, parece extremamente natural. Ele tomou uma decisão – a decisão de tornar-se independente, a decisão de dirigir sua própria vida. Ele disse: “Eu subirei...exaltarei o meu trono...serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14:13,14).

Aqui, ele rejeitou todas as restrições e começou a afirmar sua própria vontade, rebelando-se contra o Deus Todo-Poderoso. Este foi seu primeiro pecado. Ele deixou sua primeira posição de total dependência e submissão a Deus e começou a exercer sua própria vontade, em busca de seu próprio prazer. Claro que o orgulho fazia parte disso. Mentira, adultério espiritual, roubo e assassinato vieram logo atrás. De fato, tudo o que é contrário à retidão de Deus tornou-se dele, neste simples ato: rebelião contra a única autoridade verdadeira.

Com tudo isso em mente, agora nós podemos começar a examinar a segunda árvore – a árvore do conhecimento do bem e do mal. Evidentemente, quando Adão e Eva foram criados, existia a falta de alguma coisa dentro deles. Eles não possuíam a capacidade de discernir entre o bem e o mal. Isto, então, os colocou em uma posição onde eles tinham que depender de Deus. Conforme já discutimos previamente, em muitos aspectos, eles

foram feitos semelhantes ao seu Criador, mas nesta área de tomar decisões morais, eles foram forçados a confiar em Sua liderança e direção.

Entretanto, havia uma árvore que compartilhava conhecimento, não muito distante. Havia uma outra “fonte”, um outro “caminho” operando no Universo, e estava disponível para eles. Embora ele fosse proibido, tinha sua representação no Jardim do Éden. Provando dessa árvore, o primeiro homem poderia ganhar algo que ele não possuía – independência. Uma mordida deste fruto, e eles nunca mais precisariam estar em uma posição subserviente e dependente. Eles poderiam ser como Deus.

TRÊS ENGANOS SUTIS

Esta foi exatamente a tentação que iludiu Eva e, então, corrompeu Adão. Quando a serpente veio para enredá-los em sua trama, ela o fez com grande sutileza. Não há dúvida de que o diabo compreendeu inteiramente as conseqüências de comer da árvore errada. Evidentemente, ele já havia induzido muitos outros seres a segui-lo em sua rebelião e assim, já possuía bastante experiência.

Quando falava a Eva, apelou para três elementos de fraqueza, que ainda permanecem na raça humana hoje. De qualquer maneira, ele revelou a ela três coisas:

Número 1 – esta árvore é deliciosa (a cobiça da carne). Número 2 – é extremamente boa de olhar (a cobiça dos olhos). Número 3 – apenas uma prova dela fará vocês sábios o bastante para serem independentes de Deus (o orgulho da vida) (1 Jo 2:16). O último foi o argumento decisivo. Apenas uma pequena mordida poria fim à desconfortável submissão a um Outro e capacitaria Eva com o que ela necessitava para levar sua própria vida.

Interessante, são estas três mesmas atrações que o diabo usou para tentar o Senhor Jesus, no deserto. Nenhuma tática nova foi usada ali. Primeiro, já que Jesus estava faminto, o diabo tentou convencê-Lo a satisfazer Suas necessidades, transformando pedras em pão (por favor, lembre-se que foi o Espírito Santo que O levava ali e, portanto, o Pai era responsável pelo Seu bem-estar).

A seguir, ele trabalha com os seus olhos, mostrando-Lhe todos os reinos do

mundo e sua glória por um instante. Riqueza, honra e poder terreno estão completamente disponíveis para qualquer um que realmente vá atrás deles. Muitas pessoas, hoje, no mundo, e mesmo dentro da Igreja, estão descobrindo o poder da auto-afirmação.

Claro que, se esta é a sua tendência, inclinar-se para louvar o inimigo é também proveitoso. Entretanto, estou confiante que ele permitirá a alguns cristãos que estão interessados, passar por cima desta formalidade (pelo menos externamente). Se eles apenas usarem sua energia para promoverem a si próprios, gastarem seu tempo e dinheiro correndo atrás das coisas deste mundo, e, desse modo, construírem o reino escuro e egocêntrico do diabo, isto será certamente suficiente.

Finalmente, Satanás apelou para o ego. Ele disse algo como: “Se você é realmente grande, prove-o provocando uma grande cena que requeira a intervenção angelical. Exiba-Se completamente para que todos nós possamos admirá-Lo. Não Se importe com essa chata dependência de Deus. Se você é realmente o filho de Deus, você deve ter Sua própria autoridade. Faça algo realmente extraordinário para afirmar Sua independência e estabelecer Sua própria personalidade” (Lc 4:9-12).

Como deveríamos ser gratos a Jesus, porque Ele teve força para resistir a esta tentação! Ele era alguém que era verdadeiramente submisso ao Pai. Cada aspecto de Sua vida foi vivido em sujeição à vontade do Pai. A vida que Ele viveu, os trabalhos que executou e mesmo as palavras que Ele falou, estavam todos em perfeita harmonia com as direções do Alto (Jo 14:10). Ele veio a esta Terra, não para fazer Sua própria vontade, mas a vontade daquele que O enviou (Jo 6:38).

Infelizmente, Adão e Eva não possuíam a mesma força de caráter. A inocência deles não era igual à santidade de Cristo e assim mostrou não ser obstáculo para o inimigo. Quando confrontados com a possibilidade de se tornarem seus próprios senhores, eles agarraram a oportunidade. Aparentemente, a serpente não levou longos anos de tentação para convencer Eva. Uma pequena sessão de auto-expressão era tudo o que era necessário para persuadi-la a violar a ordem claramente dada por Deus e voltar-se contra Ele. Ela viu diante dela, facilmente, a possibilidade de tornar-se “completa”, independente e auto-suficiente. Ela pouco imaginava que outros “benefícios” viriam no mesmo pacote. Deus, com toda a razão, os tinha advertido a não compartilhar daquele fruto.

No momento em que Lúcifer decidiu auto-afirmar-se, a escuridão precipitou-se

sobre ele, colocando-o em oposição a Deus. As qualidades divinas, tais como Sua verdade, justiça, misericórdia, retidão, amor, humildade, majestade etc., tinham que ser contrariadas em um ser que estava em rebelião contra Ele.

Então, o caráter de Satanás tornou-se a antítese de todas estas coisas. Crueldade, ódio, violência, mentira, decepção, vaidade, e muito mais tornou-se a marca registrada de seu reinado. Esta única decisão de desobedecer mudou para sempre sua natureza gloriosa e a formosura com que fora criado, para uma natureza cheia de escuridão e do pior tipo de pecado.

Tristemente, nossos primeiros ancestrais entraram em uma experiência semelhante. Sua única decisão de se rebelar também custou muito a eles. Embora haja no homem caído aquilo que pode ser chamado de “bom,” o mal que o homem é capaz de praticar está além da descrição.

Quando Adão e Eva compartilharam do fruto, sua verdadeira natureza foi mudada. Eles não eram mais inocentes e dependentes. Eles não mais precisavam confiar em Deus para instrução concernente a padrões morais. Eles tinham se tornado independentes – seus próprios senhores. Conseqüentemente, eles também se precipitaram na escuridão e corrupção.

A ÁRVORE DO CONHECIMENTO

Creio que é importante para nós tomarmos aqui algum tempo para analisarmos a árvore da qual veio essa tremenda decepção. Primeiro precisamos notar que é uma árvore do bem e do mal. A maioria das pessoas provavelmente imagina que é uma árvore apenas do mal e que a outra árvore, a árvore da Vida, deve ser a árvore do bem. Entretanto, este não é o caso. Aqui, nós vemos que o conhecimento do bem está também na árvore sobre a qual Deus ordenou ao homem que não comesse. Compartilhar dela é pecado. Como podemos entender tal coisa?

Para começar, precisamos entender que a árvore que causa a morte é principalmente a árvore do conhecimento. Esta não é simplesmente uma árvore do “bem e do mal”, mas também uma árvore que concede conhecimento àqueles que provam dela.

Seu fruto tem o efeito de conferir a habilidade de distinguir entre o que é certo e o que é errado. Aqueles que compartilham dela podem saber por si mesmos a diferença entre o bem e o mal. Este “conhecimento” capacita os seus possuidores a serem seus próprios senhores. Eles podem então determinar seu próprio caminho na vida.

É precisamente aqui que Adão e Eva ganharam sua independência. Com tal sabedoria e conhecimento, eles podiam analisar suas situações e condições, avaliar as vantagens e desvantagens das opções disponíveis e tomar decisões. Bem, você pode perguntar, o que há de errado com isto? O problema é justamente o que vimos no início deste capítulo. Tudo isso pode ser efetuado em completa independência de Deus. Tais decisões podem ser tomadas sem submissão e confiança no Altíssimo.

Quando agimos deste modo, estamos sendo nossos próprios deuses. Estamos tomando o curso de nossas vidas em nossas próprias mãos. Estamos agindo de acordo com nossa própria sabedoria e compreensão. Isto, certamente, é apenas natural. Todo mundo faz. De fato, desde a queda de Adão e Eva, este é o modo pelo qual todos os simples mundanos conduzem suas vidas.

Mas Deus está olhando para aqueles que retornarão à Sua intenção original. Ele está procurando por aqueles que não se apóiam em seu próprio entendimento (Pv 3:5). Seu desejo é para aqueles que serão guiados, não pela sua própria inteligência e sabedoria; não pela sua própria habilidade de decidir por eles mesmos; mas por meio de sua comunhão com Ele: Adão e Eva se tornarem em como Jesus foi, uma expressão viva do Pai. Esta meta se cumpriria através da comunhão com o Pai e da submissão a Ele. Comer da árvore da Vida teria trazido Sua vida para dentro deles. Desta forma, a manifestação de Deus em suas vidas seria o resultado de seu relacionamento íntimo com Ele.

Se eles vivessem em comunhão com o Pai, todos os Seus pensamentos, suas atitudes e caráter poderiam ser infundidos neles. Este relacionamento de dependência os faria expressar Sua piedade pelo Universo. Seria uma espécie de retidão imposta que seria exibida por meio deles, mas que não começou com eles. Em vez desta gloriosa possibilidade, entretanto, Adão e Eva adquiriram um tipo de conhecimento que os habilitava a existir sem Deus, simultaneamente recebendo tudo o que isto envolvia.

Embora o caminho independente esteja ainda aberto para quem o escolher, os crentes em Jesus são chamados a compartilhar de uma outra árvore. Eles são chamados a

entrar num relacionamento com o seu rei, que os guiará. De fato, Ele entrará neles e os guiará do interior deles. Ele os proverá de um sabedoria que não tem origem nesta Terra. Ele pode conduzi-los a fazer coisas que, do ponto de vista humano, são tolices. Ele os fará viver de um modo que faz um tremendo sentido do ponto de vista da eternidade, mas pode parecer ridículo àqueles que dirigem seus próprios caminhos de acordo com o ponto de vista do mundo.

Veja, a sabedoria do mundo, fornecida pela árvore da morte, é tolice para Deus (1 Co 3:19). Pode parecer perfeitamente lógica, mas não leva em conta o ponto de vista divino. Pedro, usando seu próprio intelecto e sabedoria, pressionou Jesus a não ir para Jerusalém e morrer na cruz (Mt 16:21-23). Como parecia natural e correto, da perspectiva humana! Entretanto, de um ponto de vista celestial, era o trabalho e sabedoria de Satanás.

Você pode ver como é perigosa a sabedoria humana? Você pode avaliar quão rebelde pode ser nosso próprio uso do conhecimento que nós recebemos? Adão e Eva não puderam. Para eles parecia bom e agradável. Parecia libertador. Forneceu a eles um meio de serem independentes e autosuficientes. Como parece a você hoje? Você está atraído pelo pensamento de ser algo ou alguém? Ou você está atraído pela idéia de completa dependência de um Outro?

COMO NÓS USAMOS A PALAVRA DE DEUS

Enquanto nós estamos discutindo o conhecimento do bem e do mal, a capacidade de saber o que é certo e o que é errado, precisamos também mencionar o uso das Escrituras. A Bíblia nos foi dada por Deus. Toda a Palavra foi soprada de Sua boca (2 Tm 3:16). É proveitosa para correção, repreensão e ensino em retidão. Nós não podemos e, de fato, nunca deveríamos desejar contestar este fato.

Entretanto, também é verdadeiro que as Escrituras podem ser usadas erroneamente. Por exemplo, Satanás citou a Palavra de Deus na tentação de Jesus. Muitas e muitas pessoas, através dos séculos, incluindo alguns filhos de Deus, têm usado incorretamente e torcido as Escrituras para sua própria destruição (Pe 3:16).

Os fariseus são um bom exemplo deste engano. Eles sabiam, pelos textos de

Deus, onde o Messias deveria nascer, entretanto não foram adorá-Lo. Eles compreenderam que o preço do sangue não poderia ser aceito como uma oferta quando Judas devolveu o dinheiro (Mt 27:6). Entretanto, eles eram aqueles que o tinham pago! Eles liam as Escrituras diariamente para saber o que era certo e o que era errado, no entanto eles não vieram submeter-se a Jesus.

Como é fácil comer da árvore errada! Também é possível usar a própria Bíblia para descobrir o que está certo e o que está errado, o que é bom e o que é mau e, então, usar este conhecimento para guiar nossas próprias vidas. Os hipócritas do tempo de Jesus não eram os únicos. Hoje, também, nós encontramos muitos que usam as Escrituras freqüentemente, embora não estejam realmente submissos a Deus.

Uma vez que descobrimos por nós mesmos o modo correto e o incorreto, este conhecimento nos torna poderosos para agir de uma maneira independente. Nós podemos viver nossas próprias vidas de acordo com os princípios bíblicos. Nós podemos conhecer o bem e o mal, por nós mesmos, e tomar nossas próprias decisões de acordo. Este tipo de atitude não só é possível, mas é comum.

Muitos cristãos imaginam que eles podem padronizar suas vidas de acordo com as leis bíblicas ou princípios do Novo Testamento e, assim, ser agradáveis a Deus. Eles cuidadosamente estudam as Escrituras, descobrem o que é certo e o que é errado, o seja, bom ou mau, e tentam viver por este conhecimento. Deste modo, eles cumprem as Escrituras procurando estabelecer a sua própria justiça, não sujeitando-se à que realmente vem de Deus (Rm 10:3).

Espero que, por esta presente discussão, você possa começar a ver o erro dessa estratégia. A questão, aqui, não é “certo ou errado.” Eles estão ambos na mesma árvore – a que causa a morte. Em vez disso, a questão é rebelião x submissão. Quando aprendemos a viver em comunhão com Deus e na dependência Dele, Ele é aquele que nos guiará. Ele é aquele que resolverá nossos dilemas morais. Ele é aquele que nos dará compreensão de como e o quê devemos fazer.

Uma caminhada verdadeiramente íntima com Deus engloba um grande grau de inocência infantil, sem saber muito como tratar com a vida e todos os seus problemas, mas crendo, momento a momento, no Pai. Certamente a Bíblia é um dos principais veículos através dos quais Deus Se comunica conosco. Não há dúvida que a Bíblia é essencial em

nossa caminhada cristã. Nossa preocupação aqui é que deveríamos diariamente nos tornar mais dependentes de Deus e menos autosuficientes.

Você sabia que a Bíblia pode causar morte espiritual? Em suas páginas ela diz exatamente isso. Paulo nos ensina que “a letra” da Bíblia mata (2 Co 3:6). Isto significa que é possível usar as Escrituras de um modo errado, que causa morte espiritual. Se nós tomarmos o conhecimento bíblico em nossas próprias mãos e agirmos independentemente de Deus, tornamo-nos ministros de morte e escravidão. Como Eva, podemos comer da árvore da morte e compartilhar seu fruto com os outros. Nós podemos nos tornar pessoas cheias de conhecimento, conhecimento do que é certo ou errado, conhecimento do que deveríamos e do que não deveríamos fazer, conhecimento do que é bíblico e do que não é. Então, armados com este conhecimento, nós podemos passar esta informação a outros, na expectativa de que eles passem a agir seguindo essa informação. Este, meus queridos irmãos, é o ministério da morte.

CRISTANDE MORTA

Creio que você pode confirmar isso pela sua própria experiência. Você já encontrou cristãos que pensam que sabem tudo? Eles são mais corretos do que todos, em quase todas as coisas. Das páginas do livro de Deus, eles sintetizaram um completo esquema doutrinário para governar seu comportamento.

Embora haja pouco de seus ensinamentos que pareça estar errado, há um certo tempero na experiência, que não parece correto. Está faltando a doçura de Cristo. As atitudes e o caráter de Cristo não estão dominando. Em vez disso, o que é demonstrado é um sentido de demanda, conformidade e auto-esforço, para tentar alcançar algum padrão “bíblico”.

Este também é o ministério da morte. É comer da árvore do certo e errado, do bem e do mal. É usar a Palavra de Deus, embora sem estar verdadeiramente submisso a Ele. Obediência às exigências da lei, ou seguindo alguns princípios, não é a mesma coisa que comunhão íntima com nosso Senhor. Na Nova Aliança, falta de intimidade com Deus é realmente rebelião contra Ele!

Paulo, o apóstolo, explica que é o Espírito que dá Vida [ZOÊ]. As mesmas palavras bíblicas que poderiam causar morte quando ministradas pelo homem natural, dão Vida sobrenatural quando usadas pela autoridade e controle do Espírito Santo.

Paulo disse que ele era um ministro da Vida (2 Co 3:6). Seu uso das santas Escrituras não era algo derivado de sua própria inteligência. Não era proveniente de estudo e memorização. Embora acredite que ele meditasse diariamente nas Escrituras, ele sabia como se submeter a Deus. Ele compreendia que não era qualificado para agir independentemente, interpretar e expor as coisas de Cristo por si próprio. Ele sabia ser um vaso sob o controle de Jesus. Ele sabia como comer da árvore da Vida.

Aqueles que compreendem este segredo transmitem uma impressão diferente. Este fruto também tem um sabor distinto. Emanando da personalidade daqueles que passam pela Vida é o inequívoco sentido do divino. Há algo sobre eles que transmite a doçura Daquela a quem nós amamos.

O ÚLTIMO MINUTO

Talvez a precedente compreensão da vontade de Deus possa nos ajudar a entender porque muitas vezes nós temos que esperar até o último minuto pelo livramento sobrenatural. Quantas vezes nós clamamos a Deus, esperamos e esperamos pela Sua resposta e acabamos por tomar o assunto em nossas próprias mãos, assim como fez o rei Saul no Velho Testamento (1 Sm 13:715). Nós precisamos aprender a depender completamente de Deus. De novo e outra vez, Ele nos testará para nos ajudar a ver o quanto nós ainda confiamos em nossa própria força.

Como temos visto, este assunto é muito precioso ao coração de Deus. Está no centro de Sua vontade no que concerne ao homem. A verdadeira Cristandade é uma vida vivida em completa dependência do Pai. Isto requer um relacionamento íntimo e diário com Ele. Sem isto, a única escolha é comer da árvore de conhecimento e, com o auxílio de seu fruto, tomar nosso próprio rumo.

Como nós precisamos cultivar um relacionamento íntimo com Jesus! Somente deste modo estaremos compartilhando diariamente de Sua Vida. É esta Vida que nos

preenche e nos guia durante todo o dia. E é esta Vida que se derramará de nós para os outros em um ministério verdadeiramente espiritual. Jesus é a fonte desta Vida. Ele explica que, se viermos a Ele, Ele fará de nós uma fonte de Vida (Jo 7:38-39) borbulhando, transbordando e transmitindo esta Vida a outros, por toda a parte.

Em relação às coisas espirituais, há dois tipos de “conhecimento.” Um poderia ser chamado de conhecimento **a respeito de Deus**. O outro é o conhecimento **de Deus**. O primeiro vem de um estudo mental da informação disponível, o segundo vem da intimidade com Ele. Estas, queridos amigos, são as duas árvores. Elas estão ambas disponíveis. Qual delas você escolhe?

Muitos crentes imaginam que o crescimento espiritual é um resultado de aprendizagem. Achem que quanto mais eles aprendem, estudando a bíblia, lendo livros cristãos, indo para o seminário etc., mais eles crescerão espiritualmente. Parece comum pensar que, aumentando o conhecimento bíblico, irá acelerar-se o progresso espiritual. Mas isso não é o caso.

Se, por exemplo, você pegar um neném recém nascido para cuidar dele, o que vai alimentar e fazê-lo crescer? Se você fica com ele no seu colo enquanto você lê o dicionário audivelmente, isso vai fazer com que ele cresça? Se você fica recitando fórmulas de matemática ou lições de geografia para ele, vai assim amadurecê-lo? Claro que não! Ele vai morrer! Você está ministrando morte a ele.

O que o bebê precisa é de comida e bebida – nutrição real. Da mesma forma, nós precisamos comer da árvore da Vida. Precisamos beber e comer de Jesus. Esse alimento não vem de aprendizagem, nem de conhecimento, mas de intimidade com Deus. A própria Vida Dele é o alimento espiritual de que tanto necessitamos. O fruto da árvore do conhecimento nunca vai suprir a necessidade. O que precisamos não é mais informação a respeito de Deus, mas a revelação que vem da presença de Deus.

4.

AS DUAS NATUREZAS

O que temos visto nos capítulos anteriores deste livro é que Deus, desde o princípio, tinha um plano maravilhoso para o homem. Seu desejo mais profundo era criar um ser semelhante a Ele mesmo, que pudesse se tornar Sua noiva. Nosso Deus não estava satisfeito em estar sozinho para sempre. Então, moldou a humanidade com a capacidade de receber Sua própria Vida eterna. Estando preenchido com a Sua Vida, o homem poderia estar qualificado para entrar nesta indescritível união santa com Ele.

Este é, então, o trabalho central do Universo hoje. O compartilhar da Vida divina e a transformação da humanidade naquilo que ela necessita ser, para preencher os desígnios sobrenaturais, estão no centro de tudo o que está ocorrendo nos mundos espiritual e físico. A falha em compreender esta revelação básica irá nos impedir de andar com Jesus e de trabalhar com Ele para cumprir Sua vontade na Terra.

Muitas pessoas supõem que quando o trabalho de Deus em nós estiver terminado, vamos acabar “voltando ao Éden”. Em outras palavras, elas crêem que Deus está tentando nos trazer de volta ao estado original, em que Adão e Eva se encontravam no Jardim. Isto, eles presumem, seria a conclusão da santidade.

Entretanto, isto não é verdade. À medida que examinamos os primeiros humanos que Deus fez, descobrimos sérias deficiências. Em seu estado original, eles nunca poderiam preencher os desígnios de Deus. Em primeiro lugar, conforme vimos nos capítulos anteriores, eles não contêm a Vida de Deus. Isto os desqualifica para entrarem em uma união matrimonial com Ele. E também, examinando-os cuidadosamente, vimos que eles não tinham uma natureza santa, igual à Dele.

Sim, Adão e Eva eram sem pecado. Muitos eruditos da Bíblia os descrevem como “inocentes”. Mas, como vemos, inocência e falta de pecado não são a mesma coisa que santidade. Deus é extremamente santo. Esta é a essência de Sua natureza. E, porque Ele é santo, nós lemos que “...Deus não pode ser tentado pelo mal” (Tg 1:13). O pecado não interessa a Ele.

Não há nada, repito, nada em Seu santo ser que esteja um pouquinho interessado no pecado. Na verdade, Ele odeia o pecado! Por outro lado, quando Adão e Eva foram tentados, o que aconteceu? Eles caíram e caíram rapidamente. Você vê, seu estado inocente não foi páreo para o diabo. Não era a mesma coisa que a santidade de Deus.

Então, se a humanidade deve entrar em uma união matrimonial com o Altíssimo, algumas mudanças devem ocorrer em seu ser interior. Primeiro, precisamos receber Sua Vida divina e, segundo, precisamos ter uma natureza santa. Nosso Deus diz: “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:16). Além disso, lemos que devemos experimentar, “...santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14).

Em alguns grupos cristãos hoje, muitas pessoas gostariam de “passar por cima” da matéria de santidade. Elas afirmam que ser nascido de novo é suficiente e que a verdadeira retidão é algo que só iremos conseguir mais tarde, depois que morrermos. Uma pequena melhora está bem para eles, mas o sério livramento de todos os pecados é muito difícil e impraticável. “Afim”, eles dizem, “quem você conhece que é realmente santo?” Outros tentam considerar santidade como algo que só existe na mente de Deus. Eles afirmam que nós já somos santos porque Deus nos vê como seres santos. Não precisamos ser retos verdadeiramente porque as exigências de Deus já foram cumpridas por Jesus e, portanto, santidade não é mais uma meta. Estas idéias levantam muitas considerações sobre as quais não tenho espaço para tratar aqui, mas lidarei com elas em um capítulo posterior, “O Sangue da Aliança”.

É suficiente dizer aqui que, à medida que nós honestamente lemos o Novo Testamento, encontramos verdadeira santidade. Os apóstolos eram pessoas santas. Os crentes do Novo Testamento eram constantemente admoestados a se purificar, a se abster do pecado, a evitar a tentação e prazeres sensuais. Aqui, na Bíblia, lemos sobre homens e mulheres que exibiam uma retidão real. Era visível. As pessoas podiam vê-la mostrada nos discípulos. Essa retidão não era algo irreal, como uma fábula imaginária. Não era algo assim, mas um tipo de santidade que emanava das vidas dos seguidores de Jesus.

Não estou dizendo que eles eram todos perfeitos, mas a maioria deles não estava mergulhada em pecados e vícios carnis, desculpando-se em dizer que Deus os considerava retos. Estes discípulos eram amorosos, longânimos, dadivosos e perdoadores, pessoas que

odiavam o pecado. E o exemplo deles serve para todos nós. O modo como eles viviam é o modo como devemos viver neste mundo mau, atualmente.

Isto, então, nos traz o ponto crucial da questão. Como isto é possível? Como podemos nós, seres humanos pecadores, ser sempre santos? Como podemos nos aproximar dos padrões de santidade de Deus?

Para começar, precisamos compreender um princípio muito importante. Toda vida tem sua própria natureza. Por exemplo, um cachorro late, porque ele tem dentro dele a vida de um cão. Latir é da natureza da vida de um cão. Da mesma maneira, uma macieira produz maçãs, pois é da sua natureza produzir este tipo de fruta. Este é um princípio inalterável no Universo que Deus criou. Você nunca vai ver cachorros cantando como passarinhos ou macieiras dando bananas, porque não é da natureza de suas vidas fazer estas coisas.

Do mesmo modo, os seres humanos pecam. É a natureza da vida caída para pecar, que nós herdamos de Adão. Você nunca precisa ensinar as crianças a pecar. Vem naturalmente. É um produto espontâneo da vida que está dentro delas.

Conheço uma mulher, cuja mãe pensava diferente. Ela pensava que o pecado era algo que se aprendia com os outros. Então, quando sua filha era pequena, ela a abrigou contra todas as más influências externas. Ela protegeu esta criança e a alimentou como uma plantinha tenra, livre de todo estímulo que a pudesse corromper.

Então, finalmente, chegou o dia em que esta criança “perfeita” devia ser introduzida no mundo. A mãe levou sua preciosa filha para visitar uma outra garota na vizinhança. Bem, não demorou muito para que um desentendimento se levantasse entre as duas garotas e, em breve, a “criança perfeita” estava batendo na cabeça da outra com uma boneca. O pecado é um produto da vida caída, que herdamos de nosso pai Adão.

Deixe-me esclarecer isto: as pessoas não estão sempre pecando, a cada minuto de cada dia. As macieiras nem sempre estão cheias de maçãs. Os cães não latem todo o tempo. Mas, eventualmente, sim. É inevitável. Em um determinado tempo, a vida pecadora dentro da raça humana sempre produzirá frutos. É impossível que não demonstre sua natureza fazendo isso.

Exatamente da mesma maneira, santidade é um produto espontâneo da Vida de Deus. Deus exhibe retidão porque a Vida dentro Dele é completamente “reta”. Ele é perfeito e

puramente santo. Não há pecado escondido nas profundezas de Seu ser. Ele não tem trevas dentro Dele. Deus não está “tentando” ser santo. Ele apenas é.

Além disso, nosso Deus é o único Ser do Universo que é assim. Portanto, há apenas um único jeito de exibir esta mesma santidade. Precisamos ser enchidos com Sua Vida santa, sem pecado. Isto é certo. O único modo de ser verdadeiramente justo é ter a Vida justa dentro de você. À medida que você vive com esta Vida, você expressa a natureza dela. Quando esta Vida perfeita se manifestar por meio de seu ser, você exibirá uma maravilhosa santidade. Esta retidão não é nossa “justiça própria” (Fp 3:9). Embora seja vista em você, é, na realidade, a retidão de “um Outro”. Creio que este fato importante merece se repetido. O único modo de ser santo é viver pela Vida de Deus. Quando recebemos Jesus, recebemos uma Vida santa, não criada. E, quando vivemos por esta outra Vida, manifestamos a natureza desta Vida – a retidão.

VIVENDO PELO PAI

Jesus é um exemplo disto. Sem dúvida, Ele recebeu uma vida humana de sua mãe, Maria. Mas, Ele também recebeu a Vida divina de Deus. Nosso maravilhoso Salvador, constantemente, escolheu viver Sua vida pela fonte maior. Ele disse: “...como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente **eu vivo pelo Pai...**” (Jo 6:57). Jesus tinha o Pai vivo dentro de Si. Além disso, Ele “vivia pelo Pai”. Isto significa que cada aspecto de Sua vida era dominado pela Vida do Pai. Seus pensamentos, Suas reações, mesmo as expressões em Sua face, eram produtos da Vida sobrenatural pela qual Ele estava vivendo.

Portanto, Ele era uma completa expressão do Pai. Em tudo o que Ele falou e fez, o Pai foi manifestado. Em outro lugar Jesus afirmou: “As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (Jo 14:10). Você vê, Jesus não estava expressando a Si próprio. Ele nem estava falando Suas próprias palavras ou mesmo fazendo Suas próprias obras. Ele era submisso ao Seu Pai em cada detalhe de Seu ser. A Vida do Pai estava fluindo por meio Dele e a natureza do Pai estava se derramando para fora Dele. Jesus era uma manifestação perfeita do Todo Poderoso.

Do mesmo modo, podemos viver através de Jesus. (Por favor, não fracasse em entender isto. Esta pode ser uma das mais importantes revelações da Bíblia.) Nós podemos

ser motivados em cada aspecto de nosso ser por uma Vida sobrenatural. Jesus explica: “Assim como o Pai, que vive, me enviou e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta, por mim viverá” (Jo 6:57).

Isto é realmente excitante! Nós podemos viver por uma outra Vida. Nós podemos realmente ter uma Vida substituta vivificando cada aspecto de nosso ser. E esta Vida é santa, esta Vida é pura! Esta Vida não pode ser tentada pelo pecado. É reta em todos os aspectos. Aleluia! Esta é uma grande e maravilhosa verdade!

Nós, sim, meros seres humanos, nascidos de uma raça pecadora, podemos renascer para uma outra. Podemos nos tornar um dos filhos de Deus. Podemos receber a verdadeira Vida de Deus e, então, vivendo por aquela Vida, expressar Sua santa natureza ao mundo. Isto é verdadeira santidade. Isto não é algo que só existe na mente de Deus. Não é uma retidão invisível. Este tipo de retidão é real, prática e tangível. É algo que a Igreja de nossos dias precisa desesperadamente.

Esta é uma idéia maravilhosa, você pode dizer, mas como ela é possível? Estaremos explorando nos próximos capítulos deste livro vários aspectos desta questão, mas o mais importante é isto que é revelado aqui no verso supra citado. Jesus nos instrui a comer Dele. Ele afirma que, se O comermos, seremos capazes de viver por Ele.

Em outro lugar, Ele assegura que “..se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6:53). Esta palavra “Vida”, aqui, é a palavra grega ZOË, referente à Vida de Deus, que já vimos nos capítulos anteriores. Então, vemos que comer e beber Jesus é a chave para viver por Sua Vida. Quando nos enchemos Dele, Ele Se manifesta por meio de nós.

A IMPORTÂNCIA DA COMUNHÃO

Isto, então, nos traz a questão da comunhão. Ter “comunhão” com alguém significa ter um companheirismo íntimo com ele ou ela. Quando temos comunhão com alguém, ficamos juntos, abrimos nosso corações e temos uma troca íntima de idéias, palavras e sentimentos. Este significado da palavra “comunhão” é muito Bíblico.

Também na igreja, hoje, nós temos comunhão. Isto se refere à Ceia do Senhor,

quando nós participamos juntos, comendo pão e bebendo vinho. O que podemos compreender disto é que, experimentar intimidade, no espírito, é o ato de comer e beber Dele. Quando entramos em Sua presença, abrimos nosso coração a Ele e temos uma intimidade espiritual, estamos compartilhando do corpo e do sangue de Jesus. Estamos tendo comunhão. Esta comunhão íntima no espírito é uma parte essencial da vida cristã. Sem ela, não teremos vida [ZOÉ] em nós mesmos (Jo 6:53).

Se você se considera cristão e não tem idéia do que significa comunhão com Deus, por favor, procure alguém que ande em intimidade com Deus, para ajudá-lo. Não viva mais um único dia sem intimidade com Deus.

Comunhão com Deus está no centro de uma genuína experiência cristã. É a essência de nossa caminhada cristã. Sem me tornar legalista, devo insistir que esta deve ser sua experiência diária.

Como podemos entrar em tal comunhão com Deus? Para começar, devemos experimentar um profundo e completo arrependimento. Devemos colocar para fora de nossas vidas tudo aquilo que sabemos que desagrada a Deus. É impossível gozar de comunhão íntima com Deus enquanto estivermos envolvidos em algo que sabemos que Ele não gosta.

Pense sobre isto. Se você quiser passar um tempo agradável visitando um parente ou um amigo, mas está vivendo de uma maneira que ele desaprova, isto não afetará o tempo em que estiverem juntos? Certamente que sim.

Do mesmo modo, quando estamos envolvidos em atividades ou atitudes que afligem o coração do Senhor, isto irá limitar nossa intimidade com Ele. Você não pode ter uma doce comunhão com Jesus e ter pecado conhecido em sua vida. E sem esta comunhão você nunca estará “repleto” de Sua Vida e nunca expressará Sua natureza. A única alternativa, então, é esperar que Ele pense que você é digno, quando você sabe que não é. Pessoalmente, eu creio que é melhor ajustar nossas vidas conforme a Palavra de Deus, em vez de ficar procurando uma doutrina que nos desculpe por permanecermos do jeito que somos.

Além disso, todos nós precisamos de uma completa e inteira consagração. Precisamos oferecer nossos corpos como “um sacrifício vivo” a Deus (Rm 12:1). Nosso corpo, nossa alma e nosso espírito precisam ser entregues a Deus. Nossa mente, nossas

emoções e nossa vontade precisam se render ao Seu controle. Nossos bens, nossas esperanças no futuro, nossos planos, nossas famílias, nossas finanças: todas estas coisas devem ser, completamente e sem reservas, oferecidas em Seu altar.

Se não estivermos desejosos de obedecer Jesus em cada aspecto de nossas vidas, isto impedirá nossa comunhão com Ele. Crer em Jesus é uma coisa. Segui-Lo para onde quer que Ele vá, é outra. Para ter uma doce comunhão com Deus, precisamos ser obedientes à Sua voz. Precisamos desejar ir com Ele aonde quer que Ele vá. Jesus disse: "...onde eu estou, ali estará também o meu servo" (Jo 12:26).

Todos os cristãos precisam estar "cheios" do Espírito Santo. Isto também deve ser uma experiência nossa e não apenas uma doutrina. Não tenho interesse em debater quando ou como nós podemos ser cheios com o Espírito Santo de Deus. Eu só sei que isto é essencial e bíblico. Além disso, não vejo como é possível ser cheio com o Deus do Universo e não o saber.

Para ser cheio do Espírito Santo de Deus, precisamos nos abrir completamente a Ele. Nossos corações precisam estar prontos e desejosos de receber o que Ele quer nos dar. Depois de nosso arrependimento e consagração, estamos, então, na posição de entregar nossos corações e nos abrir completamente. Ele nos encherá Dele mesmo.

A dádiva do Espírito Santo é uma promessa de Deus. Procure-O e O achará. Se houver qualquer impedimento, Ele o revelará a você se, o seu coração for sincero. Lembre-se que Deus nunca forçará ninguém. Você deve estar totalmente preparado e desejoso, se quer receber tudo aquilo que Ele tem para lhe dar.

COMENDO A PALAVRA DE DEUS

Deus é revelado em Sua Palavra. Então é para lá que devemos ir para a experiência de "comer" Dele. Podemos nos alimentar Dele em Sua Palavra. O profeta diz: "Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração..." (Jr 15:16). Quando abrimos nossas Bíblias, precisamos ao mesmo tempo abrir nossos corações para Ele. Precisamos procurá-Lo em Sua Palavra.

Quando você ler a Bíblia, não se inquiete demais em tentar entender tudo. Em vez

disso, gostaria de recomendar que você procure ter comunhão com Deus em suas páginas. Permita que Ele fale com você. Ore a respeito do que Ele está te revelando. Releia os versículos ou as passagens que Ele ilumina. Medite sobre o que Deus está revelando a você sobre Ele. Comungue com Ele.

Desta forma, você estará se alimentando espiritualmente. Isto fará você crescer e se encher da Vida divina. Quando tal alimentação espiritual se torna um hábito diário seu, você começará realmente a viver pela Vida Dele (Jo 6:57). Então, espontaneamente começará a expressar a natureza de Deus ao mundo.

Como um cristão novo, li a Bíblia integralmente. Era um livro novo e vivo para mim. Mas, à medida que o tempo passava, eu queria entender tudo, especialmente o livro do Apocalipse. Logo estava lendo a Bíblia com o pensamento de tentar entender tudo. Eu queria compreender as feras, os chifres, os três sapos e todo o resto desta fascinante revelação. Continuando neste caminho por algum tempo, comecei a notar um problema. Este livro santo, que anteriormente tinha sido tão vivo e tão renovador, tornou-se seco e o meu entusiasmo para lê-lo desvaneceu-se.

Isto me fez clamar a Deus. Qual era o problema? Por que o meu tempo com a Sua Palavra era tão insatisfatório? Em resposta à minha oração, Deus me levou a um versículo. Dizia: “A vida [ZOË] estava nele e a vida era luz dos homens” (Jo 1:4). Daí, deduzi que é a Vida Divina que produz iluminação. Tentar compreender a Bíblia não produz Vida. Estudar, também não. Mas encher-me de Deus, através da comunhão com Ele, não era apenas satisfatório, mas também o meio que Ele tem de revelar coisas de Sua Palavra a mim. É a Vida que traz a luz – a revelação.

BEBENDO O ESPÍRITO DE DEUS

Deus também é derramado sobre nós através do Seu Espírito. Não apenas podemos comer de Sua Palavra, mas também podemos beber profundamente do Seu Espírito. Tudo o que temos de fazer é abrir nossos corações e deixá-Lo derramar de Si mesmo dentro de nós. Tudo o que Ele é está disponível abundantemente a nós através do Seu Espírito. Ele não goteja. Não é dado escassamente.

Derramar implica o esvaziar de alguma coisa. Ele não está dando um pouco por vez. Isto significa que nós podemos ter tudo aquilo que queremos. Se faltar um poquinho em nosso gole, não é por causa de Deus. Seu desejo é que nós participemos tanto e tantas vezes quantas desejarmos.

Podemos beber do Espírito de Deus em oração. Quando entramos em Sua presença através do comunhão com Ele, podemos beber de tudo o quanto Ele é. Orar no Espírito Santo é uma oportunidade maravilhosa de compartilhar da comunhão com Deus. Nestes momentos, tente permitir ao Espírito Santo guiar suas orações. Não tente orar somente sobre seus problemas. Você gostaria de ter um amigo que falasse o tempo todo sobre seus próprios problemas?

Permita que o Espírito de Deus encha você e o dirija nestes momentos de intercessão e comunhão. Na presença do Senhor é melhor ouvir do que falar (Ec 5:1). O Pai amoroso tem muito a revelar àqueles que têm um coração desejoso e receptivo.

Também nossos tempos de adoração são uma oportunidade de nos abrir amplamente e beber. Não apenas publicamente, mas nos nossos momentos a sós com Jesus, podemos beber do Seu Espírito, através do nosso louvor.

Quando adoramos, é importante nos humilharmos diante de Deus. “Adoração” e “orgulho” são opostos. No nosso mundo atual, encontramos muito pouco da atitude de prostrar-se diante de alguém e louvá-lo. Entretanto, Deus é digno de tal louvor. Quando chegamos diante Dele com o coração aberto e humilde, a adoração espiritual se torna um tremendo gozo. De fato, não conheço maior prazer na Terra do que entrar profundamente em uma experiência de adoração diante do Trono de Deus. Isto também é beber do Espírito do Senhor.

Comer e beber de Jesus, no Espírito, nos encherá com Sua Vida. E ser cheio de Sua Vida resultará em manifestar Sua natureza. Verdadeira santidade e retidão são produtos da Vida natural de Deus. É realmente uma coisa maravilhosa, que nós, seres humanos, possamos ser animados pela Vida de um Outro. Podemos permitir que uma Vida Superior tome controle de nossas mentes, de nossos sentimentos e de nossas decisões.

Nós, que nascemos simples mortais, menores até mesmo do que os anjos, podemos receber uma Vida “não-criada” e realmente ter esta Vida animando nosso ser. Jesus pode realmente ser nossa vida. Podemos nos tornar vasos que contém um grande

tesouro. Em vez de expressarmos a nós mesmos e a nossa natureza caída, podemos permitir que Jesus revele a Si mesmo ao mundo por meio de nós. Nós podemos verdadeiramente viver pela Vida Dele (Jo 6:57). Nossa responsabilidade, portanto, é nos enchermos com Sua Vida. A verdadeira comunhão é uma necessidade absoluta na vida cristã.

A Vida divina manifesta a natureza divina. Não poderá nunca ocorrer de outra maneira. Somente a Vida de Deus manifesta Sua natureza. Guardar a lei do Velho Testamento e os Dez Mandamentos, nunca poderá chegar a este mesmo alvo.

A razão para isto é que tais ordenanças externas são “fracas” (Rm 8:3) porque elas operam através da carne. Obedecer a lei requer a operação de nossa própria vontade e determinação.

Requer nossos próprios esforços. Envolve viver nossa própria vida. Embora uma pessoa muito forte possa conseguir chegar perto de “guardar a lei” e, portanto, de uma aparência de retidão, isto não satisfaz a verdadeira ordem de Deus. Nós lemos que “...visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei...” (Rm 3:20).

Por quê não? Porque guardar a lei não penetra no coração do homem. Não pode mudar sua verdadeira natureza. Somente a substituição de nossa vida pela Vida de Deus pode efetuar as mudanças que Ele realmente deseja.

IMITANDO DEUS?

O melhor que podemos fazer com nossos próprios esforços é chegar a um tipo de imitação de Deus. Quem deseja uma imitação? Certamente, Deus não! Ele diz que a justiça que podemos conseguir por nossos próprios méritos é “trapo[s] de imundície” para Ele (Is 64:6).

Este contexto me faz lembrar de uma foto que vi em uma revista: um chimpanzé vestido como um homem. Ele vestia casaco, gravata e um chapéu. Estava fumando um grande charuto. Muito embora ele estivesse vestido como um homem, todos podiam ver que era apenas um chimpanzé.

Do mesmo modo, muitos crentes estão se esforçando muito para agir como Deus.

Eles têm um certo código para se vestir, usam o cabelo de uma certa maneira. Há uma grande variedade de coisas que eles podem ou não podem fazer para parecerem santos, assim como Deus. Mas, quem tem olhos espirituais pode ver que este é um cristianismo de chimpanzé. É uma imitação da coisa real. É apenas um ser humano tentando se vestir e agir como Deus. Quão tolo isto é!

Esta verdade não apenas se aplica a guardar a lei, mas também se aplica a viver pelos princípios do Novo Testamento. Embora muitos cristãos compreendam que guardar a lei nunca poderá satisfazer a Deus, eles estão tentando viver suas vidas segundo um “kit” de princípios neo-testamentários. Eles estudaram o livro do começo ao fim e também de trás para frente, e sintetizaram dele um completo “jogo” de faça e não faça, de fazer e não deve fazer. Na verdade, há muitos professores bíblicos que estão cruzando o país, se não o mundo, propagando exatamente este tipo de cristandade. Eles crêem que não estão “guardando a lei”, mas que encontraram um novo modo de agradar a Deus, isto é, seguindo os princípios do Novo Testamento.

Infelizmente, este método também não atingirá o padrão de Deus. Isto também ocorre pelos esforços da carne. Também é cristianismo de chimpanzé. Nosso Deus só está satisfeito com Seu Filho. Ele é Aquele em quem o Pai Se compraz (Mt 17:5). É apenas quando Ele vê Seu Filho Se manifestando por meio de nós que Se contenta com o que vê. Somente a Vida de Deus manifesta Sua natureza!

Nos últimos anos têm havido uma campanha na igreja chamada “o que Jesus faria?”. Segundo este método, somos aconselhados a, em cada situação, antes de falar ou agir, parar e tentar imaginar o que Jesus faria. Então somos instruídos a agir como Ele o faria.

O fato de que as pessoas queiram expressar a Jesus é louvável. Não quero ser muito negativo. Mas a verdade é que este método nunca poderá se aproximar do santo mandamento de Deus. Em primeiro lugar, como podemos saber o que Jesus diria ou faria em determinada situação? É verdade que temos o Novo Testamento, onde podemos ler sobre muitas coisas que Jesus falou e fez. Entretanto, uma coisa que descobrimos lá é que Jesus era imprevisível. O que Ele fazia ou dizia era inesperado. É impossível para nós antecipar ou imitar Suas palavras e ações.

A Segunda coisa que aprendemos é que Ele disse e fez tudo vivendo pelo Pai. O

que precisamos desesperadamente hoje, não é uma imitação de Deus, mas uma **expressão de Deus**. O que o mundo necessita é ver Deus manifesto por meio de nós. Isto só pode se cumprir quando nós vivemos por uma outra Vida.

O Santo Espírito, que Deus nos deu, não é apenas algum tipo de aditivo. Muitos cristãos parecem crer que, embora os judeus nunca tivessem cumprido a lei, como é evidenciado pela história judaica, os cristãos podem, pois eles têm um novo combustível em seu tanque – o Espírito Santo. Com este novo aditivo, agora, eles têm o poder de fazer o que os judeus nunca puderam fazer. Por favor, entenda isto claramente. O Espírito Santo não foi dado para energizar a carne ou fortalecer a vida natural para que se possa viver como Deus. Isto está longe da verdade.

Em vez disso, o espírito de Vida (ZOÉ) em Cristo Jesus (Rm 8:2), foi enviado como uma substituição. A velha vida que foi herdada de Adão é defeituosa. Não pode ser concertada. Ela pode e irá pecar enquanto estiver ativa. Nenhuma quantidade de correção, retreinamento ou supressão poderá mudar sua natureza. A natureza da velha vida é pecar. Ela precisa ser substituída. As boas novas são que podemos receber e viver uma outra Vida. Esta Vida sempre expressa a natureza divina.

Alguns podem, então, perguntar: “Para que serve a Lei?” E por que foram escritos para nós tantos princípios no Velho e no Novo Testamento? Deus nos deu Sua Lei e os princípios por uma razão importante. É para nos mostrar o quão longe estamos de Sua retidão. É para nos convencer do pecado. Quando estamos agindo de uma maneira que não manifesta Deus, a lei nos exporá.

A Lei tem suas aplicação para: “...os transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, patricidas e matricidas, homicidas, impuros, sodomitas, raptos de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina... (1 Tm 1:9,10).

Os padrões de Deus não diminuíram. Apenas porque nós morremos para a Lei (Rm 7:4), apenas porque fomos perdoados, não significa que fomos liberados para pecar. Não! O padrão de Vida de Deus é ainda maior. O que estamos dizendo, aqui, é que a retidão requerida por Deus nunca pode ser encontrada pela velha vida, operando através da carne. Não importa quão bem intencionados, auto-controlados ou determinados possamos ser. Somente a Vida de Deus pode atingir Seus padrões. Somente Ele é verdadeiramente santo.

A Lei e os princípios bíblicos são uma representação da santidade de Deus. Eles nos mostram, de um modo limitado, quão puro Ele realmente é. Suponha que eu pudesse mostrar a você um retrato de minha esposa. Você poderia ver a cor dos cabelos dela, seus olhos e sua bela face.

Mas suponha que eu pudesse trazê-la para encontrar você. Como ela é melhor que o seu retrato! Ela se sentiria insultada se você continuasse a olhar para o seu retrato e não prestasse atenção nela. Ela é o cumprimento de seu retrato.

Do mesmo modo, Cristo é o cumprimento da Lei. Ele não é menos santo. Ele não nos dá permissão para pecar. Sua intenção é nos preencher com Ele mesmo. Ele quer viver em nós e por meio de nós, de um modo que a Lei seja uma mera sombra de retidão. Ele quer viver uma retidão sobrenatural por meio de Seu povo.

Queridos amigos, oro para que nosso Pai lhes dê uma inteira compreensão destas coisas. Verdadeiramente é um mistério. Simples palavras nunca poderão transmitir a magnitude desta revelação que é “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1:27). Minha esperança é que, de algum modo, através destas palavras, vocês possam ser estimulados a procurar mais por Deus e que vocês possam entrar em tal comunhão íntima com Ele que, com o tempo, vocês possam declarar como Paulo fez: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20).

5.

A SENTENÇA DA MORTE

Nos últimos capítulos, temos falado sobre o fato de que os verdadeiros cristãos têm, dentro deles, duas vidas, com duas naturezas. Do nosso pai Adão, nós recebemos uma vida natural, humana (em grego, PSUCHÊ), com uma natureza caída, pecadora. Quando “nascemos de novo”, recebemos de Deus, nosso Pai celeste, uma Vida não criada (em grego, ZOË), com a natureza divina.

Todo crente em nosso Senhor Jesus Cristo tem, dentro de seu ser, duas vidas que manifestam duas naturezas diferentes. Conseqüentemente, quando vivemos pela nossa vida natural, nós expressamos nossa natureza pecadora e, quando vivemos pela divina Vida, manifestamos a santa natureza de Deus. É aqui, então, que os cristãos encontram um dilema. Como é possível estar cheio da Vida de Deus e manifestá-la? Além disso, como é possível se libertar da velha vida que constantemente produz pecado?

No capítulo anterior, falamos da necessidade de comunhão com Deus para ser “cheio” de Sua Vida. Agora, vamos focalizar o plano maravilhoso de Deus para nos libertar do pecado. Para entender completamente o plano, necessitamos compreender inteiramente a corrupção da natureza humana.

Quando Adão e Eva compartilharam da árvore do conhecimento do bem e do mal, uma mudança profunda ocorreu dentro deles. A verdadeira natureza de suas vidas foi alterada. Eles se tornaram pecadores. A vida humana dentro deles, que antes era pura e sem pecado, tornou-se manchada pelo pecado. O fruto da vida caída é o pecado. É o produto espontâneo da vida caída que estava dentro deles.

Os homens hoje pecam, não porque eles escorregam de vez em quando e fazem algo errado, mas é porque é da natureza deles agir assim. O que provém deles é simplesmente uma expressão do que está dentro deles. Embora a completa expressão desta propensão para o pecado seja mantida sob algum controle pelos governos, pressão dos outros e pela consciência humana, em vários momentos da história este princípio do pecado

tem sido irrestrito. Talvez, a história de Sodoma e Gomorra e o mais recente exemplo do holocausto nazista ilustrem adequadamente este ponto.

Alguns podem argumentar que o homem não é inteiramente pecador. Algumas vezes, o homem natural pode produzir alguns sentimentos, atitudes e obras realmente louváveis. Certamente é verdade que o homem pode exibir boas qualidades. Mas, mais cedo ou mais tarde, todos pecam. Pode ser de algum modo escondido, secreto, talvez mesmo somente em suas mentes, mas “...todos pecaram e carecem da glória de Deus...” (Rm 3:23).

Se nós pudéssemos ver profundamente no coração de cada homem, como Deus faz, sem dúvida iríamos encontrar em cada “bom” pensamento ou ação um elemento de satisfação própria, orgulho ou motivação egoísta. Este tipo de egoísmo desqualifica a pessoa de ser verdadeiramente reta como Deus é. A verdade é que o homem é irreparavelmente pecador.

Talvez uma boa maneira de compreender o problema seja pensar em uma jarra cheia de suco de fruta. Este suco é saudável e delicioso. Mas vamos supor que alguém venha e jogue um pouco de veneno no suco. Todo o conteúdo fica contaminado. Torna-se impróprio para beber. Teoricamente, há uma grande quantidade de suco “bom” na jarra. Mas todo ele se tornou impróprio para beber. Não há maneira de separar o suco do veneno. A única solução é jogar tudo fora. Dependendo do vasilhame, até mesmo ele deve ser descartado.

Quando Deus criou o homem, Ele deu instruções referentes à árvore do conhecimento com um severo aviso. Ele disse: “...no dia em que dela comerdes, certamente morrerás” (Gn 2:17). Deus pronunciou esta sentença com razão. Compartilhar desta árvore significava ter a sua natureza mudada, suas vidas poluídas. A única solução para o pecado é erradicar o pecador. O pecador, para não pecar mais, certamente deve morrer.

No Universo que Deus criou, este é o único caminho. A solução para o pecado é a morte. O pronunciamento original de Deus era verdade e ainda é verdade hoje. A Bíblia diz: “Pois quem morre fica livre do poder do pecado” (Rm 6:7 TLH). Esta é a única possibilidade de livrar a humanidade do pecado. A própria raça toda necessita ser eliminada. O veneno contaminador não pode ser separado do “suco”. Tudo deve ser jogado fora. Paulo, o apóstolo, confirma esta verdade em sua própria vida, afirmando: “Contudo, já em nós

mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos...” (2 Co 1:9).

O PLANO DIVINO

Nos capítulos anteriores, estivemos vendo que Deus criou o homem com um plano maravilhoso em Sua mente. Seu desejo divino era formar uma criatura à Sua imagem e semelhança que, eventualmente, iria receber Sua Vida e tornar-se Sua noiva. Com a queda da humanidade, parecia que este desejo de nosso Senhor estava impedido. O que originalmente fora puro e bom, tinha sido contaminado pelo mal. Entretanto, nosso Deus é extremamente sábio. Mesmo antes da fundação do mundo, Ele anteviu que tudo isto iria acontecer. Com este conhecimento prévio, Ele planejou e preparou um modo de eventualmente cumprir tudo aquilo que estava em Seu coração.

A primeira parte de Seu plano, que compreendemos, foi que Deus ofereceu aos seres humanos uma Vida substituta. A Vida de Deus (Ef 4:18), que nós podemos receber através de Jesus Cristo, é verdadeiramente a resposta. É esta Vida que agrada a Deus e é esta Vida que não vai pecar e, de fato, não pode pecar. Esta é a Vida ZOÊ, sobre a qual falamos no capítulo 2.

A segunda parte do plano que estaremos investigando, aqui, é como a velha vida da alma, com sua velha natureza, pode ser eliminada (vamos ser bem claros aqui, que não estamos falando de perder a nossa vida física, mas sobre a vida da alma ou PSUCHÊ). Há limitado “espaço”, em cada ser humano. Não podemos ser preenchidos até a borda com duas vidas ao mesmo tempo. Para sermos preenchidos com a Vida de Deus (ZOÊ), precisamos ser libertos de nossa própria vida (PSUCHÊ). Como compreendemos aqui, a solução para o problema é a morte. Certamente devemos morrer.

Este é um aspecto do evangelho que poucos cristãos compreendem. Muitas pessoas recebem a Jesus com a esperança de uma grande melhora em suas vidas. Talvez, sejam levadas a acreditar que irão se sentir melhor, que irão encontrar a solução para todos os seus problemas ou mesmo que se tornarão ricas e prósperas. Mas a verdade de Deus aparece sobre elas. Jesus afirmou claramente: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16:24).

Naqueles dias de Jesus, ninguém carregava uma cruz para se divertir. Também, quando alguém carregava uma cruz, não andava sozinho. Ele estava cercado com soldados romanos. E ele estava indo para um só destino – a morte. Portanto, quando Jesus nos instruiu a tomar nossa cruz, estava falando justamente sobre esse evento, nossa morte. Receber o dom da Vida de Deus e segui-Lo significa que você precisa morrer. Você, sim, você, pecador, precisa ser eliminado do Universo. Esta é a única solução para você.

É parte integral do plano de Deus. Embora nós talvez preferamos focalizar o amor de Deus, nossa morte também faz parte do evangelho e, para realmente compreender o evangelho, precisamos entender o aspecto da morte muito claramente.

Você realmente foi convencido do pecado? Você realmente compreende pela luz de Deus o quão podre você é em seu interior? Você realmente se arrependeu, não apenas do que você fez, mas também pelo que você é? Quando você recebeu Jesus, fez isso com a compreensão de que esse era o fim de sua vida?

Se você não pode honestamente responder “sim” a estas questões, então o seu relacionamento com Jesus não está correto. Você não entendeu bem o evangelho e corre o risco de perder a maior parte, se não tudo, do que Deus tem em mente para você.

Vamos tomar um tempo aqui para falar do batismo. O batismo é claramente parte integral da mensagem que Jesus pregava. Nós lemos: “Quem crer e for batizado, será salvo” (Mc 16:16). Paulo e os outros apóstolos também praticavam o batismo. Mas o que batismo significa? Significa que estamos prontos para morrer. Ser imerso na água não é um banho. Simboliza afogamento, morte. Nós somos batizados na morte de Jesus (Rom 6:3).

Nosso batismo significa que estamos confessando, diante de todo universo, que somos merecedores da morte e que realmente estamos prontos e desejamos experimentar a morte que Cristo tem para nós. Significa que compreendemos a podridão de nosso pecado e concordamos com o julgamento de Deus sobre ele.

Nosso batismo testifica, até o fim de tudo aquilo que éramos, que somos ou mesmo que queremos ser. Estamos concordando com a sentença de morte de Deus e prontos para que Ele a aplique em nós. Se você foi batizado sem esta nítida compreensão e convicção você verdadeiramente tem perdido a mensagem de Jesus.

MORTE E RESSURREIÇÃO

Jesus disse: “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11:25). Aqui está um grande e importante mistério. Em Jesus Cristo, podemos realmente experimentar a morte e ainda viver. O julgamento inalterável de Deus de que precisamos morrer pode ser executado sobre nós sem nos eliminar completamente. Nosso Pai, em Sua grande sabedoria, preparou um jeito de passarmos pela morte sem sermos destruídos. Em Cristo, o que somos como ser humano natural, pode ser crucificado e substituído por tudo o que Ele é. Nós podemos passar da morte para a Vida (1 Jo 3:14).

Aqueles que estão em Cristo não evitam a morte. Eles passam através dela. A necessidade de Deus eliminar os pecadores não mudou e nem pode mudar. Se fosse para Ele permitir aos pecadores entrar em Seu reino eterno, eles iriam poluir o novo mundo, assim como poluíram o velho. Nenhum pouco de restrição da velha natureza irá qualificá-los para entrar no reino de Deus. Ela deve ser eliminada. E o será. Glória a Deus, porque Ele preparou um caminho para nós. Nele, podemos experimentar a morte e a ressurreição. Assim como Noé, em sua arca, passou pelo julgamento de Deus e não morreu, assim, entrando em Cristo, nós também podemos passar da morte para a Vida.

A cruz de Cristo está no centro da mensagem do Evangelho. Este instrumento romano de tortura e morte está no âmago da cristandade. Mas o que ela significa? Não é apenas um símbolo cristão ou uma peça de joalheria. Ela fala do final da vida. Ela significa o seu fim. Significa que você acabou. Suas esperanças, seus sonhos, suas opiniões, desejos, cuidados, planos e futuro, tudo se acabou. Você foi julgado e crucificado. Não há mais nenhum lugar para “ego” no Universo de Deus.

E, em seu lugar, pode existir a Vida de um Outro. Alguém maior e mais poderoso do que você está pronto e desejoso de preencher você com tudo o que Ele é. Não será mais você quem será visto e ouvido. Não mais predominará aquilo com o que você se importa. Ao contrário, o Deus do Universo usará a sua mente, suas emoções, desejos e mesmo o seu corpo para fazer a vontade Dele na terra.

Quando Jesus morreu na cruz do Calvário, de um modo espiritual que é difícil compreender, nós também morremos com Ele. (Rm 6:4-6). Quando Ele foi levantado dos

mortos, nós também fomos levantados com Ele. A cruz de Cristo é um lugar de morte e ressurreição. É lá que uma troca importante é feita.

Na cruz, trocamos tudo o que somos por tudo o que Ele é. Nossa vida da alma, com sua natureza pecaminosa, morre, e a Sua Vida, com a Sua natureza santa, passa a viver em lugar dela. Nós diminuímos e Ele cresce (Jo 3:30). Nossa morte com Ele é uma entrega maravilhosa daquilo que somos para que haja lugar para o preenchimento com tudo o que Ele é.

Se você deseja e está pronto para isto, é uma grande bênção e libertação. Se você ainda não determinou em sua mente que isto é o que você necessita e deseja com todo o seu ser, então você terá grande dificuldade em experimentar qualquer progresso espiritual. Sem a experiência da cruz, não há verdadeiro cristianismo. Sem a morte de Cristo operando dentro de nós, não pode haver um genuíno caminhar com o Senhor Ressurreto. Somente através da cruz de Cristo, podemos ser libertos do que nós somos e ser preenchidos com o que Ele é. É a cruz que nos traz para dentro de Deus e que traz Deus para dentro de nós, de uma maneira poderosa e sobrenatural. Sem morte, não poderá haver ressurreição. (Veja Filipenses 3:10, 11).

Para andar em “novidade de vida” (ZOÊ) conforme Romanos 6:4, nós primeiro precisamos passar pela morte. Isto não é algo que acontece imediatamente. É um processo gradual. Se estamos desejando caminhar com Jesus, experimentaremos a morte a cada dia. Paulo escreve: “Dia após dia, morro!” (I Co 15:31). À medida que a Vida de Deus cresce dentro de nós, a experiência da cruz se aprofunda. Devemos estar: “...levando sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo” (2 Co 4:10).

A aplicação ou a experiência da cruz de Jesus Cristo – a execução da sentença de Deus – torna-se real para nós através do Espírito Santo. Não é algo que possamos fazer por nós mesmos. Nenhuma quantidade de esforço irá alterar a natureza da nossa vida da alma. Mesmo nos empenhando para “negar a nós mesmos”, não chegaremos ao alvo. À medida que nós simplesmente aprendemos a andar no Espírito, dia a dia, tudo o que existe em Cristo torna-se real para nós. A morte de Jesus na cruz torna-se nossa experiência diária, à medida que somos continuamente “enchidos” com o Espírito Santo. É o Espírito de Deus que aplica a morte de Jesus sobre a nossa vida e natureza pecadora. Sua palavra diz: “...se

pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis [tereis Vida ZOÊ] (Rm 8:13).

Esta verdade nos ajudará a compreender a necessidade de sermos “preenchidos” por Deus, a cada dia. Nossas habilidades e forças naturais não são mais úteis enquanto estiverem debaixo do controle de nossa velha vida. A menos que estejamos andando diariamente com o Santo Espírito e na luz de Deus, nunca estaremos livres daquilo que somos como homens naturais. Nunca teremos uma vida vitoriosa sobre o pecado. Somente através da ação do Espírito Santo tornando a morte de Cristo real para nós, teremos a experiência diária da ressurreição.

Aqui está o segredo do verdadeiro cristianismo: a experiência da morte e ressurreição de Jesus. Este segredo foi demonstrado pelos três sábios que vieram ver o Senhor em Sua encarnação. Estes sábios trouxeram três presentes: ouro, incenso e mirra.

Mirra é um condimento que os homens daqueles tempos usavam para embalsamar corpos mortos. Portanto, este presente fala da morte de Cristo. Incenso é uma madeira que, quando queimada, produz uma fumaça suave que sobe, referindo-se à ressurreição e ascensão de Cristo. Ouro é o único metal que não oxida, ou seja, não enferruja. Ele representa a natureza incorruptível de Deus. Unir todas estas coisas nos dá um quadro maravilhoso. A experiência da morte e ressurreição de Jesus nos leva à posse da natureza divina, o ouro puro que Ele é.

A OFENSA DA CRUZ

Se você está lendo esta mensagem e de modo algum não foi ofendido por ela, talvez você não esteja compreendendo bem o que está sendo dito. A pregação da cruz é verdadeiramente uma ofensa. Para muitos é um ponto de tropeço. Quando Jesus explicou à grande multidão de seguidores que Ele seria crucificado, a maioria O deixou. Eles foram ofendidos pela idéia da morte. Paulo claramente nos conta que Jesus é a “pedra de tropeço e rocha de escândalo” (Rm 9:33). A verdadeira idéia de que o que nós somos nunca será aceitável a Deus é uma pílula amarga para engolir.

Admitir que somos pecadores e que necessitamos ser substituídos por Outro é

humilhante ao máximo. Portanto, somente aqueles que se humilham podem entrar no reino de Deus. Verdadeiramente, Jesus disse: “E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço” (Mt 11:6).

A cruz de Cristo, freqüentemente, causa ofensa. Levar à morte áreas de nossa vida que amamos e que apreciamos pode ser extremamente difícil. O que somos por natureza, que aparentemente parece tão bom, é, na realidade, um obstáculo ao melhor de Deus. Entretanto, no meio do sofrimento de nossa situação, esta verdade pode ser difícil de ser vista.

Embora possa haver problemas óbvios em nossas vidas, dos quais nos sentimos alegres de nos livrar, não é raro descobrir que Deus deseja matar algo que nós consideramos precioso. Precisamos estar preparados para isto. Nossa fé precisa descansar em Deus, acreditando que Ele vai levantar da morte algo muito melhor do que aquilo que entregamos a Ele.

Infelizmente, muitos crentes em algum momento ou situação difícil, ficam ofendidos e, então, se distanciam de Jesus. Embora eles continuem a ser “bons membros da igreja” e levem, exteriormente, vidas corretas, internamente eles estão resistindo ao Espírito Santo. Eles chegaram a um determinado ponto em que se recusam a ceder mais a Deus e, lá, eles permanecem. Na realidade, tais pessoas pararam de seguir o Senhor. Esses crentes estão em uma posição espiritual muito perigosa.

O endurecimento do coração de um homem pode ser tão devagar que é quase imperceptível. Mas, no final, o resultado é destruição. Nada da velha vida será capaz de permanecer na presença de Deus. Nossa velha natureza adâmica não pode herdar a eternidade.

O trabalho que Jesus Cristo fez na cruz foi completo. É absolutamente suficiente para nos transformar em Sua imagem, de um grau de glória a outro (2 Co 3:18). Nenhuma parte de nossa vida foi etiquetada “difícil demais”. Deus nos abriu o caminho para sermos feitos completamente novos. Entretanto, esta experiência requer alguma cooperação nossa. Deus não vai nos forçar a nada. Precisamos desejar negar a nós mesmos, pegar a nossa cruz e segui-Lo.

Não há dúvida de que a velha natureza se oporá a esta crucificação. Muitas vezes, alguma coisa dentro de nós gritará que isto é demais, que isto é difícil demais, que

esta não deve ser a maneira de Deus, que isto não pode ser verdadeiro cristianismo. O amor a si mesmo é o inimigo da cruz e, portanto, o inimigo de Cristo. Reconhecer este inimigo como ele é e condená-lo com o mesmo julgamento com que Deus o julgou, é o único modo de sermos capazes de andar em novidade de Vida e no poder da ressurreição.

Quando Jesus estava explicando aos discípulos que ele precisava morrer, Pedro, um dos Seus mais ardentes seguidores, discutiu com Ele, dizendo: “Senhor; isso de modo algum te acontecerá” (Mt 16:22). Em outras palavras, ele estava dizendo: “Não seja tão duro consigo mesmo! Certamente você não precisa de tão drástica solução!”

Esta também é a nossa freqüente resposta, hoje. Nós achamos que experimentar a cruz é muito difícil. Certamente, no amor de Deus, Ele poderia ter um caminho mais fácil. Mas qual foi a resposta de Jesus a este apelo por auto preservação? Ele disse: “Arreda Satanás! ... porque não cogita das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16:23). A solução de Deus para o pecado é a morte. Jesus morreu em nosso lugar, para que, por meio Dele, pudéssemos passar da morte para a Vida.

Alguns cristãos, erroneamente, pensam que Jesus era “um segundo Adão”, indicando assim que Ele veio para recomeçar e fazer o trabalho onde Adão falhou. Entretanto, este não é o caso. Jesus Cristo era o “último Adão” (1 Co 15:45). Quando Jesus veio a esta Terra, aos olhos de Deus, a raça de Adão terminou. A humanidade caída e pecadora terminou. O julgamento do Altíssimo sobre ela está sendo levado a cabo.

Quando chegamos a Jesus, nos tornamos parte de uma nova raça de seres. Tornamo-nos uma nova espécie de criaturas (2 Co 5:17). Agora somos parte da raça divina. Nos tornamos “filhos de Deus” (Gl 4:6). A raça do “velho Adão” é passado, e um novo tipo de ser regenerado está surgindo. Embora este trabalho esteja acontecendo em segredo, algum dia, quando os filhos de Deus forem manifestos (Rm 8:19), tudo o que tenha sido feito através de Cristo se tornará evidente.

UM ENGANO COMUM

Agora, eu gostaria de me referir a um engano comum. Algumas vezes, no Novo Testamento, estas verdades referentes à nossa morte e nossa ressurreição com Cristo, são

afirmadas como se já houvessem acontecido. Gálatas 2:19 diz: “Estou crucificado com Cristo”. Aparentemente indicando um trabalho já feito. Colossenses 3:3 afirma: “...porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus”. Há, certamente, um sentido pelo qual isto é verdade, porque quando Cristo morreu, Seu trabalho foi completo. Ele disse: “Está consumado!” (Jo 19:30).

Entretanto, isto pode criar confusão na mente dos crentes. Muitos não imaginam que esta crucificação deve se tornar real para eles. Eles não compreendem que as verdades bíblicas não têm valor para eles, a menos que eles as experimentem através do Espírito Santo.

Alguns, erradamente, pensam que, se eles simplesmente “acreditarem” que estão completamente transformados, então eles estão. Outros imaginam que, já que foram perdoados, então, tudo está bem, não imaginando que este é apenas o princípio e que Deus ainda tem um importante trabalho para fazer neles.

A verdade é que, a menos que entremos na *experiência* destas coisas, elas absolutamente não nos farão bem algum! Jesus Cristo morreu pelos pecados do mundo inteiro, mas apenas aqueles que, pela fé, se chegam a Ele, são beneficiados por isto. Do mesmo modo, o fato de termos morrido com Cristo e de termos sido ressuscitados com Ele não nos trará bem algum a não ser que, pela fé e obediência, entremos nesta realidade.

Não é suficiente, espiritualmente falando, simplesmente reivindicar a nossa “posição em Cristo”. Esta “posição” precisa se tornar a nossa experiência! Se nós não entrarmos nesta boa terra que o Senhor nos deu e a possuímos, então, mesmo que ela seja nossa na teoria, nós não vamos possuí-la. Pela fé no poder da ressurreição de Jesus, devemos clamar diariamente por a Sua morte, para que Ele possa nos levantar a fim de andarmos em novidade de Vida.

POR QUE NÓS SOFREMOS?

Em uma leitura cuidadosa do Novo Testamento, é óbvio que o sofrimento é uma grande parte da experiência cristã. Embora alguns preferissem tentar eliminar o sofrimento

do evangelho, ele claramente faz parte de cada livro do Novo Testamento. Já que Cristo sofreu e morreu por nós, por que é necessário que sofram?

Mais uma vez, isto tem a ver com entrar na experiência de Cristo. A Bíblia diz: "...aquele que sofreu na carne, deixou o pecado" (1 Pe 4:1). Pedro nos ensina que somos participantes do sofrimento de Cristo (1 Pe 4:13). Paulo afirma que somos "participantes dos sofrimentos" (2 Co 1:7) e que ele estava entrando na "comunhão de seus sofrimentos" (Fp 3:10).

Estes e outros versículos mostram claramente que os seguidores de nosso Senhor Jesus Cristo experimentarão sofrimentos, não apenas vindos do diabo, mas também pelas mãos de Deus. Por que isto é necessário e como isto funciona? Uma razão importante para que Deus permita o sofrimento é efetuar transformação em nossas vidas. Todos no mundo sofrem, de uma maneira ou de outra. Entretanto, não são transformados à imagem de Cristo. Mas o sofrimento que Deus permite serve para um propósito muito importante, para aqueles que estão entrando na Vida. As dificuldades e dores pelas quais passamos nesta vida trabalham em nós para expor o pecado.

Quando sofremos, nossa reação a isto é freqüentemente pecaminosa. Nós reclamamos, nos tornamos indivíduos lamurientos. Nós nos tornamos irados, amargos, incapazes de amar e odiosos. Nossas dificuldades mais severas trazem de dentro de nós todo tipo de impiedades. Subitamente, nossa própria retidão, nossa própria bondade não existem mais.

Por exemplo, quando alguém causou a você uma extrema dor física ou emocional, por muitos anos, mais cedo ou mais tarde, seu próprio esforço para suportar se esgota. Seu coração se volta contra ela. Você gostaria de vê-la morta. Você se torna um assassino em seu coração! Não, espere! Você não se tornou um assassino, você sempre foi um! Isto apenas estava dentro de você, escondido de você e dos outros. Esta e muitas outras reações similares são expostas dentro de nós pela operação do sofrimento.

Até que tenhamos sofrido, realmente, não sabemos como somos interiormente. Deus, entretanto, sabe o que permanece dentro dos nossos corações. Portanto, ele permite que sofram, para mostrar-nos o que Ele realmente vê. O sofrimento é a escavadeira de Deus. Através dele, Deus escava nossos corações, para revelar as profundezas do mal que lá reside.

Freqüentemente, somos tentados a pensar que não somos realmente tal tipo de pessoa, é apenas o sofrimento por esta determinada situação que nos fez agir ou falar assim. Meu amigo, deixe-me contar-lhe um segredo. Nada pode sair de seu coração se já não estiver lá dentro. É "...a boca fala do que está cheio o coração" (Lc 6:45).

Nós pecamos porque o pecado mora em nossos corações. Pecar é da nossa natureza. Em cada ser humano moram, mais ou menos escondidos, as mais repulsivas reações e desejos. Tudo o que precisam é de uma oportunidade adequada para se expressarem. Assassinato, luxúria, ódio, paixões imundas, falatório, mentira, ganância, orgulho, ciúme e muitas outras coisas detestáveis moram em cada homem natural. Se você não sabe disto a respeito de si mesmo, então, você realmente ainda não sofreu e não teve a oportunidade de realmente se arrepender diante de Deus por aquilo que você é.

O sofrimento nos traz a oportunidade de morrer. Quando o pecado é revelado dentro de nós, então nós temos a magnífica oportunidade de nos arrepender e negar a nós mesmos. Nós podemos negar a nossa própria vida o direito de expressar sua própria reação natural à nossa situação. Podemos, pelo Espírito Santo, morrer para nós mesmos e viver para Deus.

É assim que o sofrimento pode trabalhar para o nosso bem. Quando sofremos e encontramos em nosso interior reações ruins, podemos nos arrepender e clamar a Deus para que Ele substitua aquilo que somos por aquilo que Ele é. Podemos orar fervorosamente para que não nos seja permitido viver expressando tal mesquinhez, mas que Ele viva em nós e por meio de nós.

Crescemos espiritualmente, não simplesmente por sofrer, mas por nos voltarmos para Deus no sofrimento. Através da operação do Espírito Santo, a morte de Cristo pode ser aplicada à nossa velha vida e uma nova Vida eterna pode viver em seu lugar. Jesus já passou pela morte por nós. Quando nós entramos Nele, quer dizer, entramos em Sua presença pelo Espírito durante o sofrimento, então descobriremos a glória de Sua ressurreição.

Há sempre uma grande tentação, quando sofremos, de procurar conseguir libertação, descobrir uma forma de "escapar" da situação que está provocando dor. Então, como Pedro com o Senhor, sempre haverá uma pessoa bem intencionada por perto, para nos encorajar a fazer exatamente aquilo.

Quão fácil seria apenas descer da cruz e aliviar nosso sofrimento e morte da vida natural. Quão fácil é “conseguir aquele divórcio” ou sair de uma situação desconfortável! Entretanto, se tomarmos este caminho, jamais entraremos na plenitude de Cristo e na glória de Sua ressurreição. A escolha é nossa e deve ser feita a cada dia.

Não vamos culpar nossa situação por causa da nossa reação a ela. Quando o Senhor Jesus foi tentado, nada impuro foi encontrado. Antes que os judeus sacrificassem um cordeiro, era necessário que o sacerdote o examinasse para ver se havia nele algum defeito. Assim também, antes que Jesus fosse sacrificado por nós, era necessário que Ele fosse examinado por qualquer imperfeição.

Pôncio Pilatos O examinou. Herodes também teve a oportunidade. Os soldados romanos tiveram todas as chances possíveis de testar e tentar o Filho de Deus. Ele foi escarnecido, espancado, desnudado, torturado e, finalmente, morto. Durante todo este tempo, Ele não disse uma única palavra errada. Não expressou nenhuma atitude má. Nem sequer uma única expressão de Sua face revelou ódio ou vingança. Ele era verdadeiramente santo.

Nada pecaminoso se manifestou Nele, porque nada de mau existia dentro Dele. Ele passou no teste. Pilatos disse: “Não encontro motivo para acusar este homem!” (Lc 23:4-NVI). Tenho certeza de que ele não poderia dizer isto a respeito de nenhum outro homem. Herodes desistiu de tentar e devolveu-O a Pilatos. O líder dos soldados que, sem dúvida, tinha visto muitos outros homens esmagados sob tais torturas, testificou: “Verdadeiramente este era Filho de Deus!” (Mt 27:54). Ali estava um homem perfeito, sem pecado.

Queridos amigos, este é o Cristo que vive em cada crente. Sua Vida está em nós, e Ele deseja demasiadamente ser manifestado por meio de nós em cada situação de nossas vidas. O único obstáculo somos nós. Estamos prontos e desejosos de morrer para nós mesmos para sermos enchidos com Ele? Estamos desejosos de sermos libertos do que somos para recebermos aquilo que Ele é?

Ele não fará nada dentro de nós sem nossa completa permissão. Precisamos estar prontos para morrer, para tomar nossa cruz e segui-Lo. Vamos concordar com a sentença de morte de Deus sobre a raça caída. Vamos permitir, através de Jesus, que Ele execute Seu julgamento sobre ela. Só, então, estaremos na posição de experimentarmos tudo o que Ele é. Somente quando já tivermos experimentado a morte de Cristo trabalhando,

inteiramente, dentro de nós, e a ressurreição de Cristo fluindo através de nós, então seremos capazes de dizer como Paulo: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20). Isto precisa não apenas permanecer como nossa doutrina, mas tornar-se nossa experiência também.

6.

A SALVAÇÃO DA ALMA

Nos capítulos anteriores deste livro, estivemos investigando o plano eterno de Deus, que é preparar uma noiva para Si. Vimos que o homem foi criado à Sua imagem e semelhança para, finalmente, preencher Seu santo propósito. Para compreender este desígnio mais completamente, será necessário para o leitor compreender não apenas *por que* Deus fez o homem, mas sim *como* Ele o fez. Verdadeiramente nós fomos feitos de uma maneira “assombrosamente maravilhosa” (Sl 139:14). A partir desta vantagem, vamos então falar mais sobre o trabalho santo que Ele está fazendo em cada um de Seus filhos.

Como filhos de Deus, não devemos andar nas trevas. É desejo de nosso Pai que tenhamos compreensão espiritual do que está acontecendo em nossas vidas, seja em volta de nós, seja dentro de nós. É importante para nós compreender como o Santo Espírito está trabalhando para nos transformar e, assim, sermos capazes de cooperar com Ele neste importante trabalho.

Portanto, passaremos um tempo, aqui, para preparar algum fundamento acerca de nossa discussão nos próximos capítulos. Algumas revelações básicas necessitam ser implantadas em nós, algumas pedras de fundação, essenciais para nos fazer caminhar na luz e compreensão. Alguns de nossos leitores provavelmente já foram ensinados sobre estas coisas, então, isto deve servir de revisão. Para outros, confiantemente, elas se transformarão em entendimentos básicos, providenciando uma base para um grau maior de maturidade em Cristo.

Nosso Deus é um Deus vivo. Ele não tem interesse em residir confinado em um templo físico, feito por mãos humanas. Talvez imagens mortas, sem vida, tenham seu lugar em edifícios igualmente sem vida, mas o nosso Deus, que criou o Universo e vive para sempre, não tem interesse em estar limitado a um edifício terreno. Pelo contrário, Seu maravilhoso plano eterno inclui a idéia de viver dentro de seres humanos. Eles, sendo santificados e purificados pelo Seu Espírito, estão sendo transformados em lugar de morada para Ele.

A Bíblia claramente ensina que nós, o povo de Deus, somos o templo do Espírito Santo (1 Co 3:16). Vivendo dentro e por meio de seres humanos, nosso Criador pode expressar-Se em uma infinita variedade de modos. Portanto, quando falamos do templo de Deus, hoje e no futuro, precisamos ter em mente que estamos realmente falando sobre o povo de Deus – a Igreja.

Equipados com este entendimento, podemos olhar para o tabernáculo e o templo do Velho Testamento sob uma nova luz. Na análise final, Deus não desenhou aquelas estruturas como um lugar de habitação permanente para Ele. Em vez disso, elas devem ser consideradas como símbolos e também fontes de grandes revelações concernentes à Sua íntima morada em Seu povo.

Durante os séculos em que a Igreja Cristã tem existido, muitas pessoas do povo de Deus têm recebido várias revelações referentes ao tabernáculo do Velho Testamento. Alguns o vêem como um tipo de Cristo. Outros têm entendido que ele é a prefiguração do evangelho ou da mensagem da redenção. Estou certo que a totalidade da revelação contida nesta estrutura santa nunca será totalmente compreendida por homem algum nesta vida. Entretanto, estou igualmente certo de que, quando Deus deu instruções para o Seu tabernáculo, Ele tinha em mente Sua futura morada – Sua Igreja.

Portanto, quando examinamos esta “tenda de encontros” em detalhes, indubitavelmente podemos descobrir coisas sobre o homem e como Deus o fez para cumprir Seus desígnios. Através do tabernáculo, podemos descobrir algo sobre nós mesmos e o como e o porquê Deus está trabalhando em nós e através de nós.

Com isto em mente, quando nós olhamos para o tabernáculo que Moisés construiu, uma característica se sobressai. É que esta estrutura é composta de três partes: “um átrio externo”, “o lugar santo” e “o santo dos santos”. Embora haja várias peças de móveis e outros objetos mencionados, relativos a diferentes funções e cerimônias, estas três divisões distintas formam a base para o plano estrutural.

Significativamente, quando olhamos mais atentamente para o homem, o templo do presente e do futuro, vemos que ele também é dividido em três partes principais: corpo, alma e espírito. Esta verdade, de que o homem é feito em três partes, é confirmada no Novo Testamento, quando lemos sobre Paulo orando assim: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts. 5:23).

De maneira interessante, no grego, língua em que foi escrito o Novo Testamento, há a palavra “e” separando as três partes assim: espírito e alma e corpo, claramente mostrando a distinção entre elas. Alguns professores da Bíblia erram, dizendo que o homem é feito em duas partes, corpo e alma, pois as Escrituras são claras: o tabernáculo tem três partes e também o homem tem corpo, alma e espírito.

Alguma confusão tem sido gerada pelo uso das palavras “coração” e “carne” na Bíblia, aparentemente introduzindo outras “partes”. Entretanto, não devemos estar confusos sobre isto. O “coração do homem” é simplesmente a parte que não é vista. A Palavra Sagrada usa o termo “coração do homem” para se referir às partes mais íntimas do homem, a alma e/ou a alma e o espírito juntos.

A palavra “carne” significa a parte caída, pecadora do homem, algumas vezes somente o corpo, mas mais freqüentemente, o corpo e a alma juntos. Esta palavra, então, se refere a um ou a ambos, isto é, alma e/ou corpo. Estas palavras “coração” e “carne” são mais amplas em seu uso já que se referem a mais de uma parte.

Conforme você pode ver, há algum sentido sobreposto nesta terminologia e, portanto, pode se tornar confuso. Entretanto, se pensamos no Templo de Deus e em suas três divisões como correspondentes às três partes primárias do homem, em corpo, alma e espírito, então, não deve haver nenhum equívoco.

O QUE QUER DIZER “SALVAÇÃO”

No interesse da completa clareza e verdadeira compreensão da revelação bíblica, agora precisamos gastar um pouco de tempo examinando a palavra “salvação”. Por favor, preste atenção cuidadosa a esta discussão. A maioria dos cristãos acredita que já sabe o

que a palavra salvação significa, mas, de fato, poucos têm uma compreensão apropriada a respeito.

Quase a maioria dos crentes hoje, equipara a palavra “salvação” a ser “nascido de novo”. Para eles, estas palavras são sinônimos em seu significado e uso. Eles tomam as expressões “ser salvo” e “ser nascido de novo” como tendo exatamente o mesmo significado. Entretanto, na Bíblia, estas palavras com freqüência têm diferentes significados. Por favor, não se surpreenda com isto, mas simplesmente siga lendo aqui e você também verá como a Palavra de Deus freqüentemente usa estas palavras e frases para significar coisas muito diferentes.

Talvez, o melhor jeito de entender o significado bíblico de “salvação” ou “ser salvo” é compreender que esta palavra ou expressão é usada no texto sagrado para expressar três diferentes períodos de tempo. É usada de três modos diferentes. Podíamos pensar nestes modos como três diferentes tempos verbais: o passado, o presente e o futuro. Isto seria traduzido assim: nós “fomos salvos”, “estamos sendo salvos” e “seremos salvos”. De fato, este é exatamente o caso no grego, a língua em que foi escrito o Novo Testamento. Lá encontramos verbos referentes à “salvação” ocorrendo nestes três tempos: passado, presente (com ação incompleta) e futuro.

Significativamente, o modo como estes tempos verbais é usado corresponde diretamente às três partes do homem, sobre as quais temos falado. Como todos sabemos, a humanidade caiu em pecado. Devido a esta queda, a raça humana necessita ser salva, não apenas um pouco salva, mas salva completamente em corpo, alma e espírito. Com o passar do tempo, nosso Deus está cumprindo Seu trabalho de salvação em cada parte de nosso ser.

SALVAÇÃO DO CORPO

Talvez a maneira mais clara e mais fácil de começar é falar sobre a “terceira” ou mais visível parte de nosso ser, o nosso corpo. Quando Jesus morreu na cruz, Ele comprou para todo crente uma salvação completa. Nem mesmo nosso corpo físico foi deixado de fora. Entretanto, a salvação do nosso corpo ainda não foi manifestada. É algo para o futuro.

Algum dia nosso corpo mortal será glorificado. Ele será “salvo”. Ele será transformado para ser como o corpo glorioso e imortal de nosso Senhor Ressuscitado. É a isto, provavelmente, que Pedro, o apóstolo, se refere quando fala de “...a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (1 Pe 1:5).

Ali Pedro fala de uma salvação futura que ainda não se manifestou. Já que ser “nascido de novo” já foi revelado, é evidente que ele está mencionando alguma coisa além. Paulo também faz referência à salvação futura do corpo quando diz: “...porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos” (Rm 13:11).

Quando Jesus Cristo vier em glória com Seus anjos, os mortos em Cristo se levantarão e serão transformados de um modo glorioso (2 Co 5:1-4, 1 Co 15:38-55, Rm 8:23). Esta é uma parte de nossa salvação. Entretanto, sua realização não acontece no passado, nem no presente, mas no futuro.

SALVAÇÃO DO ESPÍRITO

A seguir vamos falar sobre a “primeira” parte de nosso ser – nosso espírito. Quando Deus criou o homem, soprou sobre ele o sopro (ou espírito) de vida (tanto no hebraico quanto no grego, a palavra para sopro e espírito é a mesma). Esta é a origem do espírito humano, o sopro ou “Espírito” de Deus. Este “órgão”, o espírito humano, foi designado por Deus para ser o elemento principal do ser humano. É a parte que foi feita para ter comunhão com Deus e que foi destinada a ser a parte que lidera dentro de nós.

No momento em que Adão e Eva pecaram contra Deus, algo dentro deles morreu. Eles não apenas começaram a morrer fisicamente, mas também tiveram algo dentro deles mudado. É impossível para nós saber exatamente o que aconteceu, mas podemos ver que, de alguma forma, seu espírito humano foi amortecido e escurecido. Sua doce comunhão com Deus foi interrompida. Um tipo de trevas espirituais desceu sobre eles e suas vidas foram radicalmente mudadas. Esta perda no espírito humano foi devastadora. Obviamente, esta parte do homem também necessita de salvação.

Quando um homem ou uma mulher recebe Jesus Cristo, uma salvação maravilhosa ocorre. O Espírito de Deus entra em seu espírito humano e uma união santa e

eterna acontece. A Bíblia diz: "...aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele" (1 Co 6:17). Em outro lugar, somos ensinados que: "...o que é nascido do Espírito (isto é, o Espírito de Deus) é espírito (o espírito humano)" (Jo 3:6). A união do Santo Espírito com o espírito humano produz o novo nascimento.

Somos "nascidos do alto" quando recebemos o Espírito de Deus em nosso espírito. Que coisa maravilhosa nos aconteceu! O Espírito de Deus entrou em nosso espírito e nos tornamos um novo tipo de criatura celestial. A união do Espírito Santo com o espírito humano cria um novo ser espiritual (2 Co 5:17).

Ser nascido de novo é o primeiro evento em uma genuína experiência cristã. Este passo inicial envolvendo fé, arrependimento e a recepção do Espírito Santo é a maneira de entrarmos na família eterna de Deus. Como já vimos, no capítulo dois, isto significa que recebemos a própria Vida eterna de Deus.

Assim como uma criança nasce em uma família natural recebendo vida de seus pais, assim também nós, quando nascemos de novo, nos tornamos "bebês em Cristo", crianças imaturas na família de Deus. Esta experiência é imediata, isto é, ocorre subitamente. Talvez leve alguns segundos ou minutos, mas é muito semelhante ao nascimento físico.

Isto é o que muitas pessoas pensam quando falam de "estarem salvas". Esta palavra "salva" é freqüentemente usada por crentes hoje em dia, no tempo de verbo passado, como quando dizem: "fui salvo" ou quando perguntamos: "quando você foi salvo?" Estão querendo dizer: "Eu nasci de novo" ou "quando você nasceu de novo"?

Algumas poucas vezes no Novo Testamento esta palavra também é usada assim, no tempo de verbo passado. Lemos: "...não pelas obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tt 3:5). E também: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé..." (Ef 2:8). Nesta passagem, a palavra "salvo" é usada no tempo verbal passado, referindo-se ao novo nascimento, um evento que faz parte do passado de cada cristão verdadeiro.

UM TRABALHO CONTÍNUO

Significativamente, as palavras “salvação” ou “ser salvo” são usadas muitas mais vezes na Bíblia para descrever um trabalho presente e contínuo. Frequentemente é usada em um contexto ou em uma forma verbal que indica um trabalho que ainda está ocorrendo. Por exemplo, quando lemos que devemos desenvolver a nossa salvação com temor e tremor (Fp 2:12), isto indica que alguma coisa ainda está acontecendo. Aqui, vemos claramente que, embora tenhamos nascido de novo, ainda há uma parte de nossa salvação que precisamos desenvolver.

Demonstrando um pensamento similar, Paulo diz: “...porque sei que isto me resultará em salvação, pela vossa súplica e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo” (Fp 1:19 VR). Seguramente Paulo já era nascido de novo. Ainda assim, este versículo revela que havia um progressivo trabalho de salvação ocorrendo na vida de Paulo. Assim, vemos que há um terceiro modo em que a palavra “salvação” é empregada, representando um trabalho contínuo no presente.

Um outro verso que afirma de maneira bem clara a verdade de que hoje existe uma salvação contínua para os crentes além do novo nascimento, encontra-se em Romanos 5:10. Aqui lemos: “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida [ZOÊ]...”. Você vê aqui que já ocorreu “reconciliação”. O novo nascimento já se efetuou. Entretanto, o processo de salvação ainda continua.

Nessa passagem a salvação contínua é chamada de algo que é “muito mais”. A reconciliação com Deus realmente é maravilhosa, mas aqui entendemos que há alguma coisa etiquetada em “muito mais”. Isso é o processo de salvação contínuo. É o processo de sermos transformados até ficarmos totalmente santificados.

Ainda um outro verso que mostra que a salvação é um processo contínuo é 1 Coríntios 1:18. Aqui nós lemos: “Porque a mensagem da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós que *estamos sendo salvos*, é poder de Deus”. Realmente, a transformação de uma alma é uma demonstração do poder real de Deus.

Muitos podem ler esta passagem com a mentalidade de salvação como sendo um evento de um tempo único no passado e, portanto, interpretam mal como se fosse: “para nós que estamos nascendo de novo”. Entretanto, a palavra aqui claramente indica um trabalho em progressão. Paulo e os leitores desta epístola já haviam experimentado o novo

nascimento. Aqui, ele está se referindo à sua experiência contínua da graça maravilhosa de Deus.

Esta verdade de que o trabalho de salvação pode ser uma coisa contínua é obscurecida na língua portuguesa pelo uso das formas verbais. De acordo com os autores da tradução Concordante Literal, no grego, os verbos se referindo à salvação são freqüentemente usados, não para indicar um ato já completo, mas uma ação que está incompleta e ainda continua.

Portanto, em muitos lugares nas versões portuguesas, onde lemos “ser salvos” ou “são salvos”, na realidade, deveria ser traduzido por “estar sendo salvos” ou “sendo salvos”. Por ser “estar sendo salvos” uma expressão inadequada em Português, a maioria dos tradutores da Bíblia traduziu como “salvos” implicando um trabalho já acabado. Infelizmente, fazendo assim, eles também obscureceram a verdade revelada na Palavra de Deus.

Por favor, permita que eu cite algumas passagens bem conhecidas do Novo Testamento, usando as diferentes formas verbais indicadas na tradução Concordante Literal, para que você possa entender o que eu quero dizer. Quando Jesus estava pregando e respondendo às acusações dos judeus, Ele disse: “...eu, porém, não recebo testemunho de homem, mas eu digo isso para que *estejais sendo salvos*” (Jo 5:34 VR), assim indicando um trabalho contínuo.

Em Romanos 5:9 lemos: “...muito mais agora, tendo sido reconciliados, nós *estaremos sendo salvos* da ira através Dele” (NVI). Novamente 1 Coríntios 15:1,2 afirma: “Irmãos, venho lembrar-vos que o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também *estais sendo salvos* se retiverdes a palavra tal como vô-la preguei, a menos que tenhais crido em vão”.

De acordo com os autores da tradução Concordante, as palavras “serem salvos”, deveriam ser também traduzidas como “estarem sendo salvos” nos seguintes versículos: Marcos 16:16, Lucas 8:12, João 3:17, 10:9, Atos 2:21, 11:14, 16:31, Romanos 5:9,10, 10:13, 1 Coríntios 10:33, 15:2 e 1 Tessalonicenses 2:16. Por favor, tome algum tempo para rever todos estes versículos, lendo-os com a idéia da ação contínua de “estar sendo salvo” em mente, para se ter uma nova e mais verdadeira compreensão do Evangelho.

SALVAÇÃO DA ALMA

Como você já deve ter suposto, este processo contínuo de salvação é algo que está acontecendo em nossa “segunda parte”, nossa alma. Quando nascemos de novo, nossa “primeira parte”, nosso espírito, é salvo. No futuro, quando Jesus voltar em glória, nossa “terceira parte”, nosso corpo, será salvo. Mas hoje, Deus está fazendo um trabalho contínuo em nossa “segunda parte”, nossa alma.

Esta verdade é claramente vista em Hebreus 10:39, onde lemos: “Mas não somos daqueles que retrocedem para a perdição, somos, entretanto, da fé para a conservação [completa salvação] da alma”. Esta é uma verdade essencial que está sendo tristemente negligenciada e mal compreendida pela Igreja de nossos dias. *A salvação da alma não é um evento!* É um processo ao qual todos nós devemos prestar séria atenção.

Voltando à analogia de Deus no Tabernáculo, nós vemos que o Espírito de Deus entra no espírito humano e passa a residir nele. É, ali, que a presença de Deus mora permanentemente. Ela não vem e vai. Quer possamos “sentir” Sua presença ou não, uma vez que O recebemos, Deus habita dentro de Seu Santo Templo, em nosso espírito.

Mas, no dia em que Jesus foi crucificado, algo surpreendente aconteceu. O véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos, foi rasgado em dois, de alto a baixo. O resultado foi que a presença de Deus deixou de estar confinada ao Santo dos Santos, mas estava livre para Se mover em direção ao Lugar Santo.

Dentro de nós isto significa que Deus não está confinado apenas ao nosso espírito, mas pode encher a nossa alma com Sua presença.

Talvez vocês, leitores, se lembrem da nossa discussão no capítulo 2, sobre as três palavras gregas para vida: BIOS, PSUCHÊ e ZOÊ. Lá aprendemos que ZOÊ é a palavra para a Vida eterna e não criada de Deus. Também vimos que PSUCHÊ é a palavra para nossa velha e caída vida da alma.

Agora chegamos a um ponto de nosso ensino em que esta distinção se torna muito importante. Já que “o espírito de vida” (ZOÊ) em Cristo Jesus (Rm 8:2) está agora em nosso espírito, é evidente que nós temos uma Vida sobrenatural, eterna, em nossa parte interior. Mas, em nossa alma, ainda temos uma vida criada, natural, pecadora (PSUCHÊ). A parte mais interna é santa, mas a parte externa permanece pecadora.

Quantos de nós podemos testificar isto em nossa experiência! Como Paulo, temos um desejo santo em nosso homem interior, mas nos descobrimos praticando o pecado com o nosso homem “exterior”. (Veja Romanos 7:15). A solução de Deus para este dilema é o que estaremos investigando, agora.

UMA SUBSTITUIÇÃO GLORIOSA

O plano de Deus é substituir, pouco a pouco, nossa vida terrena e corrupta por Sua gloriosa Vida eterna. Isto é o que o termo “a salvação da alma” quer dizer. Quando damos oportunidade ao Espírito Santo, Ele espalha Sua santidade, do mais profundo interior do nosso espírito, sobre nossa alma e, gradualmente, faz esta substituição essencial.

Quanto mais abrimos nosso ser para Ele, mais Ele aproveita a oportunidade para nos encher com aquilo que Ele é. Quanto mais freqüentemente e profundamente permitimos o acesso do Espírito à nossa alma, mais completamente somos sendo salvos. A Bíblia chama a este processo, “transformação” ou “santificação”. Obviamente, quanto mais somos mudados ou transformados à Sua imagem, mais santificados ou santos nos tornamos. Estas duas coisas, santificação e transformação são parte de um trabalho maravilhoso chamado “a salvação da alma”.

Talvez uma boa analogia para isto seja a formação de madeira petrificada. A madeira, em seu estado natural, é susceptível à decadência e à deterioração e pode ser queimada. Mas, em certas circunstâncias, quando um pedaço de madeira cai na água, um outro processo ocorre.

Pouco a pouco, os elementos naturais da madeira são arrastados para longe e vários minerais são depositados em seu lugar. A água satura e penetra na madeira vagorosamente, removendo os elementos naturais, mas preservando a aparência externa. Neste processo, pouco a pouco a madeira vira pedra.

Disseram-me que não apenas os anéis que indicam o crescimento são preservados na madeira que agora é pedra, mas que a estrutura celular ainda é visível em um microscópio. Assim, a madeira é transformada de algo perecível a algo imperecível ou “eterno” de um ponto de vista humano. Nunca mais será deteriorada e tornou-se à prova de fogo.

De uma forma similar, quando permitimos que Ele faça isto, o Espírito Santo vai saturar e penetrar em cada cantinho de nossa alma. Pouco a pouco, Ele vai levar para longe os elementos naturais de corrupção e decadência e substituir a nossa natureza pela Sua Vida e natureza eternas. Seremos santificados e purificados pela lavagem da Palavra (Ef 5:26).

O resultado é que nos tornamos “eternos” e, como veremos mais tarde, também “à prova de fogo”. Deus não muda a estrutura exterior do nosso ser, apenas o conteúdo. Tornamo-nos pessoas diferentes internamente. Em vez de sermos motivados por uma vida pecaminosa da alma, nos tornamos dominados por uma Vida reta e santa, a Vida do Espírito.

Isto não significa que nos tornaremos um tipo diferente da personalidade que tínhamos antes, ou que nos tornaremos alguém que não somos. Ao contrário, descobrimos que nos tornamos aqueles que fomos realmente feitos para ser. Tornamo-nos o tipo de pessoa que se ajusta perfeitamente com nossas personalidades e capacidades. Tornamo-nos aquilo que o nosso Criador realmente pretendia.

Como uma analogia, digamos que Deus não toma uma pedra verde e a transforma em vermelha. Ele pega uma pedra verde opaca e a purifica até que ela se torne transparente. Então nossa alma (a pedra em nossa analogia) pode livremente exibir tudo o que Deus é, dentro de nós, brilhando com a “cor” que Ele nos fez ter. Nós estaremos purificados de todos os impedimentos e seremos transparentes como a noiva de Cristo (Ap 21:11). Assim, por meio de nós, Ele poderá ser visto em toda a Sua glória, de um jeito especial, que somente nós podemos exibi-Lo.

CRESCIMENTO EM VIDA

Quando Jesus encarnou, aqui na Terra, Ele nasceu em um lugar humilde e sujo – em um estábulo e uma manjedoura. Assim também, quando nascemos de novo pela entrada da Vida de Deus em nós, Jesus novamente Se humilha e entra em um lugar humilde. Entretanto, Ele não permaneceu muito tempo na manjedoura. Ele cresceu em “sabedoria e estatura” (Lc 2:52). Ele cresceu em humanidade e maturidade e, também, em utilidade para Seu Pai celeste.

Da mesma forma, a Vida eterna de Deus cresce dentro dos crentes que estão procurando e obedecendo ao Senhor. À medida que esta Vida amadurece, eles também se tornam cada vez mais úteis a Deus. O desejo de nosso Senhor não é ter um berçário cheio de bebês espirituais que constantemente precisam de tempo, cuidado e atenção. Ele está procurando filhos e filhas maduros, que possam ser úteis para Ele aqui na Terra, para cumprir Seus propósitos eternos.

Há uma necessidade urgente de todos os filhos de Deus crescerem em maturidade espiritual. Nosso testemunho ao mundo não é simplesmente com palavras, é também com atitudes e ações que expressamos. Nosso testemunho não é apenas o que dizemos, mas também aquilo que somos.

O que o mundo necessita é de Jesus. Ele é a resposta às necessidades dos homens. Mas, onde as pessoas irão encontrá-Lo? Como os que não são salvos podem saber como Ele é? Principalmente através de como Ele é exibido por meio de Seu povo. E como eles poderão saber que, na verdade, Ele pode salvá-los? Só vendo a salvação funcionando em nós. Pense comigo. Se nós não estamos transformados e libertos, que direito temos de dizer para outros que Jesus realmente transforma e liberta? Se nossas atitudes, ações e até reações não refletem o caráter de Deus, que direito temos de falar aos outros que eles precisam de ser salvos? Somente vendo como Ele nos libertou de onde estávamos e nos transformou à Sua semelhança. Isto requer que crescamos na Vida de Deus, de maneira que Sua natureza possa ser expressa por meio de nós.

CRESCIMENTO LEVA TEMPO

Como todas as outras coisas vivas, o crescimento espiritual leva tempo. Assim como é no mundo físico, também é no espiritual. Não existe maturidade instantânea. Crescimento na vida toma tempo e nutrição. Isto é especialmente verdadeiro nas maiores e mais impressionantes árvores gigantes. Para alcançar maturidade, elas requerem centenas de anos de crescimento. Somente os cogumelos moles e insubstanciais crescem durante a noite.

Estas coisas deveriam nos instruir. Crescer espiritualmente também leva tempo e nutrição. Nunca acontecerá instantaneamente. Requer atenção para procurar, obedecer e

conhecer o Senhor Jesus Cristo. 1 Pedro 2:2 diz: “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação” (NVI). Está claro que nossa salvação contínua é resultado de um processo de crescimento ajudado pela nutrição espiritual.

Além disso, somos instruídos na Palavra de Deus a crescer. Paulo nos induz a crescer. Lemos: “Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo...” (Ef 4:15). Esta não é uma coisa pequena, irmãos. A plenitude de Deus nos foi oferecida. Ele não reteve nada. Ele derramou Seu sangue para abrir-nos o caminho. Ele derramou Seu Santo Espírito para fazer acessível a nós tudo aquilo que Ele é.

Nós, pequenos e fracos seres humanos, recebemos a oportunidade de nos encher até transbordarmos com o Deus do Universo. Mas estamos nos aproveitando desta oportunidade? Estamos usando nosso tempo para buscar, bater e pedir até estarmos satisfeitos por termos recebido tudo o que é possível?

Os gálatas foram repreendidos por Paulo por sua falta de maturidade. Ele diz: “Meus filhos, por quem, de novo sofro as dores do parto, até ser Cristo formado em vós” (Gl 4:19). Vejam, eles eram “membros da igreja”. Já eram nascidos de novo. Entretanto, estavam falhando em render-se a Deus e procurá-Lo de um modo que os conduzisse à “formação” de Cristo dentro deles. Eles estavam negligenciando tão grande salvação (Hb 2:3).

A melhor maneira de crescer espiritualmente e, assim, entrar na salvação que é nossa, em virtude de sermos feitos filhos de Deus, é passar tempo em Sua presença, lendo Sua santa Palavra. 2 Timóteo 3:15 diz: “...sabes as sagradas letras, que podem tornar-te *sábio para a salvação* pela fé em Cristo Jesus”.

Queridos irmãos, a mesa de Deus já está posta. O banquete já está pronto. Tudo está disponível para aqueles que são chamados a usar seu tempo e atenção para encher a si mesmos, mais e mais, de novo e de novo, até o dia da volta de Jesus. Nada está faltando, a não ser nosso desejo e disposição. Deste modo, estaremos obtendo o fim da nossa fé: a [completa] salvação da nossa alma (1 Pe 1:9). Veja você, o novo nascimento é o começo da nossa fé, mas o final é a total salvação de nossas almas. O que poderia ser mais precioso do que isto? Verdadeiramente, Ele “...também pode *salvar totalmente* os que por ele se chegam a Deus...” (Hb 7:25).

A salvação da alma é uma parte essencial da experiência cristã. É um processo através do qual cada cristão necessita passar. Ninguém é isento disso.

Como já vimos, não é suficiente ser “nascido de novo”. Não apenas necessitamos experimentar a salvação em nosso espírito, mas é imperativo que continuemos a receber tudo o que Jesus comprou para nós: a salvação da alma. Esta experiência inclui coisas como: “transformação”, “santificação”, “crescimento no Senhor”, “purificação” e a “renovação da nossa mente”.

O modo como isto acontece é misterioso. Não é possível explicar o mecanismo disto, de uma maneira mental, analítica. Apenas sabemos que isto ocorre quando, dia a dia, nos entregamos completamente a Ele. Ocorre que Sua Vida cresce dentro de nós. Quando passamos tempo em Sua presença, contemplando Sua glória, “...somos transformados, de glória em glória, em sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3:18). Esta não é uma promessa para o futuro, mas algo que precisamos experimentar no dia a dia. Não é apenas para uns poucos místicos, mas para todos os filhos de Deus.

O processo contínuo da salvação da alma é algo que devemos experimentar nesta vida. Quando Jesus voltar, não haverá uma segunda chance. Não há um “segundo tempo”. Como vimos, não há uma salvação instantânea. Hoje, nós temos uma escolha. Hoje, podemos deixar de lado o pecado e tudo o que nos leva para trás e correr após Jesus. Amanhã não haverá desculpas. “...eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2 Co 6:2).

7.

O TRIBUNAL DE CRISTO

No cristianismo de hoje há, geralmente, duas escolas de pensamento referentes ao assunto “salvação”. Um grupo de cristãos acredita que você pode “perder” a sua salvação. Os que assim crêem pensam que você pode ser “salvo” ou nascido de novo e, então, mais tarde, por causa do pecado, perder sua salvação.

Muitos deles também acreditam que você pode ser “salvo” novamente, se você se arrepender de novo. Este processo pode se repetir inúmeras vezes. Este ponto de vista foi defendido muitos anos atrás por um homem chamado Jacobus Armínius, formando uma parte do que é conhecido por “Arminianismo”. Essa doutrina normalmente é mantida pelas igrejas Pentecostais ou “Carismáticas”.

A segunda escola de pensamento sobre o assunto da “salvação” é aquela em que, uma vez que você nasceu de novo você é “salvo”, e nada que você ou qualquer outro possa fazer, mudará este fato. Se você pecar ou se você abandonar a fé, nada disso terá qualquer impacto sobre a sua segurança eterna. Eles acreditam que você não pode “perder” a sua salvação. Uma vez que recebeu Jesus, você vai para o céu e ponto final. Este ponto de vista foi exposto por João Calvino e, assim, formou-se uma parte do “Calvinismo”. Esta é a posição da maioria das igrejas “fundamentalistas”.

Interessante, ambos os lados mostram versículos bíblicos muito significantes e convincentes para comprovar sua tese. Cada lado cita versículos que parecem provar o que eles ensinam.

Entretanto, vimos no capítulo precedente que cada lado deste debate está cometendo um erro fundamental. Estão discutindo seu ponto de vista considerando que “salvação” é o mesmo que “nascer de novo”. Eles citam os versículos deles, interpretando salvação como se fosse um evento. Não perceberam que a “salvação” bíblica não é apenas o novo nascimento, mas, sim, um longo processo de uma vida transformada, de glória em glória, à imagem de Jesus Cristo.

(Se você tem alguma dúvida sobre isso, por favor, leia o capítulo anterior sobre a “salvação da alma”, para uma explicação mais completa sobre este assunto.)

Quando você lê a Bíblia com isto em mente, muitos versículos fazem muito mais sentido. Muita confusão é resolvida simplesmente pelo fato de compreender que “salvação” é mais do que um evento de um tempo único, mas sim um processo pelo qual nós somos transformados.

Conforme estamos vendo, ambos os pontos de vista acima mostrados, não acertaram em algo muito importante. Mas também precisamos ver que ambos contêm uma boa dose de verdade, quando olhamos para eles sob a luz apropriada. Todas as Escrituras usadas por ambos os lados são verdadeiras. Deus não cometeu enganos, quando escreveu Sua santa Palavra.

Para melhor compreender isto, por favor preste cuidadosa atenção às seguintes afirmações. A parte da salvação que você já recebeu de Deus é verdadeiramente eterna e você não a pode perder. Mas, no outro lado, a salvação que você ainda não experimentou, você com certeza, perderá se não se esforçar para experimentá-la. Você vê, as duas coisas podem ser (e são) verdadeiras. Você não pode perder e, entretanto, você pode perder a sua salvação.

O problema é que as pessoas definiram “salvação” simplesmente como “ser nascido de novo” mas, na Bíblia e na mente de Deus, há muito mais do que isto. A salvação bíblica é o trabalho completo de Deus no homem e para o homem, começando com a sua experiência do novo nascimento, continuando com a transformação da alma e acabando com a glorificação do corpo.

O que você ganhou da Vida eterna (ZOÊ) é verdadeiramente eterno. Por definição, “o que é Deus” é absolutamente indestrutível. Se você permitiu ao Eterno que entrasse em seu espírito e se uniu a Ele (1 Co 6:17), não há maneira de perder ou destruir este fato.

Qualquer tipo de vida só pode ser perdida de uma maneira. Ela não é como um líquido que se evapora ou vaza de nós. Em todo o Universo, Deus nos mostra que só há um meio de acabar com qualquer tipo de vida: matá-la. Mas, como você vê, a Vida de Deus é impossível de matar. Os judeus e os soldados romanos tentaram, mas foi impossível para a morte retê-Lo (At 2:24).

Deus não vai simplesmente desaparecer de você. O que foi saturado e permeado com Sua Vida e Natureza Divina, tornou-se eterno e absolutamente indestrutível. A palavra “eterna” significa exatamente isto, eterna.

Mas, por outro lado, se não permitimos a Deus que nos encha e nos transforme, muita coisa que não é indestrutível permanecerá em nosso ser. Se nos recusamos a permitir que o Espírito Santo acesse a todas as partes de nossa alma, se resistimos ao trabalho e à disciplina de Deus em nós, esta velha parte natural se perderá, quando Jesus voltar, e o nosso tempo de transformação acabar.

Então, o que ganhamos será nosso, mas o que não ganhamos estará perdido, já que não haverá segunda oportunidade para recebê-lo. Qualquer “parte” de nossa vida velha da alma não transformada será perdida na presença de Deus! Naquele momento, a possibilidade de mais salvação terá acabado.

Esta compreensão corresponde exatamente ao ensinamento de Jesus quando Ele estava na Terra. Ele claramente dizia: “Aquele que salvar sua vida, perdê-la-á” (Mt 16:25 e também Mt 10:39, Lc 9:24, 17:33, Jo 12:25). A palavra traduzida por “vida” aqui é PSUCHÊ, ou “vida da alma”.

É significativo que este verso esteja escrito cinco vezes na Bíblia. Nada poderia ser mais claro. Se você ama a si mesmo e resiste à transformação, ao trabalho purificador do Espírito Santo dentro de você, então, a vida natural da alma será perdida.

Isto não se refere à sua vida física. Não significa morte física. Não está falando sobre ser um mártir. Isto se refere à sua alma. De fato, algumas traduções dizem: “Aquele que salva a sua alma, perdê-la-á.” Os elementos naturais, pecaminosos, que permanecem em nosso ser, serão consumidos pela presença de um Deus intensamente Santo, em Sua vinda. Eles estarão perdidos. É uma das promessas de Deus! Considere-a como sendo verdadeira.

A TERRA PROMETIDA

Para ilustrar melhor este ponto, vamos voltar aos Filhos de Israel e à Terra Prometida, Canaã. Deus deu a eles aquela terra. Deu-lhes livremente, sem custo. Ele definiu os limites, anteriormente, mostrando o comprimento e a largura e a extensão da terra que eles herdariam (Nm 34:3-12).

Entretanto, havia uma condição. Este povo tinha que, dia a dia, passo a passo, de acordo com a direção do Espírito Santo, entrar na terra e tomar posse dela. Os israelistas não podiam simplesmente sentar-se no lado leste do Rio Jordão e proclamar que eram proprietários da terra. Eles não poderiam apenas estar no lado leste louvando e agradecendo a Deus por este grande presente que Ele havia lhes dado. Para realmente obtê-la, através da fé e da obediência, eles tinham que entrar e possuí-la.

O mesmo ocorre hoje para nós com relação às nossas almas. Jesus explica: “É na vossa perseverança que ganhareis as vossas almas” (Lc 21:19). É essencial para cada filho de Deus conhecer e compreender esta verdade. Para “ganhar” – que significa experimentar a salvação progressiva de nossas almas – precisamos perseverar em buscar Deus com todo o nosso coração.

Verdadeiramente, Jesus Cristo comprou para cada crente uma salvação completa. Sua morte na cruz foi suficiente para nos transformar de um degrau de glória para outro, até a Sua exata imagem. Ele derrotou o pecado, a morte e o poder do diabo. Todo o Seu trabalho foi feito. Na cruz, Ele afirmou: “Está consumado” (Jo 19:30).

Entretanto, ainda resta uma parcela para nós fazermos. Precisamos, pela fé e obediência, entrar e tomar posse daquilo que Ele gratuitamente nos deu. Não nos fará bem algum simplesmente louvar e agradecer a Deus por Seu presente, se não fizermos nenhum progresso espiritual.

Essas não são promessas para “algum dia” futuro. Hoje é o dia da salvação (2 Co 6:2). Hoje é o dia para nos tornarmos co-participantes da natureza divina. Hoje é o tempo de buscarmos Jesus com todo de nosso coração. Nosso Deus deu “...as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina...” (2 Pe 1:4 NVI).

Queridos irmãos, uma porta grande está aberta para nós. Nós temos diante de nós um tesouro enorme. Temos a possibilidade de participar de tudo o que Deus é! Ele nos deu até Sua própria Vida e natureza divina. Que dom valioso, importante e essencial! Nós temos diante de nós uma boa terra, vamos entrar e possuí-la!

Se, por outro lado, não estamos desejosos de encarar o inimigo, lutar as batalhas, confrontar os gigantes de nossas vidas e manifestar a vitória de Jesus, nós não obteremos o que é nosso por direito. Não vamos ser bem sucedidos em receber o que está disponível para nós. Se não progredimos em obediência e fé, não vamos herdar o que é nosso por direito.

O que aconteceu com os filhos de Israel, serve como exemplo para nós. Mesmo que Deus já tivesse dado a eles seu território, eles nunca tinham entrado e possuído completamente a terra. Falharam em obedecer a Deus e, através do medo e da desobediência, falharam em entrar completamente na promessa. Aquilo que eles ganharam, receberam, mas o que não conquistaram, foi perdido para eles. Do mesmo modo, hoje, se não ganhamos o que Jesus comprou para nós através da nossa fé e obediência, vamos perdê-lo. Se não prosseguimos em ser salvos completamente, hoje, a oportunidade vai passar e vamos perder nossa chance de ganhar espiritualmente.

Para nós, não há uma segunda chance. Não há segundo tempo. Mais tarde não haverá uma transformação mágica da alma. Se não nos submetemos a Cristo hoje, em preenchermos nossa alma com Ele até transbordarmos, será tarde demais quando Ele voltar.

O que nós experimentamos é nosso. O que nós obtemos é eterno. Mas o que não conquistamos estará perdido para nós a menos que nos arrependamos e forcemos a entrada na terra, hoje. A bíblia nos previne: “Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado” (Hb 4:1). Vamos temer mesmo em não obter tudo que Jesus comprou para nós!

TRANSFORMAÇÃO INSTANTÂNEA?

Pelo que posso perceber, a maioria dos cristãos acredita em algum grau de transformação. Isto é, eles acreditam que podem ser transformados de um modo ou de outro,

pela obra do Espírito Santo. Muitos admitem a necessidade de serem libertos de alguns pecados visíveis, mais “grosseiros”. Alguns até falam de uma santidade maior.

Entretanto, muitos crentes na igreja atual, parecem pensar que este processo é opcional ou que não é realmente essencial. Alguns crêem que, não importa o estado em que se encontra o nosso ser interior ou a nossa alma. Eles pensam que, quando o Senhor voltar, todos os problemas serão resolvidos e todas as tendências e hábitos pecaminosos mudarão “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:52).

Embora poucos admitam, isto pode levar a uma atitude semelhante a esta: “Bem, realmente não importa se não sou completamente santo. Não faz mal se ainda sou ‘um pouco’ invejoso, sensual, mentiroso, irado, ganancioso, fofoqueiro, ciumento, etc. Quando Jesus voltar, tudo isto vai mudar instantaneamente. Então, porque vou me preocupar com minha condição agora? Afinal de contas, todos os outros parecem estar cheios de pecado, também. Deus me perdoa. Por que eu deveria querer ser santo agora se vou conseguir isto mais tarde, sem muito esforço?” Embora alguns ensinem que ainda existe uma questão de “recompensa”, este fato não parece motivar muitos em nossa sociedade atual.

Mas, certamente, alguns perguntarão: “Que tal ser transformado em um piscar de olhos?” Este é um versículo maravilhoso, mas não está se referindo à nossa alma. Se você ler o contexto, perceberá que está falando sobre nossos *corpos*. Verdadeiramente, nossos corpos serão transformados instantaneamente para serem como Jesus. Eles serão glorificados imediatamente quando Jesus vier. Mas, com referência à alma, as Escrituras são bem claras, “...eis, agora, o dia da salvação” (2 Co 6:2).

Não acontecerá nenhuma transformação de nossa alma depois da morte. Quando morremos, o tempo acaba. Nossa chance de ganhar, pára. O que ganhamos vai ser nosso, mas o que falhamos em obter estará perdido para nós. Só resta o julgamento sobre o que fizemos com nosso tempo, energia e dinheiro quando estávamos aqui na terra.

Isto deveria fazer sentido para uma pessoa que pensa bem. Por que Paulo, por exemplo, deveria “morrer diariamente”, “negar-se a si mesmo”, “prosseguir para o alvo”, “disciplinar seu corpo” e todas estas coisas, se tudo o que ele tinha a fazer era esperar pelo dia mágico em que seria transformado subitamente, para ser como Jesus? Se tudo é tão fácil e barato, por que devemos nos preocupar com isso hoje?

Eu até mesmo ouvi cristãos ensinarem que eles têm uma “mais profunda

revelação” do que Paulo e que não precisariam absolutamente sofrer. Este tipo de tolice irá parar rapidamente quando Jesus aparecer em poder e glória. Estes que estão ensinando estas bobagens começarão a orar para as rochas e montanhas caírem sobre eles e escondê-los da intensa e abrasadora presença do Deus Todo Poderoso (Ap 6:16). “E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens...”(2 Co 5:11).

Com isto em mente, vamos agora investigar mais profundamente o que a Palavra de Deus diz sobre este assunto. Sabemos, sem dúvida, que quando Jesus voltar nós estaremos diante de Seu Trono de Julgamento (2 Co 5: 10) e que receberemos galardão por tudo o que fizemos. Naquele “dia”, nossas obras serão “reveladas pelo fogo”. Se nossas obras passarem no teste, receberemos uma “recompensa”, mas se nossas obras forem imperfeitas, elas serão queimadas (1 Co 3:12-15).

TODAVIA, COMO QUE ATRAVÉS DO FOGO

Mas agora, vamos olhar mais atentamente para o verso 15. Lemos que a pessoa cujas obras foram perdidas, na verdade foi “...salvo, todavia como que através do fogo” (1 Co 3:15). Assim, vemos que, não apenas nossas obras passarão pelo fogo, mas *nós também* seremos testados pelas chamas! Nós também passaremos através o fogo!

Que fogo é este? Nada menos que a presença de Deus! Lemos: “Porque o nosso Deus é um fogo consumidor” (Hb 12:29). Naquele momento, a abrasadora intensidade daquilo que Ele é analisará e testará os conteúdos daquilo que nós somos. Este é o verdadeiro teste. Se o que somos interiormente é puro – isto é, cheio da Vida, da natureza e da essência de Deus – passaremos. Nada poderá destruir isto. Já foi feito eterno.

Se, ao contrário, somos cheios da velha vida e da velha natureza, esta parte de nossa alma será consumida por Sua flamejante presença. Lembre-se de que Ele não é apenas um fogo, mas um fogo *consumidor*. Sem dúvida, o que vai ser consumido diante de Seu Trono é algo que não é santo, nem reto, nem puro – tudo que não corresponda àquilo que Ele é. De fato, se você parar para pensar, isto deve ser assim. Obviamente, nada que não seja santo pode agüentar a presença de Deus.

Deus deve eliminar todo pecado de Seu povo. Quando Deus criou o mundo de

Adão e Eva, criou-o sem pecado. Entretanto, apenas um pecado, apenas um, destruiu para sempre toda a criação que Ele havia feito. Do mesmo modo, se a vida e a natureza pecaminosa têm permissão para entrar na nova criação de Deus, cedo ou tarde ela produzirá pecado. E este novo pecado irá poluir para sempre a nova criação. É óbvio portanto, quando Ele chegar, se ainda estivermos cheios de nossa própria vida caída, algo deverá ser feito. Alguma coisa tem que ser removida.

Lemos: “Os pecadores em Sião se assombram, o tremor se apodera dos ímpios; e eles perguntam: ‘Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Quem dentre nós habitará em chamas eternas?’ ” A resposta é dada: “O que anda em justiça e fala o que é reto; o que despreza o ganho da opressão; o que com um gesto de mãos recusa aceitar suborno; o que tapa os ouvidos para não ouvir falar de homicídios e fecha os olhos para não ver o mal” (Is 33:14-15) Isto indica pessoas justas, aquelas que estão cheias de Deus, permitindo-Lhe que viva Sua Vida por meio deles.

No livro de Apocalipse somos apresentados a um espetáculo surpreendente. Vemos um grupo de homens e mulheres parados num mar de vidro mesclado de fogo (Ap 15:2). Eles estão em pé no centro de um flamejante inferno. Mas que lugar é este? De fato, é o pavimento transparente bem em frente ao trono de Deus (Veja Êx 24:10 e Ez 28:14). Eles estão na presença real de Deus. E, nesta presença terrível, é como se tudo estivesse queimando como fogo.

Entretanto, essas pessoas especiais estão confortáveis lá. Elas não são afetadas pelas chamas. Na verdade, elas estão em adoração, cantando a canção de Moisés na presença do Deus Todo Poderoso. Elas são imunes ao Fogo Consumidor porque estão cheias da mesma Vida e natureza do que Ele é. São cristãos transformados em tudo o que Ele é. Então as chamas não têm nenhum efeito sobre eles. Lembre-se também dos três amigos do profeta Daniel que foram atirados na fornalha ardente. Eles eram pessoas santas. Haviam dado suas vidas completamente a Deus. Portanto, pela graça de Deus, não foram tocados pelas chamas. Estas coisas ainda falam a nós, hoje.

O BATISMO DE FOGO

João Batista declarou: “Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é

mais poderoso do que eu, do qual eu não sou digno de desatar as correias das sandálias; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3:16). Aqui, vemos um estranho pronunciamento. João diz que o Filho de Deus, Jesus Cristo, o Salvador do mundo, está chegando, e, quando Ele chegar, Ele batizará homens e mulheres com fogo.

Qual é o significado deste fogo? Por que Deus iria querer derramar fogo do céu sobre aqueles que crêem Nele? Deus deseja purificar Seus filhos. Ele não só deseja selecionar entre os homens aqueles que crerão, mas também deseja transformá-los e purificá-los de maneira que, quando aparecerem diante Dele, serão completamente santos.

Creio que este batismo de fogo é o mesmo que o fogo refinador mencionado em outras passagens das Escrituras (Veja Mt 3:2,3, Zc 13:9) o qual é intensamente quente, incandescente jazida de carvão. É este tipo de fogo, que um joalheiro de ouro e prata usa para expurgar todas as impurezas dos metais com os quais está trabalhando. Do mesmo jeito, Deus nos está batizando com fogo para nos limpar, nos purificar e nos deixar prontos para o Seu aparecimento.

Jesus disse: “Eu vim para lançar fogo sobre a Terra e bem quisera que já estivesse a arder (Lc 12:49). Não há dúvidas de que Deus deseja purificar Seus filhos. Ele não apenas deseja salvá-los daquilo que eles fizeram, mas também daquilo que eles são. Ele quer purificá-los interiormente, de maneira que eles tenham a mesma natureza e substância Dele.

Efésios 5:27 diz: “...para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”. Tal coisa requer o batismo de fogo. Não apenas precisamos ser batizados com o Espírito Santo para nos enchermos da glória e do poder de Deus, mas também precisamos ser batizados com fogo – aquela chama interior, purificadora, refinadora, que nos queima, nos transforma, e nos faz ser como Ele.

Você vê, todo crente experimentará o fogo de Deus hoje e no futuro. Se passamos bastante tempo em Sua presença, isto acontecerá agora, porque verdadeiramente Ele é um “fogo consumidor”. Entretanto, se evitamos contato íntimo com Ele, então esta experiência essencial será reservada para o futuro, quando não haverá possibilidade de ganhos.

O fogo de Deus é algo pelo qual devemos passar hoje se desejarmos e estivermos prontos. Isto irá nos preparar para o fogo de Sua presença no futuro. Se permitirmos que Ele faça agora em nós o trabalho purificador, não teremos nada a temer

quando Ele voltar. Se permitirmos a Ele revelar e purificar (ou seja “salvar”) completamente nossa alma, então seremos transformados como a madeira petrificada do capítulo anterior e, portanto, imune a qualquer fogo posterior.

A questão aqui não é de “céu ou inferno”. O que estamos vendo aqui é que há algumas sérias “perdas” para os cristãos despreparados. É a perda da parte não transformada da alma ou da vida PSUCHÊ. Esta é uma destruição irrevogável de toda a vida natural com a natureza pecadora.

É claro que a maioria dos crentes terá atingido pelo menos algum grau de crescimento espiritual. Quer dizer, uma certa dose de transformação sobrenatural irá ocorrer e alguma quantidade de substância eterna terá sido depositada. Esta “parte” não vai ser queimada, pois é imune ao fogo. Cada parte da alma que foi transformada irá permanecer. O que foi saturado e permeado com a Vida de Deus é, por definição, eterno. O que nós ganhamos, certamente foi ganho para todo o sempre, mas a velha vida e a velha natureza serão perdidas.

Então, uma questão razoável deveria ser: “Qual é o resultado final de tal julgamento?” “Como este afeta um crente?” Está claro que todo crente que estiver diante do Tribunal de Cristo terá ao menos “alguma coisa” salva, apesar de qualquer perda (1 Co 3:15). No mínimo, será o espírito humano que nasceu de novo e se uniu ao Espírito de Deus. Apoiando esta idéia, Paulo fala sobre alguém que deveria ser “...entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor” (1 Co 5:5). Se a alma está destruída, pelo menos o espírito será salvo.

MATURIDADE ESPIRITUAL

Mas, como isto nos afetará? Como podemos entender estas coisas? Em vários lugares nas Escrituras, lemos sobre níveis ou estágios de crescimento espiritual (Veja Ef 4:15, 1 Pe 2:2, 2 Pe 3:18 e 1 Jo 2:12-14). Lemos sobre: “bebês em Cristo”, “jovens” e mesmo “pais”, assim indicando níveis de maturidade. Creio que estas coisas não são apenas figuras de linguagem, mas se referem a realidades espirituais. Portanto, é lógico supor que o grau de maturidade espiritual que nós atingimos nesta vida, pela obediência fiel ao Espírito Santo, será nossa condição eterna, quando Jesus vier.

Em outras palavras, se permanecermos “bebês” em Cristo, seremos bebês eternamente. Se nós nos esforçamos para obter alguma maturidade, este será o nosso estado eterno. Todo o resto será perdido e queimado pela Sua presença. Se, por outro lado, nos empenhamos para conhecer o Senhor e conseguir algum grau de espiritualidade adulta, seremos para sempre gratos e sofreremos pouco se houver alguma perda em Sua vinda.

Queridos irmãos e irmãs, esta é a nossa recompensa. Não vamos receber ouro ou prata ou recompensa de qualquer outro material físico na eternidade. O próprio Deus é a nossa recompensa. Ele disse a Abraão: “Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão” (Gn 15:1 VRC). Ele será nossa única recompensa. Você compreende isto? Em Sua presença nada mais tem valor. Ele é Aquele em quem nos regozijaremos extremamente.

O salmista nitidamente declara: “...na Sua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente” (Sl 16:11). Creia! É verdade. Ele é e será nossa recompensa. Mas pense nisto também: a capacidade de cada um aproveitar esta maravilhosa experiência será governada por sua maturidade. Nossa maturidade espiritual nos capacita experimentar mais profundamente tudo que Deus é.

Isto é exatamente o que acontece nesta vida atual. Eu me lembro de ter ido a um evento esportivo com meus filhos e uma outra família grande. Todos se divertiram, mas nem todos tiveram a mesma experiência. As crianças pequenas gostaram de rastejar ao redor de seus assentos, encontrando coisas interessantes. As crianças um pouco mais velhas se divertiram jogando e brincando umas com as outras. Os jovens e os adultos realmente se divertiram observando o jogo.

Veja você, na eternidade todos irão deleitar-se em Deus, mas a recompensa de cada um se baseará em sua maturidade espiritual. Esta maturidade espiritual caminha lado a lado com as “obras” deles, as obras que eles fizeram quando estavam, aqui, na Terra.

Você sabia que todos os crentes estarão com o Senhor para sempre, mas não serão todos iguais? A maturidade espiritual, da qual falamos se manifestará em glória esplendorosa, radiante. Daniel 12:3 diz: “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento...como as estrelas, para sempre.” Cada um terá uma certa quantidade desta glória. Cada um irá brilhar com o seu próprio grau de brilho, dependendo do seu grau de fé e transformação.

Lembrando que os versículos originais no Grego não eram separados em versos

numerados, vamos ler em 1 Coríntios 15:41,42 "...porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor. Pois assim também é a ressurreição dos mortos". O que se recebe de Cristo, hoje, será revelado em resplendor quando Ele vier. Na eternidade, cada um exibirá um diferente grau de glória.

Pode ser que estes pensamentos sejam novos para você ou que os ache algo surpreendentes. Portanto, gostaria de recomendar a você para não simplesmente reagir a isto emocionalmente.

Procure as Escrituras por você mesmo. Ore sobre estas coisas. Reveja estes pensamentos, após algum tempo. Creio que Deus lhe dará graça para ver que "salvação" inclui mais coisas do que se pensava no passado. Há mais da divina revelação da Palavra de Deus do que tem sido pregado. Verdadeiramente, precisamos nos esforçar para conhecer o Senhor e dar nossa atenção a coisas espirituais para que jamais nos desviemos delas (Hb 2:1).

O QUE DIZER SOBRE PERFEIÇÃO?

Indubitavelmente alguns perguntarão: "Que dizer sobre perfeição? É possível para um cristão se tornar perfeito? Será que, quando Jesus vier, alguns não sofrerão perda alguma?" Para responder a estas questões, precisamos olhar atentamente para o que as Escrituras têm a dizer. Não podemos olhar ao nosso redor e julgar a resposta pela condição de outros. Nem podemos olhar para nós mesmos para decidir o que está correto. Nossa resposta precisa vir da Palavra de Deus, que sabemos ser a verdade. 1 Tessalonissenses 5:23 diz: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados *íntegros e irrepreensíveis* na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo."

Paulo, aqui, está pronunciando um tipo de intercessão – uma oração por estes cristãos que ele ama. E, orando deste modo, ele mostra que tem fé que, se eles forem fiéis a Deus, Deus também será fiel para realizar este trabalho completo dentro deles.

Podemos pensar sobre isto deste modo: Se a morte, ressurreição e ascensão de Cristo não foram poderosas o bastante para nos transformar completamente, então temos que pedir a Ele para voltar e completar o trabalho. Se tudo o que Ele cumpriu na cruz só foi

bom o bastante para nos mudar parcialmente, então precisamos começar imediatamente um movimento de oração internacional e pedir a Ele que, por favor, volte e faça o necessário para completar a obra.

Negar o poder de Deus para transformar cada ser humano completamente é negar que o Seu trabalho foi suficiente. Este não é o caso. Na verdade, “Está consumado” (Jo 19:30)! De Sua parte, Jesus fez todo o necessário para nossa transformação e santificação. De nossa parte, apenas precisamos continuar a buscar Sua face até o dia de Sua vinda. Podemos confiar que: “Por isso, também *pode salvar totalmente* os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).

Este era, de fato, o objetivo de Paulo. Ele diz: “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição, mas eu prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus” (Fl 3:12). Você percebe: Paulo viu algo. Ele havia visto o Senhor glorioso, ressuscitado, e estava concentrado, com todo o seu ser, em alcançar a perfeição que ele havia visto. Ele não apenas estava perseguindo isto, mas também estava se consumindo em ajudar outros que chegassem também à mesma condição.

Em Colossenses 1:28,29 lemos: “...o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, *a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo*; para isto é que eu também me afadigo, esforçando-me o máximo possível, segundo a Sua eficácia que opera eficientemente em mim”.

O próprio Jesus nos exorta: “Sede vós perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5:48). Este é o padrão, a perfeição do próprio Deus. Em um lado, nós vimos que os esforços da carne nunca poderão atingir esta imponente meta, mas no outro lado, vimos que isto é possível e se realiza simplesmente por receber uma Outra Vida e viver por ela.

Devemos ser cuidadosos em não tomar como exemplo as falhas e pecados dos que nos rodeiam, mas o próprio Deus. Paulo repreende plenamente este tipo de erro, dizendo: “...mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez” (2 Co 10:12). Se miramos em nada, acertaremos este alvo: nada.

Infelizmente, é verdade que vemos muito poucos cristãos vivendo uma vida livre de pecados e exibindo a Vida sobrenatural. Tristemente, a maioria dos crentes não está tomando posse de tudo que Deus tem para eles. Talvez uma razão para isto seja que eles não sabem que existe uma possibilidade de se tornarem perfeitos. Além do novo nascimento,

eles não têm noção de que há algo mais para ser ganho ou perdido. Verdadeiramente, Deus disse: “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Os 4:6). Há certamente uma grande escuridão cobrindo a Igreja dos nossos dias. Enquanto isso, muitos pensam que eles são a geração mais espiritualmente erudita, mesmo que a verdade mais essencial sobre a salvação da alma esteja incompleta ou mal compreendida.

Vamos ser muito claros, aqui: não estou ensinando “perfeição sem pecado” – o pensamento de que poderíamos chegar a algum lugar nesta vida onde nunca pecaríamos. Um fator que torna isto impossível é que nós ainda temos um corpo caído. Este corpo é um “corpo do pecado” (Rm 6:6). Ele tem apetites naturais, carnis. O desejo de alimentos, conforto, prazer, sexo e muitas outras coisas, estarão sempre conosco, enquanto estivermos neste corpo. Este corpo só se transformará quando Jesus voltar.

É por isto que Paulo ensina que devemos exercitar domínio espiritual sobre o nosso corpo. Ele diz: “Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo...” (1 Co 9:27). Também lemos que ele almejava se livrar deste corpo pecador e receber um outro corpo puro e celestial (2 Co 5:2-4). Isto é porque, quanto mais ele se tornava puro interiormente e se enchia com a Vida de Deus, mais ele julgava este corpo terreno indigno de conter esta preciosa substância. O corpo pecador se tornou, cada vez mais, um peso demasiado cansativo.

Queridos irmãos e irmãs, a salvação da alma é verdadeiramente um assunto sério. As conseqüências do que estivemos discutindo aqui são eternas. Não há tempo a perder. Não haverá nenhuma segunda chance. Portanto, precisamos estar encorajando uns aos outros, mais e mais, à medida que vemos o dia se aproximando (Hb 10:25). Pela graça e misericórdia de Deus, que nós não estejamos entre “...os que retrocedem para a perdição [destruição]”, mas entre daqueles que têm fé “para a [completa] conservação da alma” (Hb 10:39).

8.

MONTANHAS E VALES

Vimos, no capítulo anterior, que a salvação da alma não é um evento, mas um processo. É uma transformação vitalícia que cada filho de Deus precisa experimentar. Todos nós necessitamos crescer espiritualmente para atingir o que Deus quer que sejamos.

Mas, como isto acontece? Como podemos compreender as coisas diferentes que estão ocorrendo em nossas vidas, seja dentro de nós, seja ao nosso redor? Claro que o crescimento espiritual é um processo vivo. É um produto da Vida sobrenatural amadurecendo dentro de nós. É Cristo sendo “formado em nós” (Gl 4:19). É um mistério. Assim como nós não compreendemos realmente “...como se formam os ossos no ventre da mulher grávida” (Ec 11:5), também o crescimento espiritual é um mistério. Não há maneira de explicar em detalhes como é que isto ocorre. Não se trata de seguir determinadas regras ou procedimentos, mas, sim, da operação do Espírito Santo de Deus, dentro de nós.

Embora tudo isso seja verdadeiro, há uns poucos elementos que podemos reconhecer. Talvez possamos pensar neles como placas de orientação no trânsito, por assim dizer, para nos ajudar a identificar, pelo menos parcialmente, algumas das coisas que nosso Senhor está operando em nós. Deus, através de Sua Palavra, colocou diante de nós algumas das coisas que Ele deseja executar em nosso interior.

João Batista foi mandado por Deus para preparar as pessoas de seu tempo para a vinda do Messias. Ele profetizava sobre Aquele que haveria de vir. Como parte de seu ministério, citando o profeta Isaías, ele disse que era uma “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos serão retificados e os escabrosos, aplanados; e toda a carne verá a salvação de Deus” (Lc 3:4-6).

Esta é uma maravilhosa palavra profética sobre a salvação da alma. Aqui João toca em algumas coisas muito importantes que Deus deseja fazer dentro de cada um de nós. Em nossa alma, quando ainda não fomos tocados por Deus, temos diferentes forças e

fraquezas. Temos “áreas” em nossas vidas, em que nos sentimos fortes e capazes, e outras áreas, em que não temos a menor confiança. Temos também “regiões” emocionais ou psicológicas que são enroladas ou lesadas por nossas várias experiências de vida.

Para que Jesus possa se manifestar por meio de nós, todas estas coisas precisam mudar. Ele precisa transformar nosso ser interior de maneira tal, que possa facilmente e livremente fluir através de nós e revelar-Se a Si mesmo ao mundo. Em nosso interior, precisamos nos tornar uma “auto-estrada” para o Rei – um caminho para Ele Se expressar sem impedimento ou sem a mistura confusa do nosso ego com Sua realidade.

AS MONTANHAS

Por exemplo, todos têm suas próprias “montanhas”. Não importa o quão fracos ou sem habilidade possamos nos sentir. Cada um de nós tem suas próprias áreas de força. Lembro-me que, alguns anos atrás, eu e minha esposa estávamos aconselhando uma jovem que parecia não ter absolutamente uma espinha dorsal. Ela era completamente passiva e não fazia nada. Aparentemente não podia fazer nada por si mesma e agia como se fosse um vegetal.

Ficamos sabendo que seus pais sempre haviam feito tudo por ela. Nunca havia tomado uma única decisão sozinha. Havia sido “carregada” pela vida por outras pessoas. Então, quando deixou sua casa para ir à Universidade, ela simplesmente desligou-se mentalmente. Sem auxílio, ela não podia sobreviver.

Mas, tentando ajudá-la, descobrimos uma coisa interessante. Apesar desta aparente fraqueza, ela possuía uma grande força. Ela era muito obstinada. Quando não queria fazer uma coisa, nada poderia movê-la. Sempre que tentávamos encorajá-la em alguma direção, sua tremenda teimosia se tornava evidente. Isto era uma grande montanha na vida dela.

Todo ser humano tem estas “montanhas” ou “lugares altos”. Todo mundo tem alguma área de força. Pode-se ser muito capaz, muito inteligente, muito apto no trato com outras pessoas, na supervisão de outros. Pode-se ser muito orgulhoso, teimoso e forte ou ser muito bom para organizar coisas. Pode-se ter muito talento para a música ou para a

oratória. Pode-se simplesmente ser voluntarioso ou ser capaz de atender a quase toda solicitação. Algumas pessoas são especialmente talentosas e têm uma porção grande de habilidades. Outras são, talvez, menos “dotadas”. Mas, cada alma que Deus criou tem pelo menos alguma montanha ou ponto de força própria em sua vida.

Conforme vimos, o Jesus que vive dentro de nós também quer viver “por meio” de nós. Ele deseja Se expressar através do nosso ser. Entretanto, as áreas nas quais somos tão fortes e capazes, apresentam um problema. Nestas “partes” de nossa personalidade, Ele tem muita dificuldade em Se expressar, porque já há uma outra vida ativamente usando estas faculdades.

Já que nós somos tão capazes nestas áreas, por que nos submeteríamos à Sua direção e controle? Sem muito esforço somos capazes de falar e de agir nestas áreas da vida. Não estou dizendo que estamos nos rebelando propositadamente ou tentando fazer algo contra a vontade de Deus. Na verdade, muito freqüentemente, quando estamos agindo em nossas áreas de força, nós acreditamos estar fazendo a vontade de Deus. Estamos tentando “viver por Ele”. Estamos “servindo” Deus.

Em Filipenses 3, Paulo faz uma lista de quem e do que ele era antes de ter encontrado Jesus Cristo. Evidentemente, ele era um homem judeu muito capaz, culto e educado. Entretanto, após descrever todas estas fortalezas e vantagens, ele diz que: “Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo” (FI 3:7). No reino de Deus, estas coisas não teriam valor para ele. Pelo contrário, eram um impedimento – uma perda – porque eram parte de seu caráter através do qual Deus não podia Se mover e Se expressar livremente.

São estas “montanhas”, estas partes fortes de nossa alma, que necessitam ser derrubadas. Estes “lugares altos” precisam ser derrubados e nivelados. Quanto mais somos capazes de viver e de agir por nós mesmos, menos temos necessidade de depender completamente de Jesus. Pode ser que tenhamos a intenção de deixá-Lo expressar-Se. Pode ser que queiramos ser obedientes, mas só porque nossa vida é tão forte nessas áreas, não percebemos que somos nós, e não Ele, quem está sendo manifesto.

Portanto, Deus precisa fazer um trabalho de quebrantamento em cada um de Seus filhos. Ele precisa trabalhar para destruir nossa auto-confiança, nossa ambição em trabalhar para Ele, nossa confiança em nossas próprias habilidades e nossa crença em

nossa própria força. Ele faz isso de modo que não mais possamos ser ou fazer *para* Deus, mas somente possamos agir ou falar quando Ele está nos motivando. Somente desta maneira podemos nos tornar uma “auto-pista” para o Rei.

Aqueles que são muito orgulhosos, Deus precisa humilhar. Ele vai trabalhar continuamente em suas vidas para expor suas fraquezas de várias formas. Ele pode permitir que eles caiam (Dn 11:35) Ele pode deixar desintegrar as obras criadas “por Deus”. Pode, até mesmo, expor os pecados deles aos outros para humilhá-los. Ele vai tratar o orgulho deles com um golpe atrás do outro, até que cheguem ao pó. Só depois é que eles irão se tornar vasos úteis para o serviço Dele. Verdadeiramente “Deus resiste aos soberbos” (Tg 4:6).

Aqueles que são muito capazes, Deus pode permitir que falhem repetidas vezes. Ele providenciará circunstâncias para que eles não possam cumprir seus objetivos. Uma vez após outra, Ele vai frustrá-los. Isto é especialmente verdadeiro no trabalho para Ele. Eles tentam uma coisa, mas não funciona. Voltam-se para um outro trabalho só para vê-lo não dar certo.

Freqüentemente, tais cristãos se tornam desencorajados e amargos. Eles pensam que Deus os abandonou. Afinal de contas, eles pensam, estiveram tentando servir a Deus com toda as suas forças e habilidades. Onde está a bênção? Onde está o amor de Deus? Onde está a poderosa mão de Deus? A poderosa mão de Deus, na verdade, está sendo manifesta bem diante dos olhos deles, mas eles não podem ver. Ela está trabalhando para destruir sua confiança neles mesmos. Realmente, esta é a coisa mais amorosa que Deus podia fazer por eles.

A Palavra de Deus diz: “...humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele, em seu tempo oportuno, vos exalte” (1 Pe 5:6). E, quando será este “tempo oportuno”? Quando Deus finalmente vai poder nos usar de uma maneira mais ampla? Será quando “...não [mais] confiemos em nós [mesmos], e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Co 1:9).

Será quando nossa própria força, nossas próprias habilidades, poderes e nossa própria auto-confiança não mais existirem. Será quando as montanhas de nossa forte personalidade se tornarem planícies. Será quando tivermos morrido para nós mesmos, nossas ambições e nossos planos. Será quando somente Jesus estiver sendo expresso por meio de nós.

Uma vez, quando Jesus estava ministrando às multidões, pediu aos seus discípulos para dar-lhes de comer. Obviamente, Ele já sabia que eles não tinham o suficiente: só cinco pães e dois peixes. Mas Ele estava tentando ilustrar uma verdade para eles. Sabia também que, como homens naturais, tinham muito pouco a oferecer às pessoas. Então, Ele pegou em Suas mãos o que tinham, abençoou os elementos e os partiu. No final das contas, foi suficiente para alimentar a todos. Assim também ocorre em nossas vidas. O que nós possuímos, como homens naturais, pode parecer bom, do nosso ponto de vista, mas, até que sejamos quebrados por Suas mãos, será de muito pouca utilidade a Deus.

No começo de nossa caminhada cristã, pode parecer que somos bem sucedidos, para só depois encontrarmos muitas frustrações. Logo que Paulo se converteu, imediatamente foi para as sinagogas para debater com os líderes judeus e causar quase um tumulto. Ele "...confundiu os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo" (At 9:22). Mais tarde, ele "Falava e discutia com os helenistas..." (At 9:29).

Logo depois, Paulo como que desaparece da "cena cristã". Mas, onde ele estava andando? Estava em Tarso, Damasco e na Arábia (Gl 1:17). Não sabemos exatamente porque ele foi para estes lugares ou quanto tempo permaneceu lá. Mas uma coisa está clara. Quando ele aparece novamente no relato bíblico, não está mais debatendo ou discutindo, mas ministrando Cristo.

Em vez de trabalhar "para" Deus, ele havia aprendido a deixar Deus trabalhar por meio dele. Pouco tempo depois, seu nome foi mudado de Saulo, o homem natural, zeloso, religioso, para Paulo, o apóstolo, o que foi usado por Deus.

Quantos dos filhos de Deus desenvolveram grandes campanhas e grandes ministérios, só para cair em pecado mais tarde e macular a reputação de Cristo. Quantos fizeram “trabalhos poderosos para Deus”, só para envergonhá-Lo depois. Isto é porque nunca foram quebrados. As “montanhas” de sua força pessoal nunca foram niveladas. Então eles continuaram usando sua própria ambição, energia e esforços para trabalhar para Jesus até que a sua força humana veio a falhar. Assim, tornaram-se presa fácil para o diabo.

Realmente, muitas vezes a mão amorosa de nosso Pai Celestial não nos deixa ser bem sucedidos por nós mesmos. É a demonstração de Seu grande amor que o faz nos manter longe do que queremos e nos disciplinar severamente. Somente deste modo, eventualmente, poderemos nos tornar vasos de honra para Seu santo nome.

OS VALES

Não apenas temos áreas de força e capacidade natural, mas também temos áreas de fraqueza e depressão. Estes são os vales de nossas vidas. Estas são as situações em que não temos autoconfiança. Não temos grandes habilidades e segurança. Talvez estejamos cheios de medo e por isso evitamos a todo custo situações em que nos possamos colocar em uma posição de ter que fazer ou falar, alguma coisa que nos deixe desconfortáveis.

Talvez, tenhamos medo de rejeição, por isso não falamos aos outros sobre Cristo. Possivelmente nos sentimos inadequados e, então, não fazemos coisa alguma para alcançar e para ajudar aos outros. Nossa timidez nos impede de repreender ou exortar pessoas que precisem deste ministério. Nossa falta de confiança nos faz ficar em casa e deixar o trabalho para os outros. Há até alguns que exaltam a sua timidez em sua própria mente, classificando-a como “humildade” em vez do que realmente é – medo.

Queridos amigos, esse tipo de situação também não glorifica a Jesus. Quando estamos cheios de medo e, portanto, resistentes a fazer, dizer ou ser uma porção de coisas, isto limita severamente a expressão do Senhor por meio de nós. Ele não pode Se mover livremente na “auto-pista” do nosso ser, porque está encontrando a resistência de nossas fraquezas humanas. Quando Ele deseja falar através de nós, nós falhamos. Quando Ele deseja agir, nós resistimos. Os vales de nossas inseguranças e timidez criam obstáculos ao

Seu trabalho. A plenitude multifacetada de Sua personalidade não pode ser expressa. Assim, para sermos transformados, temos que ter esses vales enchidos. Precisamos experimentar a salvação de Deus nestas áreas de nossas vidas.

Uma grande parte de nossa transformação, nestas áreas, requer fé. Agir e falar, quando nos sentimos inadequados, requer fé em Deus. Precisamos crer que, quando Ele está nos guiando a dizer ou fazer algo, Ele nos sustentará, sejam quais forem os resultados. Precisamos aprender a ouvir Sua voz e, então, obedecê-Lo pela fé, encarando todos os medos e fraquezas que possamos ter dentro de nós.

Sem dúvida, nosso Senhor nos guiará nestas áreas, muitas e muitas vezes. Teremos que “andar por sobre as águas”, sempre e sempre. Seremos chamados a enfrentar nossos medos, inúmeras vezes. Precisamos, repetidamente, dar um passo de fé até que, estranhamente, estas coisas não sejam mais tão difíceis. Com o passar do tempo, descobriremos que, o que antes era impensável, é agora uma parte normal de nossas vidas.

Quando obedecemos a Jesus para dizer ou fazer Sua vontade, em áreas que nos tornam desconfortáveis, pouco a pouco estes vales são preenchidos. Onde antes não havia nada além de fraqueza, agora há força. O vale se tornou uma planície. Entretanto, não somos “nós” que estamos sendo manifestos. É como João Batista disse: “...vem o que é mais poderoso do que eu” (Lc 3:16).

Na prática, são estas áreas de medo e fraqueza que o Senhor pode usar para glorificar a Si mesmo, da maneira mais poderosa. Já que, nestas partes de nossas vidas, temos muito pouca expressão de nosso “ego”, Deus pode muito facilmente enchê-las e usá-las. Quando desejamos encarar nossos medos, em obediência ao Espírito, Jesus pode manifestar Sua natureza poderosamente.

Jesus diz: “...o [Meu] poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Co 12:9). É quando não sabemos o que falar e o que fazer que Ele pode nos encher com Seus pensamentos e Seus desejos. É quando somos completamente incapazes que Sua virtude gloriosa pode ser exposta. Deus não requer pessoas fortes, confiantes e talentosas. Ao contrário, Ele está procurando por aqueles que, pela fé, permitem a Ele que seja tudo quanto Ele quer ser por meio deles. Realmente, Paulo disse: “Porque, quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Co 12:10). Deus usou as inabilidades de Paulo para mostrar o Seu poder.

Um outro fator nesta experiência de transformação é que nós precisamos negar a

nós mesmos. Negar a nós mesmos envolve não apenas não fazer aquilo que queremos, quando sabemos que desagrada a Jesus, mas também envolve fazer aquilo que não queremos, quando vemos que esta é a vontade Dele.

Quantas vezes a carne resiste a entrar nas áreas de fraquezas, timidez ou depressão! Quão freqüentemente queremos ser carregados por bons sentimentos e confiança em vez de simples obediência em fé. Freqüentemente, estamos esperando que Deus transforme o “modo como nos sentimos”, antes de agir ou falar, enquanto Ele está esperando obediência, para que Ele “possa” mudar o modo como somos. “...sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6).

Nunca me esquecerei de ter encontrado uma irmã cristã de meia idade, na Inglaterra. Ela havia passado por um divórcio ou alguma outra experiência traumática. Como resultado, tinha se tornado depressiva. Passava seus dias andando por aí de cara feia. Ela estava sempre freqüentando reuniões, procurando por algum estímulo e encorajamento. Era sempre um peso para os outros com seu desencorajamento e triste comportamento.

Sua esperança era que iria lhe acontecer algo tão bom, que iria contrabalançar todos os seus sentimentos negativos e lhe faria começar a se sentir bem novamente. Claro que isto nunca aconteceu e nunca acontecerá. A única solução para ela era negar-se a si própria. Ela precisava negar-se a luxúria da auto-piedade. De fato, precisava parar completamente de pensar nela mesma. Precisava se abrir para Deus e começar a pensar em servir aos outros. Sua necessidade era ter como meta a felicidade e o bem estar dos outros. Deste modo ela iria encontrar, vindo do Senhor, uma satisfação sobrenatural e uma felicidade que iriam curar sua depressão.

OS LUGARES TORTUOSOS

Há pessoas que são naturalmente fortes. Outras sofrem de timidez e fraquezas. Mas, há também aquelas cujas vidas têm sido emaranhadas pelo inimigo. Em algum instante de suas vidas, provavelmente na infância, experimentaram algo devastador, que deixou uma cicatriz emocional em seu caráter. Para algumas, isto pode ter sido abuso sexual ou estupro. Para outras, pode ter sido maus tratos físicos. Outros, ainda, foram psicologicamente traumatizados por contínuo abuso verbal e/ou rejeição. O divórcio de seus pais, por exemplo,

freqüentemente proporciona este tipo de devastação na personalidade das crianças.

Estas coisas e muitas outras deixam as pessoas que as experimentaram com um tipo de ponto de vista “tortuoso” da vida. Elas têm cicatrizes emocionais profundas. Quando o curso normal da vida as põe em contato com estas danificadas áreas internas de sentimentos, elas fogem ou exibem reações peculiares.

Elas evitam qualquer situação que possa lhes lembrar destas experiências ou que lhes faça revivê-las outra vez. Assiduamente, maridos, esposas ou outros ao redor dessas pessoas, não conseguem entender porque eles reagem à vida, da maneira como o fazem. Essas são áreas danificadas através das quais Deus não pode Se mover.

Tais indivíduos usualmente não querem que Deus ou ninguém mais esteja mexendo com estas partes interiores. Freqüentemente, há uma grande dor associada àquilo que causou esta distorção psicológica. Portanto, eles evitam qualquer transação pessoal, que possa tocá-los na área de dor. Suas vidas manifestam um tipo de comportamento enrolado e estranho. Ao invés de reagir normalmente às situações do dia a dia, muitas vezes enxergam nelas um perigo escondido.

Assim, pelo menos internamente, eles se fecham, voltando-se para se esconderem atrás de alguma barreira emocional frágil que erigiram em suas mentes e que, acham, irá protegê-los de mais dores. Entretanto, isto não funciona. Vendo estas reações peculiares, aqueles que estão ao redor deles, com freqüência, são estimulados a fazer ou dizer as coisas exatas que irritam o ferimento. Tentando ajudá-los a se libertar destes estranhos modos, acabam por feri-los mais.

A solução de Deus para estes ferimentos profundos é trazê-los para a luz. Precisamos abrir nossas vidas para Jesus e deixá-Lo “ver” o que nos aconteceu. Precisamos deixá-Lo tocar e curar nossos ferimentos mais profundos. Mais uma vez, a fé é requerida. Precisamos saber e confiar que Deus nos ama completamente e sem reservas. Precisamos crer que Ele nos tratará, com a mais tenra bondade. Precisamos ter fé que, porque Ele nos fez, sabe como curar nossas feridas e que o fará com o mínimo de sofrimento.

A menos que sejamos capazes de abrir essas áreas de nossas vidas inteiramente a Ele, nunca poderemos experimentar Sua cura. É absolutamente imperativo para nós, abriremos totalmente cada “porta” interna a Ele, permitindo que veja tudo. Tudo o que aconteceu, tudo o que nos foi dito ou feito, todas as nossas dores e lágrimas devem ser

colocados aos Seus pés. Deste modo, o Grande Médico virá, colocará Sua mão sobre você e o curará.

Em alguns casos, indivíduos feridos emocionalmente sepultaram tão profundamente sua ferida que mesmo suas próprias mentes “esqueceram” o que aconteceu. Eles reprimem os sentimentos tão severamente – tornando-se um aleijado emocional, no processo – que encobrem completamente o que aconteceu. Isto pode ser especialmente verdadeiro em casos de estupro ou abuso sexual de criancinhas.

Mas, à medida que crescemos espiritualmente, e somos mais e mais íntimos de Jesus, Ele pode e vai trazer estas coisas à mente. Ele irá fazer brilhar Sua luz sobre elas. Não quero dizer que devemos tentar pensar ou imaginar que algo ocorreu, quando realmente não foi assim. Apenas sei que, em Seu tempo e a Seu modo, Ele pode revelar “memórias esquecidas”, sepultadas, que estão impedindo nosso progresso espiritual. Então, com Sua luz, Ele pode curar essa área para que Sua Vida possa fluir por meio de nós, de maneira nova.

Um segredo para a cura emocional é o perdão. Jesus pode nos capacitar a dar o perdão genuíno e profundo, para aqueles que nos machucaram. Este é um fator extremamente importante no processo de cura. Quando somos capazes de perdoar aos outros, experimentamos uma libertação maravilhosa. À Sua luz, podemos ver como aqueles que nos feriram eram apenas fantoches do inimigo de Deus. Podemos entender como eles também, talvez, sofreram coisas semelhantes e que, vivendo e agindo nas trevas, simplesmente foram instrumentos do diabo.

O perdão de Cristo pode inundar nossa alma e libertar a ambos, a nós e àqueles que nos feriram, da escravidão dos nossos próprios sentimentos. Este perdão sobrenatural abre caminho para a cura divina em nossas almas.

Após trazer tudo para a luz de Deus e, então, perdoar aos outros, há ainda um outro passo. Estes indivíduos feridos e emaranhados, precisam abrir estas áreas de suas vidas para Jesus preencher. Eles, como aqueles com vales de fraquezas e medos, precisam, pela fé, desejar pisar nestes territórios que antes eram apenas dor. Precisam, confiando na proteção de Jesus, acelerar os passos em obediência, para experimentá-Lo no que, talvez, fosse apenas uma “carne moída” emocional.

Eles precisam derrubar suas frágeis barreiras psicológicas protetoras, que

erigiram em suas mentes; precisam parar de correr de relacionamentos íntimos e emocionais e começar a deixar a Vida de Jesus preencher essas áreas. Precisam desejar deixá-Lo agir e reagir, deixá-Lo amar e ser amado. Apenas arriscando tudo e caminhando por fé nestas áreas emocionais feridas, alguém pode ser liberto e curado completamente. Evitar tal abertura da alma somente causará mais dor a si mesmo e aos outros.

Através do perdão e do toque curador de Jesus, as áreas danificadas de nossas vidas, então, se tornam abertas para a Vida de Deus viver e morar dentro de nós. Talvez isto tome algum tempo, talvez mesmo alguns anos, nos abrindo para o nosso Curador. Não há regra aqui. Cada vida é diferente, e Jesus sabe o que é melhor.

Sem dúvida, com o tempo e fé, poderemos experimentar a nova Vida enchendo estas áreas feridas. Elas também podem ser usadas por Deus para manifestá-Lo. Os modos tortuosos podem se tornar retos, para que Ele possa Se mover por meio de nós. Além disso, é através destas determinadas áreas onde somos atacados e feridos pelo diabo, usando outras pessoas, que podemos ter o impacto mais poderoso. Estas partes de nossas vidas, depois de terem sido curadas e preenchidas por Deus, tornam-se armas poderosas contra o maligno que tentou nos destruir. Certamente, "...até o aleijado levará sua presa" (Is 33:23 NVI).

OS CAMINHOS ACIDENTADOS

Quando as pessoas vêm a Cristo, elas vêm, nas palavras de um famoso hino, "como elas estão". Algumas vezes, entretanto, "como elas estão" é um pouco peculiar. Sei que somos todos humanos, mas alguns cristãos são um pouco mais estranhos do que o necessário. Eles têm traços de personalidade e peculiaridades que podem ser divertidos, ou mesmo abrasivos, ou até sinceramente irritantes. Eles têm hábitos que podem avançar nos nervos dos outros e comportamentos que servem apenas para indispor ambos, crentes e descrentes. Eles são um pouco desagradáveis.

Obviamente, tal comportamento impede a completa e livre expressão de Cristo em suas vidas. Nosso comportamento estranho e hábitos incomuns não servem para glorificar a Deus. Eles também precisam mudar.

Parte do trabalho do Espírito Santo é nos revelar a nós mesmos. Quando estamos abertos, Ele nos mostrará se temos alguns destes traços peculiares que não Lhe dão honra. Como parte desta iluminação, Ele pode até mesmo usar outras pessoas que nos conhecem e nos amam, para trazer alguma correção.

Então, temos a maravilhosa oportunidade de negar a nós mesmos. Podemos experimentar a cruz de Cristo matando aquilo que somos e substituindo por aquilo que Ele é. Naturalmente, se amamos a nós mesmos e apreciamos nossas pequenas características especiais, nunca iremos experimentar a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Somente quando vemos a nós mesmos em Sua luz, revelando as tolices daquilo que somos, poderemos mudar.

Então, à medida que nos arrependemos de exibir nossa natureza carnal e nos abrimos a Ele para Sua Vida, podemos ser libertos daquilo que somos. Quando O deixamos fazer todo o Seu trabalho em nós, podemos nos tornar uma “via expressa” para o Rei.

FORTALEZAS DOS DEMÔNIOS

Enquanto pensarmos que nosso comportamento é “inocente” e nossos problemas são bem normais, na verdade, há mais alguma coisa por trás disso. Todas as áreas não transformadas de nossas vidas podem ser e são usadas pelos espíritos maus e demônios para nos influenciarem, nos controlarem e nos induzirem a fazer a vontade deles.

Isto é especialmente verdadeiro nestes territórios mentais e emocionais onde eles foram bem sucedidos em provocar danos e, assim, estabelecer um tipo de fortaleza dentro de nós. Estes espíritos maus usam pessoas, sobre as quais eles têm controle, para causar impacto em nossas vidas. Então, tendo causado dano, eles usam a área machucada para exercer influência sobre nós. Usando estas pessoas, eles instilam em suas vítimas certos padrões de pensamento. Eles as fazem ver os outros e todos ao redor delas de uma determinada forma.

Por exemplo, vamos supor que um desses demônios influencie algum membro de uma família a cometer abuso sexual contra uma pequena garota. Antes disso acontecer, ela talvez fosse uma garota despreocupada, aberta e normal. Mas, a partir do abuso, seu modo

de ver a vida muda. Ela não é mais inocente. Não se sente livre para agir como moça, por medo de atrair a atenção de algum homem que a possa ferir de novo.

Freqüentemente, tal moça se culpa por ter feito algo que provocou o homem a desejá-la. Talvez, ela se culpe por agir de um modo que atraiu a atenção masculina. Então, para evitar isso acontecer de novo, ela se retrai emocionalmente construindo muros mentais e emocionais, para protegê-la de tal conseqüência. Ela se torna emocionalmente ferida e amarrada.

Assim, os espíritos malignos teve sucesso em estabelecer nela uma fortaleza, um terreno emocional onde eles podem ter o controle sobre ela. Sempre que for abordada por um homem ou toda vez que um homem se aproximar, ela sempre terá uma reação estranha a ele. Sua reação não será uma resposta normal e feminina ao que ele está dizendo ou fazendo, mas sim a reação de uma alma ferida.

Essa mulher, então, terá uma série de problemas em seus relacionamentos com homens, principalmente com o seu marido. Ela terá muita dificuldade em ser uma mulher normal. Qualquer avanço que seu marido fizer, provavelmente será interpretado à luz do passado dela. Os maus espíritos tiveram sucesso em estabelecer dentro dela uma série de pensamentos. Estes pensamentos, quando alavancados por algo que seu marido faça, produzem uma reação de retraimento e bloqueio emocional.

Talvez seu marido, não entendendo esta reação peculiar, possa se irar. Esta ira servirá para feri-la ainda mais e piorar o relacionamento entre eles. Alguns homens, não temendo a Deus ou não compreendendo o verdadeiro problema, tornam-se frustrados e, estimulados por demônios, seguem tentando satisfazer suas frustrações, abusando sexualmente de suas próprias filhas. Assim, o terreno que o inimigo possui passa de uma geração a outra.

Vamos tomar o caso de um jovem que era severamente espancado por seu pai. Este abuso continuou por muitos anos. Assim, na mente desse jovem, formou-se uma opinião sobre os homens. Ele se tornou cheio de medo, paranóico. No futuro, terá muita dificuldade em se relacionar com os homens. Não poderá confiar neles. Não poderá fazer amigos ou abrir seu coração. Sua mente foi programada para pensar de certa maneira e suas reações são previsíveis.

Os espíritos maus ganharam uma certa porção do território dele e usam isto para

controlá-lo. Talvez, quando este jovem receber a Cristo, desejará servi-Lo. Mas, terá grandes problemas relativos a outros homens do corpo de Cristo. Estará sempre fechado, melindrado e suspeitando de algo. Não há dúvida de que o diabo irá arrumar circunstâncias para, continuamente, tentar reforçar estas idéias. O resultado é isolamento e divisão.

A RENOVAÇÃO DA MENTE

Assim, vemos que os maus espíritos trabalham para estabelecer padrões de pensamentos dentro de nossas almas. Usando muitas e variadas técnicas, eles implantam certas idéias em nossas mentes, as quais aceitamos como verdadeiras. Estas cadeias de pensamentos se referem à vida e aos relacionamentos com os outros. Eles se tornam “verdades” para nós, e nós agimos e reagimos ao nosso meio ambiente, de acordo com estes padrões de pensamentos.

Normalmente, associados a estes padrões de pensamentos, existem “chaves” que os maus espíritos usam para ativar esses pensamentos. Eles estabeleceram em nossa mentes certos tipos de gatilhos, que fazem nossas mentes acompanhar estas linhas pré programadas. Essas chaves são geralmente coisas que os outros falam ou fazem, e que são similares a coisas que o inimigo usou em nossas vidas para estabelecer esses modelos de pensamentos.

Portanto, nós reagimos não à verdade da situação, mas à versão do diabo sobre a verdade, que ele conseguiu implantar em nós. Com freqüência, as pessoas à nossa volta, que são usadas para desencadear estes pensamentos, são surpreendidas por nossas reações. Isto é porque nós não estamos respondendo ao que está realmente sendo dito ou feito, mas a uma já programada série de pensamentos que tinham sido disparados.

Obviamente, tais pessoas não são canais abertos para a obra de Deus. É muito comum ver crentes que, embora sejam usados pelo Senhor, também têm áreas em suas vidas, que estão debaixo do controle de espíritos malignos. O resultado é que a expressão do Senhor através deles é limitada e, freqüentemente, manchada por suas ações e reações, que estão sob a influência do inimigo.

Não estou dizendo que estas pessoas são “possuídas” por demônios. Apenas que

seus padrões de pensamentos, estabelecidos pelo inimigo, através de suas experiências, as abrem para serem usadas por ele. Elas são desconfiadas, receosas, algumas vezes agressivas, caladas, almas feridas.

Quando outras pessoas tentam se aproximar delas e começam a tocar nestas áreas machucadas, duas coisas podem acontecer: algumas reagem se fechando e fugindo emocionalmente e outras dão coice como um animal acuado, tentando ferir aqueles que estão se aproximando, para que retrocedam. Este é o clássico estilo “fuja ou lute”. Estes são os mecanismos de proteção naturais, humanos, mas eles não expressam a natureza divina. Para conseguir se tornar uma “via expressa” para Deus, estas coisas precisam ser transformadas.

Em Romanos 12:2 lemos que não devemos nos conformar com este mundo, mas nos transformar “pela renovação de vossa mente”. Aqui está a solução de Deus para a “programação” dos espíritos malignos: é brilhar Sua luz em nós e expor estas mentiras do inimigo. Quando andamos com Deus, Ele usa vários métodos, incluindo circunstâncias e conselhos dos outros, para revelar as áreas de controle dos espíritos maus. Ele irá desvendar suas mentiras, mostrando como elas realmente são. Ele nos ajuda a compreender como estas mentiras foram implantadas em nós.

Então, Ele nos mostra Sua verdade, que irá nos libertar da escravidão sob a qual estávamos vivendo. Esta “renovação” do nosso jeito de pensar conduz nossa mente, mais e mais, debaixo do controle do Espírito Santo. Quanto mais nossos pensamentos estão sob Seu controle, mais nós podemos ser uma exibição Dele mesmo. Realmente, isto é o que cada cristão necessita experimentar.

Jesus veio para salvar completamente nossas almas. Ele deseja que nos tornemos uma expressão viva Dele mesmo sem impedimento ou barreira. Não há escravidão, ferimento, montanha ou vale que seja difícil demais para Ele curar ou mudar. Seu poder é mais do que suficiente. Seu amor é irrestrito. Sua graça é suficiente, mesmo para os casos mais difíceis. Realmente, “Por isso, também pode salvar *totalmente* os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).

Não devemos nunca acreditar que nosso caso seja difícil demais ou que devemos permanecer sempre como somos. O trabalho de Jesus na cruz foi suficiente para transformar qualquer um à Sua gloriosa imagem. Ninguém é fraco demais. Nenhuma situação é dura

demais. Gênesis 18:14 pergunta: “Acaso, para o Senhor há coisa demasiadamente difícil?” Nossa resposta deve ser: “Não!” Devemos colocar nossa fé firmemente neste fato se queremos ser libertos. Jesus conquistou até mesmo a morte e o pecado. Todas as coisas estão, agora, debaixo de Seus pés. Seu poder é capaz de libertar qualquer um que confie Nele.

Entretanto, nada disto acontecerá, sem nossa cooperação voluntária. Deus não fará nada dentro de nós, a menos que estejamos prontos e desejosos de que Ele o faça. Para entrar nesta boa terra e possuí-la, precisamos diariamente ser liderados pelo Espírito Santo. Quando Ele nos leva a áreas de fraqueza ou medo, então, precisamos ir – dia a dia, mais e mais, até que tenhamos a vitória conquistada.

Quando Ele escolhe permitir que falhemos ou sejamos frustrados, precisamos nos submeter sob a Sua mão. Precisamos sempre confiar que o que Deus está fazendo em nossas vidas é o melhor para nós. Nossa visão não pode ser limitada ao amanhã apenas, mas precisamos também ver como Deus fará no futuro. Os desafios e os sofrimentos estão produzindo a glória do futuro.

GIGANTES NA TERRA

Naturalmente nossa jornada à boa terra envolverá muitas batalhas. Como os filhos de Israel tiveram que combater muitos inimigos para entrar e tomar posse do que Deus já havia lhes dado, assim também nós iremos encarar muitos inimigos espirituais. Entre esses inimigos de Israel, havia gigantes. Assim também, em suas almas, novos crentes freqüentemente têm muitas forças armadas contra eles. As áreas feridas de nossas almas, as fraquezas que encontramos em nós mesmos, são muito difíceis de conquistar.

Não apenas temos que lutar contra a nossa carne, mas também temos o poder fortificado dos maus espíritos. Eles irão se levantar para se opor a qualquer esforço de tomar posse do território deles.

Para alguns crentes, esse desafio parece dominá-los completamente. São amedrontados demais. Eles têm pouca fé em Deus. Então se recusam a entrar e confrontar os gigantes de suas vidas. Eles se recusam a dar um passo de fé em áreas de fraquezas ou

ferimentos emocionais. Não abrem totalmente suas vidas para permitir que Deus toque nelas. Estão na mesma situação dos dez espias que voltaram de Canaã, com mau relatório. “Há gigantes na Terra”, eles gritaram. “Somos muito fracos para vencê-los”.

Então não entraram na terra e em vez disso perambularam pelo deserto por 40 anos até morrerem. Quantos filhos de Deus, hoje, estão na mesma situação! Eles estão se recusando a obedecer a Jesus por causa do medo. Não estão desejando dar um passo de fé e confrontar os gigantes de suas vidas. Estão querendo que ninguém, mesmo Deus, mexa com as áreas feridas deles.

Conseqüentemente, estão vagueando pelos desertos espirituais. Talvez estejam indo de igreja em igreja, de um ministério cristão a outro, esperando por algum tipo de libertação que não envolve qualquer ato de fé da parte deles. Querem ser livres, mas não querem arriscar coisa alguma ou obedecer. Estão perambulando pelo deserto espiritual do pecado.

Não há falta, hoje, de “ministérios de libertação” que circulem por aí tentando expulsar estes espíritos malignos que têm influência sobre a vida dos cristãos. Esses ministérios estão investindo um bom tempo gritando e repreendendo seres espirituais.

O problema é que estes espíritos nem sempre estão “dentro”. Muitos indivíduos que têm uma forte influência destes demônios em suas vidas, não estão realmente “possuídos” por eles, mas apenas debaixo de seu controle ou influência, conforme vimos. Portanto, “expulsá-los” só tem um efeito temporário, se é que tem algum. O “espaço” que os espíritos estabeleceram na mente das pessoas afetadas permanece e, portanto, a influência destes espíritos retorna. Certamente, há casos de possessão demoníaca e estes devem ser tratados de acordo. Mas, mais freqüentemente, o que os crentes experimentam é esta “programação” da mente. Isto só pode ser superado pela “reprogramação” do Espírito Santo.

Nossa entrada em tudo aquilo que Jesus comprou para nós requer nossa fé e obediência. Ele fez Sua parte, pagou o preço que era necessário. Agora, o caminho está aberto para cada um e para todos virem e serem salvos – não apenas nascidos de novo, mas completamente transformados, de glória em glória, à imagem de Jesus Cristo. Você está pronto e desejoso de se submeter e obedecer? Se está, você ganhará eterna recompensa que nunca se desvanecerá.

9.

O SANGUE DA ALIANÇA

Antes de Deus criar este mundo e tudo o que nele há, Ele tinha em Seu coração um plano maravilhoso. No centro exato de Seus desígnios, Ele tinha em mente a formação de uma noiva, com a qual poderia Se unir em santa intimidade, com a qual Ele poderia entrar em uma aliança de casamento.

Entretanto, em Sua grande sabedoria, Ele sabia que isto só poderia se realizar com grande dificuldade. Esta mulher celestial de Seu desejo só poderia chegar à perfeição necessária para entrar nesta união matrimonial através de grandes dificuldades e tribulação. Ela deveria conhecer o pecado e o rejeitar.

Nós compreendemos este fato, porque o Cordeiro de Deus foi “morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8). Assim, Deus sabia e compreendia a necessidade da queda e da redenção do homem, mesmo antes Dele haver começado Suas maravilhosas obras.

Veja você, Deus poderia simplesmente ter criado uma noiva para Si, perfeita e bonita, em todos os aspectos. Mas os resultados de tal criação já eram evidentes. Nosso Senhor já havia feito um ser extremamente poderoso e bonito, alguém que era imaculado em todos os aspectos. É do anjo Lúcifer que estamos falando, aqui. Entretanto, este ser perfeito nunca havia conhecido o pecado. Assim, com o passar do tempo, ele começou a pensar, sonhar e imaginar como poderia ser tão grande quanto Deus. Ele tomou a decisão de pecar contra Aquele que o fez e, dessa forma, o seu reinado tornou-se de trevas e iniquidade.

Nosso Deus precisa ter uma companheira eterna em quem Ele possa confiar. Não deve nunca chegar um tempo em que ela possa ser tentada pelo pecado e voltar-se contra Ele. Assim, em Sua infinita misericórdia, nosso Deus permitiu aos homens e mulheres que irão tornar-se Sua noiva, que passem pela experiência do pecado. Deu-lhes uma escolha livre, desde o começo, e permitiu-lhes conhecer a escuridão e a depravação do pecado.

Também são conhecidos do Seu povo os resultados da rebelião contra Ele. Então, a noiva de Cristo está vindo para a sua posição de glória e eminência, pela direção oposta de

Lúcifer. Ele foi criado perfeito e depois caiu. A noiva, tendo nascido no pecado e tendo sido redimida por seu Criador, deve diariamente escolher rejeitar o pecado.

Passo a passo, dia após dia, os filhos de Deus entendem mais e mais o quão desagradável é o pecado e como são repugnantes os resultados dele. Deste modo, a noiva de Cristo provou a rebeldia e escolheu a completa submissão a Ele. Ela conheceu o pecado e, no entanto, procurou santidade, de todo o seu coração. Quando o profundamente sábio trabalho de Deus com ela terminar, ela nunca mais será atraída pelo pecado.

Deus fez todo o Seu trabalho conhecendo o alto preço que teria que pagar. Permitir aos homens e mulheres o acesso ao pecado certamente resultaria em que eles o experimentassem. Portanto, isto iria provocar não só o grande sofrimento deles, mas também a necessidade da morte de Seu próprio Filho.

Conseguir a noiva, a eterna companheira que Ele desejava, requeria que Ele pagasse o preço mais alto. O que era mais precioso para Ele, teria que ser sacrificado: Seu sangue derramado no chão para que os supremos propósitos pudessem ser cumpridos. O contrato de casamento teve o mais alto custo possível: o sangue da Aliança.

No Jardim do Éden, pouco depois do pecado de Adão e Eva, Deus veio visitá-los. Ele viu e sabia tudo o que eles tinham feito. Haviam desobedecido e se rebelado contra Ele. A nudez estava exposta. Ali, o Criador começou a ensiná-los sobre o preço do pecado. Ele começou revelando o grande custo requerido para resolver o problema. Para cobrir aquela nudez, Deus teve que matar uma criatura inocente, possivelmente um cordeiro, e fazer roupas para eles. O sangue derramado de um inocente cobriu o resultado do pecado deles, a nudez.

Não há dúvida que essa ação foi repugnante para Deus. Ele não desejava matar coisa alguma, especialmente uma daquelas novas criaturas que fizera. Deus não tem prazer em assassinato e morte, mesmo na morte dos perversos (Ez 33:1). Entretanto, a situação pedia uma morte. Sua lição era clara para Adão e Eva: o pecado só podia ser coberto pela morte.

Não há dúvida de que esta ação de Deus deve ter sido extremamente assustadora para Adão e Eva. Até aquele momento, não existia morte. Nenhum animal tinha morrido antes. Todos os animais eram seus amigos. Conheciam todos eles e, provavelmente, estiveram cuidando deles no jardim. Possivelmente, eles tinham até dado nomes às estes

animais. Aquele pequeno animal felpudo, não havia feito nada errado. Entretanto, por causa da rebeldia deles, sua morte havia sido necessária. Esta ação deve ter causado um impacto profundo no primeiro casal do mundo. Eles começaram a entender o preço do pecado.

Mais tarde, quando Deus deu a Lei a Moisés, esta mesma necessidade foi expressa. Frutas e vegetais não eram aceitos para expiação do pecado. Somente pela oferta do sangue de uma criatura pura e inocente, o pecado poderia ser expiado. O Velho Testamento está cheio de ordenanças e admoestações referentes à necessidade desta oferta. Como todos nós sabemos, o cumprimento desta severa exigência do Altíssimo foi a oferta do Seu próprio e precioso Filho.

Jesus Cristo veio à Terra para morrer por nós. Ele morreu em nosso lugar, derramando Seu sangue para que a justa exigência de Deus pudesse ser satisfeita. Sem dúvida, se o sacrifício de um animal era precioso aos olhos de Deus, o sangue do próprio Filho de Deus é indescritivelmente mais precioso. O valor de tal sacrifício para Deus está além de nossa compreensão.

Para nós, que somos pecadores, esta oferta é também do mais supremo valor. O preço que foi pago foi alto o bastante para purificar e perdoar o mais horrendo pecador. Não há ninguém na terra que não possa ser perdoado. Não há pecador cujas obras sejam tão terríveis que o sangue de Jesus não possa limpá-los.

Que coisa gloriosa! Nós, que nos rebelamos contra Deus e pecamos contra Ele das mais terríveis maneiras, podemos ser limpos pelo sangue de Jesus. Não pode haver dúvida sobre esta preciosa verdade.

A maior parte da Igreja moderna, hoje, compreende este fato. Entretanto, freqüentemente ele tem sido levado a um extremo onde cessou de ser verdadeiro. Muitos mestres da Bíblia têm enfeitado tantos fatos sobre o sangue precioso de Jesus, até não estarem mais em harmonia com a mente de Deus ou com a Sua Palavra.

Por exemplo, muitos ensinam que, quando recebemos Jesus, Ele perdoa todos os nossos pecados, passados, presentes e futuros. Além disso, eles insistem, não há nada que possamos fazer ou dizer para mudar este fato. Uma outra fábula que é comumente propagada, hoje, é que Deus não pode ver o nosso pecado, porque Ele vê apenas o sangue de Jesus.

Estas afirmações não são verdadeiras. Não há versículos na Bíblia que afirmem

tais coisas. Ao contrário, encontramos muitos versículos que dizem algo inteiramente diferente. Portanto, vamos juntos tomar um tempo para examinar cuidadosamente a Palavra de Deus a fim de descobrir qual é realmente a verdade de Deus.

A CONVICÇÃO DO PECADO

Lendo as Escrituras, descobrimos a revelação do perdão maravilhoso e livre de Deus. Ainda para receber este grande perdão e tomar parte na limpeza, também descobrimos que há algumas exigências. Uma das mais óbvias é o fato de que, se não perdoarmos aos outros, Deus não irá nos perdoar (Mt 6:15). Aqui, na Bíblia, há uma afirmação clara de que há pelo menos uma condição que precisamos preencher, para receber o perdão de Deus. Isto é, perdoar os outros. Todos os nossos pecados, passados, presentes e futuros, certamente *podem* ser perdoados, mas seguramente não o serão a menos que satisfaçamos as ordens de Deus.

Uma outra exigência que vem à mente é a necessidade do pecador ser convencido do pecado. Jesus afirmou: “Quando Ele [o Consolador] vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16:8). Este profundo senso de convicção do pecado é o primeiro passo que nos capacita a receber perdão. É o trabalho do Espírito Santo, pela graça de Deus.

Quando Pedro estava pregando às multidões no dia de Pentecostes, expondo o pecado deles pela crucificação de Jesus, qual foi a resposta daqueles ouvintes? Eles ficaram “aflitos no seu coração” (At 2:37 NVI). Eles foram convencidos. Subitamente perceberam a profundidade de sua perversidade. Sem esta profunda convicção de pecado, não poderiam ter sido preparados para receber perdão.

Vamos pensar nisto, juntos. Se você nunca foi convencido de seus pecados – não apenas aquilo que você fez, mas também aquilo que você é – então, você não tem a necessidade de um salvador. Se você não imaginou profunda e completamente, à luz de Deus, que você é pecador em seu coração, então, não pode pensar que você merece morrer. E, se você não merece morrer, então, é óbvio, não precisa de alguém que morra em seu lugar. Se você não se considera merecedor da sentença de morte, então, não precisa de um substituto para tomar o seu lugar nesta execução.

Portanto, você não pode verdadeiramente ser perdoado. O sangue de Jesus não é tinta. Ele fala da morte de alguém. Este Alguém morreu por aqueles que compreendem as tendências más de sua própria vida e natureza. Eles estão convictos de seus pecados. Estão profundamente arrependidos e acreditam que quem ou o quê eles são, não merece viver. Entretanto, estão prontos a receber o sangue de Alguém que morreu por eles. Nesta posição, eles podem receber o completo perdão.

Se você nunca foi convencido do pecado, então, não foi perdoado e, até hoje, vive no pecado. Não importa se você orou a “oração do pecador”. Não faz diferença se você é membro de uma igreja e assiste aos cultos regularmente. Para orar uma oração que resulte no seu perdão, você precisa primeiro ter tido um encontro com Deus. E, quando Deus Se revela ao homem, com tal revelação vem também a convicção do pecado.

Deus odeia o pecado. Assim, quando Ele Se revela, esta santidade abrasadora de Seu caráter automaticamente revela o pecado e a impureza daquele a quem Ele Se revela. Jó disse: “Antes eu te conhecia de ouvir falar, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42: 5,6).

Quantos chamados “cristãos” estão na posição de Jó, antes de Deus ter Se revelado? Eles “ouviram” a respeito de Deus e, talvez, tenham mentalmente concordado com o que ouviram, mas nunca O “viram”. Eles nunca se encontraram com Jesus. Nunca se convenceram do pecado e, por isso, nunca se arreponderam. Apesar do fato de que a igreja que eles freqüentam está tentando assegurar a eles que foram perdoados e salvos, a verdade é que eles não o foram.

SEGURANÇA DO PERDÃO

Falando desta “segurança de salvação” e perdão, a igreja não tem o direito de tentar assegurar tal coisa a quem quer que seja. Este é o trabalho de Deus. Em nenhum lugar da Bíblia foi dado à igreja o trabalho de assegurar às pessoas que elas estão bem com Deus. O trabalho da igreja é trazer homens e mulheres para Cristo. Seu trabalho é revelar Jesus de uma forma poderosa, através da pregação e do testemunho de que as pessoas podem vê-Lo e encontrá-Lo. É o trabalho de Jesus perdoar o pecador e dar-lhe a certeza de que foi perdoado. Esta certeza do perdão vem da presença de Deus. Quando alguém tem

um relacionamento face a face com Ele, torna-se profundamente convicto de seu pecado e segue sabendo, tendo plena certeza, em seu coração, que encontrou o próprio Amor e Perdão.

Oh, como as igrejas, hoje, estão cheias daqueles que nunca foram convencidos do pecado! Eles não têm direito à segurança do perdão. Entretanto, estão convencidos, pelos homens, de que a têm.

Em vez de trabalharem para trazer pessoas a Deus, muitos cristãos estão trabalhando para trazer pessoas para “suas” igrejas. A meta deles é diferente daquela do Senhor. O objetivo deles é encher seus edifícios e multiplicar o número de membros. Eles trabalham para fazer as pessoas se sentirem confortáveis e bem vindas. Às vezes, eles até lutarão contra qualquer pregação que possa fazer alguém se sentir preocupado ou desconfortável. E assim, eles tomam o lugar de Deus. Eles oferecem um perdão “fácil” para alguém que concorde com eles e se una a eles. Este é um trabalho impiedoso.

O pensamento de Deus, por outro lado, é completamente diferente. É trazer homens e mulheres à convicção do pecado. Este é o trabalho do Espírito Santo, claramente afirmado (Jo 16:8). Os pecadores precisam se sentir desconfortáveis. Quanto mais desconfortável, melhor. Todos os grandes avivamentos da História da Igreja foram caracterizados por uma coisa: uma profunda e angustiosa convicção do pecado da parte dos descrentes.

É correto para os ímpios estar profundamente convictos disso. É bom para eles se angustiarem sobre sua condição pecadora. Uma tristeza profunda é um sinal maravilhoso da obra do Espírito Santo de Deus. Quando encontramos pecadores neste estado, não devemos trabalhar para aliviá-los deste peso. Nosso trabalho, nosso único trabalho, é apontá-los continuamente para o Salvador até que eles mesmos “façam negócio” com Ele, até que saibam, por eles mesmos, que foram perdoados e aceitos. Isto resultará em conversão verdadeira e duradoura.

Um outro passo necessário para receber o perdão é o arrependimento. Uma profunda convicção do pecado resulta em arrependimento da parte do pecador. Quando a multidão foi convencida ou “comovida em seus corações” através da pregação de Pedro, eles imediatamente gritaram: “o que devemos fazer?” A resposta de Pedro a isto foi: “Arrependei-vos e sejam batizados”. Você vê, arrependimento é o resultado necessário de uma profunda convicção de pecado.

Arrependimento significa, literalmente, na língua grega, “ter uma mudança da mente”. Em outras palavras, você, estando convencido do pecado, resolve nunca mais se envolver com o mesmo. Você muda a sua atitude para odiar o que você tem sido e feito e clama a Deus para ser completamente liberto de tal detestável comportamento. Isto é um passo necessário para receber o perdão, o volver do coração para genuinamente querer nunca mais se envolver com o pecado. A menos que haja tal determinação da parte do pecador, o perdão não pode ser encontrado.

Para melhor ilustrar esta verdade, vamos olhar o Velho Testamento. Lá, também, quando uma pessoa fazia uma oferta pelo pecado, havia esta requisição essencial. Esta pessoa precisava estar arrependida; precisava admitir seu pecado; lamentar verdadeiramente por ele; e ter a completa intenção de nunca cometê-lo novamente.

Sem esta atitude, a oferta feita não era agradável a Deus. Era um mau cheiro em Suas narinas. Por que Ele, que fez todas as coisas, iria querer ver morto um animal inocente e precioso, sem nenhuma razão? E por que matar um cordeiro iria aliviar o pecado da pessoa que o oferecia, quando em seu coração ela pretendia continuar com suas atitudes? Em vez de consertá-las com Deus, aquele sacrifício era uma farsa e tornava as coisas piores. Leia Isaías 66:3. Deus não perdoava estes hipócritas. Ao invés disso, Seu julgamento sobre eles foi elevado.

Possivelmente, muitas pessoas na igreja, hoje, pensam que enquanto o sangue de touros e bodes não podia realmente esconder os pecados daqueles que “não estavam completamente prontos para mudar”, o sangue de Jesus pode fazê-lo, porque é muito mais eficaz. Esta, também, é uma idéia errada. Embora verdadeiramente o sangue de Jesus seja muito mais “eficaz”, ele esconde de Deus apenas aqueles pecados dos quais verdadeiramente nos arrependemos.

Embora muitos cristãos, hoje, digam que “Deus não vê os nossos pecados, mas apenas o sangue”, a Bíblia diz que “Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (Pv 15:3). E também “...todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos que prestar contas” (Hb 4:13). Você vê, Deus conhece nossos motivos. Ele sonda nossos corações. Nunca podemos enganá-Lo, mesmo que nos enganemos a nos mesmos.

Sim, uma vez que nos arrependemos verdadeira e completamente, nosso pecado é removido de nós, “...quanto dista o Oriente do Ocidente” (Sl 103:12). Deus não Se lembra mais dele. Mas isto é resultado de um espírito quebrantado e contrito. É algo que acontece com aqueles que vêm a Deus com um coração sincero e verdadeiro (Hb 10:22). Quando, à luz de Deus, somos convencidos do que fizemos e do que somos e nos arrependemos de verdade, nossos pecados são, de fato, perdoados e removidos para sempre.

Entretanto, se Deus não aceitava o sangue de animais inocentes para perdoar pecadores não arrependidos, *quanto menos* aceitará o sangue de Seu mais precioso Filho para aliviar cristãos não arrependidos de sua justa recompensa. Se não estamos prontos e desejosos de nos arrepender, total e completamente, e nos voltarmos dos nossos maus caminhos, o sangue de Jesus não nos fará bem algum. Não faz diferença se nascemos de novo. De fato, tentar tirar vantagem do sangue precioso do Filho de Deus, deste modo, só tornará pior a nossa situação. Deus nunca é escarnecido ou enganado, mesmo que nós nos enganemos.

Com certeza, precisamos ser capazes de distinguir entre as acusações do diabo em nossa mente e a verdadeira convicção do pecado em nossa consciência. É verdade que o diabo pode nos condenar e o faz. Entretanto, se estivermos genuinamente convencidos e arrependidos diante de Deus, então, e somente então, temos a armadura necessária para resistir a tais acusações. Arrependimento autêntico, profundo e completo, não apenas nos acerta com Deus, mas também nos dá base para resistir a posteriores ataques do diabo. Quando temos do próprio Deus a certeza de termos sido perdoados, então, o inimigo tem muito pouco a dizer.

Entretanto, muito freqüentemente, o convencimento do Santo Espírito é etiquetado por cristãos bem intencionados como “acusações” ou “mentiras do inimigo”. Precisamos ser muito cuidadosos para não recusar a convicção do Espírito Santo, etiquetando Seu trabalho

como “do diabo”. Verdadeiramente, o grande problema na Igreja, hoje, não é o excesso de falsas acusações, mas a insuficiência de arrependimento.

As verdades que estivemos investigando aqui neste texto aplicam-se a crentes tanto quanto a descrentes. Os passos necessários para receber perdão são também para os cristãos. Há muitos membros de igreja, hoje, que, embora tenham um dia nascido de novo, não estão totalmente convencidos do pecado, nem inteiramente arrependidos e, portanto, não completamente perdoados.

Muitos dos filhos de Deus estão andando em pecado e, portanto, não foram, repito, não foram perdoados por Deus. Receber a Vida eterna, na verdade, requer uma convicção inicial e arrependimento. Entretanto, a necessidade de perdão não acaba aqui. Assumindo que alguém tenha realmente nascido na família de Deus, ainda permanece a necessidade de um arrependimento contínuo.

ANDANDO NA LUZ

Arrependimento, para o crente, não é meramente uma ocorrência única, mas uma experiência diária, cada vez mais profunda. Quanto mais crescemos espiritualmente e mais próximo caminhamos com a Luz do mundo, mais profundamente sentimos nosso estado pecaminoso. Quando eu era um cristão novo, pensava algo assim: “Depois de 20 ou 30 anos caminhando com o Senhor, vou ser realmente santo”. Mas, a minha experiência, depois de mais do que 37 anos, é: “Eu sou verdadeiramente pecador e merecedor da morte”. Desta posição, sei que sou constantemente perdoado e limpo. Glória a Deus, quando “confessamos” os nossos pecados, Ele faz duas coisas: não apenas nos perdoa por aquilo que fizemos, mas nos limpa daquilo que somos. (1 Jo 1:9).

Em 1 João 1:7, vemos ainda que há uma outra exigência a ser cumprida para sermos perdoados. Nesta passagem está claro que o perdão não é apenas uma “coisa de um tempo só”. É uma experiência contínua para cada cristão verdadeiro. João nos ensina que “Se, porém, andamos na luz, como Ele está a luz, ...o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado”.

A palavra “se”, aqui, indica que há definitivamente um pré-requisito para a nossa

limpeza. “Andar na luz” significa que estamos sendo constantemente iluminados pela luz de Deus. Nós estamos vivendo em Sua presença a cada dia. Assim, pela expressão de Sua face, cada pensamento, atitude ou ação nossa é revelado a nós como realmente é. Se, e quando, for pecaminoso, então, poderemos nos arrepender novamente e experimentar o maravilhoso perdão e a purificação, que são gratuitamente dados a nós, em Cristo. Para um crente viver em perdão, precisa andar na presença de Deus, respondendo continuamente a qualquer convicção de pecado quando ela ocorrer.

O JULGAMENTO DE DEUS

Todos serão julgados por Deus. Todo homem e toda mulher que já viveu na terra estará diante Dele um dia. Os descrentes aparecerão diante do que é conhecido como o “grande trono branco” (Ap 20:11). Lá, todos aqueles que odiaram e rejeitaram a Cristo serão lançados no lago de fogo (Ap 20:15).

Ainda, 1000 anos antes deste evento, os filhos de Deus serão julgados. Eles ficarão diante do “tribunal de Cristo” (2 Co 5:10). Ali, aqueles, cujas obras são boas, serão abençoados; mas aqueles, cujas obras são más, serão punidos (biblicamente, a palavra “recompensa” não significa apenas coisas boas, mas indica que iremos obter o que justamente merecemos. Veja 2 Timóteo 4:14). Entretanto, vamos ser bem claros sobre uma coisa. A punição aos filhos de Deus desobedientes não é a mesma punição do julgamento dos descrentes. Nenhum crente se perderá, nenhum deles será eternamente atormentado.

Acompanhe-me com o seguinte raciocínio lógico: se somos perdoados por nossos pecados, eles não poderão ser julgados, porque o julgamento já caiu sobre Um Outro. Mas, se ainda estamos andando em pecado, se não fomos convencidos, se não nos arrependemos e, portanto, não fomos perdoados, certamente seremos julgados por estes pecados.

Se falharmos em encontrar o critério de Jesus para o perdão, a única alternativa é que receberemos a punição que merecemos. Isto é verdade tanto para crentes, quanto para descrentes, somente a punição será diferente. Se nós, como crentes, não estamos “caminhando na luz” e, portanto, não vivendo diariamente em arrependimento e perdão, então temos algo terrível para contemplar.

Hebreus 10:26-27 diz: “Porque se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelo pecado; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.” Você vê, o sacrifício de Jesus é apenas para aqueles que se arrependem de seus pecados e, portanto, receberam perdão. O “nós” aqui só pode se referir a crentes, já que descrentes não “receberam” a verdade. Os “adversários”, aqui, são aqueles cristãos que estão resistindo à obra de Deus em suas vidas.

A mais severa punição para os crentes é o que já estudamos no capítulo intitulado “O Tribunal de Cristo”. Lá compreendemos que a vida da alma ainda não transformada dos crentes será consumida e, portanto, perdida diante da presença do Deus Todo Poderoso.

Esta destruição da alma é resultado direto de viver sem arrependimento e sem receber o perdão e a purificação que necessitamos desesperadamente. O que não foi perdoado será julgado e punido. O que foi perdoado já terá sido limpo e transformado.

Há, na verdade, muitas outras conseqüências para crentes desobedientes, mas não há espaço aqui neste texto para detalhes sobre elas. Para compreender melhor isto, por favor, procure no meu livro intitulado “*Venha o Teu Reino*”.

OS MEIOS PARA SE CHEGAR A UM FINAL

Como foi afirmado, no princípio deste capítulo, Jesus veio à terra e morreu com um propósito. Seu propósito eterno era redimir e preparar uma noiva para Si. Não era simplesmente para resgatar um bando de pecadores através do perdão. O perdão não era a meta, apenas o meio de se chegar a um fim. Este fim era transformar estes pecadores à Sua própria semelhança, dando a eles acesso à Sua própria Vida e natureza, a fim de preparar uma noiva para Si mesmo.

O Seu maravilhoso perdão era apenas o primeiro passo. A purificação pelo Seu sangue abriu caminho para entrarmos em uma comunhão íntima com o Pai. E, através desta comunhão, podemos ser transformados em tudo o que Ele é. Conseqüentemente, quando estivermos diante de Deus, não vamos poder usar o sangue de Jesus para nos desculpar de não ter feito a coisa pela qual o sangue foi derramado! Não podemos esperar ser perdoados por ignorar a razão verdadeira pela qual fomos perdoados.

Para ajudar o leitor a compreender isto, deixe-me usar uma ilustração. Vamos supor que alguém comprou para você uma passagem para a próxima Copa do Mundo. Ele pagou a tarifa aérea, comprou entradas para todos os jogos, arrumou para você um hotel e toda a sua comida grátis, até mesmo forneceu a você um dinheiro extra para usar em seu próprio prazer e diversão.

Naturalmente, você iria agradecê-lo e dizer-lhe o quanto apreciou este magnífico presente. Você poderia até mesmo escrever-lhe uma carta para fazê-lo saber o quão realmente grato você está. Mas vamos supor que, quando chegasse a hora de ir para a Copa, você não fosse. Você estivesse muito ocupado com seu sítio ou com seu hobby, e não fizesse qualquer esforço para entrar naquele avião e ir.

O que isto iria mostrar? Iria indicar que você realmente não deu valor ao presente. Mesmo que tivesse agido como se fosse importante para você, na verdade não era. Você tratou o presente como uma coisa ordinária, comum, sem nenhum valor especial. Você insultou seu amigo e pisoteou seu presente.

Então, quando ele viesse lhe visitar para saber como você aproveitou a Copa, o que você iria dizer? Ele aceitaria o bilhete de volta como uma desculpa por você não ter ido? O fato de ter comprado a passagem para você com grande despesa pessoal e sacrifício iria gerar perdão em seu coração por sua negligência? Nunca.

Agora, nosso Deus nos proporcionou uma oportunidade indescritível. Com o Seu próprio sangue, comprou para nós a possibilidade de compartilhar de tudo o que Ele é. Este é o presente mais valioso que alguém pode dar, pago pelo mais alto preço. O Deus do Universo abriu o caminho para nós, pequenos e insignificantes seres humanos, para crescermos até Sua plenitude.

Mas vamos supor que não crescemos. Vamos imaginar que há uns poucos cristãos que estão negligenciando o tirar proveito deste grande presente. Em vez disso, estão vivendo por eles mesmos, e servindo os apetites da carne.

Talvez, eles freqüentem a igreja regularmente. Talvez, eles não tenham pecados “indecentes” evidentes em suas vidas. Mas, eles não estão buscando Cristo de todo coração e não estão sendo transformados à Sua imagem. Estão meramente interessados em coisas terrenas e, então, não progredem espiritualmente.

Quando Jesus voltar, estas pessoas serão capazes de “pleitear o sangue” para desculpar-se por seu estilo de vida carnal? Diante do Tribunal de Cristo, Ele aceitará o sangue precioso que comprou-lhes o direito de entrar, em tudo que Ele é, para desculpar aqueles que não entraram? Claro que não! Não escaparemos de Seu julgamento “se negligenciarmos tão grande salvação” (Hb 2:3). Quem quer que abuse da graça de Deus para viver por si mesmo esperando que Seu sangue o perdoe por fazer isso, se surpreenderá diante do Tribunal de Cristo. Naquele momento, a “Era da Graça” já terá acabado. A oportunidade para arrependimento e perdão agora será passado. Então, o trono da graça será substituído pelo trono do julgamento. Lá, responderemos pelo que fizemos com a graça e o perdão que estavam disponíveis para nós.

“Quão mais severo castigo, julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou [tratou com pouco valor] o sangue da aliança pelo qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? Ora, nós conhecemos aquele que disse: ‘A mim pertence a vingança; eu retribuirei.’ E outra vez: ‘O Senhor julgará o seu povo’. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:29-31). (Veja também Hebreus 6:4-8.)

Vamos rever também Hebreus 10:26,27: “Porque se vivemos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador, prestes a consumir os adversários.”

Este versículo não é direcionado para o cristão que tropeça de vez em quando e peca, mesmo sabendo que está errado. “Vivendo deliberadamente em pecado”, aqui, está se referindo a pecado persistente, sem arrependimento. Está falando sobre o mesmo assunto que estamos discutindo. Veja, se você tenta ludibriar a Deus e usa o sangue precioso de Seu Filho como desculpa para não ter entrado no Seu plano eterno, o resultado é “terrível

juízo” e “fogo consumidor”. De Deus, na verdade, não se zomba, pois daquilo que semearmos, também colheremos (Gl 6:78).

Queridos amigos, essas são sérias considerações, com conseqüências eternas. Que Deus possa derramar sobre nós toda a abundante graça que Ele tem, para nos dar uma salvação completa, a fim de que não sejamos envergonhados diante Dele, em Sua vinda.

10.

DIVIDINDO ALMA E ESPÍRITO (1)

Quando uma pessoa nasce de novo, o Espírito de Deus entra em seu espírito humano. Ali é feita uma união eterna. A Bíblia nos ensina que “Mas aquele que se une ao Senhor, é um espírito com Ele” (1 Co 6:17). O espírito daquele indivíduo que anteriormente estava morto e nas trevas, torna-se vivo com a Vida de Deus. Ali, no “Santo dos Santos” do nosso ser, Deus estabelece residência. Ali, então, é a localização da nova Vida dentro de nós: em nosso espírito humano, o qual foi ligado ao Santo Espírito de Deus.

A nova Vida, ZOË, que agora nós temos em nosso espírito é moralmente superior à nossa vida natural em todos os sentidos. Em cada aspecto da vida, ela expressa a Divina Natureza de Deus. Portanto, quando vivemos por esta Vida, expressamos retidão. Quando vivemos pelo nosso espírito, manifestamos a natureza de Deus. Isto é verdadeiramente o que Deus está procurando – aqueles por meio dos quais Ele possa Se manifestar ao mundo.

Contudo, você deve se lembrar que também temos dentro de nós uma velha vida PSUCHÊ. Esta vida reside em nossa alma e pode ser descrita como “vida da alma”. Como vimos, nos capítulos anteriores, a vida natural, humana, invariavelmente expressa a natureza caída e pecadora. Portanto, quando vivemos pela alma, manifestamos a natureza caída.

Temos, então, duas fontes ou “localidades” de vida dentro de nós, com duas naturezas diferentes. Conseqüentemente, cada cristão tem uma desesperada necessidade diária de ser capaz de discernir quando está vivendo pela alma ou pelo espírito. Necessitamos urgentemente experimentar, dentro de nós, a divisão em partes, entre alma e espírito (Hb 4:12). Já que viver pelo nosso espírito ou pela nossa alma produz resultados tão imensamente diferentes, é da maior importância que sejamos capazes de discernir entre um e outro tipo de vida.

Infelizmente, muitos cristãos hoje nem mesmo sabem que tal distinção existe. Mas, se nós não sabemos quando estamos “no espírito” ou quando estamos vivendo pela alma, nós de fato estamos andando em escuridão espiritual e não sabemos para onde

estamos indo (Jo 12:35). Nosso Deus é luz (1 Jo 1:5). E Ele certamente deseja, nestes últimos dias, iluminar Seus filhos para que eles também possam andar na luz e não estar cambaleando por aí, em confusão e escuridão. Nos dois próximos capítulos, nos concentraremos neste assunto: o que significa estar no espírito e o que significa estar vivendo pela nossa alma.

Um equívoco que necessita ser considerado é que o Espírito Santo é freqüentemente percebido como algo externo que “vem sobre nós” ocasionalmente. Embora isto fosse verdade no Velho Testamento, a experiência da Nova Aliança é totalmente diferente. O Espírito Santo já foi derramado no dia de Pentecostes e agora está dentro de cada crente. Ele não é algo (Alguém) que esperamos cair sobre nós externamente, mas que já recebemos internamente. Ele não vem e vai embora, mas reside permanentemente dentro de cada crente.

Embora nossa experiência de Sua presença possa variar – por isso podemos “sentir” Sua presença mais ou menos fortemente – Ele sempre está em nosso espírito. Quando o Espírito Santo Se move do nosso espírito e enche a nossa alma, podemos experimentá-Lo com nossos sentidos naturais. Pode “parecer” que Ele veio sobre nós, mas na verdade Ele simplesmente se “espalhou” do Santo dos Santos para o lugar Santo. De fato, o Espírito Santo pode tocar nossos corpos físicos – o “Átrio Externo” (Rm 8:11).

Mais tarde, estaremos falando sobre estas experiências mais “externas”, mas, neste capítulo, devemos nos concentrar nas experiências que podemos ter com o Espírito Santo em nosso espírito. É aqui que a presença de Deus reside e é, aqui, que habita a Fonte da Vida. Portanto, é essencial para todo crente saber discernir se está, ou não, vivendo no espírito.

NO ESPÍRITO

Alguns crentes podem não compreender claramente o uso, nas Escrituras, dos termos “no Espírito” e “no espírito”. Talvez, a seguinte explicação possa dar uma visão mais clara. No Novo Testamento, quando uma letra “E” maiúscula é usada na palavra Espírito, ela indica o Espírito Santo. Quando um “e” minúsculo é usado, ele indica o espírito do homem ou o espírito humano.

Interessante que, no grego, língua em que foi escrito o Novo Testamento, não havia letras minúsculas. Todas as letras eram maiúsculas. Portanto, para determinar se o texto se referia ao espírito humano ou ao Espírito Santo, os tradutores tinham que confiar no contexto. De vez em quando, mesmo no contexto, é virtualmente impossível discernir se o escritor estava falando sobre o espírito humano ou sobre o Espírito Santo.

Entretanto, para nós, não deve haver confusão. Os dois espíritos, o do homem e o de Deus, agora, foram “unidos” como um só dentro de nós (1 Co 6:17). Portanto, quando estamos “no Espírito”, estamos também “no espírito humano” e, quando estamos “em nosso espírito”, estamos no Espírito Santo, também.

Toda vida cristã genuína é vivida “pelo espírito”, ou seja, é uma exibição da Vida que está emanando do nosso espírito. Somos instruídos a andar “no espírito” (Gl 5:16-25). Somos exortados a ser “guiados pelo Espírito” (Rm 8:14). Nós certamente devemos adorar a Deus em espírito (Jo 4:24), já que esta é a única adoração aceitável para Ele. Paulo afirmou que ele servia a Deus com seu espírito (Rm 1:9) e também o servimos em “novidade de espírito” (Rm 7:6). Precisamos ser guiados pelo Espírito” (Rm 8:14).

Nosso ministério deve ser do Espírito (Gl 3:5). Nossas vidas devem estar exibindo o “fruto do Espírito” (Gl 5:22). É importante para nós “semearmos” para o Espírito” (Gl 6:8). Nossa unidade em Cristo com os outros crentes é no “Espírito” (Ef 4:3). Devemos orar “em Espírito” (Ef 6:18); permanecer em um só espírito (Fl 1:27); e ter a comunhão do Espírito (Fl 2:1); amar no Espírito (Cl 1:8) e muitas outras coisas. Verdadeiramente, a fonte de todo cristianismo está no “(E)espírito”.

Com tudo isso em mente, como um cristão pode saber quando ele está no espírito? Para investigar esta questão mais profundamente, vamos retornar ao Tabernáculo que Deus instruiu Moisés para construir. Como vimos no capítulo 6, aquela estrutura foi dividida em três partes, correspondentes às três partes do homem: o corpo, a alma e o espírito.

Ele tinha um átrio externo, um Lugar Santo e o Santo dos Santos. Esta é a parte mais secreta que nos fala do espírito humano, o lugar da morada do Deus Todo Poderoso. Neste lugar santíssimo, Deus instruiu Moisés a colocar a Arca da Aliança. Em cima da Arca havia dois querubins de ouro, um em cada lado, com suas asas esticadas, cobrindo o lugar onde a glória de Deus havia aparecido.

Dentro desta arca havia três itens: um pote de ouro cheio de maná, a vara de Arão que brotou, floresceu e frutificou amêndoas e, finalmente, as duas tábuas de pedra, nas quais foram escritos os Dez Mandamentos. Estes itens não foram escolhidos aleatoriamente, mas têm um importante significado espiritual. Estas coisas não eram apenas relíquias religiosas judaicas, mas ainda falam a nós hoje.

Significativamente, alguns mestres bíblicos separaram três funções do espírito humano, isto é, em nosso espírito, nós temos três “habilidades”. Estas três funções correspondem aos três itens que foram colocados na Arca da Aliança. Estas coisas são importantes para nós entendermos porque, quando nós as estamos experimentando, podemos saber que estamos “no espírito”, ou seja, que estamos na presença de Deus.

O POTE DE OURO COM MANÁ (COMUNHÃO)

A primeira função do nosso espírito é ter capacidade de comunhão com Deus. Isto é representado para nós pela presença do pote de ouro cheio de maná. Obviamente, este maná nos fala do pão celestial que desceu dos céus (Jo 6:41), indicando um banquete no Senhor Jesus. Esta nutrição celestial veio realmente em um recipiente dourado, representando a pureza e a incorruptibilidade de Cristo. No capítulo quatro, discutimos com alguns detalhes a realidade espiritual da comunhão com Deus e como podemos crescer nesta experiência muito importante. Se você está inseguro quanto a isso, por favor reveja os trechos do capítulo quatro sobre comunhão.

Comunhão significa ter intimidade com Deus. Quando estamos no Espírito e, portanto, em nosso espírito, temos amizade com Deus. Sentimos Sua presença dentro de nós. Temos uma espécie de diálogo contínuo em oração (Veja 1 Ts 5:17). Esta comunhão com o Altíssimo é uma indicação segura de que estamos no espírito. Ela deve servir como uma espécie de sinalização de trânsito para a nossa vida cristã.

Se está faltando esta intimidade e a sensação de Sua presença, significa que algo está errado. De algum modo, não estamos onde deveríamos estar. É o desejo óbvio de Deus que todos os Seus filhos andem no espírito (Gl 5:16), indicando assim, que isto deveria ser uma experiência normal e contínua para todos os crentes. Estar “no espírito” não quer dizer ser “uma bênção”, de vez em quando, mas um caminhar diário, constante. Nossa comunhão

com Deus é a fonte de onde fluem todo o trabalho e toda a virtude cristã.

Este é o verdadeiro teste. Andar no espírito é viver em comunhão íntima com Deus. Aqueles que têm esta comunhão sabem como “comer” Dele. Sabem como beber do Seu Espírito e sabem como “viver” por meio Dele (Jo 6:57). Se, por outro lado, você não está andando intimamente com Deus e, dessa forma, não conhece esta sensação de Sua presença, então, é certo que não está andando no Espírito.

A única alternativa é que você está vivendo na carne, sendo guiado pela vida da alma. A alma pode parecer muito religiosa e aparentar fazer muitas coisas “para Deus”. Participando da igreja, cumprimentando pessoas na porta do “templo”, dando o dízimo, lendo da Bíblia, orando, estando ativo no “serviço de Deus” – todas estas coisas podem ser feitas pelos esforços da alma.

Mas a única fonte do genuíno cristianismo é o Espírito de Deus, que mora em nosso espírito humano. Para ser aprovado por Deus, todas as nossas palavras, pensamentos e ações devem ser resultado de nossa comunhão íntima com Ele no Espírito. Para viver no Espírito e pelo Espírito, precisamos estar em comunhão com Deus. Este é o significado do pote de ouro cheio de maná.

A VARA DA AUTORIDADE (INTUIÇÃO)

O segundo item da Arca é a vara de Arão. Este bastão era o símbolo da autoridade divina – da liderança do Espírito Santo. Dentro de nosso espírito, também encontramos esta importante função. Quando estamos na presença de Deus, freqüentemente sentimos Sua liderança e direção. Chamaremos a esta função, “intuição”. Quando estamos em comunhão com Deus, de algum modo indefinível nós sabemos o que Ele deseja que façamos. Talvez sintamos uma inclinação para orar. Pode ser que sintamos uma necessidade de ir visitar alguém ou mesmo de sair para evangelizar.

Um número infinito de instruções pode ser comunicado a nós enquanto estamos no espírito. Isto é o que significa “andar com o Senhor”. É enquanto estamos vivendo em constante comunhão com Ele, que Ele direciona nossas vidas através da liderança do Espírito. Isto não quer dizer que “ouvimos vozes” ou que sabemos “exatamente” o que fazer.

Simplesmente sentimos uma inclinação, um desejo ou um impulso espiritual para fazer ou dizer uma coisa especial. Esta é a função da intuição em nosso espírito.

Não estou discutindo o fato de que Deus pode usar e que usa coisas externas, como circunstâncias, finanças e mesmo ocasionalmente, “velos de Gideão”, para guiar nossos passos. Mas insisto em que nossa fonte primária de direção deve ser o Espírito de Deus dentro de nosso espírito. Se nós confiamos em “acontecimentos” superficiais, sentimentos, coincidências, sonhos, profecias, versículos da bíblia etc. para direção espiritual, então andaremos em decepção.

Você sempre descobrirá que, quando circunstâncias externas estão sendo usadas por Deus para dirigir você, em seu espírito você terá uma “testemunha”, sempre terá paz espiritual. Quando estas duas coisas estão em conflito (isto é, direções externas tais como profecias ou ocorrências aleatórias e a paz interior do Espírito Santo, em Seu espírito), a fonte de direção mais confiável é a paz de Deus dentro de você.

A Bíblia nos ensina que devemos deixar a paz de Deus “reinar” ou arbitrar em nossos corações (Cl 3:15) Isto significa que, assim como o juiz de algum evento esportivo sempre tem a palavra final, assim também a paz de Deus em nosso espírito deve ser o juiz principal.

Nunca confie na opinião dos outros quando não tiver descanso em seu próprio espírito. Desobedecer o sentimento íntimo da direção de Deus em seu espírito levará você ao desastre. Por favor, aceite esta admoestação de alguém que errou muitas vezes e viveu para lamentar por isso.

Quando cremos que Deus nos deu uma direção em nosso espírito, nunca é errado querer confirmar isto. Podemos primeiro olhar em Sua Palavra para ver se o que achamos ser a Sua voz se harmoniza com o que Ele falou através de Suas palavras escritas. Se houver harmonia, então, é provável que seja a Sua voz que estamos ouvindo. Se não harmoniza, então nossos impulsos estão errados e precisamos começar de novo a procurar a Sua direção.

Podemos também pedir a Deus para confirmar Sua direção através de inúmeros modos, que Ele pode escolher. Também, podemos pedir o conselho de outros crentes que sabemos ser maduros espiritualmente e sensíveis à direção do Espírito. Estes mais maduros não serão rápidos em dar conselhos, mas ajudarão você a discernir o que Deus realmente está dizendo a você.

Embora o Senhor freqüentemente use líderes para nos dar direção, o homem de Deus nunca deve confiar em outro homem, mas buscar a face de Deus até que tenha certeza em seu coração sobre a direção do Espírito. Esta não é uma licença para rebelião, mas uma admoestação para ouvir claramente o próprio Deus. Lembre-se, é a Ele que devemos responder por cada obra.

É importante dizer aqui, que uma coisa que mais engana os crentes nesta área de sentir a vontade de Deus são desejos próprios. Quando queremos algo muito ardentemente, então fica difícil ouvir a voz de Deus. A “voz” de Deus dentro de nosso espírito não grita. Normalmente, é gentil e suave. Então quando nossos desejos são fortes é fácil negligenciar ou passar por cima dessa intuição. Fica quase impossível ouvir Ele dizendo “não.”

Quando nós desejamos alguma coisa, é fácil ignorar ou confundir a liderança do Espírito com nosso querer. Esse fato é especialmente verdadeiro na área de casamento e finanças. Com muita freqüência crentes são levados em uma direção pelos sentimentos fortes e desejos ardentes, naturais.

Contudo, quase sempre, decisões tomadas com tais motivos dão errado. Quantas vezes, entramos numa situação que termina errado, aí lembramos que, profundamente dentro nosso espírito, sentimos que realmente Deus não estava aprovando! Mas, agora, nós nos achamos num relacionamento ou em uma situação dolorosa e difícil.

Quando nos rebelamos contra a sensação de liderança em nosso espírito, acabamos sofrendo as conseqüências da desobediência. Então, o que desejávamos tanto, mais tanto, fechando nossos ouvidos a qualquer conselho ou sensação espiritual, se torna um grande castigo para nós. A dor da situação que tanto queríamos, de qualquer jeito, se torna nossa disciplina. Deus usa o que desejávamos mais do que Ele, para tratar aquela área de rebelião. Esse sofrimento que vem da circunstância serve para transformar nossas almas. Não é raro essa disciplina de Deus durar muitos anos, até, por fim, nosso querer ser subjugado a Ele.

A experiência da liderança do Espírito Santo dentro de nosso espírito é a experiência da vara de Arão. Quando estamos na presença de Deus – tendo comunhão espiritual com Ele – temos uma “intuição” sobre o que fazer. Deste modo podemos ser conduzidos pelo Espírito. Esta experiência se torna mais forte à medida que crescemos espiritualmente. Ao amadurecermos, esta sensibilidade à direção do Espírito Santo também se torna mais nítida e mais definida.

Deste modo, nosso Senhor pode nos conduzir de uma maneira cada vez mais “detalhada”. Mesmo a expressão de Sua face ou o olhar de Seus olhos podem nos mostrar Sua aprovação ou reprovação. A crescente habilidade para conhecer e sentir a liderança do Espírito Santo é um sinal de maturidade espiritual. Aqueles que são guiados pelo Espírito são, na verdade, os filhos amadurecidos de Deus (Rm 8:14).

Quando estamos “intuindo” ou sentindo a liderança de Deus dentro de nós, sabemos que estamos no espírito, já que esta é uma das funções do espírito. Mas, se quisermos permanecer no espírito, isto é, viver na presença de Deus continuamente, então precisamos obedecer ao que o Espírito está falando.

Este é um importante princípio espiritual. Se não ouvimos a Deus e não fazemos o que Ele deseja, então será impossível para nós vivermos em Sua presença.

Quando somos desobedientes, nossa comunhão com Deus se torna difícil, se não impossível. Isto é porque, quanto mais profundamente entramos em Sua presença, mais alto fala a vara de Arão. Quanto mais desejarmos ser íntimos Dele, mais a Sua autoridade será conhecida. Se estamos resistindo ao que Deus está direcionando, teremos uma grande dificuldade de permanecer na Sua presença.

Se tivermos sido desobedientes a Ele, a única solução é o arrependimento. Isto significa pedir perdão e decidir fazer tudo o que Deus está nos pedindo para fazer. Quantos crentes, hoje, estão vivendo vidas dirigidas pela alma, porque não obedecem à voz do Senhor! Talvez tentem seguir mandamentos religiosos superficiais e fórmulas pré-estabelecidas, mas interiormente eles sabem que não estão bem com Deus. Estão vivendo em desobediência.

A única alternativa para cristãos desobedientes é viver a vida da alma. Sim, eles podem “romper as barreiras” para entrar no Espírito de vez em quando, talvez durante momentos de louvor ou de oração. Mas não podem “ficar” confortavelmente na presença de Deus enquanto Sua vara de autoridade está falando.

Pense nisto. Se Deus lhe fala para ir à China e servi-Lo e você não vai, você poderá manter a mesma doce intimidade com Ele? Quando Ele diz “não” a alguma coisa que desejamos e nós vamos em frente e, apesar disso, a fazemos, podemos permanecer em Sua presença, enquanto estamos nos rebelando contra Ele?

Talvez, imaginemos que o sacrifício de Jesus será suficiente para restaurar nossa comunhão com Ele. Você se lembra do Rei Saul e de suas ofertas a Deus? Qual foi a resposta divina? “...o obedecer é melhor que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15:22). Restaurar sua intimidade com Deus requer não apenas o sacrifício de Jesus, mas também obediência.

É impossível viver em desobediência a Deus e também viver no espírito. Um filho ou uma filha rebelde nunca se sentirá confortável em Sua presença. Para andar em intimidade com Ele, você precisa obedecer e fazer tudo o que o Senhor pede. Ele deve realmente ser o Senhor de nossas vidas.

TÁBUAS DE PEDRA (CONSCIÊNCIA)

Na Arca da Aliança também podemos encontrar as duas tábuas de pedra, nas quais o dedo de Deus escreveu os Dez Mandamentos. Essa era a Lei de Deus. Contudo, hoje, nós temos uma outra lei. Esta não é escrita em pedra, mas em corações de carne (Hb 8:10). Esta é a função de nosso espírito, que podemos chamar de “consciência”.

Esta “parte” do nosso espírito, a consciência, parece operar, mesmo em uma proporção bastante limitada, até em uma pessoa não nascida de novo. Talvez Deus tenha permitido este vislumbre da luz espiritual dentro do homem, para que ele tenha ciência de seu pecado.

Entretanto, uma vez que nascemos de novo, esta parte de nosso espírito se torna mais e mais ativa. Nós nos tornamos cada vez mais cientes de quando ofendemos nosso

Senhor ou uma outra pessoa. Muitas vezes, ninguém tem que nos falar que fizemos ou falamos algo errado. Talvez, não tenhamos feito nada que seja contrário ao código da lei. Porém, bem profundamente em nosso espírito, sabemos que ofendemos nosso precioso Salvador.

Como sabemos? É porque esta parte de nosso espírito, nossa consciência, está falando. A “lei do Espírito da Vida” (Rm 8:2), escrita dentro de nós, está operando.

Esta função do espírito é muito importante. A “habilidade” de saber quando estamos agradando a Deus ou não permanece no centro real de nosso relacionamento com Ele. Nosso Deus é uma pessoa viva e, portanto, necessitamos cuidar bem de nosso relacionamento com Ele, assim como fazemos com um bom amigo ou com o cônjuge.

Se ofendemos ou irritamos alguém com quem temos um relacionamento íntimo, então temos que acertar as coisas com ele (ela), se queremos continuar tendo intimidade. Não é diferente com Deus. Não podemos esperar ter um relacionamento próximo e pessoal com Ele quando estamos ofendendo Sua pessoa. Por exemplo, quando você está fazendo sexo com seu namorado, fora do casamento, você pode viver na presença de Deus ao mesmo tempo? A justificação do sangue de Jesus irá torná-Lo cego para o seu comportamento ofensivo? Não! Só podemos estar bem com nosso Senhor enquanto estamos O obedecendo.

Quando erramos em nossas atitudes, pensamentos ou ações, a “consciência” – parte de nosso espírito – se torna ativa. Ela trabalha para nos convencer do pecado. E, quando ela convence, torna-se necessário tratar com o nosso pecado à luz de Deus.

Isto envolve arrependimento e uma decisão de nunca mais ofender de novo o Senhor desta forma. Isto envolve não apenas dizer “eu sinto muito”. Se não nos esforçamos para manter este tipo de relacionamento límpido com Jesus, acharemos impossível viver no espírito. Quando nossa consciência nos fala, devemos tomar todos os passos necessários para acertar as coisas com Jesus.

RELEMBRANDO NOSSO IRMÃO

Isto não apenas é verdadeiro em nosso relacionamento com Deus, mas Ele

também requer que tenhamos relacionamentos corretos com as outras pessoas. Se em nossa vida ofendemos alguém de uma maneira ou de outra, devemos fazer o que for necessário para consertar as coisas com esta pessoa.

Lemos em Mateus 5:23: “Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta” (NVI). “Apresentar sua oferta diante do altar” significa, hoje, que chegamos à presença de Deus para adorá-Lo e ter comunhão com Ele. Nossa “oferta” é o sangue de Jesus.

Por que será que, quando estamos na presença do Senhor, subitamente, começamos a “nos lembrar” de nosso irmão? É porque, em Sua presença, a nossa consciência começa a falar. Quanto mais intimamente nos aproximamos de Seu trono, mais alta se torna, em nosso espírito, a voz da consciência. A única solução, quando estamos convictos disto, é ir e acertar as contas com aqueles a quem nós ofendemos.

Este é um princípio espiritual absolutamente essencial. Sem conhecer e seguir nossa consciência, não iremos espiritualmente a lugar algum. É impossível andar em comunhão com Deus, quando nossa consciência nos está preocupando. Paulo, o apóstolo, estava agudamente ciente deste fato. Ele disse: “Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:16). Para ele, a questão de uma consciência clara e limpa é da maior importância – é um assunto de exercício diário.

Se, então, ofendemos a Deus, devemos nos acertar com Deus. Se ofendemos os homens, precisamos também fazer o necessário para nos acertar com eles. Simplesmente se arrepender diante de Deus não é suficiente. Quando há outras pessoas envolvidas, precisamos também resolver as coisas com elas. Isto significa que devemos ir até elas, nos desculpar pelo que fizemos e pedir o seu perdão. Se o contato face a face não é possível, precisamos telefonar, escrever uma carta ou fazer o que pudermos para colocar tudo em ordem.

Uma boa consciência é tão importante que negligenciá-la pode provocar um “naufrágio” da nossa fé (1 Tm 1:19). Muitas vezes, a nossa carne resiste a confessar nossa culpa a outros homens ou mulheres. O problema é o nosso orgulho. Para nos arrependermos, precisamos nos humilhar e admitir que nossas atitudes, ações e palavras, foram desagradáveis a Deus. Elas foram egoístas, pecaminosas e causaram dano a outros. Este dano pode ser emocional, físico e financeiro.

Seja da maneira como for que tenhamos ofendido alguém, precisamos, custe o que custar, ir até eles e mostrar arrependimento. Precisamos colocar tudo em ordem o melhor possível e pedir pelo perdão deles. Essa nossa humilhação é absolutamente essencial, se desejamos manter uma comunhão com Deus. Ele “resiste aos soberbos” (1 Pe 5:5), mas Se agrada em ter comunhão com o humilde. A limpeza de nossa consciência abrirá novos horizontes na comunhão com nosso Deus.

LIDANDO COM O PASSADO

A necessidade de acertar as contas com os outros refere-se ao passado, tanto quanto ao presente. É demasiado o número de crentes que está “tentando andar com o Senhor” sem se arrepender e acertar as coisas do seu passado. Eles estão carregando uma enorme quantidade de bagagem pesada nas costas e fazendo muito pouco progresso espiritual. Tais pessoas pensam que, uma vez que se tornaram cristãs, todo o seu passado foi perdoado e esquecido. Esta é uma idéia agradável, mas não exatamente verdadeira. Da parte de Deus, quando confessamos e nos arrependemos de todos os nossos pecados do passado, na verdade eles são perdoados. Mas, da parte dos homens, também precisamos ir até eles e demonstrar arrependimento.

Não se pode “caminhar para a frente” sem voltar atrás. A Palavra de Deus é clara: Deus “requer o passado” ou “Deus investigará o passado” (Ec 3:15 NVI). Isso significa que devemos ir até aqueles contra os quais pecamos, mostrar arrependimento, pedir perdão e fazer o necessário para consertar as coisas.

Se nós roubamos, devemos restituir o dinheiro, investindo tempo, recursos e esforços necessários para fazer isto. Se ferimos alguém emocionalmente, então, precisamos admitir nossos erros e pedir perdão. Se eles também nos feriram, ou não, não tem

importância na situação. Se eles também se arrependem, ou não, não muda o que temos que fazer. Nenhum pecado é justificado pelo que os outros fizeram a nós.

Vamos examinar algumas ilustrações para tornar estes pontos mais claros. Suponha que alguém assaltou um banco. Então, no dia seguinte, esta pessoa recebe a nova Vida em Jesus Cristo. Ela pode ficar com o dinheiro? Já que alguns insistem que ela foi completamente perdoada, então, ela pode esquecer o roubo e viver dos ganhos ilícitos? Claro que não!

Vamos, então, pensar em alguém que conseguiu o divórcio no passado. É possível que os dois cônjuges sejam completamente inocentes? É concebível? É concebível que durante todo o relacionamento conjugal eles nunca fizeram ou falaram nada pelo qual devam se arrepender? Então, o que deve ser feito? Precisam entrar em contato com a pessoa que foi ofendida, admitir sua culpa pela falha do relacionamento e pedir perdão. Não faz diferença se a outra pessoa também pecou. Este fato nem sequer entra em consideração. É a nossa parte que necessita de arrependimento e perdão. O ideal de Deus é restaurar o casamento que foi desfeito em desobediência a Ele.

Quando pecamos contra alguém, necessitamos fazer tudo o que for possível para acertar as coisas. Se é dinheiro, necessitamos pagar (Lc 19:8). Se difamamos alguém, precisamos fazer com que a verdade seja conhecida por todos aqueles que foram afetados por nossas mentiras. Como uma regra geral, se pecamos publicamente, também devemos nos arrepender publicamente. Se nosso pecado foi privado, devemos ir em particular falar com aqueles que foram afetados. Sempre que possível, devemos restituir aos outros o que tomamos deles, seja dinheiro, reputação ou propriedade.

Obviamente, há algumas situações que são impossíveis de restaurar. Se matamos alguém, não podemos trazê-lo de volta à vida. Se engravidamos alguém ou se nos tornamos grávidas fora do casamento, não há maneira de desfazer este fato sem pecar. Devemos fazer o possível para restaurar quando e onde podemos. Indubitavelmente o Senhor nos dará sabedoria nestas coisas, mostrando-nos como e quando restaurar. Se nossos corações estão verdadeiramente humildes e desejosos, Ele nos ajudará a limpar completamente nossas consciências.

Certamente há alguns que têm o que poderia ser chamado de consciência “fraca”. Eles são suscetíveis às acusações do inimigo. Eles vivem em contínua culpa e condenação.

Para eles, seguir todos os passos possíveis para limpar sua consciência irá ajudá-los em sua luta. Saber que fizeram tudo o que era possível para limpar seu passado e sua atual relação com Deus e com os outros, dará a eles uma boa base para resistir a posteriores acusações.

Também é possível que alguns vivam nesta condenação por coisas que não fizeram, porque em seus corações há outras coisas escondidas, as quais eles não querem trazer à luz. Isto enfraquece a consciência deles e os faz vulneráveis a falsas acusações.

Viver e andar no espírito – isto é, a experiência do maná, da vara de Arão e das tábuas de pedra – é absolutamente necessário. Sem isso, a única alternativa é viver e andar na alma. O resultado da recusa em submeter-se a Deus nestes assuntos tem dois resultados possíveis. O primeiro, ocorre quando a pessoa que está em rebeldia com Deus admite isto a ela mesma e simplesmente, para de tentar seguir a Jesus.

O segundo, acontece quando a pessoa que resiste à autoridade do Altíssimo tenta fingir que ainda está bem. Ela esconde sua rebelião dela mesma e dos outros, tentando agir como se ainda fosse “um bom cristão” e simulando que nada está errado. Este indivíduo desenvolverá uma religião que é meramente da alma. Quero dizer que ele ainda tentará obedecer princípios bíblicos com os esforços de sua própria alma, irá aos encontros na igreja e fará coisas que outros cristãos esperam que ele faça.

Entretanto, tudo isso será feito sem uma íntima comunhão com Deus e, portanto, só será efetuado por força humana e esforço natural. Os resultados podem parecer uma boa imitação da verdadeira Vida espiritual, mas o sabor é diferente. Em vez do suave aroma de Cristo, há o seco e morto sentido de obrigação. Em vez do fluir da água da Vida, há a execução do dever. A pessoa envolvida está freqüentemente tentando servir a Deus, mas não realmente se submetendo completamente a Ele.

É essencial para cada cristão aprender a caminhar no Espírito. Para ser agradável a Deus, não há outro caminho. Podemos saber que estamos realmente no espírito, não por sensações físicas, ouvindo “vozes”, recebendo “palavras” ou tendo fortes sentimentos emocionais, mas pela experiência do maná, da vara de Arão e das tábuas de pedra.

Quando estamos em comunhão espiritual com Jesus, quando estamos sentindo Sua liderança e quando sabemos se O estamos ofendendo, isto é uma indicação certa de que estamos no E(e)spírito. E é do Espírito que toda a Sua virtude fluirá. Possa Deus ter misericórdia de nós para que possamos aprender a viver diariamente em Sua presença a fim de que, pelo nosso espírito, Seu Espírito possa manifestar Sua Vida através de nós.

11.

DIVIDINDO ALMA E ESPÍRITO (2)

No capítulo anterior, examinamos a importância de viver por e no E(e)spírito. Vimos que é do Espírito de Deus dentro do nosso espírito que Sua Vida flui através de nós. Entretanto, não somos meramente seres espirituais. Também temos uma alma e, no final das contas, é através de nossa alma e de nosso corpo físico que o que somos por dentro é expresso ao mundo.

Em um homem ou em uma mulher que não conhece Cristo, a alma é o “órgão” dirigente dentro de seu ser. Sem ter Vida no espírito, eles não têm escolha a não ser viver pela vida da alma e expressar a natureza caída. A alma deles é a força dominante em seu ser.

Todavia, uma vez que eles recebem a Jesus, este “trono de governo” deve mudar. Então a alma, em vez de estar na liderança, deve se subjugar ao espírito. A alma deve tornar-se serva do espírito, sendo dirigida e controlada por uma fonte maior. A Vida de Deus, dentro de nós, começa a usar as faculdades da alma para expressar a natureza divina ao mundo.

Para entender isto mais claramente, é importante afirmar que a alma tem três distintas “capacidades” ou faculdades. Elas são: a habilidade de pensar, a habilidade de sentir e a habilidade de decidir. O modo mais fácil de se lembrar disto é que nós temos uma mente, temos emoções e temos uma vontade. A maioria dos mestres da Bíblia concorda que a alma do homem tem estas três partes: mente, emoções e vontade.

Não há nada inerentemente errado com estas “faculdades”. Elas foram criadas por Deus e são necessárias a cada parte de nossa vida. Obviamente, cada um precisa pensar, sentir e decidir. O problema é “qual vida” está animando ou usando estas capacidades. Quando a velha vida PSUCHÊ está no controle, o resultado é o pecado, a expressão do homem velho. Quando a vida ZOË domina, a retidão de Deus é manifesta.

Sejam quais forem os pensamentos, sentimentos e decisões iniciados em nossa

própria alma, não poderão agradar a Deus. A fonte está contaminada. Mas quando os nossos pensamentos, sentimentos e decisões fluem do Espírito, eles são a manifestação de Deus.

Portanto, o que necessitamos em nossa alma é uma transferência de liderança. Precisamos “trocar as fontes”, por assim dizer. Precisamos aprender a permitir ao Espírito Santo de Deus preencher, dominar e usar todas as faculdades da alma. Deste modo podemos realizar todos os Seus grande planos.

Conseqüentemente, como vimos no capítulo anterior, há uma necessidade urgente – uma necessidade desesperadora – de cada filho(a) de Deus saber se ele ou ela está vivendo pela vida da alma ou pelo espírito. Precisamos experimentar dentro de nosso ser o “dividir [entre] alma e espírito” (Hb 4:12). Precisamos ser capazes de saber quando estamos sendo animados pela velha vida ou quando estamos experimentando a nova.

Sem esta importantíssima revelação, somente podemos perambular pelas trevas, entrando de vez em quando na presença de Deus, talvez não sabendo como ou porque lá chegamos, e, então, cambalear fora de novo, sem um indício de como retornar. Infelizmente, este é o estado de muitos filhos de Deus, hoje.

Já que a divisão entre alma e espírito é tão importante, vamos passar um tempo, aqui, falando um pouco mais detalhadamente sobre ela. No capítulo anterior, falamos sobre o que significa estar “no espírito”. Aqui, vamos investigar como isto pode influenciar cada “parte” de nossa alma.

A MENTE

Vamos começar a nossa discussão falando sobre a mente. Em uma pessoa não salva, esta faculdade é usualmente a dominadora. Efésios 2:3 fala do povo do mundo, que está debaixo do controle do inimigo e vive realizando os desejos da carne (i.e. do corpo) e da mente. Mais adiante, em Efésios 4:17,18, lemos que os resto dos gentios (neste caso os não salvos) andam na futilidade de suas mentes, tendo sua compreensão obstruída, vivendo alienados da Vida de Deus.

Assim, compreendemos que, sem a Vida de Deus, a única opção para o descrente

é ser guiado por sua própria mente. Isto resulta apenas em trevas. Não importa o “quão iluminado” o povo do mundo possa se achar, comparado às verdadeiras realidades espirituais, sua vida é apenas escuridão. A sabedoria e inteligência da raça caída não o leva a Deus e é somente tolice às vistas Dele (1 Co 3:19; 1:21). Quando uma pessoa vem a Cristo, portanto, ela tem um longo e “enraizado” hábito de viver de acordo com a sua mente. Isto é o que ela sempre experimentou, e ela, freqüentemente, continua a viver dessa fonte.

Por esta razão, o Cristianismo pode se tornar facilmente um exercício mental para ela, pois supõe que “crescer em Cristo” é um processo de aprendizagem. Dependendo de sua inteligência natural e habilidade, ela começa a estudar as coisas de Deus e a ler a Bíblia, com o pensamento de que, quando tiver acumulado conhecimento suficiente, estará capacitada a andar nos caminhos de Deus.

Ela lê, estuda e memoriza. Talvez vá à Escola Bíblica. Compra muitos livros cristãos e acumula literatura. Consegue informação de como agir em cada situação da vida. Ela sabe “como” liderar, “como” ensinar, “como” expulsar demônios, “como” louvar, “como” discipular, “como” curar os enfermos, “como” realizar encontros, “como” lidar com esta ou aquela situação ou com esta ou aquela pessoa e muitas outras coisas. Ela se torna cheia de conhecimento sobre Deus e este conhecimento torna-se a base de seu cristianismo.

Pessoas assim têm um tipo de cristianismo racional. É um produto da mente delas. Como vimos no capítulo três, sobre as duas árvores, este é o resultado de viver independente de Deus. Uma vez que “sabemos como” fazer as coisas, podemos viver e agir absolutamente sem nenhuma dependência do Espírito. Isto é o que significa andar na alma, confiar em nossa mente em vez do Espírito. É andar pela árvore do conhecimento em vez da árvore da Vida.

O “Cristianismo” produzido por este tipo de atividade não agrada ao Pai. É um tipo de imitação seca, humana, de um verdadeiro caminhar espiritual. É um esforço natural para agradar a Deus sem realmente se submeter a Ele. 1 Coríntios 8:2 diz: “Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber”. O “saber” real é saber ser conduzido pelo Espírito.

Por favor, não me leve a mal. Muitos desses indivíduos procuram o bem. Eles têm um desejo real de agradar ao Senhor. Paulo também era assim, quando perseguia os cristãos, antes de se converter. O problema não é o desejo, mas a compreensão deles. Boas

intenções misturadas com escuridão espiritual nunca atingirão a meta de Deus. Os fariseus tentavam agradar a Deus. Eles não apenas liam as Escrituras, mas as estudavam diligentemente, todo o tempo. Porém, quando a Palavra Viva apareceu, eles estavam enredados em suas mentes humanas e não puderam reconhecê-La. Eles se opuseram a Ela até a morte.

Jesus disse a eles: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas têm a vida eterna. ...contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida [ZOÊ]” (Jo 5:39, 40 NVI). Aqueles cristãos que andam por sua própria mente, freqüentemente falham em reconhecê-Lo quando Ele aparece. Não sabendo como andar no espírito, eles ficam apenas com análises racionais, que são inúteis quando é necessário discernir coisas espirituais. Algumas vezes, eles também se unem para perseguir aqueles que são dirigidos pelo Espírito de Deus.

Verdadeiramente, “...a mentalidade da carne é inimiga de Deus...” (Rm 8:7). Isto significa que aqueles cujas mentes estão debaixo do controle de sua vida da alma, estão em oposição ou mesmo em guerra contra tudo o que Deus está fazendo aqui na Terra.

O CANDELABRO

Vamos, agora, falar sobre os planos de Deus para a nossa mente. O próprio Deus criou a nossa mente, então deve haver um propósito divino para ela. É claro que Ele não quer que sejamos ignorantes ou estúpidos. Ele não vê utilidade em seguidores néscios, que simplesmente fazem o que alguém lhes diz para fazer, ou que seguem qualquer impulso, sem raciocinar.

Seu plano é que tenhamos nossas mentes preenchidas e controladas pelo Santo Espírito. Efésios 4:23 nos ensina que devemos ser renovados “...no espírito do vosso entendimento [ou mente]”. Isso quer dizer que nossa mente tem seu próprio espírito? Claro que não! O que quer dizer é que o Espírito Santo pode “Se mover” do Santo dos Santos (o espírito) para preencher as nossas mentes. À medida que nos submetemos a Ele, Ele começa a dominar e a reinar sobre os nossos pensamentos. E ainda mais, Ele começa governar nossas atitudes, nossas opiniões, nossos planos e até nossos sonhos.

Nossa mente, então, se torna escrava do nosso espírito. Em vez de estar à frente, exercendo seus próprios pensamentos e formando opiniões, a mente se torna um instrumento através do qual o Espírito Santo pode Se expressar. Precisamos aprender a deixar o Espírito usar a nossa mente, enchê-la com os Seus pensamentos, Suas atitudes e Seus entendimentos. Esta é a experiência do candelabro.

O candelabro do qual falamos era uma peça de mobília que Deus instruiu Moisés a colocar no Lugar Santo do Tabernáculo. O “Lugar Santo” é a área localizada logo ao exterior do Santo dos Santos e nos fala de nossa alma.

Este candelabro estava sempre aceso. Quando Deus enche a nossa mente, Ele nos dá esclarecimento. Nossos olhos espirituais são abertos e compreendemos coisas que não são deste mundo. Assim, nós temos “luz”. Este entendimento não é um produto de estudo, memorização ou esforço mental. É o resultado do Espírito Santo preenchendo nossa mente. A revelação que temos não é algo que tenhamos “aprendido” mentalmente, mas algo que nos foi mostrado espiritualmente. Em vez de encher nossas mentes com informação ao respeito de Deus, recebemos revelação “de” Deus. Esta é a verdadeira experiência do candelabro.

Nosso Deus pode usar diferentes modos para nos revelar as coisas. Elas podem vir através de livros, especialmente da Bíblia. Pode ser produto de pregação ou de ensino de alguém. Entretanto, nunca será o resultado de exercício mental ou habilidade humana, mas do abrir e do submeter nossa mente ao Espírito Santo, deixando que Ele Se revele em nossas mentes.

A Bíblia nos ensina que “nós temos a mente de Cristo” (1 Co 2:16). Para muitos, isto é apenas uma mera doutrina e não tem significado real em seu dia a dia. Mas, para aqueles que são cheios do Espírito, tem um significado profundo. Significa que realmente podemos experimentar a mente de Deus preenchendo e usando a nossa mente.

Em vez de tentar “pensar como Ele pensaria”, podemos ter os Seus pensamentos e opiniões fluindo dentro de nós. Em todas as situações da vida, podemos receber instruções divinas. Podemos ser guiados pelo Espírito. Isto não se aplica só às coisas espirituais, mas também ao nosso raciocinar comum, diário. Andando no Espírito, não funcionamos pelo que temos aprendido ou pelo que pensamos, mas pela liderança Dele, momento a momento. “Conhecimento” não é a nossa fonte. Ao contrário, nossas ações e palavras são governadas pelo próprio Deus.

AS EMOÇÕES

Há outros crentes que não gostam de estudar. Eles têm pouco interesse em qualquer tipo de Cristianismo “mental”. Sua mente não é e nem nunca foi dominadora em suas vidas. Ao contrário, são governados por seus sentimentos. Quando estes indivíduos se tornam cristãos, têm a tendência de serem guiados pelas emoções. Quando não se “sentem bem” para fazer algo, então, não o fazem. Quando algo dá a eles boas sensações, então, a coisa deve vir de Deus. Quando algo não dá a eles sensações de prazer, então, não deve vir Dele.

Tais crentes não estão sendo conduzidos pelo Espírito. Estão andando na carne. Eles julgam cada reunião, ensino ou experiência, pelo tipo de sentimento que elas produzem em suas emoções. Talvez estes crentes pensem que usar a sua própria mente não seja “espiritual”. Eles simplesmente aceitam o que os faz sentirem-se bem, sem qualquer exame da fonte ou do conteúdo do que sentem.

Prazer emocional ou felicidade não é o verdadeiro teste para conhecer o que vem de Deus. Emoções podem vir de uma grande variedade de fontes. Paisagens, músicas, aromas, diversões e muitas outras coisas podem nos dar boas sensações. Espíritos maus podem produzir boas sensações. Sexo produz boas sensações. Gritar, cantar alto, dançar vigorosamente e saltar, chacoalhar-se intensamente, todas essas coisas podem produzir uma euforia dentro do ser humano.

As pessoas assistem eventos esportivos, porque elas gostam do “máximo” que elas conseguem, da intensidade de estar em meio a uma multidão e ter estímulo barulhento. Muitos dos filhos de Deus passam o seu tempo perseguindo este tipo de excitação. Eles vão

a concertos cristãos, com música muito alta. Eles vão, em bandos, para reuniões onde as pessoas caem no chão, tremem ou gritam muito. Embora essas experiências possam parecer cristãs, geralmente os resultados não são espirituais, mas emocionais.

Tenho observado através dos anos, que muitos cristãos que são adeptos de tais “sensações” facilmente caem no pecado sexual. Eles, sendo guiados por suas emoções e sensações e não pelo Espírito, falham em discernir a fonte de tais estímulos. O Cristianismo deles é sensual.

Infelizmente, há muitas igrejas, hoje, que cuidam de tais crentes. Elas se empenham para ter uma atmosfera que irá produzir boas sensações naqueles que assistem e os fazê-los sentirem vontade de voltar. Elas constroem “templos” elaborados, bonitos, para inspirar a alma. Elas têm bandas barulhentas para estimular as emoções. A pregação é cuidadosamente moldada para produzir apenas sentimentos agradáveis e não algum tipo de convicção ou desconforto. Os bancos são confortáveis e o ar é refrigerado. Os grupos de dança e de teatro estão lá para providenciar estímulo adicional, caso a música deixe a desejar ou o sermão esteja monótono.

Erroneamente, elas acham que boas sensações são uma evidência do trabalho do Espírito Santo. Embora tais atividades possam atrair um grande número de pessoas e aparentar ser um sucesso, elas nunca poderão atingir os objetivos de Deus. Elas simplesmente satisfazem as emoções, apelando para a vida da alma. Elas nada fazem para nos ajudar a trocar nossos sentimentos pelos sentimentos de Cristo.

Não me compreenda mal. Quando o Espírito de Deus dentro do nosso espírito se “espalha” em nossa alma, podemos experimentar uma grande variedade de sentimentos. De fato, isto é exatamente o que nosso Senhor deseja fazer. Ele quer usar nossas emoções para expressar Seus sentimentos neste mundo.

Pelo fato de ser um ser infinito, Ele pode expressar-Se em nossas emoções por uma variedade ilimitada de maneiras. Através do Espírito, podemos sentir alegria, podemos ter paz, podemos amar – não apenas aos nossos amigos, mas àqueles que são difíceis de amar. Este amor pode até mesmo florescer em nós por nossos inimigos. Também, em Deus, podemos sentir tristeza, podemos ser afligidos, podemos sentir Sua ira, ciúme ou ousadia.

Contudo, para que isto aconteça, precisamos submeter nossas emoções ao Seu controle. Quando Deus governa nossas emoções, a verdadeira personalidade de Jesus pode

ser exibida em nós. A questão diante de nós não é se temos ou não sentimentos, mas sim quem está governando nossas sensações. A questão não é se uma certa manifestação é ou não “correta”, mas qual vida é a fonte desta manifestação.

O Espírito de Deus pode nos levar a gritar, a dançar e a cantar. Ele pode nos estimular com muitas sensações intensamente prazerosas. De fato, nada deste mundo pode ser comparado às emoções que Deus pode dar. Entretanto, precisamos discernir a fonte. Deus pode dar bons sentimentos, mas nem todo bom sentimento vem de Deus. Deus pode ser estimulante, mas nem toda excitação vem Dele.

Não é raro, depois de Deus ter dado a um indivíduo ou a um grupo uma poderosa experiência emocional, eles, então, passam a gastar sua energia tentando recriar aquela experiência. Por meio de métodos emocionais, isto é, música alta, empenho físico, gritos etc., eles empregam várias táticas para manipular a situação, tentando produzir novamente aquele momento agradável. Possivelmente, isso explica tantas reuniões de gritaria e música barulhenta que encontramos em nosso redor, hoje em dia.

Como necessitamos da Palavra de Deus, para dividir a alma e o espírito dentro de nós! Necessitamos urgentemente de revelação para saber a fonte da qual estamos vivendo. Se é o Espírito de Deus, então os sentimentos são aceitáveis. Se a fonte é a nossa própria vida, então, eles são totalmente rejeitados. Verdadeiramente, “a carne para nada aproveita” (Jo 6:63).

Quando experimentamos prazer emocional como resultado do Espírito Santo vivendo em nós, esta é a experiência da mesa da proposição de pães. Esta mesa, também, é uma das peças da mobília que está no Lugar Santo, à entrada do Santo dos Santos, no Tabernáculo. No capítulo anterior, vimos que, no nosso espírito, nós somos capazes de comer do “maná escondido” (Ap 2:17) que vem da comunhão com Deus. Contudo, quando estamos comendo em nosso espírito, nossa alma também pode ficar satisfeita. Ela também pode conhecer o gozo da presença de Deus. Todo ser humano precisa de prazer emocional uma vez ou outra. Uma vida sem prazer pode se tornar intolerável. E assim, o nosso Deus, em Sua grande sabedoria, também providenciou para nós um deleite emocional. Os pedaços de pão fresco podem ser uma grande satisfação, quando nosso Deus escolhe nos dar essa experiência.

A VONTADE

Como vimos, alguns crentes tentam viver sua vida cristã pelos esforços de sua mente. Outras confiam intensamente em suas emoções. Mas existe ainda um outro grupo. São aqueles que têm uma vontade particularmente forte. Talvez estes sejam os casos mais difíceis de tratar. Tais indivíduos se propõem a fazer tudo. Através da força do poder da vontade, eles podem atingir, pelo menos aos seus próprios olhos, seja qual for a meta colocada diante deles.

Quando se convertem, simplesmente começam a usar sua forte vontade para “viver a vida cristã”. Todos os princípios e admoestações do Novo Testamento tornam-se novos desafios para alcançarem por seus esforços. Cada preceito, seja dízimo, submissão, ajuda ou qualquer outra coisa, é uma oportunidade para mostrarem que estão desejosos e que são capazes de cumpri-lo.

Estes indivíduos crêem que são muito submissos a Deus. Estão, de fato, usando cada fibra de seu ser para fazer a vontade do Pai. Muitas vezes tais pessoas olham com desdém para as pessoas fracas. Aqueles que não conseguem vencer pecados e fraquezas persistentes são desprezados, porque, obviamente, eles não têm “um compromisso suficientemente forte”.

A razão porque tais casos são difíceis de tratar é que, pessoas com uma vontade forte podem fazer um grande show de Cristianismo. Eles são capazes de “encenar”, de tal maneira que se torna difícil encontrar uma falha e mostrar-lhes onde estão errando. Pela força de sua vontade, pararam com todos os pecados óbvios. Fizeram tudo o que se esperava que fizessem. O que Deus iria querer além disso? Comparados com muitos outros, eles realmente são capazes de fazer a vontade de Deus. A melhor esperança para estas pessoas é que Deus arrumará um desafio, que elas não podem atingir. Em Sua misericórdia, Ele pode trazê-las ao encontro de uma situação que é simplesmente demasiada difícil e grande. Ele pode levá-las ao seu próprio fim.

É claro que, conforme estivemos vendo, o empenho de nossa vontade não é o que Deus realmente deseja. Todos os esforços da vida da alma, não importa o quão bom possa parecer o resultado, são rejeitados por Ele. Nossa justiça é como trapos de imundície para Ele (Is 64:6). Aprendi que a palavra em hebraico para trapos indica os panos

manchados usados por uma mulher que está em seu período menstrual. Obviamente, nosso Senhor não Se agrada com tais esforços.

Seu desejo é que nós entreguemos completamente o controle de nossa vontade a Ele. Seu objetivo é que Ele possa usar a nossa vontade, para fazer a vontade Dele.

A única maneira de discernir quando alguém está vivendo pelo espírito, ou simplesmente vivendo pelo poder de sua vontade, é sentir o “sabor” do que ele está fazendo.

O resultado de seus esforços é um aroma agradável de Cristo? Ou é um mau cheiro do seu próprio esforço? As pessoas são atraídas pela doçura do caráter deles ou repelidas por um difícil e seco sentido de exigências? Deus possa ter misericórdia de nós para sabermos se estamos meramente tentando viver “para” Ele ou se Ele está realmente vivendo por meio de nós.

O ALTAR DE INCENSO

Isto nos leva à experiência do altar de incenso. Como pudemos notar, há várias peças de mobília no Lugar Santo. Já falamos sobre o candelabro e sobre a mesa da proposição.

Entretanto, há também neste lugar um altar para o incenso. Interessante, esse acessório é muito próximo do Santo dos Santos. Antes que o Sumo Sacerdote pudesse entrar no Lugar Santíssimo, ele tinha que pegar um pouco do incenso e colocá-lo em um incensário de ouro. Então, com aquela doce fumaça subindo para Deus, do incensário em sua mão, ele poderia passar pelo véu.

A vontade humana é muito importante em nosso relacionamento com Deus. Ele não fará nada que vá contra a nossa vontade. Isto quer dizer que Ele não fará nada dentro de nosso ser, a menos que estejamos completamente desejosos e prontos para que Ele o faça. Portanto, a vontade é essencial em nosso relacionamento com Ele.

Se vamos passar pelo véu, ou seja, entrar no espírito, nossa vontade precisa estar completamente submissa a Ele. Se vamos entrar no Espírito e viver Nele continuamente, precisamos oferecer-Lhe nossa vontade no altar. O aroma suave deste incenso deve sempre subir diante de Seu trono. Lá deve estar continuamente diante Dele a submissão de nossa

vontade. Se não estiver, acharemos difícil entrar em Sua presença e impossível permanecer no Espírito.

O verdadeiro Cristianismo não é usar a força de nossa própria vontade para tentar agradar a Jesus, mas submeter completamente nossa vontade a Ele, de maneira que Ele possa fazer em nós o que quer que Ele deseje.

O total abandono do controle – a oferta incondicional de nossa vontade – é necessário para cada um que queira viver uma verdadeira vida espiritual, a vida dentro do véu. A total submissão de nossa vontade a Deus deve ser considerada o ponto de partida de uma caminhada com o Senhor. A necessidade desta oferta deve ser apresentada a todos aqueles que estão interessados em Jesus de um modo claro e inequívoco. Sem ela, embora muitos possam “receber” Jesus, não irão muito longe em sua vida espiritual.

Tenho encontrado um número incontável de “cristãos” que nunca fizeram esse compromisso. Eles nunca cederam completamente o controle de suas vontades a Deus. Ele ainda não é o Senhor de suas vidas. Eles não podem progredir, porque estão em constante batalha com o Espírito, quem estará está no comando. Eles nunca crescem espiritualmente, nunca resolvem seus problemas e pecados. Eles são um constante peso para os crentes ao seu redor, tudo por causa dessa deficiência. Eles nunca submeteram sua vontade totalmente a Cristo. A menos que você tenha chegado a este ponto sem resistência ou reserva, você não irá a parte alguma na caminhada espiritual.

A FORÇA DE NOSSA VONTADE

Para caminhar com Jesus de uma maneira coerente e diária, a força de nossa vontade necessita ser quebrada. Precisamos chegar a um ponto em que não mais confiamos em nossa própria força para fazer a vontade de Deus. Precisamos chegar ao “final de nós mesmos” para que nossa força esteja apenas em Deus (2 Co 1:9).

Para aqueles que têm uma vontade muito forte, este processo é muito prolongado e doloroso. Muitas vezes, nosso Senhor precisa permitir-lhes que passem por testes muito severos e por sofrimentos, de maneira que o seu homem natural possa ser demolido. A confiança que eles têm neles mesmos para decidir e fazer só pode ser tocada, de um modo permanente, pela falha e pelo sofrimento.

Jacó era um homem confiante e intrigante. Ele tirou proveito de seu irmão e enganou seu pai. Ele manipulou situações para extrair riquezas de seu sogro e, finalmente, contendeu com o próprio Deus. No final, Deus tocou em sua coxa, a parte mais forte do corpo. Algo dentro dele havia sido permanentemente quebrado, de maneira que ele não era mais completo. A parte mais forte dele foi enfraquecida.

Depois desta experiência, seu nome foi trocado de Jacó, isto é, “o usurpador”, para Israel, que quer dizer “o príncipe de Deus”. Quantos dos filhos de Deus necessitam, hoje, deste toque divino, da quebra da sua força própria para fazer e viver “por” Ele, a fim de que Deus possa finalmente fazer e ser o que Ele deseja por meio deles!

DIVIDINDO ALMA E O ESPÍRITO

No capítulo anterior falamos sobre o que significa estar no Espírito. Isto é, quando estamos experimentando comunhão com Deus, quando estamos sentindo Sua divina liderança e quando estamos conhecendo Sua Lei escrita em nossos corações, então, estamos no espírito. Compreendemos que não apenas podemos conhecer Deus em nosso espírito, mas que Ele também pode nos dar muitas experiências em nossa alma, algumas vezes muito poderosas.

Entretanto, dois pontos precisam ser esclarecidos. Número um: embora possamos ter muitas experiências adoráveis, do Espírito, em nossa alma, devemos ser cuidadosos para nunca procurar por estas “experiências”. Se procuramos por revelação, há muitas fontes de revelação. Se procuramos emoções, há muitos modos pelos quais nossos sentimentos podem ser estimulados, incluindo a ação de espíritos maus.

Um cristão sábio não irá permitir que suas emoções o guiem, mas permitirá a Deus que guie suas emoções. Nossa necessidade é continuamente procurar a pessoa de

Jesus Cristo. Nossa necessidade urgente é andar diariamente no espírito. Quando for o tempo Dele, Ele nos dará revelações. Quando considerar apropriado, Ele nos dará emoções agradáveis. À medida que nos submetemos totalmente a Ele, em nossa vontade, tudo o que precisamos irá fluir do nosso espírito para a nossa alma.

Número dois: nunca deveríamos ser dirigidos apenas por nossas “revelações” ou sentimentos, mas pela presença de Deus em nosso espírito. Seja o que for que esteja acontecendo em nossa alma – isto é, nossa mente, emoções e vontade – precisamos ser cuidadosos para julgá-lo pelo nosso espírito. Em cada questão, precisamos sentir a paz de Deus em nosso ser interior. Precisamos andar em constante comunhão com Jesus, ser conduzidos por Sua autoridade e saber se estamos Lhe ofendendo ou não. Este é o segredo: andar em comunhão com Deus.

Muitos crentes confiam em sonhos, profecias, “palavras”, “versículos” ou conselhos de outros para sua direção. Outros dependem de suas sensações emocionais para serem guiados. Esses são cristãos sensuais, guiados pela alma. Eles estão olhando continuamente para as atividades da alma como sua fonte de direção. Não estão verdadeiramente sendo conduzidos pelo Espírito, mas por uma grande variedade de fontes que podem influenciar sua alma e irão fazê-lo.

Certamente, Deus usa coisas como sonhos, palavras proféticas etc. para nos falar e nos guiar. Estas coisas são importantes para nós na vida cristã. O problema é que não devemos depender delas, mas sempre avaliá-las e julgá-las pela nossa comunhão com Deus, no espírito. Precisamos, enfim, ser dirigidos pelo Espírito e não pela alma.

SENSAÇÕES FÍSICAS

Quantas vezes, através dos anos, tenho ouvido alguém exclamar: “Você sentiu isto?” referindo-se a alguma sensação física que eles tiveram em uma reunião cristã. Isto pode ter sido pele arrepiada, uma sensação de formigamento, uma sensação de calor ou de frio, um vento impetuoso ou muitas outras coisas. Para eles, isto era uma indicação de que Deus estava presente ou de que algo que foi dito ou feito era, provavelmente, Dele.

Não há dúvida de que o Espírito de Deus pode produzir dentro de nós muitas

sensações físicas. Ele o faz. Em Atos, por exemplo, Ele veio como um vento muito forte (At 2:2). O Espírito pode preencher não apenas nossa alma, mas também o nosso corpo. O perigo é que muitos crentes começam a confiar nestas sensações. Eles dependem delas para a sua direção diária.

Pior ainda, começam a procurar por estas coisas, como se isto fosse o mesmo que estar procurando por Deus. Eles não sabem como andar no espírito e, então, são conduzidos pela carne. Deus pode nos dar sensações físicas, mas nem sempre as sensações físicas são de Deus. Tais estímulos podem vir de muitas fontes. Portanto, sem viver em constante comunhão com Deus em nosso espírito, não temos um modo confiável de julgar se nossas sensações físicas provêm Dele ou não.

Quando andamos pela alma e somos conduzidos por sensações emocionais e físicas, manifestamos a natureza da alma. Por esta razão, nós vemos, na igreja hoje, tanto do homem natural. Vemos orgulho, ganância, luxúria, lutas pelo poder, fofocas, inveja, ciúme, desonestidade, um irmão ou irmã tirando proveito de outro(a), e muitas outras coisas.

Isto tudo é resultado de depender da alma e das faculdades da alma, em vez do espírito. Para os inclinados para a vida da alma, a liderança do Espírito não é experimentada. A convicção do pecado, que experimentamos na presença de Deus, não acontece. Sentimentos e pensamentos naturais são misturados com os espirituais, de uma maneira que produz uma grande confusão entre os cristãos.

Não sabendo como viver no espírito, eles não têm base para saber “o que é o quê”. Podem experimentar um “toque” real de Deus, de tempos em tempos, mas, então, tentam recriá-lo por meios emocionais. Eles não sabem como viver em genuína e constante comunhão com Deus. Conseqüentemente, as igrejas, hoje, estão cheias de crentes carnais, que estão conseguindo muito pouca vitória sobre o pecado e sobre o diabo.

Como precisamos da Palavra viva de Deus penetrando a escuridão dentro de nós! Como precisamos experimentar a espada de dois gumes. Como precisamos que Ele separe nossa alma de nosso espírito! Como precisamos que a Sua luz nos mostre como viver em Sua presença, em nosso espírito e, desta forma, permitir que Ele Se revele ao mundo por meio de nós!

12.

PELA GRAÇA, ATRAVÉS DA FÉ

Neste livro, temos falado sobre a salvação da alma. Temos investigado o plano maravilhoso de Deus para criar para Si uma noiva, por meio da qual Ele possa Se revelar ao mundo e até mesmo ao Universo. Também estivemos revendo nossa responsabilidade concernente a essas grandes verdades. Quando meditamos nessas coisas espirituais, precisamos manter firmemente algo em mente: que o trabalho de Deus dentro de nós é verdadeiramente o trabalho de Deus.

Nenhuma das maravilhosas realidades espirituais é algo que possamos experimentar sozinhos. Filipenses 2:12,13 diz: "...desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque *Deus é quem efetua em vós* tanto o querer quanto o realizar, segundo a sua boa vontade." Veja, embora devamos estar cooperando com Ele, é realmente *Ele* quem está fazendo o trabalho.

Tudo o que envolve o trabalho de Deus em nós é resultado de Sua maravilhosa graça. Nós cremos Nele, porque Ele teve misericórdia de nós; crescemos Nele, por causa da Sua graça, que Ele nos fornece. Nós O seguimos, por causa do Seu poder, que Ele livremente nos dá para vencermos os obstáculos e o inimigo. Tudo é resultado de Sua graça.

Muitos definem "graça" como sendo o favor imerecido de Deus. Certamente, isto é verdade. Não merecemos nada Dele. Entretanto, por causa de Seu grande amor, Ele veio e morreu por nós. Ele gratuitamente nos ofereceu perdão. Até mesmo mais maravilhoso do que o perdão, Ele nos deu a Sua própria Vida eterna. E, ainda mais inacreditável, porém verdadeiro, Ele abriu o caminho para crescermos até chegarmos ao que Ele é, tornando-nos "co-participantes da natureza divina" (2 Pe 1:4). Este é um favor realmente imerecido, ou "graça".

Quando chegarmos diante do Seu trono, no dia do Julgamento, se houver alguma coisa boa dentro de nós, não vamos receber crédito algum por isto. Lá, nenhuma carne poderá se gloriar em Sua presença (1 Co 1:29). Todo o incrível e glorioso trabalho que tem sido feito em nós terá sido resultado de Sua graça e misericórdia.

O amor de Deus O moveu a trabalhar pacientemente em nós, para realizar toda a Sua vontade. Embora possamos pensar que somos zelosos, obedientes ou consagrados, mesmo isto será mostrado como um resultado da Sua maravilhosa graça.

A obra que o Espírito Santo está fazendo dentro de nós depende da nossa fé. Precisamos ter fé em Jesus para recebê-Lo. Precisamos ainda continuar a andar em fé para crescer Nele. Todo progresso espiritual é baseado completamente em nossa fé. Além disso, mesmo a fé que temos é resultado da maravilhosa graça de Deus. Ela não vem de nós, mas é dom de Deus (Ef 2:8).

Talvez, um bom modo de compreender essa fé seja dar uma olhada na experiência do pai da fé – Abraão. Examinando como ele chegou à fé, talvez possamos descobrir como Deus nos concede fé. A Escritura diz: “...veio a palavra do Senhor a Abraão numa visão” (Gn 15:1). Então diz: “Ele [Abraão] creu no Senhor, e isso lhe foi imputado como justiça” (Gn 15:6).

A ordem em que esses dois eventos aconteceram é muito significativa. Primeiro, Deus manifestou sobrenaturalmente Sua vontade e a Sua glória a Abraão. Então, Abraão acreditou. Sua resposta à visão celestial foi a fé. Ele reagiu à revelação divina, crendo no que Deus revelou a ele e confiando que o que Ele dizia também cumpria.

Por outro lado, perceba como esta fé não aconteceu. Não foi resultado de seu esforço próprio ou de concentração mental. Abraão não estava caminhando no deserto numa noite estrelada, olhando para os céus e pensando: “Deve existir um Deus. Meu Deus! Eu sinto que realmente existe um Deus. Portanto eu creio, creio que há um Deus e Ele certamente quer que eu tenha muitos descendentes”. E até Deus, após ouvir essas “palavras de fé”, não desceu correndo para revelar-Se a Abraão.

A fé de Abraão veio de maneira completamente oposta. Primeiro, Deus Se revelou e, segundo, Abraão acreditou. Foi este tipo de fé que agradou a Deus e o fez classificar Abraão como justo.

Que evento maravilhoso deve ter sido quando Deus mostrou-Se a Abraão! Você se

lembra do primeiro dia em que Deus Se revelou a você? Se você é um cristão hoje, é porque Deus, em algum tempo e de algum modo, manifestou-Se e sua resposta a isso foi fé. Você deve ter dito algo como “Deus é real. Eu O vi. Ele Se mostrou a mim e, agora, eu creio Nele.” A menos que você tenha vindo a conhecer o verdadeiro Deus pessoalmente através da revelação de Jesus Cristo, você não pode ser um verdadeiro cristão.

Vamos continuar agora com uma breve definição de fé. “Fé é a resposta humana à revelação divina”. Uma vez que Deus nos mostra algo Dele, então, acreditamos. Mas, a não ser que Ele escolha Se revelar a nós, nada do que possamos fazer ou pensar poderá ser qualificado como fé real.

A menos que O tenhamos “visto”, em alguma medida, não podemos crer Nele. Talvez possamos dar nossa aprovação mental a algo que lemos ou ouvimos sobre Deus, mas isto não é o que a Bíblia chama de “fé”. Tiago nos ensina que até mesmo os demônios têm um tipo de fé em Deus. Eles “crêem e tremem” (Tg 2:19). Mas a fé salvadora – fé genuína – o tipo de fé que justifica, diante de Deus, aquele que a possui, é a fé que resulta da revelação do próprio Deus.

Infelizmente, nem todo homem reage à revelação divina com fé. Na Bíblia, lemos sobre muitas pessoas que reagiram à manifestação do poder e divindade de Deus com descrença. A maioria de nós provavelmente imagina que, se Deus falasse audivelmente dos céus, todos iriam crer. Contudo, este não é o caso.

Várias vezes, no Evangelho, está gravado que Deus fez justamente assim. Uma vez, Jesus estava orando ao Pai e disse: “Pai, glorifica o teu nome.” Em resposta a isto, uma voz veio do céu dizendo: “Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei” (Jo 12:28). Embora toda a multidão tivesse ouvido a voz de Deus, nem todos creram. Alguns deles disseram: “Certamente foi um trovão”. A reação deles foi de completa falta de fé. Ouviram a voz de Deus audivelmente e, ainda assim, escolheram não acreditar na realidade do que acabara de acontecer.

Ainda um outro exemplo notável de tal descrença é quando Jesus ressuscitou Lázaro dos mortos. Depois deste acontecimento, lemos que muitos de seus discípulos creram Nele. Mas havia alguns entre a multidão que, mesmo tendo visto o morto se levantar, não creram. Em vez disso, seus corações se endureceram.

A fé verdadeira ocorre quando o coração humano responde positivamente a Deus.

Quando Deus, através de Sua misericórdia, revela-Se a nós de algum modo, estamos na posição de escolher se cremos ou não. Quando escolhemos a fé, isto nos leva a um relacionamento com Deus. Ele responde à nossa resposta de fé. O resultado de nossa crença é intimidade com Deus. Nós, então, nascemos de novo. Então recebemos Seu Espírito Santo dentro de nós. Este, entretanto, não é o fim. Em vez disso, é o começo de um relacionamento vitalício de intimidade com Ele.

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Um dos principais dogmas da moderna Igreja Evangélica é a justificação pela fé. Isto significa que somos justificados diante de Deus, por causa de nossa fé Nele. Com isto estamos tentando dizer que Deus está entrando em um relacionamento conosco e tendo comunhão íntima conosco, *não* por causa de alguns trabalhos que fizemos para agradá-Lo, mas porque cremos na revelação de Seu Filho. Nossa fé é em Jesus, que Se mostrou a nós, esta é a base de nosso relacionamento com Deus.

Nosso Deus, como resultado de nossa fé, interage conosco de um modo íntimo, pessoal, como se fôssemos completamente justos. Como resultado de nossa fé, Ele concede retidão a nós (Rm 4:22,24). Esse é um ato de graça, nada mais. Nós não merecemos ser considerados justos, mas através da graça de Deus, Ele entra em um relacionamento conosco como se nós realmente estivéssemos sem pecado.

Entretanto, precisamos esclarecer uma coisa: a fé sobre a qual estamos falando – a fé que nos justifica, hoje, aos olhos de Deus – é uma fé viva. Não é meramente o fato de que acreditamos em Jesus, vamos dizer, há vinte anos atrás. É uma fé que está ativa, agora. Neste momento, estamos respondendo com fé àquilo que nosso Senhor está nos revelando. Estamos ouvindo Sua voz. Estamos crendo em Sua Palavra viva e estamos Lhe obedecendo. Esse é o tipo de fé que nos justifica. Um grande número de crentes simplesmente espera que, porque creram em Jesus algum dia, no passado ou porque concordaram com algum fato bíblico, de agora em diante Deus os considera justos. Entretanto, isso não é verdade. Hoje, para sermos considerados justos por Deus, precisamos ter uma fé viva, diária, ativa.

Nosso irmão Tiago tentou corrigir uma falsa impressão que já prevalecia em seus dias. Era a de que um tipo de fé mental, estática, era suficiente. Talvez, houvesse alguns na Igreja de seus dias que também supunham que, já que eles acreditaram “em um determinado tempo” ou “em alguma coisa”, eles eram justificados por meio disso.

Mas Tiago argumenta contra isso. Ele afirmou com certeza e repetidamente que a fé sem obras é morta (Tg 2:17,20,26). Ele afirma que somos justificados por nossas obras (Tg 2:24). Com isso, ele insistia que nossa fé deveria estar produzindo algo. Deveria ser manifesta diariamente em nossas vidas, com resultados reais, tangíveis que ele chama “obras”. Deveria ser revelada através de nosso vivo relacionamento com Deus.

Se não for assim, é uma fé morta, pela qual nós não podemos ser justificados. As “obras” das quais ele falava, não são simplesmente boas obras, mas a evidência da submissão de nossa vida inteira a Cristo. Elas são a manifestação visível de uma fé viva e de uma comunhão diária com Deus.

Tiago não está contradizendo Paulo quando insiste em “obras”. Ele não estava negando a necessidade de fé. De maneira alguma ele contesta a “justificação pela fé”. Seu objetivo era esclarecer exatamente *que tipo* de fé é necessária para nos justificar diante de Deus. Ele estava só insistindo que a nossa fé deve ser uma fé viva. Precisamos estar mantendo uma intimidade com Jesus. Devemos ter um relacionamento de fé atual com Ele. A prova desta fé viva está no fruto que é visível agora. É apenas esse tipo de fé que nos justifica. Tiago mostra: “Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada [manifestada] pelas obras” (Tg 2:22 NVI).

Jesus abriu o caminho para nós. Ele está livremente justificando seres humanos pela fé (Gl 3:8). Sua graça está disponível em abundância. Entretanto, quantos filhos de Deus, hoje, estão vivendo em um estado de descrença. Apesar do fato de que, um dia, eles creram, agora eles se esfriaram. Outrora, andaram em intimidade e comunhão com Deus, mas, hoje, não vivem mais esta experiência. Ele está falando com eles, mas se recusam a ouvi-Lo. Ele está se revelando, mas eles negam que isto esteja acontecendo. Ele os está corrigindo, mas não reconhecem Sua mão.

Por alguma razão, eles não querem ouvir o que Ele está dizendo, então, ficam inventando desculpas. “Não pode ser Deus”, eles raciocinam. “Ele não iria querer algo assim de mim”. Assim, eles O negam, recusam o que Ele fala e, assim, rejeitam a Sua autoridade em suas vidas.

Quando isto ocorre, o trabalho de salvação em suas vidas se torna paralisado. Sua comunhão íntima com Deus se quebra.

Estes não mais “caminham pela fé”. E porque não estão mais tendo uma fé viva, não estão mais sendo justificados. Somente quando eles finalmente se arrependem e escolherem ouvir Sua voz, Ele poderá considerá-los justos e continuar neles a Sua obra de graça.

FÉ E OBEDIÊNCIA

Outra vez, a experiência dos filhos de Israel no deserto se torna um exemplo importante para nós. Eles estiveram viajando, por meses, pelo deserto. Tinha sido uma jornada longa e quente. Finalmente, atingiram o lugar de onde podiam avistar seu objetivo, a Terra Prometida. Antes de cruzar o Jordão, Moisés mandou doze homens para entrar na terra e espíá-la. Deveriam trazer um relatório de tudo o que veriam por lá.

Para dez dos doze homens, sua experiência em Canaã foi assustadora. Eles viram gigantes por lá. As cidades eram fortificadas. E, assim, eles persuadiram as pessoas a se rebelarem contra a vontade de Deus. Aqueles homens não tinham fé. Eles não acreditavam que Deus iria dar aos Seus servos o poder de executar o que Ele os havia mandado fazer. Assim, sua falta de fé resultou em desobediência.

É exatamente, assim, que acontece com alguns crentes, hoje. Eles são filhos de Deus. Receberam Jesus pela fé. Foram batizados, semelhantemente aos filhos de Israel cruzando o Mar Vermelho (1 Co 10:2). Contudo, por alguma razão, eles pararam de crer de uma maneira viva. Não estão mais andando em intimidade com Deus. De algum modo, encontraram algo em sua caminhada espiritual que os amedrontou ou ofendeu.

Possivelmente chegaram a algum desafio que consideraram forte demais para ser derrotado. Talvez, Jesus tenha requerido algo deles, para o qual não se sentiam preparados

ou desejosos. Então fecharam seus ouvidos e pararam de ouvir Sua voz. Cessaram de responder em fé à Sua revelação e liderança. Sua antiga comunhão íntima com Jesus desvaneceu-se e transformou-se em uma memória agridoce.

Quando estamos vivendo pela fé, estamos também vivendo em obediência a Deus. As duas coisas seguem lado a lado. É impossível ter um relacionamento de fé atuante em Jesus Cristo e ser desobediente. Quando não estamos obedecendo ao nosso Senhor, não estamos caminhando em fé. Nossa recusa em ouvir a Jesus e fazer o que Ele quer é viver em rebelião. Isso é falta de fé.

Quando Deus nos leva a uma direção, precisamos crer que esta é a melhor coisa para nós. Quando Ele nos dirige para alguma área da vida que achamos assustadora, precisamos ter fé que Ele sabe o que está fazendo e que estará conosco. Quando nos confrontamos com situações difíceis ou mesmo impossíveis, precisamos escolher acreditar que Ele é capaz de derrotar o inimigo através de nós. Somente deste modo podemos andar em uma fé que nos justifica diante de Deus.

O JULGAMENTO DE DEUS

Quando estamos vivendo em desobediência, estamos vivendo em pecado. Romanos 14:23 afirma: "...tudo o que não provém de fé é pecado". Seguramente, se não estamos obedecendo, é porque não estamos crendo. Portanto, já que não estamos andando em fé, não estamos sendo justificados. Deus não está nos considerando justos.

Nossa falta de fé, além de não nos tornar justos diante de Deus, faz com que Ele Se desagrade de nós. Hebreus 3:13-17 fala daqueles que deixaram o Egito, mas falharam em entrar e possuir a Terra Prometida, por causa da sua falta de fé. Eles foram endurecidos pelo engano do pecado. Conseqüentemente, seus "cadáveres caíram no deserto". Estas coisas falam a nós, hoje.

Como vimos nos capítulos anteriores, há conseqüências reais para nossas escolhas. Se nós não seguimos em frente pela fé, dia a dia, seguindo e obedecendo a Jesus, então, não estamos mais agradando a Deus. Não estamos mais em uma posição onde podemos experimentar Sua graça. Seu desprazer, mais do que a Sua bênção, permanece sobre nós.

Portanto, a menos que nos arrependamos e nos voltemos para Ele, desejando fazer a Sua vontade, sofreremos as conseqüências que a Sua Palavra revela. Como já vimos antes, uma das conseqüências mais sérias é que a parte não transformada de nossa alma estará perdida (Mt 16:25, Mt 10:39, Lc 9:24, 17:33, Jo 12:25). Nossos “cadáveres” cairão no deserto. Sofreremos uma grande e irrecuperável perda. O julgamento sobre os filhos desobedientes será levado a cabo. Se nós deixamos de seguir a Deus por descrença, então, não podemos experimentar as bênçãos da fé, mas apenas as conseqüências da desobediência. Seremos aquelas pessoas cujo fim é serem queimadas pela presença de Deus (Hb 6:8).

Hebreus 3:13,14 nos impele a exortarmos uns aos outros, diariamente, durante o tempo que se chama hoje, a fim de que nenhum de nós seja endurecido pelo engano do pecado. Lemos no versículo 14: “Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardamos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos”.

Certamente isso foi escrito para crentes. Portanto, a palavra “se” é extremamente importante para nós. Precisamos continuar um relacionamento de fé viva com Jesus, se quisermos receber suas recompensas favoráveis. Tornar-se “participantes de Cristo” deve ser entendido como participantes da plenitude de Cristo, já que todos os cristãos já O receberam.

FÉ NÃO É ESPERANÇA HUMANA

Muitas pessoas hoje, compreendendo mal a fé, têm tentado transformá-la em uma esperança humana. Eles erroneamente imaginam que, se simplesmente lerem a Bíblia, escolherem umas passagens que lhes agrada e derem seu consentimento mental às verdades expressas nelas, isto pode ser qualificado como fé.

Infelizmente, esse é apenas um exercício da alma, que não pode nos ajudar. Nenhuma quantidade de contínuas declarações de verdades bíblicas irá nos levar à fé genuína. Somente a revelação sobrenatural de Deus pode executar isto. As Escrituras dizem: Jesus "...manifestou sua glória e os seus discípulos creram nele" (Jo 2:11). Uma vez que Jesus revela a Si mesmo e Sua vontade a nós, então, podemos escolher se acreditamos. Esse é o tipo de fé sobre o qual a Bíblia fala.

Facilmente, os seres humanos se tornam cegos para as coisas espirituais, por definições terrenas. Somente porque crescemos pensando que sabíamos o que era fé – isto é, dar nossa concordância mental a alguma idéia – nós imaginamos que esta mesma definição será boa o bastante para ser utilizada em nosso Cristianismo.

Que pena que esse tipo de atividade mental nunca funcionará. Ela simplesmente gera um tipo de esperança humana. Somente aqueles que viram Deus e responderam em fé a Ele, crêem de um modo que os fará serem contados como justos e os capacitará a receber o que Ele tem para lhes dar. Nossa fé, isto é, a nossa resposta à revelação de Deus, nos capacita a entrar naquilo que Ele está nos revelando.

Muitos cristãos estão tentando "crer" que eles têm algo, quando, na verdade, não têm. Por exemplo, eles afirmam que "nós temos a mente de Cristo", mas é evidente pelas suas vidas, que os seus pensamentos não são dominados por Ele. Suas palavras e ações mostram que o Espírito Santo ainda não os libertou da programação do mundo e do diabo. Suas mentes não estão cheias de pensamentos de Jesus.

Talvez, estes indivíduos também creiam que já estão completamente salvos, santificados e purificados. Mas aqui, também, suas vidas revelam o engano desta "fé" deles. Citando versos da Bíblia, pensam que possuem algo, quando, obviamente, o não têm. A fé deles não é uma fé viva.

ILUSÃO NA IGREJA

Certamente, Deus nos dá "graciosamente...todas as coisas" (Rm 8:32). Ele abriu o caminho para que nós possamos entrar em tudo aquilo que Ele é. Mas o triste fato é que muitos cristãos não estão entrando. Estão apenas imaginando que já entraram. Estão

apenas ouvindo sobre as grandes verdades, dando sua aprovação mental a elas e esperando que, de algum modo, isto possa transformá-las em verdade para eles.

Esse tipo de pensamento enche os cristãos de nossos dias e as igrejas de nosso tempo com um forte e palpável ambiente de irrealidade. Muitos estão falando, orando, louvando, e até pregando sobre coisas que não são reais para eles. Muito embora estas coisas sejam verdadeiras, em um sentido eterno, elas não são reais em suas vidas.

Um famoso ator disse uma vez: “A diferença entre pregadores e atores é esta: atores falam sobre coisas que não são verdadeiras, como se elas o fossem, mas pregadores falam sobre coisas que são verdadeiras como se elas não fossem verdadeiras”. Que terrível acusação! Que dizer do moderno cristianismo que produz um tipo de ilusão que até mesmo os ímpios percebem? Por que nossa “crença” não está produzindo resultados? Por que estas coisas preciosas não são reais em nossa vida diária?

Há dois fatores principais que parecem estar contribuindo para tal problema: primeiramente, o diabo foi bem sucedido em obscurecer a verdade de Deus. Ele, através de suas mentiras e meias verdades, está trapaceando os filhos de Deus, mantendo-os longe de sua herança.

Uma grande parte de sua mentira é o que estamos focalizando. É a crença de que nós já possuímos as preciosas coisas espirituais de Deus, embora não as possuamos. Ele propagou esse erro através de uma definição enganosa de fé e graça. Assim, ele iludiu os cristãos a pensarem que não precisam experimentar estas coisas, aqui e agora, e que a verdadeira retidão só existe na mente de Deus. Satanás fez com que o evangelho se transformasse em um tipo de conto de fadas, que só é verdadeiro no mundo imaginário.

É exatamente sobre isto que Paulo nos alerta. Ele prediz que, nos últimos dias, as pessoas “...se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Tm 4:4).

E o que são estas “fábulas”? São coisas apenas imaginárias. É o pensamento de que todas as promessas de Deus são para amanhã – um tipo de utopia no céu, quando morrermos. É a crença que retidão e outras virtudes santas somente existem na mente de Deus e não importa se aparece em nossas vidas ou não. É a atitude de achar que Deus vê apenas Jesus e não o modo como realmente agimos, falamos e pensamos. É o pensamento de que nossas recompensas são futuras e físicas e que têm pouco ou nada a ver com nossa experiência, hoje. É a impressão de que não haverá conseqüências negativas para a desobediência dos filhos de Deus.

Estas são as mentiras do inimigo. É uma grande escuridão que pesa sobre a Igreja de nossos dias. “Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!” (Mt 6:23).

O resultado de crer nestas mentiras é que não estamos motivados a entrar em Cristo e tomar posse de tudo o que Ele é, hoje. Pensar que já recebemos tudo não nos levará a experimentar mais. Acreditando que nossa recompensa tem muito pouco a ver com a maneira como vivemos, hoje, cessamos de nos importar com a verdadeira condição de nossa alma. O temor a Deus se acabou. Para muitos, cristianismo somente consiste em tentar evitar pecados óbvios, que poderiam ofender os outros, e, então, continuamente tentar assegurar um ao outro que tudo está bem, quando evidentemente não está.

Isto é o que significa receber “em vão a graça de Deus” (2 Co 6:1). Muito embora todas as boas coisas estejam sendo oferecidas a nós, muitos cristãos não estão tomando posse delas. Muito embora nosso Senhor tenha feito tudo por nós, não estamos permitindo a Ele que faça Seu trabalho de transformação em nós.

Deus, em Sua grande bondade, não está julgando nossas atitudes e ações, hoje. Mas está claro que esta bondade de Deus deveria “conduzir ao arrependimento” (Rm 2:4). Deveria provocar a abertura de nossas vidas para Ele a fim de que realize Sua vontade. O fato de que Ele deu-Se a Si mesmo por nós deveria nos estimular a nos entregar completamente a Ele. Se não experimentamos por nós mesmos todas as coisas maravilhosas que Deus graciosamente nos ofereceu, estamos abusando de Sua bondade. Quando não respondemos à graça sendo oferecida a nós, ultrajamos o Espírito da graça (Hb 10:29). Quando a verdade de Deus não nos estimula a abrir nossas vidas e a deixá-Lo fazer Sua obra, nós nos separamos da graça de Deus (Hb 12:15). As mentiras do inimigo e nossa própria rebeldia nos mantêm longe do que deveria ser nosso por direito.

Em segundo lugar, um importante fator que contribui para a nossa falta de progresso espiritual, hoje, é a nossa falta de vontade de morrer. Como vimos, no capítulo cinco, uma parte importante do trabalho de Deus dentro de nós é matar a velha vida e a velha natureza. Para seguir a Jesus, precisamos desejar tomar a nossa cruz (Mt 16:24) ou, em outras palavras, precisamos estar preparados para morrer.

É claro que isto não é o que a carne deseja ouvir. É o ponto em que muitos deslizam e caem. Muitos amam ouvir e beber “o leite da Palavra”, mas o alimento sólido não lhes é agradável. A “pregação da cruz” é, na verdade, alimento sólido. Não é fácil de digerir.

As coisas maravilhosas, quase inimagináveis, que Jesus nos oferece, são excitantes. Mas há um preço a pagar. Mesmo que sejam totalmente grátis, mesmo que Jesus já tenha pago o preço mais alto por nós, ainda assim existe um custo em termos humanos. Para conseguir tomar posse de tudo o que Deus está oferecendo, precisamos perder nossa própria vida (PSUCHÊ) (Mt 16:25). Para que Ele viva por meio de nós, precisamos morrer.

Não há dúvida de que esta é uma razão pela qual tão poucos filhos de Deus demonstram estar entrando e tomando posse das coisas de Cristo. O custo para eles é alto demais. Talvez nunca tenham ouvido a mensagem de Jesus completa. Possivelmente o completo “conselho de Deus” nunca tenha atingido seus ouvidos (At 20:27). Conseqüentemente, eles nunca se sentaram para “avaliar os custos” (Lc 14:28).

O infeliz resultado é que eles resistem aos esforços do Espírito Santo de tentar levá-los à maturidade. Não estando preparados para experimentar a morte de Cristo operando neles, recusam a graça de Deus que os salvaria daquilo que eles são. Qualquer relutância de nossa parte traz uma imediata interrupção para o nosso progresso espiritual.

Conforme vimos anteriormente, nosso Senhor nunca violará nossa vontade. Assim, quando nos tornamos relutantes em deixar a cruz operar em nossas vidas, quando amamos mais quem somos, do que a Cristo, ou quando não sentimos o desejo de “andar na fé” que Jesus está nos dando, então nosso progresso espiritual cessa.

A RETIDÃO DE DEUS

Estivemos falando neste capítulo sobre a retidão concedida. Este é o fato de que, por causa de nossa fé, Deus está interagindo conosco como se fôssemos verdadeiramente justos. Entretanto, há uma outra “retidão” revelada no Novo Testamento. É uma retidão que, também, é resultado de nossa fé. Essa é a retidão de Deus (Fl 3:9). Nosso Deus está perdoadando os nossos pecados, não reparando nossas falhas e, entrando em um relacionamento conosco, visando um propósito. Ele está nos tratando como se fôssemos justos, para que nós possamos realmente nos tornar justos.

Nossa fé nos leva a uma intimidade com Deus, a qual, deve transformar-nos. Esse relacionamento que envolve receber a Vida real de Deus, com a Sua Divina natureza, significa alterar nosso ser, no nível mais fundamental. Esta transformação é resultado de nossa fé ativa. É algo que começa a se revelar em nosso caráter. Através dessa fé, Deus começa a transformar nossa alma, substituindo a Sua Vida pela nossa e, então, Ele começa a Se revelar por meio de nós. Desta maneira, começamos a exibir a Sua retidão.

Esta justiça não é de nós mesmos, mas é o “dom de Deus” (Ef 2:8). Muito embora a origem dela não esteja em nós, ela tem sua expressão através de nós. A fonte é Deus, mas a manifestação é por meio de seres humanos. Esse tipo de justiça não existe apenas na mente de Deus. É algo visível, bem aqui na terra. Ela não é resultado de esforço próprio, mas um produto de nossa fé viva e diária.

Veja, nossa fé, que é a fonte de nosso relacionamento com Deus, nos faz

obedecê-Lo. Ela nos impele a abrir o nosso ser para Ele. Resulta em permitirmos que Ele domine e predomine sobre nós. Deste modo é que nós cumprimos a vontade Dele. Se nossa fé é real, ela produzirá resultados.

Quando nossa fé é viva, uma retidão genuína é exibida em nós. O pacífico “fruto da justiça” (Hb 12:11) é uma coisa tangível que Deus está procurando estabelecer em nós. Se não estamos exibindo esse fruto, isto é um sinal de que nossa fé não é ativa. Somente uma fé diária, ativa, produzindo intimidade com Deus, realmente nos transforma.

Queridos irmãos e irmãs, como precisamos, hoje, andar pela fé! Lemos: “...sem fé é impossível agradar a Deus...” (Hb 11:6). Ele faz tudo por nós. Sua graça está abundantemente disponível a todos. Até mesmo mais fé está à nossa disposição, proveniente Dele, se estivermos prontos e desejosos de recebê-la.

Nossa parte é apenas responder a Ele. O que é pedido a nós é simplesmente submeter nossas vidas inteiramente à autoridade Dele, receber o que Ele está oferecendo e permitir que Ele complete o Seu trabalho. Deste modo, a graça de Deus, operando através de nossa fé, irá cumprir Sua vontade em nossas vidas e nós iremos receber os benefícios da obra completa de Cristo.

13.

A IMAGEM DO INVISÍVEL

Neste capítulo, estaremos discutindo um assunto que é muito sagrado. O objeto de nossa investigação é o próprio Deus. Portanto, gostaria de persuadir cada leitor a, antes de começar a ler, tirar seus sapatos – isto é, falando espiritualmente. O que quero dizer é isto: Deus está muito além de nossa compreensão. Ele é o Criador, e nós somos as Suas criaturas. É completamente impossível para nós compreendê-Lo em total profundidade ou imaginar como Ele é.

Consequentemente, procurando por algum esclarecimento sobre este assunto extremamente santo, nós não podemos, na verdade, não devemos, esquentar nossas mentes. Compreender até mesmo o menor dos aspectos de Deus não é absolutamente um exercício mental. Não devemos “pisar” em cima deste tema com debates teológicos e argumentos humanos. Nunca seremos capazes de descrever, analisar ou definir Deus. A única maneira de conseguirmos compreender alguma coisa a respeito do TodoPoderoso, é Ele escolher Se revelar a nós.

Embora não O possamos compreender mentalmente, Ele ainda pode nos dar uma revelação espiritual que ultrapassa de longe a lógica humana. Os antigos apóstolos não eram homens cultos. Muitos deles eram simples pescadores. Alguns eram analfabetos. Entretanto, a revelação dada a eles, concernente à pessoa de Deus, é rica e completa.

Com tudo isso em mente, gostaria de recomendar que todos nós, juntos, nos humilhássemos diante do Senhor. Vamos colocar de lado nosso raciocínio humano e questionamentos mentais. Não vamos pisar nos átrios Dele com nossas idéias e imaginações. Vamos deixar de lado preconceitos doutrinários e argumentos teológicos a adorá-Lo como Criador e Rei.

O que Ele revelou em Sua Palavra é imensamente profundo. E, através de Sua Palavra, Ele também pode Se revelar a nós, se quiser, e quando assim o escolher. Que Ele possa achar nossa atitude reverente, nossos corações humildes e abertos para receber tudo o que Ele deseja revelar.

Vamos então, começar com essa pergunta: Quantos deuses nós temos? Há apenas um, ou eles são três? Lemos na Bíblia sobre Deus, o Pai; sobre Seu Filho, Jesus Cristo; e sobre o Espírito Santo. Como podemos compreender isto?

As Escrituras afirmam explicitamente que, há um único Deus. Gálatas 3:20 diz: “Mas Deus é um”. Tiago 2:19 diz: “Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem.” 1 Coríntios 8:4 confirma isto declarando que: “...há...um só Deus.” Mas, se há apenas um único Deus, então quem é Jesus Cristo? E o que dizer do Espírito Santo?

Certamente nunca iremos resolver isto com uma análise mental. Está demasiadamente distante de nossa compreensão humana, limitada. Significativamente, em Isaías 9:6, lemos que o Filho de Deus deve ser chamado “Maravilhoso”. Fui ensinado que, em hebraico, isto significa “tão grandioso que está além da compreensão”. Verdadeiramente, esse é um mistério que não pode ser imaginado, mas só pode ser revelado.

Alguns correm o perigo de gerar, quando falam deste assunto, entendimentos errados porque usam frases e palavras que não existem na Bíblia, para tentar descrever a natureza de Deus. Isto é arriscado, já que as palavras da Bíblia foram cuidadosamente escolhidas pelos autores para expressar exatamente o que Deus estava tentando revelar.

Quando alguém usa palavras que não existem na Bíblia, então, é preciso definir o que quer dizer com estas palavras. Logo, seguindo essa linha, você entra na esfera da mente. Você acaba tentando acertar o sentido exato de suas novas palavras, usando definições humanas. Assim, você acaba tentando explicar Deus, quem é, de fato, muito além de explicação ou definição. A mente humana nunca pode entender Deus.

Um outro erro acontece quando alguns tentam “enquadrar” Deus em diferentes fases ou modos, imaginando que Ele Se move de uma à outra posição. Eles supõem que agora não existe mais o Pai, mas que Ele “Se tornou” o Filho.

Outros, ainda, erroneamente atribuem diferentes “personalidades” ao Pai, ao Espírito Santo e a Jesus. Para eles, o Pai é um tanto austero, rigoroso e distante. Por outro lado, eles acham que Jesus é muito mais acessível e amoroso e talvez nos abrigue das

atitudes severas e do julgamento do Pai. O Espírito Santo, eles imaginam que tem outras características, talvez um tipo de pomba pairando por aí, que vem sobre nós, de vez em quando, para nos dar boas sensações ou fazer algum tipo de milagre.

Na prática, temo que uma boa parte da Igreja evangélica, hoje, tem três deuses. Mesmo que ninguém admita isso, é a verdade. Talvez não na doutrina, mas nas mentes de muitos crentes, existe a idéia de três indivíduos diferentes. Eles são confusos sobre “para quem” eles devem orar, perguntando: “é certo orar para o Pai ou a Jesus?” Nos conceitos deles, existe três “caras” lá no céu com três personalidades diferentes.

Esses e muitos outros conceitos errados têm sido propagados desde a morte de Cristo, como uma forma de “explicar” esse mistério. Mas, todas essas idéias errôneas são simplesmente o produto da mente humana tentando compreender Deus.

Como necessitamos nos humilhar diante Dele para que possamos receber Dele mesmo a revelação que só Ele pode dar a Seu próprio respeito! Vamos implorar a Deus juntos por “um espírito de sabedoria e de revelação” (Ef 1:17) vindo Dele, para que nós possamos também ver o que os apóstolos viram.

O PAI INVISÍVEL

Vamos começar nossa investigação aqui falando sobre Deus, o nosso Pai. Enquanto meditamos em Sua santa Palavra, um fato se torna bem claro. Um aspecto de Sua pessoa é revelado de uma maneira incontestável. É que Ele é invisível. Colossenses 1:15 ensina que Jesus é a imagem “do Deus invisível”.

Esse é exatamente o caso. Temos um Pai Celestial que é invisível. Hebreus 11:27 confirma isto quando fala sobre Moisés enquanto ele estava fugindo do Egito, dizendo que ele “...permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.” O próprio Jesus nos mostra que este “Deus invisível” é o Pai, quando Ele diz: “Não que alguém tenha visto o Pai” (Jo 6:46).

Obviamente, muitas pessoas viram o Filho de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, mas, aqui, está claro que nunca ninguém viu o Pai. E por que isto? Porque Ele é invisível e, portanto, é impossível que alguém possa vê-Lo. Em João 1:18 lemos que Jesus afirma

claramente: “Ninguém jamais viu a Deus”. Esta frase é repetida, para que não haja dúvida alguma, em 1 João 4:12, onde lemos de novo: “Ninguém jamais viu a Deus.” Nunca, ninguém viu Deus, o Pai. Isto está bem claro no Novo Testamento. De novo, a razão pela qual ninguém O tenha visto é que Ele é invisível e, portanto, impossível de ser visto. Embora esse possa não ser o seu conceito, ele é bíblico e verdadeiro. Nosso Pai celeste é totalmente invisível, e então, ninguém jamais O tem visto.

Não só nunca ninguém viu a Deus, o Pai, mas nunca ninguém O verá. Esse também é um fato bíblico. 1 Timóteo 6:16 afirma, para o nosso benefício, que Deus “...habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu e nem é capaz de ver.” Nunca ninguém viu a Deus e, além disso, nunca ninguém poderá vê-Lo. A simples razão para isso é que Ele é invisível, portanto, é impossível vê-Lo.

Alguns podem ter a idéia de que, embora o Pai, na verdade, seja invisível hoje, algum dia, no futuro, Ele vai mudar e se tornar visível a todos. Essa é uma idéia errada. Além de todos os versículos que já lemos, 1 Timóteo 1:17 ensina que nosso Rei é “eterno, imortal e invisível”. Estes três aspectos de Deus são aquilo que Ele é. Não são aspectos temporários Dele.

Quando Deus cessará de ser invisível? Deus cessará de ser invisível quando Ele não for mais eterno ou imortal. Obviamente, nosso Deus sempre foi e sempre será imortal. Ele sempre foi e será eterno. Do mesmo modo, Ele sempre foi e sempre será invisível. Isto significa que você não pode e nem nunca será capaz de vê-Lo.

Sem dúvida, alguns se sentirão confusos quanto a isto, talvez, por lembrarem-se de passagens como Atos 7:55,56, quando Estêvão estava sendo apedrejado, olhou para o céu e “viu a glória de Deus e de Jesus, que estava à sua direita.” Por favor, note bem que Estêvão viu “a glória de Deus” ou “majestade” em vez da “face” ou da “forma” de Deus.

Essa revelação da glória de Deus foi repetida em Hebreus 1: 3, onde lemos que Jesus “assentou-se à direita da Majestade, nas alturas.” Veja bem, ver “a glória” e “a majestade” é uma coisa, ver a forma ou a pessoa do Pai é outra. Sua Palavra afirma que Ele “habita em uma luz inacessível”. Talvez alguns tenham visto esta luz ou glória, mas nunca ninguém viu ou verá a Sua face. Podemos estar absolutamente seguros que nem Estêvão, nem ninguém, viu o Pai em pessoa, por causa das Escrituras que já revimos.

Escrevendo depois da morte de Estêvão, Paulo e João, ambos afirmaram

claramente que ninguém viu ou verá a Deus. Já que as Escrituras nunca se contradizem, é certo que o que afirmamos aqui é absolutamente verdadeiro. A frase “sentado à mão direita” de um Rei, no caso Deus, é uma expressão que indica que a pessoa compartilha do poder e da autoridade. Certamente, Jesus é o “poder de Deus” (1 Co 1:24) e tem “toda a autoridade” (Mt 28:18) vinda do Pai.

Mais uma vez eu lhe peço, não tente imaginar tudo isso com sua mente e inteligência. A compreensão que Deus tem para nós nunca virá desta maneira. A revelação de Deus não é na mente, mas no espírito. Não precisamos de informação, mas de revelação. Nunca iremos entender absolutamente até que haja revelação. Vamos, portanto, entrar juntos na presença de Deus para rever tudo o que Ele tem para nos dar.

DEUS REVELADO

Muito embora, conforme vimos, o Pai seja invisível, Ele tem Se revelado. Desde o princípio dos tempos, Deus tem Se expressado ao Universo. Quando Deus Se desvenda ou Se revela, isto é chamado “a Sua imagem”. Por exemplo, se você visse uma fotografia minha, ela poderia ser chamada de “minha imagem”. Seria uma expressão ou uma revelação de mim. Esta imagem iria contar muito a você sobre mim.

Agora, por uma razão que é difícil para nós, seres humanos, compreendermos, Deus chamou a Sua “imagem”, ou revelação de Si próprio, de “meu Filho”. De acordo com as Escrituras, Jesus Cristo, o Filho de Deus, é “a imagem do Deus invisível” (Cl 1:15). Isso significa que o Filho é nada menos que Deus revelado – Deus manifesto. Verificando este fato, lemos em 2 Coríntios 4:4 que Cristo “é a imagem de Deus.” Veja, quando o Pai mostra a Sua imagem – quando Ele Se revela de um modo perceptível – este é chamado o Filho. Hebreus 1:3 ajuda a esclarecer essa verdade. Falando sobre o Filho, lemos que “Ele...é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu ser.” A revelação de Deus e a imagem de Sua pessoa é Seu Filho.

Voltando a João 1:18, lemos: “Ninguém jamais viu a Deus; mas, o Deus unigênito [Filho], que está no seio do Pai, é quem o revelou”. Você vê, o Pai é invisível, mas o Filho O declarou. Ele O exibiu. Ele O revelou e O mostrou. O Filho de Deus manifestou, revelou e proclamou o Pai. A “declaração” ou “revelação” de Deus é o Filho. Essa é uma coisa

verdadeiramente maravilhosa.

Quando e onde o Pai Se revela, isso é o que chamamos “Seu Filho”. Realmente, veremos Deus, o Pai, um dia. Apocalipse 22:4 diz que os servos Dele: “...contemplarão a sua face”. Mas, onde O veremos? Veremos “...a iluminação do conhecimento da glória de Deus, *na face* de [Jesus] Cristo” (2 Co 4:6). Este é o único lugar onde o Pai é revelado.

Não apenas isto, mas o Filho é a completa manifestação de Deus. Isto quer dizer que, fora do Filho, o Pai não Se revela, mas no Filho está a totalidade desta revelação. Colossenses 2:9 afirma que “...nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.” Novamente em Colossenses 1:19 lemos: “...porque aprovou ao Pai que, nele [Jesus], residisse toda a plenitude...”

Portanto, para conhecer a Deus ou para vê-Lo e compreendê-Lo, não há senão um único lugar para olhar: Seu Filho. Se desejamos o conhecimento do Pai ou se desejamos apenas ver como Ele é, precisamos apenas olhar para Jesus. Verdadeiramente, Deus é manifestado Nele.

Esta é a razão pela qual é impossível que alguém venha a Deus sem passar por Jesus. Ele é o caminho, a verdade e a vida e ninguém vem ao Pai a não ser por meio Dele (Jo 14:6). Jesus é a única expressão de Deus. O Filho é o único lugar onde o Pai é “exibido”. Ninguém pode vir ao Pai, a menos que Ele Se revele a eles e o único lugar onde Ele é revelado é no Filho.

Jesus andou por esta Terra com seus discípulos por cerca de três anos e meio. Durante este tempo, eles tiveram ampla oportunidade de examinar Seu caráter. Sem dúvida, eles amaram Sua natureza gentil. Eles apreciaram Sua pureza, Sua força de propósito, Seu grande amor. Tenho certeza que, cada novo dia trazia a eles uma nova apreciação de Quem e do Quê Ele era.

Entretanto, com o passar de tempo, alguns deles se tornaram curiosos. Se Jesus era tão maravilhoso, como deveria ser o Pai? Então, um dia, Filipe veio a Ele e disse algo mais ou menos assim: “Jesus, o Senhor é realmente grande e nós O apreciamos muito, mas você poderia nos dar um vislumbre do Pai?” Jesus Se assustou com esta solicitação. Ele respondeu: “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (Jo 14:8,9). E, em um outro lugar, Ele afirma: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30).

E você? Você também tem estado com Ele por um longo tempo mas ainda não O conhece realmente? Talvez você seja um cristão há muitos anos e ainda não entende quem Ele é. Nosso Senhor Jesus é verdadeiramente a imagem do Deus invisível. Ele não é “uma personalidade” diferente. Ele é a completa e perfeita manifestação do Pai. Ele é o Pai revelado, o Pai manifestado. Todos os atributos do Pai são revelados no Filho.

Por exemplo, sabemos que Jesus era amoroso. Entretanto, não era o Seu próprio amor que Ele expressava, mas o amor do Pai que era revelado através Dele. A Bíblia diz claramente que é “...o amor de Deus que está em Cristo Jesus” (Rm 8:39). A paciência de Jesus, Sua preocupação com os carentes, Sua gentileza, Sua santidade, Sua pureza, Seu zelo – tudo isso era a manifestação do Pai. Suas palavras e ações não eram Dele mesmo, mas eram simplesmente uma exibição da Vida do Pai (Jo 14:10).

Quando Ele falava, era a autoridade do Pai que era ouvida. Quando Ele operava milagres, era o poder do Pai que era visto. Mesmo a expressão da face de Jesus era uma amostra do coração do Pai. O Pai não é uma “personalidade” diferente. Este é um grande engano. Se pensamos desse jeito, mostramos que não sabemos realmente quem é Jesus. Ele é, na verdade, a imagem do Deus invisível. Realmente, quem O vê, vê o Pai (Jo 14:9).

No Novo Testamento, está bem claro que Deus é invisível. Também está muito óbvio que ninguém jamais O viu. Entretanto, ao lermos o Velho Testamento, parece que muitos indivíduos, e até mesmo grupos de pessoas, viram a Deus.

Por exemplo, Êxodo 24:9 diz: “E subiram Moisés, e Arão, Nadabe e Abiú e setenta dos anciãos de Israel. E eles viram o Deus de Israel”. O profeta Amós disse: “Vi o Senhor!” (Am 9:1). Micaías, outro profeta, também disse: “Vi o Senhor” (2 Cr 18:18). Isaías também declarou: “No ano da morte do Rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o Templo” (Is 6:1).

Então, quem estas pessoas viram? Como podemos entender isso? Jesus, Paulo e João enfaticamente declararam que ninguém viu a Deus porque Ele é invisível. Entretanto, estes indivíduos obviamente viram alguém que eles identificaram como Deus. Como isto pode ser? A única explicação é que eles viram “o Deus revelado”. Eles viram o Filho de Deus. Muito tempo antes de ser conhecido como Jesus Cristo, Deus já Se revelou em Seu Filho. É este Filho que era e é “o Deus de Israel”.

A PALAVRA DE DEUS

Uma das principais maneiras pelas quais é possível que alguém se revele, é falando. De fato, sem falar é muito difícil comunicar alguma coisa para alguém. Eu me lembro bem quando vim ao Brasil, pela primeira vez. Não falava uma só palavra de português. Eu dava muitos sorrisos e acenos com a cabeça, mas comunicação real era impossível com aqueles que não falavam inglês.

Nossas palavras são o centro de nossa auto expressão. Sem elas, nossa habilidade de nos expressarmos é extremamente truncada. Um artista pode se expressar através de suas criações, mas isto também é uma expressão limitada de tudo aquilo que está em seu coração. É através de nossas palavras que revelamos nossos planos e propósitos e também os pensamentos mais profundos de nosso coração.

Do mesmo modo, Deus fala e Se expressa com palavras. Já que Suas palavras são a Sua revelação, elas também são conhecidas como “Seu Filho”. É muito óbvio que Jesus Cristo é a “palavra de Deus” (o verbo, João 1:1). Ele é o sumário de todo o discurso de Deus ao homem e também ao Universo como um todo.

Hebreus 1:2 nos ensina que foi através do Filho que Deus criou o Universo. Mas como Deus executou esta criação? Ele falou. Ele revelou-Se na fala, trazendo à existência tudo o que Ele desejava. Como vimos, a revelação de Si mesmo é Seu Filho.

O Filho é também “Aquele” que mantém unida toda a criação, hoje. Lemos, em Colossenses 1:17, que é Nele que “tudo subsiste”. Hebreus 1:3 diz que o Filho está “...sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”. Colocando estes dois versículos juntos, vemos que o Filho de Deus é a palavra por meio de que o Pai Se revelou, criou e, hoje, está sustentando todo universo.

Talvez isso resolva para vocês, eruditos da Bíblia, um dilema que os têm intrigado por anos. A Bíblia assegura que Jesus foi “o primogênito de toda a criação” (Cl 1:15). Embora algumas traduções tenham tentado nos “ajudar” a compreender, colocando isto como “o primogênito *sobre* toda a criação”, sem muita imaginação esta tradução não tem muito sentido na língua portuguesa.

O problema para os sábios é que a Bíblia também indica que a “Palavra”, que é o Filho, sempre existiu. Ele estava claramente “no princípio”, “com Deus” (Jo 1:1). Portanto, como é possível que tenha “nascido” em um determinado período de tempo e que naquele “nascimento” o Pai tenha dito: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei”? (Hb 1:5). Se Ele realmente estava “no princípio com Deus”, como é que Ele pode ter “nascido”?

A Palavra de Deus, a expressão Dele mesmo, esteve sempre com Ele. Na “eternidade passada”, antes que tudo fosse criado, esta Palavra – Seu Filho – estava “no seio do Pai” (Jo 1:18). Por exemplo, esta mensagem que estou escrevendo, tem estado em meu coração durante anos. Não é algo que esteja vindo a mim conforme escrevo, mas tem esperado dentro de mim até que eu, finalmente, me sentasse e começasse a escrever. Assim também, a Palavra de Deus esteve sempre com Ele “desde o princípio”.

Veja, houve um “tempo”, antes do tempo, quando Deus nunca havia falado. Nunca havia Se revelado de nenhum modo. Mas Ele decidiu em Seu coração, começar uma criação maravilhosa e, usando esta criação como base, colocou em movimento o plano de assegurar uma noiva. Para fazer esta criação, Deus falou “pela primeira vez”. Ele “falou” e “tudo se fez” (Sl 33:9). Foi assim que o Universo foi criado, através de Sua Palavra (Hb 11:3). Quando Ele falou, a Palavra que sempre esteve dentro Dele, saiu Dele – “nasceu”, por assim dizer. E Deus disse assim sobre esta Palavra que veio para fora: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”. Naquele momento, o Filho que sempre esteve com o Pai, foi revelado pela primeira vez. Lembrando que Jesus também é “a sabedoria de Deus” (1 Co 1:24), tome um tempo para rever Provérbios 8:22-31, que dá uma amostra bem clara desta verdade.

Possivelmente, isto “explicará” também, para aqueles que se espantam com isso, como Jesus podia dizer: “...o Pai é maior do que eu” (Jo 14:28). Já que nós sabemos que Jesus é Deus (1 Jo 5:20) e que o Pai é Deus, como um pode ser maior do que o outro? A revelação do Filho como imagem do Pai pode nos ajudar aqui.

Por exemplo, seja o que for que eu fale ou faça, isto é uma expressão de mim mesmo. É certamente “eu” de um modo bem real. Entretanto, eu sou e sempre serei “maior” que a minha expressão. A totalidade daquilo que sou, talvez nunca seja completamente expressa. Assim, embora eu me revele de muitas maneiras e esta revelação seja exatamente quem sou, sempre serei “maior” do que qualquer imagem de mim que seja revelada. Deste modo, o Filho podia dizer “o Pai é maior do que eu” e, ainda assim, ser completa e totalmente Deus.

A ENCARNAÇÃO

O que estivemos discutindo, aqui, é verdadeiramente um mistério. Não é algo que possa ser logicamente imaginado, mas que necessita ser revelado. Mas há também uma maior profundidade neste mistério. O Filho de Deus, que é a única e completa revelação do Pai – o mesmo que estava “no princípio” com Deus – tornou-Se um homem e caminhou aqui na Terra. João 1:14 diz: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”. Através de uma mulher que era virgem, Maria, este eterno Filho de Deus nasceu neste mundo físico. Isto é o que nós chamamos “encarnação”. Foi assim que o Filho eterno de Deus recebeu um corpo físico, humano.

Como era possível para a “plenitude da divindade” habitar em um corpo físico é verdadeiramente um grande mistério. As próprias Escrituras declaram isso, dizendo: “...grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne...” (1 Tm 3:16). Para mim isso é também muito profundo. Não posso compreendê-lo. Entretanto, sei que é verdadeiro. A única expressão do Pai tornou-Se um ser humano e caminhou na terra.

Sem dúvida, isso também era um passo necessário para executar o plano eterno de Deus. Como vimos nos primeiros capítulos, Deus estava planejando se casar com “o homem”. E, para que este “casamento” acontecesse, os participantes das bodas (isto é, aqueles que estavam se casando) deveriam ser semelhantes. Precisariam ser do mesmo tipo de ser.

Já discutimos como Deus está preparando o homem para esta santa união. Ele está concedendo Sua própria Vida eterna para aqueles que crêem e, então, através desta Vida, Ele está transformando suas naturezas para que ela seja semelhante à Dele.

Mas, da parte Dele, também há um tipo de “transformação”. A imagem do Deus invisível Se tornou carne e sangue (Jo 1:14). Ele tomou para Si a forma de homem, não apenas para nos redimir, mas também para que a união do matrimônio possa ser consumada entre dois seres que são semelhantes.

Agora pode existir Deus no homem e o homem em Deus e, juntos, eles entrarão em uma união santa, íntima e espiritual. Jesus não descartou o Seu corpo físico quando morreu mas, quando ressuscitou, Seu corpo foi glorificado. Assim também, na ressurreição dos mortos, nossos corpos mortais serão glorificados para serem como o Dele.

Talvez uma outra razão para a encarnação seja o desejo do Pai de ser conhecido de um modo mais fácil de ser compreendido por nós, que estamos limitados por esta terra. Antes que o Filho se tornasse “Filho do Homem”, Deus era uma figura distante, alguém que a maioria considerava inatingível. Ele estava muito longe, no céu, e o homem na terra. Mas, para demonstrar o grande amor que sentia pelo homem, Ele enviou-nos Jesus. Deste modo, tudo o que Deus é se tornou mais reconhecível e tangível. As Escrituras dizem que os antigos apóstolos chegaram a “apalpar” com suas mãos a Palavra da Vida (1 Jo 1:1). Eles viram Seu caráter, conheceram Sua graça. Eles viram Sua glória (Jo 1:14). Tudo o que o Pai era foi manifestado a eles na pessoa do Filho encarnado. Assim, era e é possível conhecer Deus da maneira mais pessoal e real. Através do Filho, tudo o que o Pai é, é revelado a nós.

Ainda uma outra razão para a encarnação era a necessidade de um sacrifício. Devido ao pecado do homem, o plano de Deus tinha, evidentemente, sido contrariado. A possibilidade do homem receber a Vida santa de Deus foi completamente removida quando Adão e Eva entraram em pecado.

Conforme vimos, aos olhos de Deus, somente a morte de um inocente poderia remover esta mancha. Então, nosso Pai amoroso enviou Seu Filho para morrer, como um substituto por nós. Para isto, um corpo humano era necessário.

Já temos entendido que a Vida eterna não poderia morrer, então, também o Filho precisava receber uma vida humana junto com um corpo físico. Tendo encarnado como um homem, Ele, então, pode Se oferecer para pagar os nossos pecados. Isso também é parte deste incrível plano de Deus.

A PALAVRA DA VIDA

A criação, na qual vivemos, foi trazida à existência pela Palavra do Pai. Ele falou e tudo se fez. Entretanto, essa não é a única criação que Deus fez. Ele já começou uma nova criação (2 Co 5:17). Esse trabalho também foi feito e ainda está sendo feito através de Seu Filho. Deus está falando, hoje, por meio de Seu Filho, e os que recebem esta Palavra têm algo maravilhoso acontecendo dentro deles. Neles começa uma nova criação.

A Palavra viva, entrando em um ser humano, começa esta obra. E é esta mesma Palavra sendo ouvida e recebida a cada dia, que está fazendo esta nova criação crescer e se expandir. Dia após dia, à medida que estamos em comunhão com Ele e ouvimos e obedecemos a Sua voz, algo novo e incrível acontece dentro do nosso ser. Deus está falando a nós e, através desta fala, Ele está operando um trabalho novo e criativo.

Embora esse trabalho esteja sendo feito em segredo, isto é, escondido dentro de nossos velhos corpos, é um trabalho muito real. Algum dia, quando Jesus voltar para nós, todas as coisas novas que foram criadas dentro de nós serão reveladas. Este “vaso de barro” (2 Co 4:7) se quebrará e a glória de Deus será exibida. O caráter glorioso e a natureza de Jesus serão, então, colocados à mostra por meio de nós para que todo o Universo possa ver. 2 Tessalonicenses 1:10 fala sobre o “...dia em que ele vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram” (NVI).

Como é importante estarmos continuamente abertos para receber mais da Palavra viva de Deus! Quanto mais Sua Palavra penetra em nosso coração, mais a nova criação cresce dentro de nós. Não só é importante para nós lermos a Bíblia, mas também é essencial “ouvir” a voz do nosso Salvador, falando através de suas páginas. Não só é essencial que tenhamos comunhão com Deus, mas que através dessa comunhão possamos permitir que Sua Palavra faça a Sua obra criativa dentro de nós. A Palavra viva, a Pessoa que é a manifestação de tudo o que Deus é, está falando na existência de uma criação santa e justa. Quanto mais estamos desejosos e prontos para receber esta Palavra, mais nos transformaremos à Sua imagem.

O ESPÍRITO SANTO

Embora este não seja o assunto desta mensagem, talvez seja bom dizer umas poucas palavras sobre o Espírito Santo. Como foi mencionado no início deste capítulo, muitas pessoas têm conceitos errados sobre o Espírito, incluindo a idéia de que Ele tem uma personalidade diferente tanto do Pai quanto de Jesus Cristo.

Para rapidamente tocar neste assunto, vamos voltar alguns capítulos sobre a nossa discussão sobre o homem. Aprendemos lá que temos um corpo, uma alma e um espírito. Este espírito que temos não é um indivíduo ou uma personalidade separada de nós. Simplesmente é o nosso espírito humano. Do mesmo modo, o Espírito de Deus não é um ser separado do Pai e o Filho, com Sua própria personalidade, mas é simplesmente o Espírito de Deus.

Quando Paulo falou, por exemplo: "...reunidos vós e meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus... (1 Co 5:4 V. Alfallit), com certeza "o espírito" dele, presente com os irmãos, não foi um outro indivíduo distinto de Paulo com uma outra personalidade. Da mesma forma, o Espírito de Deus não é um outro ser com personalidade diferente. É simplesmente o Espírito de Deus.

14.

A ESPERANÇA DA GLÓRIA

Qual é a nossa esperança? Como crentes, o que é que estamos esperando e desejando? Para um cristão, a esperança faz grande parte de sua experiência. Junto com a fé e o amor, é uma das três coisas que permanecerão (1 Co 13:13). Mas o que é ela? No que consiste? Essas são as coisas que estaremos discutindo neste capítulo. Paulo ora para que "...os olhos do coração de vocês sejam iluminados a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos..." (Ef 1:18 NVI). Isto é verdadeiramente o entendimento de que necessitamos.

Todos nós necessitamos de uma maior revelação sobrenatural referente às coisas maravilhosas de Deus. Precisamos que nossos olhos espirituais sejam "abertos", para que possamos ver. Precisamos olhar profundamente dentro de Seu maravilhoso plano. Então, com essa visão ardendo em nós, entregarmo-nos completamente a Jesus para que Seus propósitos possam ser cumpridos em nós.

Entretanto, antes que possamos realmente saber o que é a nossa esperança, pode nos ser necessário abandonar algumas coisas que podem substituir aquilo que é genuíno. Precisamos libertar nossas mentes de qualquer mito, verdade parcial ou mentira completa que nos dão um conceito humano, mas não revelação espiritual.

Qualquer "compreensão", que não seja verdadeira, irá bloquear nossa capacidade de receber aquilo que é verdadeiro. Qualquer conceito que não flua do trono de Deus, mas, sim, da mente dos homens, certamente nos impedirá de ver Sua verdade. Quando pensamos que já sabemos tudo, nossas mentes se tornam "cheias" e satisfeitas, tornando difícil para nós recebermos qualquer coisa a mais.

Essa posição cega e fechada é especialmente lamentável, se o que pensamos ser luz se revela ser apenas trevas. Portanto, é imperativo gastar um tempo, aqui, nesta mensagem, não apenas para declarar o que é verdadeiro, mas também examinar algumas idéias falsas, muito comuns, que tomam o lugar da revelação divina na mente de alguns

crentes. Deus tenha misericórdia de nós para revelar Sua própria verdade, enquanto estamos olhando juntos para essas coisas.

Conforme afirmamos muitas vezes neste livro, nosso Deus, gratuitamente, ofereceu a todo aquele que quiser, a oportunidade de receber Sua própria Vida eterna. Uma vez que possuímos Sua Vida, estamos aptos a crescer espiritualmente, até chegar ao que Ele é, tornando-nos filhos maduros.

Então, sendo assim transformados, somos preparados para entrar em uma união de sagrado matrimônio com nosso Criador. Portanto, a verdadeira mensagem do Evangelho é uma mensagem a respeito do nosso destino. É sobre quem ou o quê podemos nos tornar. É sobre uma mudança de vida radical, de algo terreno para algo sobrenatural e glorioso.

Todavia, de alguma forma, sutilmente, estas boas novas foram alteradas. A mensagem que ouvimos tão freqüentemente, hoje, não é mais sobre o nosso destino, mas sobre uma destinação. O foco de nossa atenção foi desviado do que podemos “nos tornar” para “ir a algum lugar” e “conseguir algo ou algumas coisas”. Em vez de pregar sobre o *que seremos* quando morrermos, muitos focalizam “para onde iremos” ou “o quê vamos obter”.

Para muitos cristãos, hoje, sua esperança está num lugar chamado “céu”. Isto quer dizer que eles estão olhando para uma destinação, um endereço onde viverão para sempre. Este lugar talvez esteja em suas mentes como um tipo de “Disney World” celestial, que oferece muitos tipos de diversões e uma grande variedade de prazeres físicos, terrenos. Eles não apenas pensam que terão plenitude de conforto e diversão, mas também terão uma enorme mansão e um suprimento ilimitado de ouro para gastar naquilo que quiserem. Naturalmente, Jesus estará lá “de plantão”, para o caso de necessitarmos Dele para alguma coisa.

Alguns imaginam que gastarão seu tempo jogando futebol ou tênis. Para outros, talvez, surfar ou pescar seja a sua esperança. Muitos pensam que o seu passatempo preferido estará à sua disposição para garantir que estejam felizes e não ficarão entediados. Para resumir o que muitos acreditam, o “céu” deve ser como um tipo de “terra do prazer” similar ao “paraíso” muçulmano.

O problema de tudo isto é que estas coisas não são verdadeiras. Esta é apenas uma idéia imaginária, umas fábulas construídas a partir de uns poucos versículos bíblicos erroneamente interpretados. É um conceito humano, terreno, sobre a eternidade, que não é a mensagem de Jesus Cristo.

Já que não é verdadeiro, não tem poder espiritual. Não tem autoridade para impactar nossas vidas, de um modo real. Não tem influência para ligar os corações dos homens àquilo que eles esperam. Portanto, não pode servir como âncora da alma “que penetra além do véu” (Hb 6:19), o que pode nos segurar durante os tempos de tentação e sofrimento.

A mensagem da “terra gloriosa” é simplesmente um sistema de pensamento terreno, da alma, que é totalmente impotente para impactar as vidas da raça humana. A pregação desta mensagem não pode salvar almas e “crer nela” não mudará nossas vidas ou atitudes. A razão para isso já foi afirmada: ela simplesmente não é verdadeira. Somente a verdade de Deus tem poder real.

Pense sobre isto. Tais confortos materiais, junto com riquezas físicas e prazeres, poderão ser obtidos pelas pessoas nesta Terra, agora. Muitos neste mundo se consomem, hoje, por causa destas coisas. Eles querem ir a algum lugar novo, diferente e excitante. Querem tirar férias em um ou outro local exótico.

A perseguição às “coisas” também é excessiva. Televisores novos e maiores, carros mais luxuosos, imóveis, barcos, roupas, sapatos, jóias e uma variedade infinita de coisas são o motivo pelo qual muitas pessoas deste mundo anseiam e se empenham em conseguir.

Se estas são as metas, porque não procurar por elas agora? Se estas coisas são plano de Deus para nós, então por que não procurarmos consegui-las hoje, nesta vida, de qualquer modo e empregando todos os esforços? Desta forma, podemos ter algumas dessas delícias agora e ainda mais, no futuro “céu”.

Veja, destinações, coisas e prazer são o que pessoas deste mundo perseguem. Elas não são as metas do reino de Deus. Os objetivos da vida espiritual são diferentes. Não têm nada a ver com o “lugar” para onde deveríamos ir ou com os bens que podemos receber, mas têm tudo a ver com “quem” nós podemos nos tornar. As verdadeiras metas espirituais não são as mesmas deste mundo.

Eu me lembro de estar falando para um grande grupo de crentes alguns anos atrás, em um país mais pobre. Tentando esclarecer para eles a verdadeira esperança da glória – as genuínas riquezas espirituais que deveríamos estar perseguindo, hoje – eu disse algo assim: “Se possuir uma casa bem grande, três carros na garagem e muito dinheiro para gastar for o céu, então os Estados Unidos são o céu”.

Fiquei chocado de ver que a audiência inteira acenava com as cabeças, em concordância. Para elas, de acordo com o evangelho que haviam recebido e no qual criam, os Estados Unidos eram, se não o céu, a coisa mais próxima dele. Queridos irmãos, esta não é a verdadeira mensagem do evangelho. É apenas uma pobre idéia humana do que possa ser a eternidade. É um engano de inimigo.

Possivelmente, afirmar que nossas recompensas não serão físicas ou sensuais pode espantar você. Pode ser que você tenha “acreditado” nessas coisas durante anos. Não desejo ofendê-lo. Por favor, eu lhe peço, não feche a sua mente, mas vamos juntos nos abrir para Deus, examinar Sua Palavra sem preconceito e ver qual é realmente o plano eterno de Deus.

NOSSA VERDADEIRA “MANSÃO”

Para começar, parece necessário falar sobre as mansões celestiais que muitos crentes estão esperando receber. Colocando, simplesmente, não existe nenhuma mansão! Isso mesmo, no céu não haverá nenhuma mansão, do jeito que pensamos. Sim, conheço, tanto quanto você, o versículo em que Jesus diz: “Na casa de Meu Pai há muitas moradas” [ou “mansões”] (Jo 14:2).

Mas, a idéia que muitos fazem deste versículo é muito pobre. A Palavra “moradas”, aqui, que muitos pensam significa “mansões”, não é um tipo de casa física. Paulo, o apóstolo, nos explica o que é realmente essa “habitação”. É o nosso novo corpo glorioso que iremos receber.

É isso mesmo. Nossa mansão será simplesmente nosso novo corpo. Em 2 Coríntios 5:1-4, lemos: “Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E,

por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial; se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida.”

Você vê, nossa nova “casa” ou habitação será nosso novo corpo. Não tem nada a ver com um prédio ou uma casa física. Não é uma mansão. O “lugar” que Jesus está preparando para nós é nosso corpo celestial, no qual moraremos durante a eternidade. Este corpo glorificado que receberemos é a única “mansão” que iremos obter. Por favor, note que no verso 1, esta “casa” estará “nos céus”, mas no verso 2 diz que, quando a recebermos, ela não estará mais “no” céu, mas virá “do” céu.

Na eternidade não haverá “casas” separadas para cada um. O moderno conceito cristão de Nova Jerusalém, dividida em bairros, edifícios ou apartamentos, é errôneo. Tenho ouvido crentes fazendo cálculos baseados nas medidas da cidade, para descobrir quanto “espaço” caberá a eles.

A Nova Jerusalém não é um cubo que possa ser dividido em muitos compartimentos, onde vamos viver. Muito embora a altura, a extensão e a largura sejam iguais, ainda assim, não é um cubo. Ao contrário, é uma montanha. Hebreus 12:22 diz: “Mas tendes chegado ao *monte Sião* e à cidade do Deus vivo, à *Jerusalém celestial*, e às incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia”.

Na eternidade, vivendo na nova Terra, não haverá necessidade de qualquer tipo de casa terrestre. Não precisaremos dormir, já que não haverá nenhuma noite, nem fadiga (Ap 21:25). Portanto, quartos não serão necessários. Não precisaremos fazer comida, portanto cozinhas não serão necessárias. Não precisaremos usar o banheiro, conseqüentemente este lugar também será desnecessário. Não haverá necessidade de privacidade, já que tudo será aberto e exposto a todos.

Nova Jerusalém será inteiramente transparente, “clara como cristal” (Ap 21:11 NVI). Não há nada escondido lá. Não haverá paredes interiores, divisórias ou cantos escuros nos quais se esconder. Também não haverá lugar para “dar uma escapadinha” e fazer algo que você não quer que os outros vejam. Não haverá desejo de ter “alguma privacidade” dos outros ou do próprio Deus. Não haverá nenhuma divisória, nada escondido ou escuro, nenhum grupo especial ou secreto.

Se isto não atrai você, talvez você ainda tenha em seu coração áreas de pensamentos e desejos que não foram trazidos à luz de Deus. Talvez você tenha necessidade de mais um trabalho de limpeza do Espírito Santo para trazer tudo o que você é para a luz. Deste modo e, apenas deste modo, você estará preparado para viver na presença de Deus pela eternidade. Quando nosso Senhor chegar, toda a resistência, toda a hesitação da nossa parte, em termos intimidade com Ele, serão completamente expostas. Todo medo, toda rebelião em nossas almas ou a falta de amor por Ele, e somente por Ele, se tornarão totalmente óbvios para nós todos. Hoje, nós O vemos somente “através de um espelho, obscuramente” (1 Co 13:12). Então, naquele dia, O veremos face a face. À luz pura de Sua face, tudo será visto exatamente da maneira como é.

Quando Ele aparecer, tudo aquilo com que iludimos a nós mesmos, esperando que Deus nos veja como corretos, ainda que sentimos que realmente não somos corretos, será visto da maneira como realmente é. Todas as desculpas, que inventamos para não procurá-Lo de todo o nosso coração e fazer a vontade Dele, serão reveladas. Todos os segredos do nosso coração serão manifestos. A cidade toda é transparente como cristal.

JESUS ESTÁ VINDO PARA SUA NOIVA

Jesus está vindo para a Sua noiva. Está vindo para aquela com a qual vai Se casar. Isto nos fala de uma grande intimidade. Cantares 1:4 diz: “O rei me introduziu nas suas câmaras” (VCR). Mas que câmara é esta? É o Seu escritório? Poderia ser a sala do Seu trono? Não, é o seu quarto de dormir. Esta figura de linguagem nos fala de uma intimidade sem igual. É o uso de uma linguagem humana para descrever nossa futura união espiritual com Cristo. Lá não haverá segredos. Não haverá nada escondido ou encoberto.

Você se lembra do capítulo um, quando falamos sobre o primeiro casamento, o matrimônio de Adão e Eva? Lá, naquele capítulo profético sobre o futuro “casamento”, a Palavra de Deus diz que “...estavam nus e não se envergonhavam” (Gn 2:25).

O que isto significa para nós? Isto se refere ao assunto que estamos abordando. Fala de estar completamente sem “cobertura”, isto é, que tudo está inteiramente aberto, exposto, à luz do dia. Apesar daquele estado de nudez, eles não estavam envergonhados. Isto é porque eles não tinham nada a esconder.

Todavia, quando eles pecaram, o grande conforto de abertura e transparência desapareceu. Por causa de seu pecado, subitamente eles sentiram um impulso de se cobrir e de se esconder.

E você? Você se sentirá confortável com tal intimidade com Deus quando Ele vier? Você se sente feliz de aprender que Ele conhece tudo sobre você – todos os seus atos, pensamentos e palavras? Você está vivendo, hoje, neste mesmo tipo de transparência e intimidade com Ele? Você confessou tudo? Você trouxe tudo à luz Dele para que Ele pudesse examinar e julgar? Você está diariamente vivendo neste tipo de “nudez” espiritual com Ele?

Se não estiver, então, você será envergonhado na Sua vinda (1 Jo 2:28). Você se sentirá embaraçado e irá querer se esconder. Você estará cheio de medo de encontrá-Lo, sabendo que tudo será exposto.

Muitos cristãos insistem que estão esperando ansiosamente pelo dia da volta de Jesus. Eles gritam, cantam e oram pela Sua chegada. Contudo, quando o céu se abrir e Ele começar a aparecer, muitas dessas pessoas correrão a procurar um lugar para se esconder. Subitamente se darão conta de sua verdadeira condição interior. O pecado que estiveram escondendo deles mesmos e também dos outros, rapidamente se tornará óbvio. Qualquer “representação” na igreja ou fingimento de estar num estágio espiritual superior ao que realmente estão, será salientado totalmente à luz de Sua face. Isaías 33:14 diz: “Os pecadores em Sião se assombram, o tremor surpreendeu os hipócritas...” (VCR). Estes são aqueles que procurarão um lugar para se esconderem.

Não haverá pilhas de ouro ou prata esperando para serem gastos na Nova Jerusalém. Não haverá necessidade de dinheiro. Não haverá lojas nas quais possamos gastar e nem produtos que possamos comprar. Não haverá ninguém tentando usar as necessidades dos outros para se enriquecer.

Não haverá ninguém que tenha necessidades ou alguém que esteja ansioso para ter mais do que o outro. De fato, não teremos necessidade do que quer que seja. O próprio Deus será tudo o que queremos ou precisamos ter. Lá ninguém precisará ou desejará diversão, passatempo ou prazer sensual. Qualquer dessas diversões só iria nos distrair da presença maravilhosa de Deus.

Não estou dizendo que não haverá prazer de qualquer espécie. Na verdade, estou

bem certo que estar com Jesus será a experiência mais agradável que alguém possa imaginar. Seguramente, em Sua presença “há plenitude de alegria” e à Sua destra, “delícias perpetuamente” (Sl 16:11). É que estes prazeres serão diferentes. Serão espirituais e não terrestres.

As coisas e os prazeres desta terra, aos quais estamos tão desesperadamente apegados serão nada para nós e, mesmo hoje, são nada, em comparação com o que Deus tem para dar. É nosso privilégio, hoje, ter uma “degustação”, ou uma pequena amostra, destas realidades espirituais. Aqui e agora, podemos abandonar nosso apetite por prazeres terrestres, sensuais, e aprender como “saborear” o próprio Deus. Este prazer não é diferente daquilo que conheceremos no futuro, mas uma amostra um pouco limitada da coisa verdadeira.

NOSSA GRANDE RECOMPENSA

É certamente verdade que Jesus nos ensinou a armazenar “tesouros” no céu” (Mt 6:20). E também que nossa esperança está preservada para nós no céu” (Cl 1:5). Há um outro fato que devemos lembrar com muito cuidado. Jesus afirma claramente que, quando Ele voltar, trará essa “recompensa” com Ele, para a Terra. Ele diz: “...eis que venho sem demora comigo está o galardão...” (Ap 22:12).

Nosso “galardão” pode estar no céu, agora, mas ele não vai permanecer lá. Será trazido para a terra no dia da vinda de Jesus Cristo.

E qual é esta recompensa? Já que não vai ser ouro e prata, ou qualquer outro tipo de riqueza terrena, o que poderia ser? Deus falou a Abrão: “Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão” Gn 15:1 VRC). Veja bem, o próprio Deus é nossa recompensa. Ele, tão somente Ele, será Aquele em quem nos deleitaremos.

Nossa recompensa não é um lugar de destinação, como o céu (ou mesmo uma nova terra). Não é riqueza como ouro ou prata. É uma Pessoa! É a oportunidade de entrar aberta e completamente em Sua presença e deleitar-se em tudo aquilo que Ele é. Além disso, como vimos no capítulo sete, sobre o Tribunal de Cristo, nossa capacidade de usufruir desta recompensa (que poderia ser considerada como o “tamanho” deste galardão) será governada pela nossa maturidade espiritual.

Você se sente desapontado com isto? Parece que você foi iludido sobre o que você tem desejado? Você estava esperando por muitas outras diversões e prazeres? Você já colocou seu coração em uma “mansão” no céu?

Então, isto é sinal de que você ainda não conhece a Deus como deveria. Ainda não teve seus olhos espirituais abertos para poder O ver. Você ainda está preso a uma compreensão terrena, humana, da eternidade.

Deixe-me afirmar isto com toda a ousadia: Deus é tudo! Ele é tudo o que podemos querer ou necessitar. Ele é o Criador de todas as “coisas” que tanto valorizamos. Ele é tão maior que nossos pequenos e transitórios prazeres carnis, que os faz parecer ridículos e desprezíveis quando comparados a Ele.

Ele é tudo em tudo. Em Sua presença espantosa, intensa, gloriosa, não pensaremos em nada mais e, se o fizermos, será apenas para nos envergonharmos disso. Verdadeiramente o próprio Deus será nossa extraordinariamente grande recompensa.

Sem dúvida, quando estivermos com Jesus, haverá muita coisa para fazermos. Entretanto, estas coisas não serão a origem de nosso gozo. Não serão atividades ou lugares que providenciarão nossa satisfação. Não estaremos olhando para elas como fonte de entretenimento ou diversão. Em vez disso, estando plenamente satisfeitos em nosso Deus, também sentiremos alegria em servi-Lo e em assisti-Lo, fazendo Sua vontade no Universo.

Estas atividades não serão a fonte de nossa felicidade, mas o resultado do deleite que temos em nosso Senhor. Nossa atenção e nossos desejos serão completamente centrados Nele, mais do que em qualquer outra coisa que possamos fazer, qualquer lugar que possamos ir ou em qualquer coisa que Ele possa nos dar. Nosso relacionamento com Ele, nosso “saborear” íntimo de Sua Pessoa, comandará nossa completa afeição. Nada mais poderá ser comparado ou acrescentado à delícia desta indescritível intimidade.

MINHA IRMÃ, MINHA ESPOSA

Talvez você se lembre de como falamos, no primeiro capítulo, sobre Adão, junto com Deus, procurando uma companheira adequada. Primeiro eles olharam entre os animais. Examinaram cada um deles para ver se algum atendia às exigências. Nenhum deles servia, porque nenhum deles era da mesma espécie que Adão.

Então, depois que Deus fez Eva, Adão acordou e a viu. Ele exclamou: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne...” (Gn 2:23). Do mesmo modo, nosso Senhor Jesus está procurando uma noiva. Mas ela também deve ser da mesma espécie que Ele. Ela também deve corresponder a Ele em tudo. Ela deve ser “osso do seu osso e carne da sua carne”, espiritualmente falando. Ela deve ser da Sua própria Vida e natureza. Para cumprir Seu propósito, Deus colocou Sua própria Vida à disposição do homem. Quando recebemos esta Vida, entramos na família de Deus. Tornamo-nos um novo tipo de criatura eterna, um filho do Altíssimo.

Quando Jesus Cristo veio à terra, Ele era o “Filho Unigênito” de Deus (Jo 3:16 NVI). Isto quer dizer que Ele era o único filho que Deus produziu até aquele momento. Mais tarde, todavia, isto mudou. O Pai agora está gerando muitos filhos. A família Dele está crescendo. Hoje, então, Jesus Cristo não é mais chamado de “unigênito”, mas de “primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8:29).

Muitos cristãos novos e até mesmo descrentes perguntam “com quem os filhos de Adão e Eva se casaram?” Indubitavelmente, a resposta deve ser que eles se casaram com suas irmãs. Não havia outra escolha disponível. Não havia outras pessoas com quem pudessem se unir. Já que naqueles dias as pessoas viviam centenas de anos, houve um tempo amplo para que Adão e Eva pudessem ter muitos e muitos descendentes.

Interessante que Jesus também irá se casar com Sua “irmã”, espiritualmente falando. Ele chama Sua noiva, em Cantares 4:9,10,12 de “minha irmã, minha noiva”. Ela tem o mesmo Pai. Ela é da mesma família de Deus. Ela compartilha com Ele a mesma Vida eterna. Ele deve Se casar com Sua “irmã”, pois não há outra escolha. Além de Deus, não há outros seres eternos disponíveis para gerar filhos, dentre os quais Ele possa escolher uma noiva.

Não apenas a noiva de Cristo precisa ter o mesmo tipo de Vida, mas ela também

deve possuir a mesma natureza. Ela também deve ser santa. Ela também deve ser pura e sem pecado. As Escrituras nos dizem que Jesus vai apresentar Sua noiva como uma “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e sem defeito” (Ef 5:27).

O perdão de Deus abre o caminho para que possamos receber a Vida de Deus. E a Vida de Deus é o meio pelo qual podemos ser transformados na própria natureza de Deus. Nós podemos e, na verdade, devemos nos tornar “...co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo...” (2 Pe 1:4). Esta santa natureza é também um requisito para o matrimônio. Interiormente, devemos ser como Cristo. Se não somos como Ele, como podemos nos unir com Ele em uma união íntima? A Bíblia diz: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:3). Para que possa haver um matrimônio entre o Cordeiro e a Sua noiva, ela precisa ter a mesma Vida e a mesma natureza que Ele.

Há ainda um outro requisito: ela deve ter o mesmo tipo de corpo. Isto também foi providenciado por nosso Senhor. Algum dia, quando Ele voltar para nós, seremos glorificados. Isto significa que nossos corpos serão glorificados para serem semelhantes ao Dele.

Por favor, preste bastante atenção a este fato. Biblicamente falando, “glória” não é um lugar. É um estado de ser. Não é um lugar para onde possamos ir, mas uma condição para a qual seremos trasladados. Os cristãos não devem pensar em ir para a “terra da glória” ou “céu”, mas em serem glorificados. Esta é a nossa esperança. Nossa esperança não é “para onde iremos” mas “em quê” nos transformaremos. Não é a esperança de ir a “algum lugar” mas de se transformar em “algo” glorioso. Colossenses 3:4 diz: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, *em glória*”. Isso é o estado de sermos glorificados.

Se quisermos saber como será este corpo, precisamos apenas olhar para a primeira parte do livro de Apocalipse. Lá nós vemos como Jesus aparece “em glória”, em Seu estado glorificado. “Sua cabeça e Seus cabelos eram brancos como alva lã, como a neve; os olhos como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas... O seu rosto brilhava como o sol na sua força” (Ap 1: 14-16).

Esta figura terrível, abrasadora e brilhante, é nosso Senhor em glória. É Jesus em

Seu corpo glorificado. Este espetáculo foi tão intenso, que nosso irmão João caiu aos seus pés como morto quando O viu (Ap 1:17). Isso, irmãos, é a verdadeira glória! Isto também é a nossa esperança, de que seremos glorificados para sermos como Ele. 1 João 3:2 diz: “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é”. Nossos corpos serão transformados “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:52) para serem exatamente como Ele é.

As Escrituras nos ensinam que “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12:3). Também lemos que, “...os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (Mt 13:43).

Interessante que este novo corpo “está em construção”, neste exato momento. Jesus está “preparando” este lugar para nós. Possivelmente, isto deve ter relação com nosso crescimento espiritual. É provável que, quanto mais amadurecemos espiritualmente, mais glorioso nosso corpo espiritual se torna. Então, quando Jesus aparecer, nosso novo corpo, glorificado, aparecerá em exata harmonia com o que somos interiormente.

A ESPERANÇA DA GLÓRIA

Essa, queridos amigos, é a nossa esperança. É a esperança da glória. Não é a esperança de uma destinação, mas do nosso destino. Não é a esperança de para onde iremos ou do que podemos conseguir, mas de nos tornarmos tudo o que Cristo é. Como precisamos da revelação desta verdade! Como necessitamos de “olhar para a Sua glória” (Jo 1:14), como os antigos discípulos fizeram!

Sem a revelação da glória de Jesus, não temos esperança. Se pensamos apenas em recompensas físicas, tais como lugares ou coisas, estamos destituídos de qualquer verdadeira revelação, que tem poder para mudar nossas vidas. Uma vez que vimos o que é ser glorificado, uma vez que tivemos um vislumbre da glória que há de vir, então, certamente “...desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta...” (Hb 12:1).

Quando tivermos visto “a glória”, nada mais importará. Quando tivermos visto o

que realmente está sendo oferecido a nós, tudo o mais empalidecerá, não resistindo à comparação.

A esperança bíblica é “a esperança da glória de Deus” (Rm 5:2). Entender essa esperança é resultado de revelação. Quando Deus revela Sua glória a nós, então, e só então, saberemos o que devemos esperar. É então que entendemos o que é “a esperança do nosso chamamento” (Ef 1:18). Assim, temos compreensão espiritual.

Esta revelação da glória de Deus, a qual é para ser herdada por nós, serve como uma “âncora” para as nossas almas. É uma revelação que cativa nossas mentes e corações de maneira tal que nada mais pode parecer melhor. Qualquer custo a ser pago para que se alcance esta meta é mais do que válido. Paulo diz que:

“...os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8:18).

Note bem que essa glória não vai ser revelada a nós, mas *em* nós! Não é algo que vamos ver, mas algo que vamos *ser*. A glória do próprio Jesus será revelada por meio de nós.

A MESMA IMAGEM

No capítulo anterior, falamos sobre quem Jesus Cristo realmente é. Ele é o Filho encarnado. Ele é a imagem do Deus invisível. Ele é o instrumento por meio do qual o Pai se revela ao Universo – “...o resplendor da [Sua] glória e a expressão de Seu ser...” (Hb 1:3).

Na Palavra de Deus, lemos sobre uma esperança gloriosa, ainda mais inacreditável. A Bíblia diz que nós podemos ser transformados *nessa mesma imagem*. 2 Coríntios 3:18 lemos: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Que incrível! Quão inimaginavelmente maravilhoso! Nós, pequenos e insignificantes seres humanos, podemos ser transformados à mesma imagem – a imagem gloriosa do Deus invisível.

Podemos não apenas contemplar a Sua glória, hoje, mas através desta contemplação, podemos ser transformados naquilo que vemos. De um degrau da glória a

outro degrau de glória, podemos ser transformados naquilo que Ele é.

Isso é realmente esperança. Isso é algo em que devemos fixar firmemente a nossa esperança. Isso é algo que vale mais do que qualquer coisa no Universo. Isso é algo que é válido, que nos leva a pagar qualquer custo necessário para adquiri-lo.

Vale a pena renunciar a tudo, negar a nós mesmos, e tudo o mais, até mesmo renunciar às nossas próprias vidas para obter isso. Que contraste é isso em relação às pobres e miseráveis idéias humanas sobre como será a “nossa mansão no céu” ou desejos por prazeres e diversões terrenos.

Em João 17:21-23 temos uma narração de Jesus orando ao Pai. Ele não está orando por Si mesmo, mas por nós. Aquela prece é incrível. Ele afirma: “Dei-lhes a glória que me deste...”. E, com que propósito Ele nos está dando a Sua própria glória? “...para que eles sejam um...”, “como Tu estás em Mim e eu em Ti. Que eles também estejam em Nós”, “...eu neles e Tu em Mim. Que eles sejam levados à plena [esta mesma] unidade” (NVI).

Por muitos anos acreditei que Jesus estava orando pela unidade entre os cristãos. Hoje, tenho um ponto de vista muito diferente. Agora, vejo que Ele está orando para que nós participemos da união que Ele tem com o Seu Pai. O desejo de Seu coração é que nos tornemos “um” com Ele, assim como Ele é um com o Pai. Lemos: “...como tu estás em mim e eu em ti” (Jo 17:21 NVI).

Ele está pedindo para que ocorra uma gloriosa união espiritual entre Ele mesmo e aqueles que O amam e O seguem. Esta união, esta intimidade, é tão incrível, tão grandiosa, que é difícil imaginar que possa ser verdadeira. Ele está abrindo um caminho para nós compartilharmos a união e a comunhão que Ele tem com o Pai. O Pai Nele e Ele em nós, para que esta incrível união santa entre o Pai, o Filho e a Noiva, possa ser perfeita.

TUDO AQUILO QUE ELE É

Deus é infinito. Ele é eterno. Sua criatividade é ilimitada. Seu poder é sem fronteiras. Sua beleza é insuperável e Sua glória assombrosamente brilhante. Nosso Rei é totalmente gentil, generoso, amoroso, justo e bondoso. Ele é quem fez tudo o que existe e que ainda fará tudo novo, uma outra vez (Ap 21:5). Não há outro ser no Universo que se

compare em poder e glória, mesmo com a menor porção, de tudo aquilo que Ele é. A Palavra de Deus nos ensina todas essas coisas.

Ainda, na Bíblia, podemos também descobrir o que é chamado de “boas novas”. Há um fato tão bom que é quase inacreditável, embora seja verdadeiro. É que Deus não conserva tudo só para Si. Ele tem em Seu coração um profundo desejo de compartilhar tudo isso com os homens. Ele tem convidado aqueles que têm o desejo de se submeter completamente a Ele, para vir e participar de tudo aquilo que Ele é.

O plano de Deus é que nós, meros seres humanos, possamos entrar e participar de toda a glória, natureza e autoridade divina. Podemos até mesmo sentar com Ele em Seu trono (Ap 3:21). Isto não quer dizer que podemos sentar um pouco em Seu colo. Isto significa participar do governo do Universo, juntamente com Deus.

Assim como uma noiva, depois de casada, pode compartilhar tudo com o seu marido, assim também nós somos convidados a participar de tudo o que Deus tem e do que Ele é.

Uma esposa compartilha a casa com seu marido. Ela tem acesso aos seus recursos financeiros. Ela participa de seu status social. Em um casamento adequado, por ser submissa a ele, ela tem acesso, não apenas a tudo o que ele tem, mas também a tudo o que ele é. Assim também, fomos chamados para ser a noiva de Cristo. Deus graciosamente abre o caminho para nos tornarmos participantes com Ele, de Sua glória, de Seu reino e de Seu ser.

Oh, como precisamos de uma visão espiritual! Como precisamos ter nossos “olhos” espirituais abertos para vermos qual pode ser nosso futuro! Precisamos olhar para o alvo. Necessitamos desesperadamente compreender aquilo em que estamos pretendendo entrar.

Paulo, orando pelos cristãos de seu tempo e até por nós também, pede: “...para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos de vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos...” (Ef 1:17,18).

Que riquezas! Que glória pode ser a nossa herança! Se pudéssemos vislumbrar apenas uma pequena parte desta realidade espiritual, iríamos renunciar a tudo o mais e

correr desimpedidos atrás Dele.

Irmãos e irmãs, podemos ser a noiva de Cristo! Podemos ser transformados para ser como Ele, para que possamos entrar em uma união de matrimônio com Ele! De um degrau de glória a outro degrau de glória, temos a incomparável possibilidade de entrar nesta terra boa e tomar posse dela. Podemos nos tornar “osso de seus ossos” e “carne de sua carne”, espírito de Seu Espírito, vida de Sua Vida, natureza de Sua natureza divina. Podemos e iremos nos tornar exatamente como Ele é. “Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como Ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:2,3).

E você? Você está tendo um tira-gosto desta experiência hoje? Jesus é o foco de sua atenção e a sua delícia ou você está procurando prazeres e experiências terrenas? O seu coração, a sua alma, a sua mente e a sua força estão inteiramente devotados a viver em intimidade amorosa com Jesus?

Talvez, fosse bom para todos nós fazermos uma pausa aqui e contemplar estas coisas. Conforme estivemos vendo, nosso relacionamento com Deus é o fator mais importante em nossas vidas. Nosso relacionamento de amor com Ele é o que nos trará para a maturidade espiritual que necessitamos para obter todas as “recompensas” espirituais que estão por vir. Comparado a isto, tudo o mais é apenas uma sombra vazia.

Hoje é o dia para se arrepender, se você não está vivendo completamente para Ele. Hoje é o tempo para ouvir Sua voz e retornar ao primeiro amor. Depois que Jesus voltar, não haverá outra oportunidade. Não haverá uma segunda chance. Deus está nos chamando. Ele está estendendo Sua misericórdia e graça, hoje, para todo aquele que responder.

Ninguém é fraco demais. Ninguém é incapaz. Seu poder está disponível a todos que quiserem ouvir a Sua voz e entregar-se completamente a Ele. Hoje é o dia da salvação. O convite tem sido feito. “O Espírito e a noiva dizem: ‘Vem’. E, todo aquele que ouvir, diga: ‘Vem!’ Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida” (Ap 22:17 NVI). Esta é uma oferta maravilhosa de Deus. Se a negligenciarmos esta salvação tão grande, seremos vistos naquele dia da volta de Jesus como os maiores tolos do mundo.

A NOVA JERUSALÉM

Na Nova Jerusalém não haverá necessidade de nenhuma luz. O Deus invisível está lá, iluminando tudo com Sua glória. Esta luz é mantida e exibida pela “lâmpada” ou “candeia” que é o Cordeiro de Deus (Ap 21:23). A cidade santa, então, funciona como uma grande exibição do caráter de Deus e de suas obras, através das quais a sua luz se irradia.

Todos os crentes transformados, simbolizados pelas muitas pedras preciosas que constituem o “muro” da cidade, terão se tornado uma espécie de “exibição” ao Universo. O caráter multifacetado de Deus será visto através da personalidade individual de cada um. As obras maravilhosas que Deus fez nas vidas de todos os homens “aperfeiçoados” (Hb 12:23) estará disponível para todos verem. O amor insondável, a misericórdia e a graça de Deus serão exibidos.

A Bíblia nos ensina que “a mulher é glória do homem” (1 Cor 11:7). Portanto, esta gloriosa “mulher”, a noiva de Cristo, servirá como uma ampla e celestial expressão de tudo aquilo que Jesus Cristo é e tem sido para aqueles que são uma parte dela. Na verdade, “Isso acontecerá no dia em que ele vier para ser glorificado *em* seus santos e admirado *em* todos os que creram...” (2 Ts 1:10 NVI).

Um dia, haverá um glorioso casamento celestial. Você estará lá? Você estará pronto para tomar parte nele? Os sábios de coração irão preparar-se. Pagarão qualquer preço para conseguir isto. Eles estarão lá quando a voz semelhante “...de uma grande multidão, como o estrondo de muitas águas e fortes trovões” anunciar que: “...chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou” (Ap 19:6,7 NVI).

**OUTRAS OBRAS
DO MESMO AUTOR EM PORTUGUÊS :**

VENHA O TEU REINO – na terra como no céu –

Este livro não é simplesmente mais uma investigação sobre as profecias referentes aos últimos dias. Ao invés disto, é uma discussão a respeito de um aspecto do evangelho de Jesus Cristo muito negligenciado: o Evangelho do Reino. Na igreja atual, inúmeros crentes estão completamente ignorantes sobre a importância do Reino Milenar que virá, e sobre o impacto que este Reino deve ter em suas vidas atuais.

Este livro pretende preencher esta lacuna. Pode ser que em seus conteúdos se encontrem coisas novas e diferentes. Porém, isto não deve impedir aqueles que têm uma sede genuína de Deus e de Sua verdade. Este livro foi escrito na expectativa de que todos os que amam Jesus e estão em busca de conhecê-Lo mais profundamente, possam achar muitos benefícios.

ANTICRISTO

O vindouro aparecimento do Anticristo e estabelecimento de seu reinado têm sido matéria de veementes discussões ao longo da história da Igreja. Em nossos dias, que parecem apontar para a conclusão desta era, tal discussão tem se tornado ainda mais importante.

Neste livro, você irá encontrar uma discussão coerente e atual sobre muitas visões descritas do livro de Daniel. Tal análise poderá ajudar os leitores a entenderem os eventos que irão preceder a vinda do Anticristo, no contexto de nossa presente situação mundial.

AUTORIDADE ESPIRITUAL GENUÍNA

Sem dúvida, a submissão à autoridade é essencial para cada cristão sincero. No entanto, a quem devemos nos submeter? Hoje em dia, há tantas vozes afirmando ser a autoridade certa, mas como podemos distinguir a autoridade real das imitações?

Neste livro, você achará uma nova perspectiva, uma nova maneira de entender este assunto na Igreja atual. O foco desta mensagem é saber como reconhecer a liderança do Espírito Santo quando Se manifesta no Corpo de Cristo.

O desejo do autor é que Deus possa usar esse livro para ministrar mais de Si mesmo a você.

PARA RECEBER OS LIVROS SEM CUSTO
POR FAVOR, VISITE NOSSO WEBSITE: www.graodetrigo.com

CONTATO:

Geraldo Alexandre

(027) 3289-2877

(027) 3391-1273

David W. Dyer

(027) 3299-3476

1-715-830-0126

email: davidwdyer@yahoo.com

Nos comunicamos em português.